

MICROFILMADO

15' / 2 / 1984

De Santo

MICROFILMADO

15' / 2 / 1984

A. [illegible]

inc. Normal
~~Normal~~

3681



Cancioneiro de Musicas Populares

MPP
~~27~~

Reservados todos os direitos de reprodução

CANCIONEIRO
DE
MUSICAS POPULARES

CONTENDO

LETRA E MUSICA

DE

CANÇÕES, SERENATAS, CHULAS, DANÇAS, DESCANTES,
CANTIGAS DOS CAMPOS E DAS RUAS, FADOS, ROMANCES, HYMNOS NACIONAES,
CANTOS PATRIOTICOS; CANTICOS RELIGIOSOS DE ORIGEM POPULAR,
CANTICOS LITURGICOS POPULARISADOS, CANÇÕES POLITICAS,
CANTILENAS, CANTOS MARITIMOS, ETC.
E CANÇONETAS ESTRANGEIRAS VULGARISADAS
EM PORTUGAL

COLLECÇÃO RECOLHIDA E ESCRUPULOSAMENTE TRASLADADA

PARA

CANTO E PIANO

POR

CESAR DAS NEVES

COORDENADA A PARTE POETICA

POR

Gualdino de Campos

PREFACIADO

PELO EX.^o SNR. DR.

Theophilo Braga

PORTO

TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL

80 — Rua da Fabrica — 80

1893



As melodias portuguezas

A poesia popular portugueza tem sido esmeradamente investigada em todas as provincias, estendendo-se esse interesse aos Açores, Madeira e ainda até ao Brazil, onde persistem os elementos tradicionaes da colonisação do século XVI. As collecções dos Cantos populares portuguezes formam um valioso documento ethnologico, pelo qual se podem já estabelecer relações com os rudimentos primitivos das nacionalidades peninsulares, e coadjuvar a explicação do problema da unidade das tradições poeticas occidentaes, evidente nos paradigmas dos romances communs a Portugal, Hespanha, França meridional, Italia e Grecia moderna. Porém, um simples exame do trabalho dos colleccionadores portuguezes mostra immediatamente que falta ahi o elemento vital da poesia popular — o canto.

E' esta falha, que importa preencher; e todos os esforços empregados para fixar pela escripta as melodias do povo, constituem a essencia da poesia tradicional, e mesmo a condição da sua verdadeira intelligencia. E por que só excepcionalmente têm sido colligidas as melodias populares? Por que depende esse trabalho de um conhecimento tecnico, começando por saber primeiramente transcrever em caracteres musicas a melodia fugitiva, e depois possuir o dom de perceber a simplicidade ingenua da melodia e de conservar-lhe a sua espontanea naturalidade. A letra do canto, ou a poesia, é facil de colligir; o proprio rythmo ajuda a achar as fórmulas estrophicas, que se leem rapidamente, e que mesmo separadas da musica têm bellezas de expressão que tornam essa linguagem desataviada uma obra prima, revelando, já as emoções profundas do sentimento humano, já os lances dramaticos de uma phase social extincta. Mas a Poesia e o Canto são inseparaveis; assim nasceram no syncretismo mental das raças, quer nas fórmulas cultuaes das religiões, quer nashapsodias heroicas das narrativas épicas; poesia e musica são como a côr e o perfume da mesma flôr. Pôde essa flôr ser adivinhada pelo perfume vago, e pôde tambem ser representada pela côr no desenho; mas da sua união é que depende a vida. Isto se demonstra pela propria letra dos cantos tradicionaes, cujos fragmentos se restituem pela musica; assim a antiquissima collecção dos hymnos religiosos do *Rig-Veda*, que os nossos antepassados Aryas compozeram doze mil annos antes da nossa era ao entrarem nos valles de Septashindu até á sua constituição social theocratica, encerra simplesmente a letra poetica da sua adoração naturalista; e a musica d'esses cantos especialmente conservados no culto acha-se na collecção do *Sama-Veda*. O texto poetico, apesar da sua antiguidade e da sua auctoridade religiosa alterou-se; o canto, a melodia dos hymnos tal como se inseriu no *Sama-Veda*,

revela que as fórmulas grammaticas se modificaram, e que a versificação do *Rig-Veda* soffreu uma recensão ulterior.

E' verdadeiramente a musica a alma da poesia popular; e tanto, que no nascimento da poesia moderna da Europa, o Lyrismo trobadoresco, as novas fórmulas metricas foram moldadas sobre toadas velhas *un son viel e antic*. Pela persistencia da musica, muitos cantos populares chamados de serranilha, penetraram nos cancioneros aristocraticos, como vemos nos *Cantares de amigo* do rei D. Diniz; e o seu typo estrophico reaparece em Gil Vicente intercalando esses cantos nos seus Autos e farças, chegando-se a determinar a sua persistencia ainda na transmissão immemorial de muitas aldeias portuguezas, como em Rebordainhos.

Um exemplo ainda mais frisante da dependencia da letra poetica da melodia popular é o que se dá com a fórmula dos romances de *Estavillar* cantados nas Asturias; o romance é cantado por dois grupos, um de homens, outro de mulheres, para o effeito concertante, e alternadamente; um grupo canta um verso terminando em uma certa vogal; esse verso é repetido pelo outro grupo, mas alterando-o para que acabe em outra vogal determinada:

Ay un galán d'esta villa,
Ay un galán d'esta casa,
Ay, él por aqui venia,
Ay, él por aqui legaba.
Ay, diga él lo qu'el queria,
Ay, diga lo qu'el buscaba.
Ay, busco la blanca niña,
Ay, busco la niña blanca, etc.

Esta fórmula typica tambem se depara já inconscientemente empregada em muitos romances heroicos hespanhoes e portuguezes, mas como effeito tautologico e sem subordinação ao canto. Comtudo o canto revela-nos a phase primitiva da elaboração poetica, como se vê ainda na recitação da epopèa da Finlandia, o *kalévala*, em que dois individuos do povo, de mãos dadas, sentados um diante do outro vão recitando em alternância os versos do grande poema da tradição nacional. Tambem em um dos mais antigos poemas tradicionaes portuguezes, a *Canção do Figueiral*, acham-se os vestigios da sua formação, e modos de recitação no genero do *Estavillar*:

No figueiral figueiredo
A no figueiral entrei,
Seis niñas encontrára,
Seis niñas encontrei,
Para ellas andára,
Para ellas audei, etc.

A musica d'esta canção chegou a ser colligida em um Cancioneiro manuscripto do seculo xv, pertencente a D. Francisco Coutinho, conde de Marialva, e d'elle foi transcripta por D. Marianno Soriano Fuertes para a *Historia de la Musica en Hespaña*; e referindo-se tambem a essa musica, allude Miguel Leitão de Andrada, na *Miscellanea*, a tel-a ouvido cantar a uma velha do Algarve de muita idade. Muitos problemas de psychologia e de arte se resolverão, quando se aproximarem dos cantos populares as musicas que os rithmaram e lhes deram universalidade.

Proxada a importancia que o canto tem sobre a poesia, nasce outro problema: Como se inventam as melodias populares? Temos dois termos essenciaes para o exame: as antigas melodias, que nos Cancioneiros manuscriptos onde ellas vem notadas trazem o caracter de musica ecclesiastica acantochanada; as censuras dos moralistas catholicos da Edade-média contra os cantos do povo que se repetiam na igreja, como o da *Belle Alice*, e especialmente contra os effeitos profanos do *descante*; e as melodias modernas, muitas das quaes saíram das Oratorias religiosas do seculo xviii, que vieram simplificar-se nas reminiscencias populares. O recompôr esta mutua dependencia é uma das principaes condições da critica e da historia. A letra da poesia era muitas vezes uma indicação eventual da musica, que era fixa, assim achamos no *Cancioneiro portuguez da Vaticana*, a canção 1062, formada sob a dependencia da melodia: «*Esta cantiga foy seguida por hũa baylada que diz* :

Vos avedel-os olhos verdes,
matar-m'edes com elles...

Nos Cancioneiros trobadorescos portuguezes encontram-se provas de uma vivissima poesia popular, cujos typos estrophicos foram imitados nas *serranilhas*, *cantares de amigo*, de *ledino*, *barcarollas*, e outras fórmas, que no seculo xiii e xiv se impunham exclusivamente pela sua sympathia musical; os cantores populares eram designados pelo nome dos instrumentos musicas a que se acompanhavam: jograes de *bocca*, jograes de *penola*, jograes dos *atambores*. Em uma sirvente de Martim Soares, para satyrisar um trovador incorrecto compara-o com os cantores populares: (*Canc. da Vat.*, n.º 965).

Os aldeyãos e os concelhos
todolus avedes per pagados,
.....
por estes cantares que fazedes d'amor
em que lhis acham as filhas sabor,
e os mancebos que teem soldados.
Benquisto sodes dos Alfayates,
dos peliteyros e dos moedores,
d'a vosso bando são os tropeiros
e os jograes dos atambores,
porque lhis cabe nas trombas vosso son,
para atambores ar dizen que non
acham no mundo outros soes melhores.

E referindo ao contraste entre os cantos rimados ou litterarios, e os assonantados ou populares, conclue o trovador:

Os trovadores e as mulheres
de vossos cantares son nojados,
a hũa porque em pouco daria
poys mi dos outros fossem loados;
ca elles non sabem que xi van fazer,
queren bon son e bõo de dizer,
e os cantares fremosos e rimados.

Em uma serrania do trovador portuguez Estevam lho encontra-se uma graciosa descripção da poesia popular ainda ligada ao canto:

Sédia la fremosa, seu fuso torcendo,
sa voz manselinha, fremoso dizendo
cantigas de amigo.

Sédia lá ferosa seu fuso lavrando,
Sa voz manselinha, fremoso cantando.
cantigas de amigo.

— Por deus de cruz, dona, pey eu que avedes
amor mui coitado, que tambem dizedes
cantigas de amigo.

Par deus de cruz, dona, sey eu que andades,
d'amor mui coitada, que tambem cantades
cantigas d'amigo.

(*Canc. Vat.*, 321.)

Os cantos das *linhadas* ainda hoje se conservam costumes portuguezes.

Um caracteristico fundamental da poesia popular Portugal e da Galliza, que com a das Asturias constituiu uma unidade ethnica, é esta iniciativa directa da musica na improvisação poetica e no canto. Observou-o o Montez de Montebello no seculo xvii, Sarmiento no seculo xviii, e ainda agora todos os que estudam o folk-lore peninsular. Esse caracter poetico prepondéra nos documentos do seculo xiii e xiv, como vemos no *Cancioneiro Vaticano*:

Oy oj'eu hũa pastor cantar
d'u cavalgava per hũa ribeira;
e a pastor estava senheira,
e ascondi-me pola ascutyar;
e dizia muy bem este cantar :

Sol-o ramo verde froldo
votas fazem ao meu amigo;
e choram olhos d'amor!

E a pastor parecia muy bem,
e chorava e estava cantando,
e eu muy passo fui-me achegando
pola oyr, e sol nom faley rem;
e dizia este cantar muy bem :

Ay estorninho do avelanado,
Cantades vós, e moyr'e peno;
d'amores ey mal.

Esta canção do jogral Ayres Nunes continua se, imitando nas estrophes litterarias como retornello um trophe de diferentes serranilhas populares. O effeito poetico é lindo; mas lembrando-nos que a canção de Ayres Nunes (n.º 454) era escripta para ser cantada, mais grateria quando repetisse as diversas melodias populares com a sua pastorella.

Esta fórma poetica trobadoresca esteve muito na moda das côrtes; na côrte de D. Diniz achou a sympathia proprio monarcha, que era um trovador de primeira ordem e de grande talento. O jogral Lourenço emprega este processo em duas das suas canções (N.ºs 866 e 867):

Hunha moça namorada
dizia um cantar d'amor;
e diss'ello: «Nostro senhor,
oj'eu fosse aventurada,
que vysses o meu amigo,
como eu este cantar digo, etc.

Tres moças cantavam d'amor
mui fremosinhas pastoras,
mui coygadas dos amores
e diss'end'unha mha senhor:
Dizede, amigas, comigo
o cantar do meu amigo, etc.

E ainda uma canção de D. João de Aboym, conselheiro
do rei D. Diniz, accentuando o mesmo caracter
do galego da poesia popular portugueza:

Cavalgava n'outro dia
por hum caminho francez,
e hunha pastor s'ia
cantando com outras tres,
pastores; e non vos pez,
e direy-vos todavya
o que a pastor dizia
aas outras em castigo:

*Nunca mulher creá per amigo,
pays s'o meu foy e não falou migo.*

(Canc., n.º 278.)

A referencia ao *caminho francez*, que assim se deno-
tava a estrada dos peregrinos de Sam Thiago, indica o
galleziano da tradição lyrica. Poderíamos indicar um
elemento musical, que no seculo xiv entrou na pe-
cula hispanica e se fundiu com a poesia popular; assim
imitamos o *lai* narrativo da Bretanha, tambem as
canções trobadorescas foram cantadas ao som dos
musicas. N'essas canções trobadorescas portuguezas
encia-se um outro elemento musical, o das melodias
Bearn, ou bascos francezes, e dos bascos hespanhoes
euskarianos, como se vê pelo estribilho: «*Etoy, lelia*
outro». As *zambras*, os *hudas* ou cantos de tropeiros
Arabes, penetraram tambem no povo portuguez; e o
mu-lingui arabe, é ainda a lenga-lenga ou canto nar-
to mais recitado do que cantado que se usa em Por-
l. Sómente colligindo a musica dos cantos populares
todas as provincias de Portugal é que se esclarecerão
s problemas tão complexos da nossa tradição nacional.
Raras vezes encontramos nos escriptores antigos referen-
cias á musica do povo. No seculo xv, o prurido da
dição humanista fazia desprezar como indigna de con-
ração a poesia popular; assim o vemos na Carta ce-
e do Marquez de Santillana. Comtudo no seculo xv em
ugal, o povo cantava algumas seguidilhas sobre a
ultura do Condestavel D. Nuno Alvares Perira, e as
es foram encontradas pelo padre José Pereira de Santa
a entre manuscriptos de Azurare. Apenas se colligiu a
a; por ella vê-se que havia côro, e baile em volta da
altura. No seculo xvi acha-se o inventario da poesia
alar em Gil Vicente, que na *Rubena* traz a indicação

das cantigas mais queridas e que andavam na moda no
seu tempo; mas tambem na tragi-comedia *Triumpho de*
Inverno, accusa o extraordinario phenomeno da decadencia
do genio poetico ou depressão do povo portuguez,
que abandona os pandeiros e os bailes de terreiro. Era a
grande crise de reacção politica e religiosa começada por
D. Manuel e levada ao seu extremo por D. João III. A con-
sequencia foi a catastrophe do desvairado D. Sebastião,
que deu azo a cahirmos nas garras de Philippe II. D'esta
ruina resultou um canto lugubre, em que se cantava a
morte de D. Sebastião, cuja musica foi copiada por Miguel
Leitão de Andrada na sua *Miscellanea*. No seculo xvii
ainda D. Francisco Monoel de Mello, em uma deliciosa
scena do *Fidalgo aprendiz*, descreve os cantos populares
que estavam no gosto da época, e os instrumentos musi-
cos que um galanteador tinha de aprender. Existia uma
grande quantidade de melodias populares, os *Tonos* que
se cantavam nos Villancicos do Natal nas Egrejas, e nas
procissões, escriptos por compositores notaveis, d'onde
ficava na reminiscencia popular esse germen que veiu a
produzir as *Modinhas* do seculo xviii. Como este elemento
se ligou com a poesia é prova superior o typo das Lyras
de Thomaz Antonio Gonzaga na sua *Marilia de Dirceu*; e
n'essas *Modinhas* encontrava Strafford os elementos gene-
rativos para se formar uma Musica dramatica portugueza,
como dos *lieds* allemães se formou a surprehendente mu-
sica da Allemanha.

Firmin Caballero, no seu *Manual geographico admi-
nistrativo* caracteriza as diferentes nacionalidades penin-
sulares pelos seus cantos populares; diz elle: um anda-
luz passa horas inteiras cantando a *cana* ou a *rondena*
emquanto ao navarro prefere jogar a *pelota* e o *mus*; em-
quanto a salamanquina enlouquece com as *habas verdes*,
a gallega não acha nada com mais encanto do que a sua
muinheira; a mesma differença nos instrumentos musi-
cos: o manchego canta noites inteiras ao compasso das
castanuellas e ao som do *guitarrilho* as suas quadras de
seguidilha, ao passo que o basco prefere o *tamboril* para
bailar algum *zorrico*. A *gaita* gallega chega a dominar até
às Asturias; a *zamponha* e *bandurria* nos bairros de Ma-
drid, e em geral as *sonajas* e *pandereta*, a *guitarra* e a
bihuela exprimem o garbo e o ardor do genio peninsular.
Vê-se como estes aspectos da Vida são um documento
scientifico para penetrar o genio dos povos, Hoje mais do
que nunca, convém a Portugal estes estudos; porque na
decadencia que por toda a parte nos ameaça, a revives-
cencia do genio nacional depende da vitalidade da sua
tradição.

Theophilo Braga.



O LAVRADOR DA ARADA

LENDA RELIGIOSA

A S. M. a Rainha a Senhora D. Maria Pia de Saboya.

Adagio 8^a

1

Vin-do o la - vra-dor da a - ra - da, ai Je - sus! en-con-

8^a

trou um po - bre - si - nho, ai Je - sus! O po - bre - si - nho lhe dis - se, ai Je -

8^a

sus! le - va - me n'es-se car - ri - nho, ai, Je - sus... sus!

Para acabar

Vindo o lavrador da arada,
Encontrou um pobresinho;
O pobresinho lhe disse:
Leva-me n'esse carrinho.

O lavrador o levou
P'ra a melhor sala que tinha;
Mandou-lhe fazer a cêa
Do melhor manjar que havia.

A toalha era de linho,
A melhor que em casa havia;
E depois da mesa posta
O pobre nada comia.

Os suspiros eram tantos
Que até a meza tremia;

As lágrimas eram tantas!
É o pobre nada dizia.

Mandou-lhe fazer a cama
Da melhor roupa que tinha;
Por baixo cameléio roxo,
Por cima cambraia fina.

Foi o lavrador deitar-se
Mas o pobre não dormia;
Lá pela noite adiante,
O pobresinho gemia.

Levantou-se o lavrador
A ver o que o pobre tinha,
E achou-o crucificado
N'uma cruz de prata fina.

— O' meu Senhor se eu soubesse
Que em minha casa vos tinha,
Mandava fazer preparos
Que n'esta casa não havia.

— Cala-te, ó lavrador,
Que, antes que chegue o dia,
Tu serás no paraizo
Em a minha companhia.

Lá no reino da gloria
P'ra ti um lugar eu tinha,
Outro p'ra tua mulher
Que muito bem o merecia.

Amen Jesus.

A musica d'esta lenda é antiquissima e conserva-se generalisada em todo o paiz, com pequenas modificações; porém não succede o mesmo á letra de que ha innumeradas variantes e versões, quasi todas incompletas ou fragmentadas.

Esta toada é caracteristicamente medieva e talvez fosse cantada da fórma seguinte: uma ou duas vezes cantavam a lenda e um coro respondia no fim de cada verso: — Ai Jesus — excepto no ultimo que está — Amen Jesus.

Provavelmente foi esta lenda que deu origem ao idiotismo portuguez — : é o seu ai Jesus.

CANÇÃO DO FIGUEIRAL

TROBADORESÇA

À Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria do Carmo Xavier Braga.

2

No fi - guei-ral fi-guei - re - do, a no fi - guei-ral en - trei, seis
 ni-ñas en-con - tra - ra seis ni - ñas en-con - trei, pa-ra e - - llas an - da - ra, pa-ra
 e - - llas an - dei lho - ran - do las a - cha - ra lho - ran - do las a - chei, lo-go
 las pes-cu - da - ra, lo-go las pes-cu - dei, quem las mal-tra - ta - ra ya
 tão ma-la ley? No fi - guei-ral fi-guei - re - do, a no fi - guei-ral en - trei.

E' esta a canção portugueza mais antiga, de que se conservou notação musical escripta. Extrahida das *Epopéas da Raça Mosarabe* do Ex.^{mo} sr. dr Theophilo Braga.

CANÇÃO DO FIGUEIRAL

No figueiral figueiredo
 Lá no figueiral entrei,
 Seis niñas encontrara,
 Seis niñas encontrei.
 Para ellas andara.
 Para ellas andey,
 Chorando las achara
 Chorando las achei,
 Logo las pescudara,
 Logo las pescudei,
 Quem las maltratara
 A tão mala ley?

No figueiral figueiredo
 Lá no figueiral entrei,
 Uma reprecara:
 Infançom nam sey,
 Mal houvesse a terra
 Que teme o mal Rey,

«S'eu las armas usara
 «Y a mim fee non sey
 «Se hombre a mim levara
 «De tão mala ley.
 «A Deos vos vayades,
 «Garçom, ca non sey
 «Se onde me falades
 «Mais vos falarey.»

No figueiral figueiredo,
 Lá no figueiral entrei,
 Eu lhe reprecara:
 «A mim fee non irey,
 «Ca olhos d'essa cara
 «Caro los comprarey;
 «A las longas terras
 «Entraç vos me irey.
 «Las compridas vias
 «Eu las andarey,

«Lingoa de aravias
 «Eu las falarey,
 «Mouros se me visse
 «Eu los matarey.»

No figueiral figueiredo,
 Lá no figueiral entrey,
 Mouro que las goarda
 Cerca lo achey,
 Mal la ameaçara
 Eu mal me anogey,
 Troncom desgalhara
 Todolos machuquey,
 Las niñas furtara,
 Las niñas furtei.
 La que a mim falara
 N'alma la chantey.
 No figueiral figueiredo
 Lá no figueiral entrey.

TRADUCCÃO

No figueiral figueiredo
 Lá no figueiral entrei.
 Seis donzellas encontrara,
 Seis donzellas encontrei;
 Para ellas caminhara,
 Para ellas caminhei;
 Chorando a todas achara.
 A todas chorandô achei;
 Logo ali lhes perguntara,
 Logo ali lhes perguntei;
 Quem foi que ousou maltratal-as
 Tratal-as de tão má lei.

No figueiral figueiredo,
 Lá no figueiral entrei.
 Uma d'ellas respondera:
 —«Cavalleiro, não no sei...
 Mal haja, mal haja a terra
 Que tem mau e fraco rei!
 Que se eu as armas vestira,

Por minha fé, que não sei
 Se homem ousara levar-me,
 Levar-me de tão má lei...
 Com Deus ide, cavalleiro,
 Ide com Deus, que não sei
 Se onde me falais agora
 Nunca mais vos fallarei.»

No figueiral figueiredo,
 Lá no figueiral entrei.
 Eu então lhe replicara:
 —«Por minha fé não irei;
 Antes olhos d'essa cara
 Bem caros os comprarei;
 A longas terras distantes,
 Só por seguir-vos, me irei;
 Por caminhos desvairados
 Atraz de vós andarei;
 Linguas moiras de aravias
 Por vós eu as falarei;

Mouros, se me apparecerem,
 A todos os matarei.»

Lá no figueiral figueiredo
 Lá no figueiral entrei.
 N'isto o moiro que as guardava
 Perto d'ali encontrei:
 Se elle bem me ameaçava,
 Eu melhor o ameacei;
 Um tronco secco esgalhara,
 Um tronco secco esgalhei;
 Com elle a todos matara,
 A todos desbaratei;
 As donzellas libertara,
 Todas seis as libertei;
 Aquella que me falara
 Com ella me casarei.
 No figueiral figueiredo
 Lá no figueiral entrei.

ANTHERO DO QUENTAL.

A canção do Figueiral data do seculo XIII e é formada sobre a lenda do *Tributo das donzellas*.

Conta-se que os reis mouros, que dominavam na peninsula, impunham aos reis christãos que avassalavam, em compensação de uma paz vergonhosa, pesados encargos, e, entre elles, o vexatorio tributo de darem para os harens do monarcha mouro um certo numero de donzellas, sendo quasi sempre umas tantas meninas fidalgas e filhas de familias distinctas, e outras tantas filhas de lavradores. Além d'este tributo, muitos personagens mouros traziam agentes a roubar donzellas para lh'as levarem aos seus palacios. Estas violencias originavam sempre grandes luctas, porque aos manebos christãos não lhes consentia o animo deixarem ir suas irmãs e namoradas na posse dos infieis.

A canção do Figueiral narra um d'esses episodios em que um mancebo christão encontra n'um figueiral seis meninas chorosas e afflictas, guardadas por um mouro e creados. Uma das meninas falla-lhe, lastimando a sorte que as espera. O mancebo replica-lhe, indignado, jurando que as defenderá. Lançando a mão ao tronco d'uma figueira que esgalhara, tanta pancada distribue nos mouros guardas que os deixa ficar a todos impossibilitados de se mexerem; e tirando-lhes as donzellas as leva comsigo, consagrando especialmente o seu affecto á que lhe fallara.

CANNA VERDE

CHOREOGRAPHICA

Chula de S. Martinho de Dume, districto de Braga

À Ex.^{ma} S^{ra}. D. Elisa Carqueja.

3

Oh mi-nha can-ni-nha ver-de, oh meu Se-nhor do Bo

fim! oh mi-nha can-ni-nha ver-de, oh meu Se-nhor do Bom-fim! Lin-da

ca-ra, lin-da ca-ra, lin-dos o-lhos, vi-rem-se vi-rem-se cá pa-ra mim a-i

a-i, vi-rem-se cá pa-ra mim, lin-dos o-lhos lin-da ca-ra vi-rem-se cá pa-ra mim.

DANÇA.—Chama-se *Canna verde cruzada* a dança d'esta cantiga, e executa-se da fôrma seguinte:

Formam-se os pares em duas fileiras, frente-a-frente; o cavalheiro do primeiro par e a ultima dama da fileira opposta ao meio e recuam durante os primeiros quatro compassos, mudando-se em seguida o cavalheiro para o lugar da dama e esta o do cavalheiro. Repetem assim a dança nos outros quatro compassos, cruzando de novo, e voltando aos seus logares, ainda ao meio durante mais quatro compassos. Em seguida dança outro par pela mesma fôrma, e assim vae continuando a dança até finda quando todos os pares tenham feito a mesma evolução.

CANNA VERDE

Oh minha canninha verde,
Oh meu senhor do Bomfim:
Linda cara, lindos olhos,
Virem-se cá para mim.

Oh minha canninha verde,
Oh meu Senhor do Padrão;
Quem não quer que o mundo falle
Não lhe dê occasião.

Eu pinteí a canna verde,
Eu pinteí a verde canna,
Eu pinteí a canna verde
No travesseiro da cama,

Encostei-me á canna verde
Cuidando que não quebrava;
A canna verde era ôca
Coisa que me não lembrava.

Oh minha canninha verde
Verde canna de encannar,
Aqui estou á tua beira,
Quem 'sta bem deixa-se estar.

A canna verde no mar
Anda ao redor do vapor:
Inda está para nascer
Quem ha de ser meu amor.

A canna verde me disse
Que eu havia de ir com ella:
Vae-te embora, canna verde,
Que eu vou para a minha terra.

A canna verde no mar
Bota raizes na areia:
Sou leal a todo o mundo,
Todo o mundo me falseia.

Oh minha canninha verde,
Oh minha verde canninha,
Salpicadinha d'amores,
E d'amores salpicadinha.

Oh minha canninha verde,
Verde canna no botão,
Aqui estou á tua beira,
Prenda do meu coração.

ENTÃO, ÉS O MEU AMOR!

DESCANTE

À Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria Candida Leite Barata.

Allegreto

4

No mei - - o d'a - quel - le mar, en - tão, 'stá u - - - ma

pe - dra re - don - da, en - tão, és o meu a - mor! en - tão, és o meu a - mor! 'stá

u - - - ma pe - dra re - don - da on - de o meu a - mor s'as

sen - ta, en - tão, quan - do vae to - mar a ãn - da, en - tão, és o meu a - mor! en

tão, és o meu a - mor! quan - do vae to - mar a on - da. D. C.

Recolhida em Amarante, em 1890, pela Ex.^{ma} Snr.^a D. Isabel Augusta Nogueira.

ENTÃO, ÉS O MEU AMOR!

No meio d'aquelle mar,
 Então,
 Está uma pedra redonda
 Então, és o meu amor!
 Onde o meu amor se assenta
 Então,
 Quando vae tomar a onda.
 Então, és o meu amor!

No meio d'aquelle mar,
 Está uma pedra amarella,
 Tem um letreiro que diz:
 Quem ama não considera.

No meio d'aquelle mar,
 Está uma pedrinha branca,
 Não é pedra nem é nada,
 E' o mar que se levanta.

No meio d'aquelle mar,
 Está uma pedrinha verde,
 Não é pedra nem é nada,
 E' a onda que se ergue.

No meio d'aquelle mar,
 Está uma pedrinha azul,
 Onde o meu amor se assenta,
 Quando o vento não é sul.

No meio d'aquelle mar,
 Está uma pedra dourada,
 Não é pedra é a barquinha
 Onde vem a minha amada.

No meio d'aquelle mar,
 Vem navegando o vapor,
 Alegra-te coração,
 Que vaes ver o teu amor.

OH QUE SALERO!

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.^{ma} Snr.^a D. Ignez Chambers Ramos.*Andante gracioso*

5

De-fron-te de Pe-na-co-va 'stá um sal-guei-ro no ri-o,

quem tem som-bra tem re-ga-lo, quem tem re-ga-lo tem bri-o. Oh que sa-

le-ro! oh que sa-le-ro! oh que sa-le-ro!

na per-fei-ção; sen-te-se um ti-que, um ti-que

ta-que, um ta-que ti-que, no co-ra-ção.

D.C.

Recolhida em Penacova, em 1882 pelo Ex.^{mo} Snr. F. P. Nogueira.

DANÇA.—Damas e cavalheiros dançam de mãos dadas, em grande roda, durante oito compassos; em seguida largam as mãos fazendo *balancé* aos seus pares, dando estalos com os dedos, braço abaixo braço acima, durante oito compassos; em seguida dançam em valsa oito compassos.

OH QUE SALERO!

Defronte de Penacova
 'Stá um salgueiro no rio;
 Quem tem sombra tem regalo,
 Quem tem regalo tem brio.

Oh que salero!
 Oh que salero!
 Oh que salero,
 Na perfeição!
 Sente-se um tique,
 Um tique-taque,
 Um taque-tique,
 No coração.

Passarinhos que cantaes
 N'um raminho de flores,
 Cantae vós, chorarei eu,
 Que assim faz quem tem amores.

Rouxinol, cantor de amores,
 Que vens tu aqui fazer?
 A negra noite vae alta,
 E' forçoso adormecer.

Meu amor, quando passares,
 Carrega a vista p'ra o chão,
 Que nos podemos querer bem,
 E o mundo pensar que não.

No tempo das bellas flores,
 Quando eu ia a Sevilha,
 Tinha quatorze amores,
 Algum era maravilha.

Oh maravilha,
 Oh maravilha,
 Oh maravilha,
 Bem sei quem é.
 E' ter um anjo,
 E' ter um anjo,
 E' ter um anjo,
 Aqui ao pé.

Suspirando, dando ais,
 Anda o amor pela rua;
 Suspira quando quizeres,
 Que eu sou d'outro não sou tua.

Oh meu amor, se te vires
 De saudades afflicto,
 Chama por mim, que eu irei,
 Logo ao teu primeiro grito.

Ando triste como a noite,
 Ninguem me alegre o sentido:
 Ninguem sabe o amor que tem
 Senão depois d'elle perdido.

Quando percorremos a Beira e as provincias do norte, em colheita de canções, notamos em algumas melodias um mixto de musica hespanhola, e nos estribilhos a introdução de um ou outro termo castelhano. Alguem nos aconselhou a que supprimissemos os estrangeirismos em uma publicação cuja physionomia deveria ser essencialmente nacional. Resistimos á indicação; não alteramos nem supprimos nada do que vimos, ouvimos ou chegou ao nosso conhecimento. Poderíamos fazer como Garrett: emendar, completar ou compor trovas; mas preferimos seguir o criterio dos srs. dr. Theophilo Braga e Consiglieri Pedroso.

O folk-lorista hespanhol Alvarez, nos *Cantes flamencos*, pronuncia-se do mesmo modo.

Quando se tracta de producções anonymas e collectivas d'um povo, diz o snr. Consiglieri, a genuinidade é o primeiro requisito a attender-se.

Nas poesias e musicas que ouvimos, respeitamos, por egual, o erro e a cultura.

SAN JOÃO

DESCANTE ANTIGO

A Madame Anne Trafford Sabatini.
Adagio UMA VOZ

6



A - -bai-xae - vos car - va - -lhei - ras, Com a ra - ma pa - ra

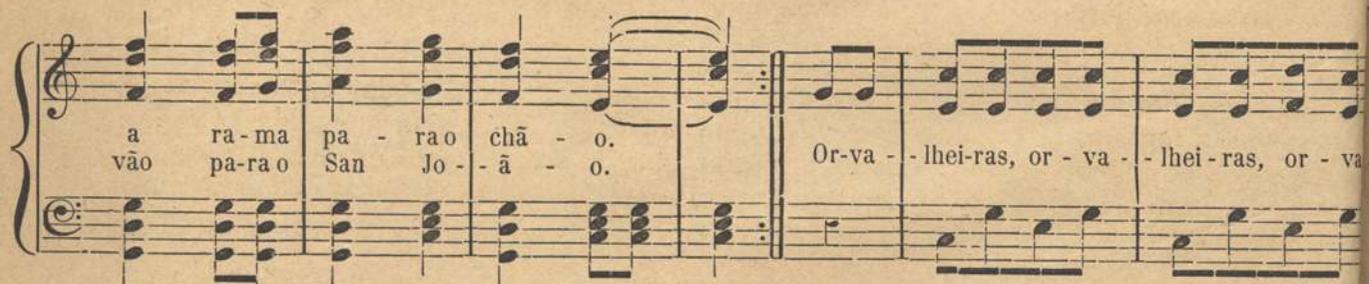


chã - o, Dei-xae pas - sar as ro - -mei - ras, Que vão pa-ra o

CORO



San Jo - -ã - o. A - -bai-xai-vos car - va - -lhei - ras, Com
Dei - -xai pas - sar as ro - -mei - ras, Que



a ra - ma pa - ra o chã - o. Or - va - -lhei - ras, or - va - -lhei - ras, or - va
vão pa-ra o San Jo - -ã - o.

D. C.



lhei - ras E vi-va o ran-cho das mo - -ças sol - -tei - ras.

E' esta a musica mais antiga das que actualmente se cantam ao San João, e sobre ella se tem feito muitas variantes diferentes localidades, devido a circumstancias especiaes de que fallaremos em outro logar.

SAN JOÃO

Abaixae-vos, carvalheiras,
Com a rama para o chão,
Deixae passar as romeiras,
Que vão para o San João.

Orvalheiras, orvalheiras, orvalheiras,
Viva o rancho das moças solteiras,

Assentae-vos, raparigas,
A' sombra d'este pinheiro;
Ha um anno que esperamos
O San João verdadeiro.

Oh meu rico San João,
Que daes ás vossas romeiras?
—Dou agua fresca da fonte,
A' sombra das carvalheiras.

Oh meu rico San João,
Que daes a quem por vós chama?
—A's solteiras bom marido,
A's casadas boa fama.

Na noite de San João
E' que é tomar amores;
Estão os trigos nos campos,
Toda a terra tem flores.

Oh que lindo luar faz
Para colher a marcella;
Vamol-a colher ambinhos,
Faremos a cama n'ella.

Na noite de San João
E' bem tolo quem se deita;
Todos vão ás orvalhadas
Aos campos de Cedofeita.

Hei de queimar alcachofras
Na noite de San João,
Para ver se o meu amor
Ainda me quer bem ou não.

Orvalhadas, orvalhadas, orvalhadas,
Viva o rancho das mulheres casadas.

Na noite de San João
Hei de ir banhar-me ao açude;
N'essa noite é benta a agua,
Para tudo tem virtude.

Até o pastor banha o gado
Na noite de San João;
Não lhe pega o mau olhado,
E se é doente fica são.

Na noite de San João,
O meu rosto hei de lavar;
Em vendo na agua a lua,
Mais formosa hei de ficar.

Hei de deitar na fogueira
A herva que reverdece;
Quero ver com estes olhos
Se o meu amor me esquece.

O nome do meu amor
Escrevi-o n'um papel;
Deitei-o n'agua, apagou-se,
Logo vi que era infiel.

Hei de deixar ao relento
Uma folha de figueira;
Se o San João a orvalhar,
Hei de encontrar quem me queira.

Do San João na fogueira
Cinco reis hei de deixar,
Para dar ao pobresinho
Que primeiro encontrar.

Repenica, repenica, repenica,
Ai, San João, meu amor cá fica.

Na noite de San João
N'agua um ovo hei de botar,
Quero saber o futuro
Que Deus do ceu me ha de dar.

Orvalhadas milagrosas
Que saram de tantas dôres,
N'este coração, meu santo,
Acalmem os meus ardores.

Dizem que me queres bem,
Inda o hei de experimentar;
Na noite de San João
Junco verde hei de cortar.

Não córtes o junco verde,
Que não é experimentação;
Se tu queres experimentar,
Aqui tens meu coração.

Todas as ervas são bentas
Na noite de San João;
Só o trêvo, coitadinho,
Fica de rastos no chão.

San João adormeceu
Nas Escadas do Collegio;
Deram as moças com elle;
San João tem privilegio.

De todos os cantos do povo português que podem colligir-se para um cancionero popular, diz o sr. Consiglieri Pedroso, não ha nenhuns tão importantes como os de San João. Não são somente curiosos usos e superstições que n'elles se encontram, mas allusões mythicas, muito directas, ao phenomeno natural que a festa popular inconscientemente celebra. Na noite de San João todos os encantos se quebram; apparecem thesouros ao de cima da agua; têm uma virtude maravilhosa o orvalho apanhado antes do nascer do sol, as flores do campo, as ervas, etc., etc. Esta festa, commum a tantos povos, representa em Portugal o centro de todas as tradições mythicas e legendarias.

A'cerca das superstições, crenças e prejuizos do povo, e para comprehensão de algumas das cantigas a San João, vejam-se: Castilho, nas notas dos *Fastos de Ovidio*; Herculano, *Panorama*; Garrett, no *Cancioneiro e D. Branca*, notas; Theophilo Braga, *Lendas christãs. Historia da poesia popular portugueza*; Consiglieri Pedroso, *Contribuições para uma mythologia popular portugueza*; Pinhero Chagas, *Historia de Portugal*; Paul Mayer et Gaston Paris, *Romania*; Oliveira Martins, *Mythos*; J. Leite de Vasconcellos e outros.

Estes estudos têm mais importancia e interesse de que na generalidade se lhes attribue.

SAN JOÃO

VARIANTE DA FOZ DO DOURO

Ex.^{ma} Sr.^a D. Angelica d'Artayett e Lemos.

O piano 8^a

Andantino

7

San Jo-ão a - dor - me - ce - u, Nas es - ca - da
do Col - le - gio, Ai, as mo - ças de - ram com el - le.
San Jo - ão tem pri - vi - le - gio. E a - la, a - la, ra - pa
ri - gas, a - la! Ai es - te tem - po é que nos re - ga - la. D. C.

San João adormeceu
Nas escadinhas do côro ;
Deram as freiras com elle,
Abeijocaram-no todo.

E ala, ala, raparigas, ala !
Que este tempo é que nos regala.

San João pediu a Christo
Que o não adormecesse,
Para vêr dançar o sol,
De manhã quando nascesse.

Se o San João soubesse
Quando era o seu dia.
Descia do ceu á terra
Com prazer e alegria.

Repapoila, repapoila, repapoila,
Arroz doce na minha caçoila.

San João adormeceu
No regaço de Maria ;
Acorda, João, acorda,
Que amanhã é o teu dia.

San João perdeu a capa,
No caminho do estudo ;
Ajuntae-vos, moças todas,
Comprae-lhe uma de velludo.

Raparigas, cantae victoria,
Pois San João está na gloria.

San João, p'ra ver as moças,
Fez uma fonte de prata ;
As moças não vão a ella,
San João todo se mata.

SAN JOÃO

VARIANTE DE VILLA DO CONDE E POVOA-DE VARZIM

ca' Ex.^{ma} Sr.^a D. Sophia Gomes Quaresma.

8

Andante

O San Jo-ão cho-ra, cho-ra, La-gri-mas de
pra-la fi-na Que lhe fu-giu o car-nei-ro,
Por a-quel-la ser-ra a-ci-ma.

D. C.

San João vem do ceu,
quem o traz são os anjinhos :
São guiados por estrelas
que lhe ensinam os caminhos.

Que é aquillo, que é aquillo ?
Ai, San João a caçar um grillo.

Oh San João, d'onde vindes,
ela calma sem chapéu ?
-Venho de ver as fogueiras
que me fizeram no ceu.

Oh meu rico San João,
d'onde vindes orvalhado ?
-Venho do Rio Jordão
a fazer um baptisado.

Oh que lindo baptisado
Se fez no Rio Jordão :
San João baptisou Christo
Christo baptisou João.

Não é nada, não é nada, não é nada!
Ai, San João a comer pescada.

San João á minha porta,
Eu não tenho que lhe dar ;
Dou-lhe uma canninha verde,
Para pôr no seu altar.

'Té os moiros da Moirama
Festejam o San João ,
Quando os moiros o festejam,
Que fará quem é christão !

Vivam todos os ranchinhos
Das moças que aqui estão :
Ninguem deixe n'este dia
De cantar o San João.

Não é muito, não é muito, não é muito
Ai San João a comer presunto.

Alegrae-vos, raparigas,
E mais toda a vossa gente,
Que San João está no ceu
Gozando gloria eminente.

O San João da Lapa
Escreveu ao do Bomfim :
Que lhe mandasse dizer
Se a coisa ficava assim.*

* Esta quadra data de 1832 e é uma allusão politica ao termo das guerras civis d'aquella epocha. No Porto festejava-se o San João em três egrejas e cada uma representava sua politica diferente : na Lapa era constitucional, no Bomfim absolutista e em Adufeita, republicana. Depois da convenção d'Evora-Monte appareceram estes versos em que «coisa» se refere á lucta civil.

SAN JOÃO BAPTISTA

A' Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria José Ferreira de Vasconcellos.

Andantino

9 *dolce*
Oh meu San Jo - ão Ba - ptis - ta, Ba - ptis - ta, Ba - ptis - - -

ta, Oh meu san - to ma - ri - - nhei-ro, To - ma lá, dá cá.

San Jo - ão Ba - ptis - ta, vem cá, vem cá. Le - -vae - me na vos-sa

bar-ca, Ba-ptis-ta, Ba - ptis - - - ta, Pa - ra o Ri - o de Ja - -nei-ro. To-ma lá,

cá, San Jo - ão Ba - ptis - ta, Vem cá, vem cá.

SAN JOÃO BAPTISTA

ui ao San João á Lapa,
a Lapa fui ao Bomfim;
stava tudo embandeirado
om bandeiras de setim.

San Pedro leva as chaves,
San João leva a palma,
Jesus que é pae de todos
de levar a minha alma.

o meu San João da Ponte,
feitado de açucenas,
isae as moças de Braga,
e alivio ás auas penas.

guei no meu San João,
veio para o jardim,
veio de pés e mãos
n auguinha de alecrim.

quem quizer curar feitiços,
ome chá de herva cidreira,
olhida por uma donzella
a noite sanjoaneira.

o meu San João Baptista,
ae sardinha em demasia,
las ao vir á vossa vespera,
landae ao mar maresia.

o meu San João Baptista.
o meu Santo pequenino,
aveis de ser o compadre
o meu primeiro menino.

o meu San João Baptista,
o meu Santo Precursor,
evae-me na vossa barca
ara onde o meu amor.

Ali vem o Evangelista,
Lá por entre os olivaeas,
Vae-te embora, Evangelista,
Que o Baptista póde mais.

Santo Antonio é a treze,
Por ser o santo mais nobre;
San João a vinte e quatro,
San Pedro a vinte e nove.

San João adormeceu
Debaixo da laranjeira;
Ficou coberto de flores,
San João que bem que cheira.

Sacudi do alto ceu
Nossa capella de flores,
Que n'este ramo queimado
Renasçam por meus amores.

Meia noite já é dada,
Oh meu rico San João;
N'esta noite abençoada,
Ouvi a minha oração.

Uma corôa hei de tecer,
Na noite de San João,
De cheirosa madresilva,
Da verde murta em botão.

Vamos, raparigas todas,
Ao rosmaninho que cheira,
Na noite de San João
A fazer uma fogueira.

Dançaes, moças. esta noite,
Se do vosso gosto é;
Cheiram bem todas as hervas
Onde vós pondeis o pé.

Na noite de San João
Muita pancada apanhei,
Por causa de uma alcachofra
Que por meu amor queimei.

Eu hei de ir ao San João,
Com viola a com pandeiro,
Se achar as portas fechadas,
Hei de bailar no terreiro.

Já tenho a vista cançada,
De tanto olhar para o limão,
A ver se elle floresce
Na noite de San João.

San João me prometteu
De me dar um bom marido,
Quando está o trigo em grão
E o limoeiro florido.

San João e o seu carneiro
Iam ambos pelo caminho;
O carneiro ia dizendo:
— Dae-me uma pinga de vinho.

O San João do Bomfim
Mandou-me agora chamar:
Que tem o seu manto rôto,
Que lh'o fosse remendar.

San João foi ao moinho
E cahiu da ponte abaixo;
Acudi-lhe, raparigas,
Que lá vae rio abaixo.

Na noite de San João
Adormeci descuidada,
Sentindo o cheiro das flores
Entre a herva rociada.

SAN JOÃO

VARIANTE DE EXTREMOZ

À la Signorina Frederica Fassini.

Adagio

10

No al - tar de San Jo - - - ã - - - o Nas

cem ro-sas a - ma - rel - - - las ; SanJo-ã - - - o su - bi - u a

ce - - - u A pe - - - dir pe - las don - zel - - - las.

No altar de San João
Nascem rosas amarellas :
San João subiu ao ceu
A pedir pelas donzellas.

No altar de San João
Nascem rosas e esp'ranças :
San João subiu ao ceu
A pedir pelas creanças.

No altar de San João
Ha um vaso de açucenas,
Aonde vão os namorados
Dar alivio ás suas penas.

No altar de San João
Nascem bellas cerejeiras :
San João subiu ao ceu
A pedir pelas solteiras.

No altar de San João
Nascem rosas, nascem uvas :
San João subiu ao ceu
A pedir pelas viúvas.

No altar de San João
Está um tanque d'agua fria.
Onde se lavam os anjos
E mais a Virgem Maria.

No altar de San João
Nascem rosas encarnadas :
San João subiu ao ceu
A pedir pelas casadas.

O altar de San João
E' um jardim de flores,
Enfeitado pelas moças
Com sentido nos amores.

A capella do Baptista
E' de rosas encarnadas ;
A capella é do santo,
O santo é das casadas.

SAN JOÃO

VERSÃO LIVRE COM VARIAÇÕES

Mimi.

Andante

f

O San Jo - ão, oh de-lim de-lim de - lim, tem um car - nei-ro, oh de-lam de lam, de -

lam, tro - la - ro, Com dois gui - zos

ao pes - co - go. *f* Quan - do to - ca oh de-lim, de-lim, de - lim, o gui - zo

fi - no, oh de-lam, de-lam, de - lam, tro - la - ro, la - ro, la - ro la - ro la - ro

p Tam-bem to - ca o gui - zo gros - so.

Recolhida em Amarante.

Esta musica, demasiadamente pittoresca, é resultante das composições variadas das philarmonicas d'aldeia. O povo rude, apudando taes peças, trauteia e estribilha as variações, por imitação dos instrumentos que as tocam. N'este genero ha innumerous dculos.

TYRANNA

CHOREOGRAPHICA

ca' Ex.^{ma} Snr.^a D. Margarida Ribeiro da Costa e Almeida.

12

ran - na, mi - nha ty - ran - na. Ty - ran - na, eu vou, eu vou, Ty - ran - na. mi - nha

ran - na. Ty - ran - na, eu vou, eu vou, Dar vi - da a quem me deu vi - da,

tar a quem me ma - tou. Dar vi - da a quem me deu vi - da, Ma - tar a quem me ma - tou.

Recolhida em Ponte do Lima, em 1891.

Dança. — Formam-se os pares em duas filas frente-a-frente. Sae e cavalheiro da extremidade de uma fila, e a dama, da extremidade da fila opposta; vão uma vez ao meio; em seguida, atravessam; voltam ao meio dando as mãos que erguem da cabeça; dão duas voltas e tornam para o seu lugar. Segue-se o par immediato, etc.

TYRANNA

Tyranna, minha tyranna;
Tyranna, eu vou, eu vou,
Dar vida a quem me deu vida,
Matar a quem me matou.

Tyranna, que, ora me matas,
Ora a vida me vaes dando,
Se me tens alguma aquella,*
Não andes vira-virando.

Ao vêr na areia as pégadas
Que tu deixaste ao passar,
Tive ciumes da onda
Que a praia as veio beijar.

Deixar de te amar não posso,
Tyranna, não posso, não,
Hão de sempre acompanhar-te
Os ais do meu coração.

Já tive dias felizes;
Assim agora os tivera;
Hoje vivo de tristezas,
Já não sou quem dantes era

Foi minha desgraça ver-te,
A primeira vez fallar-te,
Ventura foi conhecer-te,
Triste destino o amar-te.

Tyranna, já te disseram
Que eu, dormindo, suspirava?
Quem t'o disse não mentiu,
Que eu alguns suspiros dava.

Tyranna, cruel tyranna,
Tyranna, eu vi, eu vi,
Conversando á tua porta
O meu rival junto a ti.

Tyranna! com lealdade,
Guardei-te sempre respeito;
Não te mereço a desfeita,
Que fazes ao meu conceito.

Tyranna, hei de te amar,
Corra o perigo que correr
Uma vida só que tenho,
Quero por ti padecer.

Se te enfastia o querer-te,
Se é forçoso o deixar-te,
Ensina-me a aborrecer-te,
Que eu não sei senão amar-te.

Tyranna, de que me servem
Os bens que a fortuna dá?
Sem os bens também eu passo,
Mas sem ti quem viverá?

Quando comecei a amar-te,
Deitei sortes á ventura:
Hoje que quero deixar-te,
Já o meu mal não tem cura.

Qualquer pessoa que chegue
A possuir-te ou gosar-te,
Sera mais feliz do que eu,
Mas não é capaz d'amar-te.

* Por amizade.

TYROLANDO

CHOREOGRAPHICA

Ex.^{ma} Sr.^a D. Lelia Alves Costa Braga.

Andantino

13

Esses cabellos na testa
Mettem-te infinita graça,
Parecem meadas d'oiro
Aonde o sol se embaraça.

Fui deitar-me entre as nuvens,
Das estrellas fiz encosto;
Abracei-me a uma d'ellas,
Cuidando que era o teu rosto.

Quem me dera ser o linho
Que na roca vós fiaes;
Quem vos dera tantos beijos
Como vós no linho daes.

Tendes os cabellos louros,
Em meadas ao comprido,
Parecem meadas d'ouro,
Ao martello rebatido.

Os meus olhos, de chorarem,
Já nenhuma graça teem;
Já os tenho reprehendido
Que não chorem por ninguem.

Estes primeiros amores,
Que no mundo toma a gente,
Não sei que doçura teem,
Que duram eternamente.

Recolhida por Armando Nogueira, em 1887.

Esta musica é portugueza, e, se no estribilho da poesia apparece alguma palayra hespanhola, como succede em muitas canções da Beira, é provavel que esta invasão de neologismos ou estrangeirismos provenha das coloneas balnearçes que da Hespanha concorrem ás nossas praias.

Dança.—Os pares passeiam em roda, de braço dado; os primeiros oito compassos. Em seguida as damas dão o braço direito ao braço direito dos cavalheiros; executam uma volta (quatro compassos) e passam ao cavalheiro immediato, com o qual effectua outra volta, seguindo como no principio.

A MANHÃ VAE RINDO

29

ANDANTE

Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Soares da Costa.

Moderato 8^a

14

Já no ceu não ha es-trel-las, se-não u-ma ao pé da lua; nem ha no mun-do que eu

sai-ba, ca-ra mais lin-da que a tua. *f* Va-mos se-guin-do por es-ses cam-pos

fó-ra, que a ma-nhã vae rin-do nos la-bios d'au-ro-ra. *D.C.*

Recolhida em Carvalhaes de Gondolim, em 1892.

O sol prometteu á lua
Uma fita de mil côres:
Quando o sol promette prendas,
Que fará quem tem amores.

Vamos seguindo
Por esses campos fóra,
Que a manhã vae rindo
Nos labios d'aurora.

As estrellas pequeninas
Fazem o ceu bem composto;
Assim são os signaes pretos,
Menina, n'esse teu rosto.

O sol é a caixa d'ouro,
A lua é a fechadura,
As estrellas são as chaves
Que fecham minha ventura.

Se os campos todos fallassem,
Que diriam os rochedos?
Então se descobririam
Nossos primeiros segredos.

Se estas arvores fallassem,
Qualquer d'ellas te diria
Que a cantar por ti chamava,
Que a chorar por ti vivia.

Os corações não se vendem,
São cousas d'alto valor,
Não se vendem por dinheiro,
Rendem-se á força do amor.

Oh rapazes e cachopas,
Vêde lá por onde andaes;
Que a honra é como o vidro,
Se quebra, não pega mais.

Esta musica, cuja fôrma é de contradança dividida em duas partes distinctas, sendo a primeira em menor e a segunda no maior, applica-a o povo como marcha. Os cavalheiros dão o braço á dama quando caminham, ou marcham em filas de tres ou quatro pares, unindo-se o mais proximo possivel para que as vozes concertem bem.

FADO DAS SALAS

Ex.^{ma} S^{ra}. D. Maria Caldas.

15 *Andante*

express.
Vê-me, in - gra-ta, a-qui mor - rer, na se - - pul-tu - ra vae

pôr u - ma letra em ca-da can - to, A, M, O, R, a - mor. Es -

pe - ra, de-tem-te, in gra-ta, pre-sen - cei-a a mi-nha morte, que n'es - te hor-ri-vel trans

por-te. é meu a-mor quem me ma - ta. A - mor é quem des-ba - ra - ta mi-

nha e - xis-ten-cia, meu ser; tu que podeste accen - der a já quasi ex-tin - cta

cham-ma, não de-sam-pa-res quem a - - ma vê - me, in-grata, aqui mor - rer, não

de - sam - pa - res quem a - ma, vê - me, in-grata aqui mor - rer.

D.C. ao S

MOTE

me, ingrata, aqui morrer,
sepultura vae pôr
a letra em cada canto,
M, O, R, amor.

GLOSA

Quera, detem-te, ingrata,
sencença a minha morte,
e n'este horrivel transporte
meu amor quem me mata.
Quem é quem desbarata
a minha existencia, meu ser;
que podeste accender
já quasi extincta chamma,
não desampares quem ama,
é-me, ingrata, aqui morrer.

Quando os olhos se fecharem,
N'esses momentos finaes,
E, quando sombras fataes
Em meu rosto revoarem;
Quando amigos me levarem,
Ao logar de pranto e dôr,
Tu, armada de valor,
Faze o que sempre roguei:
Um signal de que te amei
Na sepultura vae pôr.

Empunha agudo cinzel,
N'aquelle triste logar,
E quando a dôr te dictar,
Escreve com mão fiel;
Mas, se lembrança cruel

Te arrancar amargo pranto,
Não graves na pedra tanto,
Inscrições tão enfadonhas,
Basta, ingrata, que lhe ponhas
Uma letra em cada canto.

Como ali jaz sepultado
Quem com ternura te amou,
Quem toda a vida penou;
Por merecer teu agrado,
Diga o letreiro gravado
Que ali jaz um amador:
Cause tristeza a quem fôr
Indagar a pedra dura,
E leia na sepultura
A, M, O, R, amor.

MIGUEL ANTONIO DE BARROS

Poeta bracarense do principio d'este seculo.

A musica do fado, já não é hoje, como foi outr'ora, considerada *musica torpe e obscena*, propria só das viellas e dos antros de vicio, onde a maruja e a soldadesca embriagada, tangiam brutalmente em banzas immundas, acompanhando-a com indecorosos risos e batiam com danças lascivas.

Ha quarenta annos já se faziam fados especiaes, ou para narrar crimes ou algum escandalo amoroso, satyriar homens celebres ou politicos importantes, ou para rebaixar homens altamente collocados, ou para ridicularizar corporações respeitaveis, ou para descompor qualquer sujeito. Eis um exemplo: o fallecido jornalista e poeta satyrico Urbano Loureiro, comparando um dia, no seu jornal a «Lucta», os versos d'um escriptor nosso contemporaneo, aos fados do Marcolino (um pobre musico ambulante, improvisador de fados), este sabendo da comparação, procurou o jornalista n'um estabelecimento da rua de Santo Antonio, que elle costumava frequentar e deixou-lhe o seguinte recado: — «Diga a esse snr. Urbanes Loureiro que se me torna, na sua gazeta, a comparar a esse outro snr. poeta, eu faço-lhe um fado que o... arrazo.»

Purificada na agua lustral da civilisação, a monotona musica dos fados, alegre ou sentimental, ingenua ou luxuriante, já não tem os castos ouvidos do bello sexo, que a perfuma sob seus dedos sem se roborisar de pudor, porque essas simples melodias não maculam as candidas rosas da sua alma pura. E' que a ideia do seu ponto de partida tem sido substituida pela assimilação do fado e pelo sentimento artistico, que despreza a materialidade da sua primitiva applicação e a propria poesia sensualista.

O grande numero de fados, quasi todos variantes uns dos outros, que se improvisam todos os dias, não são mais que uma especie de *passa-calle, lento*, de musica caracteristicamente portugueza: a muitos d'elles nunca os seus auctores applicaram letra.

AS CARVOEIRAS

CHOREOGRAPHICA

Op. Ex.^{ma} Sr.^a D. Sophia Clementina Leite de Souza Viterbo.

Andante

16

Quem em - bar - ca, quem em - bar - ca, quem vem com - mi - go, quem vem? quem em

bar - ca nos meus o - lhos, oh que lin - da ma - ré tem. São tão

ni - - tas as Car - vo - - ei - - ras, são tão ca - ti -

as fei - ti - cei - - ras, Oh que bel - lo ran - cho da mo -

da - - de; dan - çae, ra - pa - - ri - gas, vi - vaa li - ber - - da - de.

D.C.

Detailed description: The image shows a musical score for a piece titled 'AS CARVOEIRAS'. The score is written for piano and voice. It begins with a tempo marking 'Andante' and a measure number '16'. The music is in 2/4 time. The lyrics are written below the vocal line. The score consists of five systems of music, each with a vocal line and a piano accompaniment line. The lyrics are: 'Quem em - bar - ca, quem em - bar - ca, quem vem com - mi - go, quem vem? quem em bar - ca nos meus o - lhos, oh que lin - da ma - ré tem. São tão ni - - tas as Car - vo - - ei - - ras, são tão ca - ti - as fei - ti - cei - - ras, Oh que bel - lo ran - cho da mo - da - - de; dan - çae, ra - pa - - ri - gas, vi - vaa li - ber - - da - de.' The score ends with a 'D.C.' (Da Capo) marking.

Recolhida na Figueira da Foz, em 1891, por F. P. Nogueira.

As *Carvoeiras*, denominação d'uma philarmonica que, no antigo largo das Carvoeiras, na Figueira da Foz, costuma tocar ocasião das festas do San João. Um rancho de raparigas e rapazes cantava e dançava alli, em 1891, em um palanque, esta que se popularizou em todo o paiz. Esta musica não é puramente d'origem popular, mas apropriada.

Dança. — Nos primeiros oito compassos os pares de mãos dadas, em grande roda, giram sobre a direita e repetem, sobre a esquerda; nos seguintes oito compassos largam as mãos, e damas e cavalheiros, marcham uns atraz dos outros, bate palmas a tempo; nos ultimos oito compassos os cavalheiros tomam as damas e dançam em passo de polka.

AS CARVOEIRAS

Quem embarca? quem embarca?
 Quem vem commigo? quem vem?
 Quem embarca nos meus olhos?
 Oh que linda maré tem!

São tão bonitas
 As Carvoeiras!
 São tão catitas
 As feiticeiras!
 Oh que bello rancho
 Da mocidade!
 Dançae, raparigas!
 Viva a liberdade!

Liberdade, liberdade!
 Quem a tem chama-lhe sua:
 Eu não tenho liberdade
 Nem de pôr os pés na rua.

Para ser bonita e bella,
 Não preciso andar ornada;
 Basta o marfim dos meus dentes,
 Não tenho inveja de nada.

Puz-me a contar as estrellas,
 Só a do norte deixei;
 Por ser a mais pequenina,
 Eu contigo a comparei.

Liberdade, liberdade!
 Quem a tem chama-lhe bella;
 Eu não tenho liberdade
 Nem de chegar á janella.

Não tenho inveja de nada,
 Nem da corôa da rainha:
 Não ha no mundo quem tenha
 Uma trança igual á minha.

A côr parda é excellente,
 E a branca muito fina,
 Mas tambem ha muita gente
 Que á morêna se inclina.

Tudo o que é verde se secca,
 Na maior zina do verão;
 Tudo que secca renova,
 Só a mocidade não.

Eu adoro a Deus no ceu,
 Os santos, em seu altar,
 E ao meu amor, na terra:
 Não tenho mais que adorar.

O mar pediu a Deus peixes,
 Os peixes, a Deus altura,
 Os homens, a liberdade,
 As mulheres, a formosura.

QUERES A FLOR?

CANÇÃO DO PORTO

À Ex.^{ma} S^{ra}. D. Ignez Queiroz.

Poesia de Camillo Castello Branco.

Andante $\frac{3}{4}$

17 Em má ho-ra, an - - - jo per - di - do, me pe - dis - te

u - ma flor!... Em má ho-ra, an - - - jo per - di - do, me pe -

dis - te u - ma flor!... Das que te - nho que são qua - -

tro, ne - nhu - ma fal - la d'a - mor. Das que te - nho que são

qua - tro, ne - nhu - ma fal - - - la d'a - mor,

Esta musica appareceu na dicção popular, immediatamente á publicação da poesia, e tornou-se popularissima. Foram os cegos que a propagaram por todo o paiz, acompanhando-a com rebecca e violão.

QUERES A FLOR?

Em má hora, anjo perdido,
 Me pediste uma flôr!...
 Das que tenho, que são quatro,
 Nenhuma falla d'amor.

A primeira é a *saudade*
 Cujó espinho atravessou
 O coração, que a regara
 Com pranto, que ella seccou.

A segunda é um *martyrio*
 Qne me deram quando amei...
 Foi-me caro!... é um thesouro
 Que por lagrimas comprei.

A terceira é dos sepulchros,
 É um *goivo*... não t'ó dou!...
 Fui colhel-o 'ao cemiterio...
 Entre mortos vegetou!

A quarta... sim... dou-te a quarta,
 É uma *rosa*... mas olha...
 Se eu morrer, e tu sentires,
 Na minha campa a desfolha...

OH DO RÉO, TRÉO, PRÉO!

OU

AH, AH, AH, D. JOSÉ!

CANTIGA DAS RUAS

Op. Ex.^{ma} Sr.^a D. Albertina Baptista Ferreira.

18

Andantino

f

p El - Rei Senhor D. Jo -

ão Man - dou dei - tar um pre - gão El - - Rei Senhor D. Jo - - ão Man - dou

cresc.

dei - tar um pre - gão: Que se ca - sas - sem as ve - lhas pa - ra ha - ver mais cre - a -

ção, E oh do réo, tréo, préo, quem se ca - sa vae pr'o ceu.

D.C.

The musical score is written for piano in 2/4 time with a key signature of one sharp (F#). It consists of five systems of music. The first system is an introduction marked 'Andantino' and 'f'. The second system begins the vocal line with 'El - Rei Senhor D. Jo -' and continues with piano accompaniment. The third system continues the vocal line with 'ão Man - dou dei - tar um pre - gão El - - Rei Senhor D. Jo - - ão Man - dou'. The fourth system continues with 'dei - tar um pre - gão: Que se ca - sas - sem as ve - lhas pa - ra ha - ver mais cre - a -'. The fifth system concludes with 'ção, E oh do réo, tréo, préo, quem se ca - sa vae pr'o ceu.' and ends with a double bar line and 'D.C.' (Da Capo).

Esta musica é puramente hespanhola e parece ser trazida para Portugal no tempo da guerra peninsular. Ouvimos, na nossa infancia, tocar-a muitas vezes, da fórma que a deixamos escripta, por grupos de musicos hespanhoes, que então abundavam no nosso paiz.

OH DO RÉO, TRÉO, PRÉO!

El-rei, Senhor D. João,
Mandou deitar um pregão :
Que se casassem as velhas
Para haver mais criação.

Oh do réo, tréo, préo!
Quem se casa vae p'ra o ceu!

As velhas lhe responderam
Nas costas da petição :
—Porque não casaes as novas?!
Terra velha não dá pão.

Oh do réo, tréo, préo!
Quem se casa vae p'ra o ceu!

Com a musica d'esta cantiga, cantava-se, em 1846-1847, a seguinte letra que tinha allusão aos factos politicos d'aquella epocha:

AH, AH, AH, D. JOSÉ!

O Saldanha quer ser rei:
A mulher quer ser rainha;
Mas hão de ir governar
Nos aloques da Biquinha. (1)

Ah, ah, ah, D. José (Gocé) (2)
Caramba, mire usted!

O Saldanha já mandou
Suas tropas retirar,
Porque tem medo da fome,
E a palha está-se a acabar. (3)

A's portas da capital
Está um chafariz de vidro :
Onde o Cabral vae chorar
Lagrimas de arrependido. (4)

Já lá vem o inglez,
Das portas de Santarem,
De preparar os pasteis,
Mas pasteis não nos convem. (5)

Ah, ah, ah, D. José (Gocé)
Caramba, miré usted!

Já lá vae para Hespanha
A divisão do Casal; (6)
Deus a leve em boa hora,
Que não volte a Portugal.

A rainha não conhece
O seu povo verdadeiro,
Só conhece os Cabraes
Que nos roubam o dinheiro.

(1) Aloques eram uns tanques de curtir sola, que ultimamente serviam para depositos das immundicies, na cidade do Porto, na intransitavel rua da Biquinha, com o seu immundo Rio da Villa, hoje substituida pela rua do Mousinho da Silveira.

(2) O general D. José de la Concha, depois marquez del Duero, commandante da divisão hespanhola que veio a Portugal em 1847.

(3) Ambiguidade pittoresca, que tem relação com a cavallaria.

(4) Refere-se á legação e esquadra ingleza.

(5) Refere-se á intervenção diplomatica ingleza que propunha um ministerio mixto para conciliação das facções politicas em 1847.

(6) O general conde de Casal que em Dezembro de 1847 atacou Braga.

ESTES MOÇOS DE AGORA

LUNDUM DE PORTO ALEGRE, BRAZIL

Op. Ex.^{ma} Snr.^a D. Julieta Guimarães.

19

Vivo

p

cres.

f

dim.

p

Es - tes mo-ços de a - go - ra, já não

sa - bem mais a - mar, Es - tes mo-ços de a - go - ra já não sa-bem mais a - mar, Fa-zem

tu - do quan-to po-dem pa-r'as mo-ças en - ga - nar. Ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah!

ah! ah! ah! ah! ah!

ESTES MOÇOS DE AGORA

Estes moços de agora
 Já não sabem mais amar,
 Fazem tudo quanto podem
 Par'as moças enganar!

Ah! ah! ah!

Bandalheiros inconstantes,
 Só querem pagodiar;
 Namoram a todas ellas
 Para o seu tempo passar!

Estes moços de agora
 Só desejam especular,
 Procuram só moças ricas
 Para má vida lhes dar!

Estes moços de agora
 Só nos querem enganar,
 Façamos nós outro tanto
 Para a taboça todos dar!

Estes moços de agora
 Sentimentos já não tem,
 Fazem-nos promessas falsas
 Dizendo que querem bem!

Ah! ah! ah!

Estes moços de agora
 O seu prazer é mentir,
 Fingem tudo quanto podem
 Para melhor conseguir!

Estes moços de agora
 A vergonha já perderam,
 Da ronha e da maldade
 Já todo o succo beberam!

Estes moços de agora
 Não merecem compaixão,
 Uns entes tão abjectos
 Devem estar na correção.

OH PRETO, OH PRETA

CANTIGA DAS RUAS

c/ Ex.^{ma} Snr.^a D. Francellina Campos Pinto.

Allegretto

20 *f*

Oh pre-to, oh pre - ta, lá do Bi - hé, jo - gas as

car - tas co'o chim-pan - zé. *p* Re-al Se - nhor, eu vou pas - san - do, En-cos -

ta - do á ba - na - nei - ra; diz o pre-to pa - ra a pre - ta 'stá bo - ni - ta a brin - ca - dei - ra. *D.C.*

The musical score is written for piano in 2/4 time with a key signature of one sharp (F#). It consists of three systems of music. The first system starts with a piano forte (f) dynamic and includes the lyrics 'Oh pre-to, oh pre - ta, lá do Bi - hé, jo - gas as'. The second system includes 'car - tas co'o chim-pan - zé. Re-al Se - nhor, eu vou pas - san - do, En-cos -'. The third system includes 'ta - do á ba - na - nei - ra; diz o pre-to pa - ra a pre - ta 'stá bo - ni - ta a brin - ca - dei - ra.' and ends with a 'D.C.' (Da Capo) marking.

Oh preto, oh preta,
Lá do Bihé,
Jogas as cartas
C'o chimpanzé.

Oh preto, oh preta,
Do Ronhóhó,
Jogas as cartas
Com teu sinhó.

Oh preto, oh preta,
Lá do sertão,
Jogas as cartas
Com teu patrão.

Oh preto, oh preta,
De Moçambique,
Tem mão no barco
Que vae a pique.

Esta cantiga appareceu em 1890, quando os ingleses tratavam de nos empolgar varios terrenos em Africa.

SÓ HA PAPEL EM PORTUGAL

21

Já não ha pra - ta, nem ha me - tal, só ha pa -

pel, só ha pa - pel, ó - lé, ti - ro - lé, em Por - tu - gal.

The musical score is written for piano in 2/4 time. It consists of two systems of music. The first system includes the lyrics 'Já não ha pra - ta, nem ha me - tal, só ha pa -'. The second system includes 'pel, só ha pa - pel, ó - lé, ti - ro - lé, em Por - tu - gal.'

Quando em 1891 se deu a grande crise monetaria, sendo substituido o metal por cédulas de papel da Camara do Porto, do Banco de Portugal e da Casa da Moeda, o povo improvisou esta cantiga.

DUZENTOS GALLEGOS

AMPHIGURI

À Ex.^{ma} Sr.^a D. Aurelina Guimarães.

22 *f* Du - zen-tos gal - le - gos não fa-zem um ho - mem tu - do o que el - les

co - mem meu di - nhei - ro teu di - nhei - - ro; ho - mem tra - pa - cei - - ro

ar - ris - ca - do an - da, na su - a de - man - da não fez o que o rei man - dou; D.C. mais 3 vezes

Final
ir de sa-la em sa-la, da sa-la á co-si-nha, e no mei-o da sa - la, dar u-ma vol-ti-nha

Duzentos gallegos
 Não fazem um homem,
 Tudo o que elles comem
 Meu dinheiro teu dinheiro;
 Homem trapaceiro
 Arriscado anda,
 Na sua demanda
 Não fez o que o rei mandou;
 Já se lhe pagou,
 A'quelle tunante;
 Se elle é estudante
 Alfinetes são amores;

Sinto grandes dôres
 De te vêr ausente;
 Se tu estás doente
 Meio mundo patarata;
 Tudo se arremata
 Na real fragata;
 A preta na praia
 Tambem vende mexilhão,
 O pinhão, pinhão,
 Tambem vende fava rica,
 E da sua quica
 Faz um mealheiro;

Quem tiver dinheiro
 Eu lh'o guardarei;
 Grito aqui-del-rei
 Não ha quem me accuda;
 Meu amor carcunda
 Lá vae para o deserto;
 Está o ceu aberto
 P'ra te vêr, menina,
 Ir de sala em sala,
 Da sala á cosinha,
 E no meio da sala
 Dar uma voltinha.

Esta cantiga das ruas appareceu em 1846 a 1847, por occasião das luctas civis do povo com o governo de D. Maria II.

HYMNO NACIONAL

ADOPTADO POR S. M. O SENHOR D. CARLOS I

Musica e letra de S. M. o Senhor D. Pedro IV.

23

Marcial ♩

ff

p

O' Pa-tria, ó Rei, ó

Po - vo, A-ma a tua Re-li - gi - ão, Ob - ser - va e guar-da sem-pre Di - vi-

nal Cons-ti - tu - i - ção, Di - - vi - nal Cons-ti - - tu - i - ção.

f Vi - va, vi - va, Vi - va o Re - i, Vi - va a San - ta Re - li - gi -

ã - o. Vi - va, Lu - zos va - - lo - ro - sos, A fe - liz Cons - ti - tu - i -

çã - o, A fe - liz Cons - ti - - tu - i - çã o.

O' Patria. ó Rei, ó Povo,
Ama a tua Religião,
Observa e guarda sempre
Divinal Constituição.

Viva, viva, viva o Rei,
Viva a Santa Religião;
Viva, Luzos Valorosos,
A feliz Constituição.

Oh com quanto desafogo,
Na commum agitação,
Dá vigor ás almas todas
Divinal Constituição!

Viva, viva, viva o Rei,
Viva a Santa Religião;
Viva, Luzos Valorosos,
A feliz Constituição.

Venturosos nós seremos
Em perfeita união,
Tendo sempre em vista todos
Divinal Constituição.

Viva, viva, viva o Rei,
Viva a Santa Religião;
Viva, Luzos Valorosos,
A feliz Constituição.

A verdade não se offusca,
O Rei não s'engana, não:
Proclamemos, portuguezes,
Divinal Constituição.

Viva, viva, viva o Rei,
Viva a Santa Religião;
Viva, Luzos Valorosos,
A feliz Constituição.

Possuimos um exemplar da folha volante em que esta poesia foi impressa com o seguinte titulo: *Hymno Imperial Constitucional* da composição do Senhor D. Pedro, em 1822.

Ha varias edições da musica d'este hymno, phantasiadas e com variações horribes, talvez na intenção de lisongear o author a quem eram dedicadas.

Depois de 1826 denominou-se este hymno vulgarmente: *Hymno da Carta*.

Este hymno foi depois considerado oficialmente como *Hymno Nacional*, e por isso obrigatorio em todas as solemnidades publicas.



NA ACCLAMAÇÃO DA RAINHA D. MARIA II

Finda a guerra civil, foi a seguinte poesia cantada com a musica do hymno da Carta.

Quanto, ó Pedro generoso,
Te deve a luza nação!
Por teu valor possuímos
Liberal constituição.

Viva, viva, viva Pedro,
Viva a santa religião,
Viva Maria segunda,
Liberal constituição.

Parabens, ó portuguezes:
Acabou a escravidão;
Só reina, só rege o povo
Liberal constituição.

Dos ferros do captiveiro
Surge altiva uma nação;
Lysia é livre e já proclama
Liberal constituição.

Já na patria libertada
Fluctua novo pendão,
Nossos males só extingue
Liberal constituição.

De verdes laureis c'roado,
Inda ao fogo do canhão,
Gravou Pedro em letras d'ouro
Liberal constituição.

A musica do hymno constitucional serviu para muitas outras poesias e allusões particulares.

CANTIGAS DAS RUAS

com a mesma musica

Venha a peste, fome e guerra,
E alguma excommunhão,
Sobre aquelles que não querem
Liberal constituição.

De um polo a outro polo
Retumbou forte trovão,
Quando Pedro deu aos luzos
Liberal constituição.

Tremeu toda a fradaria,
Deu no Papa uma sezão,
Quando Pedro deu aos luzos
Liberal constituição.

D. Pedro subiu ao ceu
Co'um requerimento na mão,
O Senhor lh'ó despachou,
Liberal constituição.

Se todos os homens quizessem
Ouvir a nossa razão,
Levaríamos ao fim do mundo
Liberal constituição.

O actual monarcha o Senhor D. Carlos I adoptou tambem para si o hymno da Carta, na vespera da sua acclamação, em consequencia de se ter reconhecido que um hymno que lhe fôra dedicado, e que já estava distribuido pelas bandás marciaes, era uma composição idiota e vil.

Quando S. M. em 1892 visitou o norte do paiz, os alumnos das aulas de musica do lyceu da Ordem do Carmo do Porto, na visita que S. M. fez áquella Veneravel Ordem, entoaram no hymno, á falta de outra melhor, a seguinte lettra que escrevi e que se popularisou n'aquella occasião.

Salvé, ó Rei, Carlos Primeiro!
Tronco egregio de Bragança!
D'este povo que vos ama,
Sois, ó Rei, a nova esperança!

Esse gladio que herdaste
De Affonso Henrique e Aviz:
E' o phanal autonomico
Do nosso querido paiz.

N'este preito de homenagem
Que o povo tributa ao Rei:
Jura amor, fidelidade,
A Deus, á Patria e á Lei...

Viva o Rei, Carlos Primerio,
Viva a Familia Real,
Viva a patria independente,
Viva, viva Portugal!

Cezar das Neves.

MARIA PAULA

DESCANTE

À Ex.^{ma} Snr.^a D. Helena Castro de Loureiro.

Andante

24

p O - li - - vei - ra pe - que - ni - - - na que a - zei - - to - na pó - de
 Tam - bem eu sou pe - que - ni - - - na mas sou fir - me no a -

dar? O - li - vei - ra pe - que - ni - - na que a - zei - to - na pó - de dar? *f*
 mar. Tam - bem eu sou pe - que - ni - - na mas sou fir - me no a - mar. Oh Ma - ri - a

D. C.

Pau - la, o - lha a Can - di - di - nha que se vae em - bo - ra e eu fi - co só - si - nha.

Oliveira pequenina,
 Que azeitona póde dar?
 Também eu sou pequenina,
 Mas sou firme no amar.

Oh Maria Paula,
 Olha a Candidinha,
 Que se vae embora
 E eu fico sósinha.

A oliveira é a paz
 Que se dá aos bem casados;
 A palma aos sacerdotes,
 Alecrim aos namorados.

Amar e saber amar
 Qualquer amante faz isso:
 Mas amar com lealdade
 Só eu nasci para isso.

A oliveira pequena
 Também dá pequena sombra;
 Ainda que eu seja pequena,
 Você commigo não zomba.

Amar e saber amar
 Isso faz qualquer amante;
 Amar depois de offendida
 Só eu porque sou constante.

Amar e saber amar
 São pontinhos delicados;
 Os que amam não têm conta,
 Os que sabem são contados.

A folha da oliveira
 Deitada no lume, estalla;
 Assim é meu coração
 Quando comtigo não falla.

ALVORADA

CANÇÃO

A Ex.^{ma} Snr.^a D. Adelaide Nogueira.

Andantino

25

p dolce
A - quel - - la for - mo - sa a - ra - nha, d'o - lha-res se-

re - - nos e bel - - los na tei - - a dos seus ca -

bel - los os na - mo - ra - dos a - pa - - - - nha. 1.ª vez

2.ª vez
mf. nha. não, nã - - - - o! não! nã - - - - o! El -

les a - mam a na - tu - re - - - - za, quan - do sur-

ge em-bri - a - ga - - - da! vão a sós pa - ra a de -

ve - za ao cham - pa - gne d'al - vo - ra - - da. D. C.

Recolhida em Leiria, em 1890, por F. Pinto Nogueira.

Aquella formosa «aranha»
De olhares serenos e bellos,
Na teia dos seus cabellos
Os namorados apanha.

Não! Elles amam a natureza
Quando surge embriagada!
Vão a sós para a deveza
Ao *champagne* da alvorada.

E enquanto que elles, os loucos,
Mandam-lhes os ternos cantares,
Nas chammas dos seus olhares
Abraza-os a aranha aos poucos.

E ri-se... dos seus carinhos
E faz-lhe troça... de beijos!
A provocar-lhe os desejos
Com o piscar dos ôlhinhos!...

Às vezes ella desata
Uma rosea flor da trança,
E sorrindo, a pobre, a lança
No branco lago de prata.

Então elles animados
Pelas promessas de amor,
Vão collocar outra flor
Nos cabellos perfumados.

E assim a formosa «aranha»
De olhares serenos e bellos
Na teia dos seus cabellos
Os namorados apanha.

Esta poesia é composição litteraria moderna: parece referir-se (*aquella formosa aranha*) aos primeiros alvares do dia e aos raios do sol, que abraçam os *loucos* que são, certamente, os namorados passarinhos que amam a natureza, etc. Temos pena de não conhecer o author para nos explicar todas estas figuras por meudo.

PODE O FOGO CONGELAR-SE

CHOREOGRAPHICA

A^a Ex.^{ma} Snr.^a Condessa de S. Januario.

Andantino

26 *p* So-bran-ce-lhas co-mo as vos-sas é im-pos-si-vel ha-vel-as; são la-

mais lento

ços de fi-ta pre-ta com que se pren-dem es-trel-las, *dolce* um só não, não,

mas mais d'um cen-to; só dois a-bra-ços, ai que tor-men-to!

animado

só dois a-bra-ços, ai que tor-men-to. Pó-de o fo-go con-ge-lar-se e as on-

D. C.

das do mar ar-der, mas eu dei-xar de te a-mar is-so lá não pó-de ser.

Recolhida em Oliveira do Conhedo, em 1880, por F. P. Nogueira.
 DANÇA.—Nos primeiros oito compassos os pares giram, formados em grande roda; nos doze compassos seguintes do estribilho, quando dizem *um só não, não*, vira-se o cavalheiro para a sua dama; e quando dizem *mas mais d'um cento*, vira-se para a dama da esquerda; quando dizem *só dois abraços*, abraça a dama; e quando dizem *ai que tormento*, voltam-se para o lado contrangidos. Os ultimos oito compassos são como o *grand chaine*.

PODE O FOGO CONGELAR-SE

Sobrancelhas como as vossas
E' impossivel havel-as,
São laços de fita preta
Com que se prendem estrellas.

Uma só não, não,
Mas mais d'um cento;
Só dois abraços,
Ai que tormento!

Póde o fogo congelar-se,
E as ondas do mar arder;
Mas eu deixar de te amar
Isso lá não póde ser.

Oh que janella tão alta,
Mais alto vae meu intento;
Quem me dera pôr os olhos
Onde tenho o pensamento.

D'aqui onde estou bem vejo
Duas meninas ao sol;
Namorei-me da mais moça
Com licença da maior.

Oh minha bella menina,
Quanto tenho te darei!
Darei-te a vista dos olhos,
Cego por ti andarei.

Fui á fonte beber agua
Debaixo da flor da murta;
Fui só por vêr os teus olhos,
Que a sede não era muita.

Perguntae ao sol se viu,
A' lua se conheceu,
A's estrellas se encontraram
Amor mais firme que o meu.

Quem nos vir sempre juntinhos
Nossa sorte ha de invejar,
Ou inveje ou não inveje,
Eu sem ti não posso estar.

As estrellas do ceu correm
Todas n'uma carreirinha,
Assim os amores correm
Da tua mão para a minha.

Puz-me a contar as estrellas,
Só a do norte deixei;
Por ser a mais pequenina
Eu contigo a comparei.

Esses teus olhos, menina,
São dois vasos de alegria;
Amal-os 'inda não pude,
Deixal-os 'inda não queria.

Tendes o pé pequenino
Do tamanho d'um vintem:
Podia calçar de prata
Quem tão pequeno pé tem.

Teus cabellos me prenderam,
Os teus olhos me mataram,
Teus lindos pés me fugiram
Quando morto me deixaram.

Os vossos labios, menina,
Ambos elles tem virtude,
Em beijando a um doente
Logo lhe dão a saude.

Tuas mãos brancas de neve,
Teus dedos são lindas flores,
Teus braços cadeias d'ouro,
Laços de prender amores.

CHORA LINDO AMOR

CHOREOGRAPHICA

A Ex.^{ma} Sr.^a D. Josephina Henriqueta da Fonseca Vasconcellos.

Andante

27 *p* Pi-lhei u - ma bor - bo - le - ta que pou - zou em u - ma flor; Pi-lhei

u - ma bor - bo - le - ta que pou - sou em u - ma flor. *f* Cho-ra lin-do a mor, co-mo vaes co-mo

pas - sas; cho-ra lin-do a - mor, co-mo tens pas - sa - do. *p* Pren-di- lh'as a - zas à ro - sa e le -

veia ao meu a - mor. *f* Pren-di- lh'as a - zas à ro - sa e le - veia ao meu a - mor. Cho-ra lin-do a -

mor co-mo vaes co-mo pas - sas, cho-ra lin-do a - mor co-mo tens pas - sa - do. D. C.

DANÇA. — Formam os pares em roda, e assim giram; no estribilho *Chora lindo amor*, etc., abraçam-se e continuam dançando

ADRIANA
 CHORA, LINDO AMOR

Pilhei uma borboleta
 Que pousou n'uma flor,
 Prendi-lhe as azas á rosa,
 E levei-a ao meu amor.

Chora, lindo amor,
 Como vaes, como passas;
 Chora, lindo amor,
 Como tens passado?

Fui ao jardim ás flores
 Apanhei quantas eu quiz;
 Encontrei os meus amores,
 Oh que momento feliz!

Fui ao jardim ás flores
 Apanhei quantas havia;
 Só me faltou um suspiro
 Que por ti dei algum dia.

Fui ao jardim passear,
 Não achei o meu amor;
 Achei o retrato d'elle
 Na mais delicada flor.

Fui ao jardim ás flores,
 Achei o jardim fechado;
 Até as flores se fecham
 Ao mesquinho desgraçado.

Oh rosa, já hoje em dia
 Quem mais faz menos merecê;
 A terra é quem nos cria,
 Deus do ceu quem nos conhece.

Nada tenho que te dar
 Do jardim d'este meu peito;
 Só uma flor bem bonita
 Que se chama amor perfeito.

Já não tenho coração
 Que m'o tiraram do peito;
 No lugar onde elle estava,
 Nasceu um amor perfeito.

As flores do meu jardim,
 De encarnadas aborrecem,
 Não se dão a quem as pede,
 Só sim a quem as merece.

Rosa que estás na roseira,
 Deixa-te estar que estás bem,
 Assim fresca e regalada
 A' sombra de tua mãe.

Eu fui ao jardim ás flores,
 Apanhei d'umas e d'outras;
 Encontrei o meu amor:
 D'estas venturas ha poucas.

Nem a rosa da roseira,
 Nem outra qualquer flor;
 Nem a primavera inteira
 Vale mais que o meu amor.

Rosa que estás na roseira
 Deixa-te estar fechadinha;
 Que eu vou para muito longe,
 Quando voltar serás minha.

ADELAIDINHA

CANTIGA DAS RUAS

À Ex.^{ma} Snr.^a D. Armanda Carneiro Peixoto.

28 *p* Já mor-reu a A - de - lai - di - nha, já lá vae p'r'a se - pul - tu - ra, Já mor-

reu a A - de - lai - di - nha, já lá vae p'r'a se - pul - tu - ra, a quem dei - xa - ri - a el - la o ces-

ti - nho da cos - tu - ra, a quem dei - xa - ri - a el - la o ces - ti - nho da cos - tu - ra. D. C.

Já morreu a Adelaidinha,
 Já lá vae p'r'a sepultura,
 A quem deixaria ella
 O cestinho da costura?

O cestinho da costura;
 Deixou-o a uma prima minha;
 Que lhe rezasse por alma,
 Por alma da Adelaidinha.

Já morreu a Adelaidinha,
 Já lá vae no seu caixão;
 A quem deixaria ella
 O seu lenço d'algodão.

O seu lenço d'algodão
 Deixou-o a Nossa Senhora
 Para que ella lhe valesse
 Na sua ultima hora.

Já morreu a Adelaidinha
 Já lá vae a enterrar;
 A quem deixaria ella
 O estojo de bordar?

O estojo de bordar
 Deixou-o a minha mana,
 Para lhe rezar por alma
 Uma vez cada semana.

Já morreu a Adelaidinha,
 Já lá vae toda bonita;
 A quem deixaria ella
 O seu vestido de chita?

O seu vestido de chita
 Deu-o a uma pobresinha
 Para lhe rezar por alma
 Mais uma Salve-Rainha.

TIA ANNICA DE LOULÉ

CANTIGA

À Ex. S^{ra}. D. Maria Aurora da Fonseca.

29 *Allegretto*
p Ti' An- ni - ca, ti' An- ni - ca, ti' An- ni - ca, de Lou- lé: A quem

dei - xa - ri - a el - la a bar - ra do ca - chi - né (1) *f* O - lé, o - lá, es - ta

mo da não 'stá má; o - lá, o - lé, ti' An - ni - ca de Lou - lé. D. C.

Ti' Annica, ti' Annica,
 Ti' Annica de Loulé;
 A quem deixaria ella
 A barra do cachiné. (1)

Olé olá,
 Esta moda não está má;
 Olá, olé,
 Ti' Annica de Loulé.

Ti' Annica, ti' Annica,
 Ti' Annica de Fuseta;
 A quem deixaria ella
 A barra da saia preta.

Ti' Annica, ti' Annica,
 Ti' Annica d'Aljezur;
 A quem deixaria ella
 A barra da saia azul.

Olé, olá,
 Está moda não está má;
 Olá, olé,
 Ti' Annica de Loulé.

Ti' Annica, ti' Annica,
 Ti' Annica d'Alportel;
 A quem deixaria ella
 A barra do seu mantel.



VIRGEM PURA

HYMNO RELIGIOSO

À Ex.^{ma} Snr.^a Condessa de Calheiros.

Maestoso CORO

30 *p* Vir-gem pu - ra, tu - a ter - nu - ra, é d'al -

li - vio ao meu pe - nar; noi - te e di - a, de Ma -

ri - a, a bel - le - za hei de can - tar; *mf* noi - te e

di - a, de Ma - ri - a, a bel - le - za hei de can -

POVO

tar. E' don - *f* zel - la, to - da bel - la, a mais

The musical score is written in G major (one flat) and common time. It consists of five systems of music. The first system is for the piano, starting at measure 30, with a piano (*p*) dynamic. The vocal line for the chorus (CORO) begins with the lyrics 'Vir-gem pu - ra, tu - a ter - nu - ra, é d'al -'. The piano accompaniment features a steady eighth-note bass line and chords in the right hand. The second system continues the vocal line with 'li - vio ao meu pe - nar; noi - te e di - a, de Ma -'. The piano accompaniment continues with similar harmonic support. The third system has the vocal line 'ri - a, a bel - le - za hei de can - tar; *mf* noi - te e'. The piano accompaniment remains consistent. The fourth system shows the vocal line 'di - a, de Ma - ri - a, a bel - le - za hei de can -'. The piano accompaniment continues. The fifth system is for the people (POVO) and begins with the vocal line 'tar. E' don - *f* zel - la, to - da bel - la, a mais'. The piano accompaniment continues with the same harmonic structure.

san - ta em seu pri - mor ; des - de a ho - ra que El-la

fô - ra con - ce bi - da ao Cre - a - dor. des - de a

ho - ra que El-la fô - ra con - ce bi - da ao Cre - a - dor. D. C.

Final *f* 8^{va} 8^{va} Ped. * Ped. * Ped. *

A musica d'este hymno, e a poesia, são duas produções mimosas, felizmente inspiradas, do que muito se devem orgulhar os seus authores anonymos. Se a concepção é sublime no ideal poetico, a phrase musical, curta e de uma simplicidade candida, a auxilia a elevar nossa alma ao mysticismo contemplativo. E' pena que o povo na sua rudeza lhe dê uma interpretação defeituosa, ligando o tempo forte ao tempo brando no final de cada phrase em lugar de destacar o primeiro tempo e syncopar o segundo, como em rigor deve ser.

Este hymno appareceu por occasião das primeiras perigrinações a Lourdes e logo se popularisou por todo o paiz. Actualmente canta-se em todas as igrejas onde se solemnisa o SS. Coração de Maria, e por isso o denominam *hymno do Mex de Maria*; em Braga, porém, denominam-o *hymno da Senhora do Sameiro*, porque foi ao canticum d'este hymno, entoado por mais de trinta mil vozes com acompanhamento de instrumentos de sopro, que desfilou de Braga a procissão que conduziu ao monte Sameiro a colossal memoria de granito a Nossa Senhora, em 1879, e que um raio, pouco tempo depois, teve a irreverencia de partir. Fez-se nova memoria e segunda pergrinação ao Sameiro, mas não foi tão imponente como a primeira.

VIRGEM PURA

CORO

Virgem pura—tua ternura
E' d'allivio—ao meu penar;
Noite e dia—de Maria
A belleza—hei de cantar.

POVO

E' donzella—toda bella
A mais santa—em seu primor;
Desde a hora—que ella fôra
Concebida—ao Creador.

CORO

Foi creada—abençoada
Sem peccado—e escravidão;
Foi querida—do Céu, enchida
De mil graças—de benção.

POVO

Da inimiga—serpe antiga
A cabeça—Ella pisou;
Foi sua gloria—sua victoria;
Que seu Filho—lhe alcançou.

CORO

Do divino—seu Menino
Toda a graça—Ella nos dá;
Mãe piedosa—carinhosa
Nos olhando—sempre está.

POVO

Aos pedidos—dos queridos
Abre o terno—coração;
Ao gemido—do affligido
Ella é toda—compaixão.

CORO

Aos errantes—navegantes
Ella accode—no alto mar;
Peccadores—dos terrores
Ella guia-vos—a esperar.

POVO

Sobre a cama—aonde a chama
A voz perto—de morrer,
Abre o manto—e por encanto
Muda as dôres—em prazer.

CORO

Quando a lida—d'esta vida
Fôr comnosco—terminar;
Mãe piedosa—poderosa,
Vem teus filhos—amparar.

POVO

Saude certa—porta aberta
Para o reino—do Senhor;
Virgem pia—nossa guia,
Serás sempre—nosso amor.

RU-CHU-CHU

CANTIGA DAS RUAS

À Ex.^{ma} Sur.^a D. Albertina de Jesus Vieira da Motta.

31

As pom-bi-nhas da Cath'ri-na an-da-ram de mão em mão, as pom-
 bi-nhas da Cath'ri-na an-da-ram de mão em mão, fo-ram ter á quin-ta no-va ao pom-
 bal do D. Jo-ão, fo-ram ter á quin-ta no-va, ao pom-bal do D. Jo-ão.

As pombinhas da Cath'rina,
 Andaram de mão em mão,
 Foram ter á quinta nova,
 Ao pombal do D. João.

Ao pombal do D. João,
 A' quinta da Rozeirinha;
 Andaram de mão em mão,
 As pombinhas da Cath'rina.

Quem me chama Ru-chu-chu,(1)
 Meu amor, gosto me dá,
 Ru-chu-chu, agora, agora,
 Ru-chu-chu, agora, já.

Minha mãe mandou-me á fonte,
 E eu quebrei a cantarinha;
 Oh minha mãe não me bata,
 Que eu ainda sou pequenina.

Que eu ainda sou pequenina,
 Minha mãe não bata não;
 Eu não volto á quinta nova,
 Ao pombal do D. João.

Vós chamaes-me Ru-chu-chu,
 Meu amor, não se me dá;
 Ru-chu-chu, agora, agora,
 Ru-chu-chu, agora, já.

Esta canção appareceu no Porto por occasião das festas do S. João, em 1893.

(1) Ru-chu-chu, significa na linguagem popular, arroladora e meiga como as pombas, tambem se emprega para imitar o arrolar dos pombinhos.

MELODIA POPULAR D'ANADIA

FADO

À Ex.^{ma} Snr.^a D. Rosa Alves de Ferrer.

32 *Andante*
p
 A - le - crim é rei das her - - - vas; o ou -

ro, rei dos me - ta - - - es: ro - sa, ra - i - nha das

flo - - - res; Le - ão rei dos a - ni - maes. Deus é

rei u - ni-ver-sal; ho - mem, rei da ere - a -

ção; Rei dos sa - - - bios Sa - lo - mão; rei dos

sa - - - bo - res o sal; rei das mat - tas o pi -

nhal; ca - pi - tão, rei das ca - ter - vas; Vir - gem,

ra - i - nha das ser - - vas; ro - mã, ra - i - nha dos

fru - ctos; o tri - go é rei dos pro - du - - ctos; a -

le - - crim é rei das her - - vas.

D. C. §

Esta musica é vulgarmente conhecida pelo nome de *Fado de Anadia*; é uma das musicas no estylo moderno, do genero, mais distincta e não monotona. A poesia que lhe applicamos, por não conhecermos letra propria, é antiga, mas merece acceitação, por ser conceituosissima.

MOTE

Alecrim é rei das hervas;
 Ouro, rei dos metaes;
 Rosa, rainha das flores;
 Leão, rei dos animaes.

Deus é rei universal;
 Homem, rei da criação;
 Rei dos sabios, Salomão;
 Rei dos sabores o sal;
 Rei das mættas o pinhal;
 Capitão, rei das catervas;
 Virgem, rainha das servas;
 Romã, rainha dos frutos;
 O trigo e rei dos productos;
 Alecrim é rei das hervas.

E' o mar o rei das fontes;
 Cruz, das armas é rainha;
 Bacho é o rei da vinha;
 O Sinae é rei dos montes;
 O navio é rei das pontes;
 Foi Adão o rei dos paes;
 Coral rei dos mineraes;
 Rei das amarguras o fel;
 Rei dos doces é o mel;
 O ouro, rei dos metaes.

Rei da riqueza o trabalho;
 Aguia, rainha das aves;
 Dó é rei dos sons suaves;
 Rei dos martellos o malho;
 Rei dos dentes é o alho;
 O vinho, rei dos licores;
 Cupido, rei dos amores;
 Rei dos poetas foi Dante;
 Rei das pedras o brilhante;
 Rosa, rainha das flores;

Rei dos ventos é o norte;
 E' o sol o rei dos astros;
 O traquete é rei dos mastros;
 Rainha do pranto a morte;
 Rei dos dons é o bom porte;
 Pena, rainha dos ais;
 O ponto, rei dos signaes;
 Rei das cannas o alcaçuz;
 Rainha das cores, a luz;
 Leão, rei dos animaes.

CHULA DE AMARANTE

CHOREOGRAPHICA

À insigne doutora, a Ex.^{ma} S^{ra}. D. Carolina Michaelis de Vasconcellos.

33

Andante
ff animato

meno mosso
mf. Quem quer bem dor - me na

ru - a, quem quer bem dor - me na ru - a, á por-ta do seu a -

The musical score is written for piano and voice. It begins with a piano introduction in G major, 2/4 time, marked 'Andante' and 'ff animato'. The piano part features a rhythmic accompaniment of eighth notes in the right hand and chords in the left hand. The vocal line enters in the fourth measure with the lyrics 'Quem quer bem dor - me na'. The tempo changes to 'meno mosso' and the dynamics to 'mf.'. The vocal line continues with 'ru - a, quem quer bem dor - me na ru - a, á por-ta do seu a -'. The piano accompaniment continues with the same rhythmic pattern.

mor. *f*

mf.
Das pe-dras faz ca - - be- cei - ra, Das pe-dras faz ca - - be-

cei - ra, das es-trel - las co - ber - tor. *f animato*

dolce

D. C.
f

A *Chula* é o typo classico da nossa musica popular. O Minho e o Douro são as provincias onde esta musica é melhor representada e n'ellas se conserva como hymno local invariavel no seu thema ou canto; mas que os tocadores habeis sobrecarregam com improvisadas variações e adornos caprichosos.

Em Amarante, os instrumentos que ordinariamente acompanham a chula são rebecas, violões, violas, guitarras, tambor e ferrinhos.

DANÇA.—Um individuo defronte do outro, com os braços levantados, dando estallos com os dedos, ora afastando-se ora aproximando-se um do outro e girando sempre em circulo, ou sobre os calcanhares, isto é a dança popular; nas salas dança-se de diferentes maneiras com marcas mais delicadas.

CHULA DE AMARANTE

Assanhou-se o meu amor,
Não sei que lhe hei de fazer;
Hei de pisar o trovisco,
E dar-lhe o summo a beber.

O feto é feitiçeiro,
Juro que me enfeitiçaste,
Eu desejava saber
Porque razão me deixaste.

Como silva me prendeste,
Como feto me enfeitiçaste,
Como giesta me quizeste,
Como sargaço me deixaste.

A' sargacinha do monte
Eu devo-lhe obrigações,
Porque me tem encobrido
Em certas occasiões.

Quem me estorva a mim de ver-te
D'isso me quer por preceito;
Não me estorva o eu trazer-te
Sempre dentro do meu peito.

Oh élo da videirinha,
Que assim te uniste à prisão;
Tambem eu me assujeitei
A amar o teu coração.

Nem o cravo, nem a rosa,
No jardim mais florido,
Só as estrellas do ceu
Tem comparação contigo.

O A é a primeira lettra
Que no teu peito escrevi;
Se alguém padece no mundo
Sou eu por via de ti.

Fui ao mar por ver as ondas.
Ao jardim por ver as flores.
Ao ceu por ver as estrellas,
Aqui por ver meus amores.

Quem aqui vem de tão longe
Com risco de se perder,
Correndo montes e rios,
Só pelo amor de te ver.

Eu vou deixar de te amar,
Vou deixar de te querer bem,
A quem amas á semana
Ama ao domingo tambem.

Ainda que o lume se apague
Na cinza fica o calor,
Ainda que o amor se auzente
No coração fica a dôr.

Se eu tivesse penna d'ouro,
Formava o papel de prata;
Com o sangue das minhas veias
Escrevia-te uma carta.

Escrevia-te uma carta
Com o sangue das minhas veias
Se não fosse considerar
Sangue meu por mãos alheias.

Meu amor hei de te amar,
Quer tu queiras quer não queiras
Que eu tenho da minha parte
Vinte e cinco feitiçeras.

Os olhos do meu amor
São confeitos, não se vendem,
São ballas com que me atiram,
Cadeias com que me prendem.

A' entrada d'esta rua
Dei um ai, tremeu a terra;
Encontraram-se as estrellas,
Sahiu o sol á jánella.

De cada vez que te vejo
Devia-me confessar,
Eu não pecco em te ver,
Pecco em te desejar.

Oh meu amor da minh'alma,
Repara e considera
Que depois do mal estar feito,
Já não vale se eu soubera.

Lindo cerco leva a lua,
Ergue-te, amor, e vem ver;
Não ha sol que chegue á lua
Nem ao nosso bem querer.

Lindos olhos tem José,
Santa Luzia guardai-lh'os;
Se não forem para mim,
Santa Luzia tirai-lh'os.

Adeus villa d'Amarante,
Cercada de lampeões,
Onde o meu amor passeia
Com sapatos á Camões. (1)

Adeus villa d'Amarante,
Largo de Santa Luzia,
Onde o meu amor passeia
A toda a hora do dia.

Adeus ponte d'Amarante,
Onde a agua vanguarda;
Adeus oh Meia Laranja,
Onde o meu amor passeia.

Convento de S. Gonçalo,
Convento das Convertidas,
Onde estão os artilheiros,
Perdição das raparigas.

Eu já não vou a Amarante,
Nem passo a ponte, além;
Que me querem lá prender
Por namorar e querer bem.

Por namorar e querer bem,
Querem-me tirar a vida;
Oh que sorte tão tyranna!
Oh que pena tão sentida!

(1) Por ocasião do tricentenário de Camões, o nome do nosso épico foi applicado como reclame a innumeradas industrias, desde os pasteis á Camões, gravatas á Camões, Bosque e restaurante á Camões, etc. O povo na sua veia ironica parodiava os especuladores camoneanos, dizendo á Camões tudo o que fosse extravagante ou novidade.

MANÉ CHINÉ

CANTIGA DAS RUAS

À Ex.^{ma} Snr.^a D. Margarida Rezende Pinto Barrote.

Andante

34

dolce

Se os meus tris - tes ais voas - sem, oh Ma - né Chi - né, Da -

ri - a mil ca - da ho - ra; *f* Vá di ban - da, di ban - da é que é, Vá di ban - da oh Ma - né Chi -

né. *mf.* I - ri - am ba - ter no pei - to, oh Ma - né Chi - né, De quem me lem - brou a -

go - ra, *f* Vá di ban - da, di ban - da é que é, Vá di ban - da oh Ma - né Chi - né.

D.C.

The musical score is written for piano and voice. It consists of four systems of music. Each system has a vocal line on a treble clef staff and a piano accompaniment on a grand staff (treble and bass clefs). The key signature has two sharps (F# and C#), and the time signature is 2/4. The tempo is marked 'Andante'. The first system starts with a dynamic marking of 'dolce'. The second system has a dynamic marking of 'f'. The third system has a dynamic marking of 'mf.'. The fourth system has a dynamic marking of 'f'. The score ends with a 'D.C.' (Da Capo) instruction.

Se os meus tristes ais voassem,
 Oh Mané Chiné;
 Daria mil cada hora;
 Vá di banda,
 Di banda é que é;
 Vá di banda,
 Oh Mané Chiné.
 Iriam bater no peito,
 Oh Mané Chiné,
 De quem me lembrou agora,
 Vá di banda,
 Di banda é que é,
 Vá di banda,
 Oh Mané Chiné.

O amor que em ti puz,
 Antes o puzera n'agua;
 A agua vae e não volta,
 Não deixa penas nem magua.

O tempo em que te amei,
 Melhor estivera doente;
 Tempo tão mal empregado
 Dado de tão boamente.

Vae-te embora amor ingrato
 Que eu não quero nada teu;
 Foste repartir com outro
 Um amor que era só meu.

Meu amor em braços d'outro
 Como estava divertido;
 Deixal-o ter essa gloria
 Que a paixão fica commigo.

Anda cá, meu preto, preto,
 Meu queimadinho do sol;
 Quanto mais preto mais firme,
 Quanto mais firme melhor.

Os olhos do meu amor
 São cadeias de bom ferro;
 De tal modo me prenderam,
 Que eu outros amores não quero

A musica d'esta cantiga, que appareceu no Porto, no presente anno de 1893, por occasião das festas ao San João, é no genero da dos *batuques* africanos, vulgares nos centros mais civilisados da Africa portugueza. A letra do estribilho é aproximadamente a linguagem de alguns dos nossos pretos que estiveram no Brazil.

CARRASQUINHA

CHOREOGRAPHICA

À Ex.^{ma} Snr.^a D. Engracia Moreira de Sa.

35 *Adagio*

p Me - ni - nas, va - mos dan - çar u - ma mo - da bo - ni -

ti - nha, ve - nham to - das, gi re a ro - da, dan ce mos a Car - ras - qui - nha. *f* Ai, a

mo - da da Car - ras qui - nha é u - ma mo - da as - sim ao la - do (1), quan - do

po - nho o jo - e - lho em ter - ra (2) fi - ca tu - do ad - mi - ra - do. (3)

Meninas, vamos dançar
Uma moda bonitinha,
Venham todas, gire a roda,
Dancemos a Carrasquinha.

Menina que está á janella,
Com o seu relógio á cinta,
Diga-me que horas são,
Falle verdade, não minta.

Ai, a moda da Carrasquinha
E' uma moda assim ao lado (1)
Quando ponho o joelho em terra (2)
Fica tudo admirado. (3)

Mathilde saccode a saia, (4)
Mathilde levanta o braço, (5)
Mathilde dá-me um beijinho, (6)
Mathilde dá-me um abraço. (7)

Recolhida no Porto em 1870.

DANÇA. — De roda em que entram só meninas, de mãos dadas girando sempre, porém ao chegar ao estribilho, soltam as mãos e acompanham com movimentos emiitativos cada verso, da forma seguinte: (1) voltam-se com o braço esquerdo dobrado, tendo a mão sobre o peito e o cotovello apontado para o peito da que fica á esquerda; (2) fazem com um joelho menção de ajoelhar; (3) ficam boquiabertas; (4) sacodem a saia, (5) levantam o braço direito; (6) beijam-se; (7) abraçam-se e deitando a mão á cinta uma da outra dão uma volta. Na repetição do estribilho canta-se a quadra de Mathilde.



CANÇÃO VILLANOVENSE

PATRIOTICA

À Ex.^{ma} Snr.^a Viscondessa de Faro Oliveira.Letra de Manuel da Silva Passos.
Musica de João Antonio Ribas.

36 *Allegretto* *f* Vi - va, Vi - va, Vi - va. *con 8^a*

p A Pe - dro im - mor - tal, fi - el gra - ti - dão, a -

mor e res - pei - to á Cons - ti - tui - ção. A Pe dro im mor -

tal, fi - el gra - ti - dão, a - mor e res - pei - to á

Cons - ti - tui - ção. Ao Por - to en - la - ça - da em do - ce u - ni -

ão Vil - la No - va ju - ra a Cons - ti - tui - ção. Vil -

la No - va ju - ra a Cons - ti - tui - ção.

Vil - la No - va ju - ra a

Cons - ti - tui - ção.

1.ª vez 2.ª vez

ção Vil - la No - va

ju - ra a Cons - ti - tui - ção.

O apontamento original d'esta musica conserva-o o distincto professor o Ex.^{mo} Snr. Nicolau Ribas, como uma das recordações saudosas de seu extremoso pae. Aqui agradecemos a fineza de nol o facultar.

CANÇÃO VILLANOVENSE

Viva, vivã, vivã,

A Pedro immortal,
Fiel gratidão:
Amor e respeito
A' Constituição.

Ao Porto enlaçada,
Em doce união,
Villa Nova jura
A Constituição.

Viva, viva, viva,

Dos Filhos da Patria
Constante braço,
Será defender
A Constituição.

Ao Porto enlaçada
Em doce união,
Villa Nova jura
A Constituição.

Viva, viva, viva,

Será venturosa
A lusa Nação,
Guardando e cumprindo
A Constituição.

Ao Porto enlaçada,
Em doce união,
Villa Nova jura
A Constituição.

Viva, viva, viva,

Em quanto um só Luso
Der culto á razão,
Eterna ha de ser
A Constituição.

Ao Porto enlaçada,
Em doce união,
Villa Nova jura
A Constituição.

DEIXA-ME FALLAR BAIXINHO

BALLADA

A Ex.^{ma} Snr.^a D. Carlota da Resurreição.

37

Allegretto *p* Ou - tro di - a fui á fon - te en - cher o meu *cres.*

can - ta - ri - nho, *p* ao pas - sar al - - li no mon - te... *pp* dei - xa -

No ultimo verso substituem-se estes compassos pelos seguintes:

me fal - lar bai xi - nho.

Para acabar

lar bai - xi - nho.

The musical score is written for piano and voice. It begins with a treble clef, a key signature of two flats (B-flat and E-flat), and a 3/8 time signature. The tempo is marked 'Allegretto'. The first system shows the vocal line starting with 'Ou - tro di - a' and the piano accompaniment. The second system continues with 'fui á fon - te en - cher o meu' and 'can - ta - ri - nho, ao pas - sar al - - li no mon - te...'. The third system shows 'dei - xa -' and provides two alternative endings for the final line: 'me fal - lar bai xi - nho.' and 'lar bai - xi - nho.'.

Outro dia fui á fonte
Encher o meu cantarinho,
Ao passar alli no monte...
Deixa-me fallar baixinho.

Na fresca relva assentado
Estava o senhor morgadinho,
Ao passar, o malcreado...
Deixa-me fallar baixinho.

Deu-me um puxão pela saia,
Um pouco devagarinho;
Logo fez com que eu caia...
Deixa-me fallar baixinho.

Eu por levantar-me faço,
Já toda n'um desalinho,
Mas apanhei um abraço...
Deixa-me fallar baixinho.

Atraz d'um vieram dois;
Inda por cima um beijinho,
Lá vae o carro e os bois...
Deixa-me fallar baixinho.

Quando me lembra a partida
Lá do senhor morgadinho,
Fico rubra, entumecida,
Deixa-me fallar baixinho.

SAN MARTINHO

CANÇÃO

À Ex.^{ma} Snr.^a D. Judith das Neves Bravo.Letra de L. A. Palmeirim.
Musica de José Doria.

38 *Allegretto* *f*

Não ha ne - nhum san - to com
Dei - xa - los, que o san - to não

tan - tos de - vo - tos co - mo é San Mar - ti - nho, co - mo é San Mar - ti - nho. No
quer, nem pre - ci - sa, d'um fal - so ca - ri - nho, d'um fal - so ca - ri - nho. Da

ceu não ha san - to que te - nha mais vo - tos de nós pec - ca - do - res, de
sei - ta só pres - ta quem te - nha a di - vi - sa de li - vre de - vo - to, de

nós pec - ca - do - res, nem tan - tos de - vo - tos, nem tan - tos a - mo - res, co -
li - vre de - vo - to, quem be - ba sem sus - to, quem dê seus a - mo - res, ao

mo é San Mar - ti - nho, co - mo é San Mar - ti - nho. Por is - so as más
bom San Mar - ti - nho, ao bom San Mar - ti - nho. Os San - tos são

lin - guas que na - da res - pei - tam, nem a san - ti - da - de, nem a san - ti -
mui - tos, mas tão po - pu - la - res co - mo é San Mar - ti - nho, co - mo é San Mar -

da - de, na ter - ra não que - rem, no ceu não ac - cei - tam quem be - be bom
ti - nho, com tan - tos fes - tei - ros, com tan - tos al - ta - res, não ha ne - nhum

vi - nho, quem be - be bom vi - nho. E ne - gam, se ne - gam, seu cul - to e a -
san - to, não ha ne - nhum san - to. Nem quem mais me - re - ça sin - ge - los a -

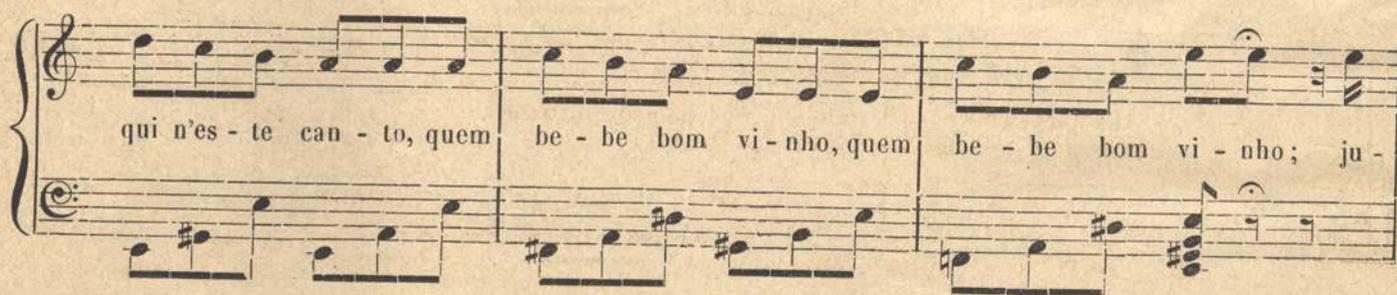
mo - res ao bom San Mar - ti - nho, ao bom San Mar - ti - nho.
mo - res do que é San Mar - ti - nho, do que é San Mar - ti - nho.



No di - a da fes - ta do san - to mais san - to da



cõr - te ce - les - te, da cõr - te ce - les - te. Sau - de - mos a - le - gres, a -



qui n'es - te can - to, quem be - be bom vi - nho, quem be - be bom vi - nho; ju -



ran - do de - vo - tos e - ter - nos a - mo - res ao bom San Mar - ti - nho. ao



bom San Mar - ti - nho.

SAN MARTINHO

Não ha nenhum santo com tantos devotos
 Como é San Martinho.
 No ceu não ha santo que tenha mais votos
 De nós peccadores
 Nem tantos devotos, nem tantos amores,
 Como é San Martinho!

Por isso as más linguas que nada respeitam,
 Nem a santidade!
 Na terra não querem, no ceu não acceitam
 Quem bebe bom vinho;
 E negam, se negam, seu culto e amores
 Ao bom San Martinho!

Deixal-os, que o santo não quer, nem precisa
 D'um falso carinho:
 Da seita só presta quem tenha a divisa
 De livre devoto;
 Quem beba sem susto, quem dê seus amores
 Ao bom San Martinho!

Os santos são muitos; mas tão populares
 Como é San Martinho,
 Com tantos festeiros, com tantos altares,
 Não ha nenhum santo;
 Nem quem mais mereça singelos amores
 Do que é San Martinho!

No dia da festa do santo mais santo
 Da côrte celeste,
 Saudemos alegres, aqui n'este canto,
 Quem bebe bom vinho;
 Jurando devotos eternos amores
 Ao bom San Martinho!

TROLHA D'AFIFE

CHOREOGRAPHICA

À Ex.^{ma} S^{ra}. D. Maria Augusta de Sampaio da Cunha Pimentel Carvalho.

39 *Andante*
dolce
 Ai! oh mo - ças dan - - çae o vi - ra,

ai! oh mo - ças dan - - çae o vi - ra, ai! que lá

vem a vi - ra - ção, ai, que lá vem a vi - ra -

ção. ^{8^a} *f* O-ra vi-ra, vi - ra, na fo - lha da

can - na, o - ra vi - ra, vi - ra, na fo - lha da

The musical score is written for piano and voice. It consists of five systems of music. Each system has a vocal line on a treble clef staff and a piano accompaniment on a grand staff (treble and bass clefs). The key signature is one flat (B-flat) and the time signature is 2/4. The tempo is marked 'Andante' and the first system includes the instruction 'dolce'. The lyrics are in Portuguese and describe a scene of a girl looking at a man from behind a tree. The score includes a repeat sign with an 8th measure mark and a dynamic marking of 'f' (forte).

can - na, sou um po-bre tro - lha ve - nho de Vi -

an - na, sou um po-bre tro-lha ve - nho de Vi - an - - na. D. C.

Recolhida, em 1850, pelo extinto professor de musica e celebre violinista portuense, João Antonio Ribas.

Ai! oh moças,
Dançai o vira,
Ai! que lá vem
A viração.

Ora vira, vira,
Na folha da canna,
Sou um pobre trolha
Venho de Vianna.

Ai! cachopas
Mais vira, vira,
Ai! que chegou
A viração.

Ora vira, vira, etc.

Ai meninas,
Vira que vira,
Já sopra além
A viração.

Ora vira, vira,
Na folha da canna,
Sou um pobre trolha,
Venho de Vianna.

Ai meninas,
Vira revira,
Que já se foi
A viração.

Ora vira, vira, etc.

DANÇA.—Os pares formam: cavalheiro em frente da dama, e vão girando em roda a compasso, e no estribilho vão dando voltas cada um sobre si á maneira que dizem a palavra *vira*.

PERA VERDE

CHOREOGRAPHICA

À Ex.^{ma} Sr.^a D. Felismina Candida Cerqueira Montenegro.

40 *Andantino*

To-da a me - ni - na bo - ni - ta não ha - vi - a de nas - cer, é co -
 mo pe - ra ma - du - ra to - dos a que - rem co - mer. *f* Dés-te -
 Vo-cê

me u - ma pe - ra ver - de pa - ra eu a - ma - du - rar; pe - ra
 não me ha de en - ga - nar, vo - cê ãe me en - ga - na, não; pe - ra

ver-de oh da ver-de pe - ra, vo-cê não me ha de en-ga- nar.
 ver-de oh da ver-de pe - ra, a-mor do meu co-ra- ção.

A laranja, quando nasce,
 Logo nasce redondinha,
 Também tu, quando nasceste,
 Logo foi para ser minha.

Tenho uma maçã dourada
 Ao canto do meu bahu,
 Para dar ao meu amor,
 Queira Deus não sejas tu.

Quando te não conhecia
 Nada de ti se me dava;
 Sem pensamentos dormia,
 Sem cuidados acordava.

D'aqui para a minha terra
 Tudo é caminho chão,
 Tudo são cravos e rosas
 Dispostos por minha mão.

Recolhida em Oliveira do Conhedo por F. P. Nogueira, em 1887.

DANÇA.—Em grande roda de mãos dadas os primeiros oito compassos; no estribilho «pera verde», *grand'chaine*; e na repetição—«Você não me ha de enganar», continuam a andar em roda, soltando as mãos e fazendo com o dedo indicador o signal negativo, durante quatro compassos; nos outros quatro dá cada individuo duas voltas sobre si mesmo.

PIROLITO

CANTIGA DAS RUAS

À Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Portella Sobral.

Andante

41 *p* Tu di-zes que não, que não, in - da has de vir a
querer; tan-to dá a a-gua na pe - dra que a faz a-mol - le -
cer. *f* Pi-ro - li-to que ba - te que ba - te, Pi-ro - li-to que já ba -
D. C.
teu, quem gos-ta de mim é el - la, quem gos-ta d'el-la sou eu.

The musical score is written for piano and voice. It consists of four systems of music. The first system starts with a treble clef, a key signature of one flat (B-flat), and a 2/4 time signature. The tempo is marked 'Andante'. The first system includes a piano dynamic marking 'p' and the lyrics 'Tu di-zes que não, que não, in - da has de vir a'. The second system continues the melody with lyrics 'querer; tan-to dá a a-gua na pe - dra que a faz a-mol - le -'. The third system features a forte dynamic marking 'f' and lyrics 'cer. Pi-ro - li-to que ba - te que ba - te, Pi-ro - li-to que já ba -'. The fourth system concludes with 'D. C.' and lyrics 'teu, quem gos-ta de mim é el - la, quem gos-ta d'el-la sou eu.' The piano accompaniment consists of a simple harmonic line in the right hand and a bass line in the left hand.

Tu dizes que não, que não,
Inda has de vir a querer;
Tanto dá a agua na pedra
Que a faz amollecere.

Meu amor, quem cala vence,
Mais vence quem não diz nada;
Em certas occasiões,
Mais vale bocca calada.

Muito padece quem ama,
Mais padece quem adora,
Mais padece quem não vê
O seu amor a toda a hora.

Pirolito que bate que bate.
Pirolito que já bateu;
Quem gosta de mim é ella,
Quem gosta d'ella sou eu.

Quem de mim te poz tão longe,
Não teve boa eleição;
Quanto mais longe da vista,
Mais perto do coração.

Eu hei de te amar, amar,
Hei de te querer, querer;
Hei de te tirar de casa
Sem teu pae, nem mae saber.

Foi esta uma das musicas com que o Visconde de Castilho fez cantar, nas escolas primarias, em 1850, o seu methodo repentino de leitura.



HYMNO DO TRABALHO

CANTO ESCOLAR

À Ex.^{ma} Snr.^a D. Francisca do Carmo Leite dos Santos.Letra de A. F. de Castilho.
Musica de Moraes Pereira.

42 *f*

VOZ

No re-

ga - ço do lu - xo a o-pu - len - cia os can - ça - ços do ó - cio mal -

diz. En-tre as lu - ctas sor-ri a in - di - gen - cia, com o pão

Detailed description: This is a musical score for a school song. It consists of five systems of music. The first system is a piano introduction in G major, 2/4 time, marked 'f' and numbered '42'. It features a treble and bass clef with a key signature of one sharp (F#) and a common time signature (C). The melody in the treble clef includes a triplet of eighth notes. The second system continues the piano accompaniment. The third system introduces a vocal line (VOZ) with the lyrics 'No re-'. The fourth system continues the vocal line with the lyrics 'ga - ço do lu - xo a o-pu - len - cia os can - ça - ços do ó - cio mal -'. The fifth system concludes the vocal line with the lyrics 'diz. En-tre as lu - ctas sor-ri a in - di - gen - cia, com o pão'. The piano accompaniment continues throughout, providing harmonic support for the vocal line.

CORO

ne - gro se jul - ga fe - liz. Tra - ba - lhae, meus ir-mãos, que o tra-

ba - - lho é vir - tu - de, é ri - que - za, é vi - gor. Den-tre a or-

ches - tra da ser - ra e do ma - lho bro - tam vi - das, ci-da - des, a -

mor. Den-tre a or - ches - tra da ser - ra e do ma - lho bro - tam

D. C.

vi - das. ci-da - des, a - mor. bro-tam vi - das, ci-da - des, a - mor.

Este hymno data de 1852.

O author da letra faz a seguinte advertencia:

«E' incrível a rapidez com que este hymno se propagou na Ilha de S. Miguel até ao fundo da classe menos litteraria e menos cantante. Em poucas semanas, depois que se estreou na primeira exposição Industrial da Sociedade dos Amigos das Letras e Artes, cantavam-n'o os operarios nas officinas, os rusticos na lavoira, os descalços pelas ruas, as senhoras nas suas casas de lavor e nas suas salas; cantavam-n'o os barqueiros e pescadores, cantavam-n'o os soldados; cantavam-n'o os presos; todos o cantavam.

A belleza da musica, era a unica explicação d'este phenomeno; tinha dado fortuna á poesia.

Depois que em Portugal se abriram escolas de leitura pelo novo methodo, d'ellas se diffundiu com equal generalidade este cantar, a que eu já quero muito bem, por ter mostrado a experiencia, que ha n'elle realmente certa virtude, que, ao menos emquanto elle soa, e na meia hora que apoz vem, concita os braços e as vontades para o trabalho. N'este sentido atrevo-me a recomendar-o aos donos de fabricas e officinas e ás mães de familia como um bom afugentador de somnolencias nos serões do inverno.»

HYMNO DO TRABALHO

No regaço do luxo, a opulencia
Os canções do ócio maldiz;
Ente as lidas, sorri a indigencia;
Co'o pão negro se julga feliz.

Trabalhar, meus irmãos, que o trabalho,
E' riqueza, é virtude, é vigor,
D'entre a orchestra da serra e do malho
Brotam vidas, cidades, amor.

Deus impondo ao peccado a fadiga,
Tê na pena sorriu paternal;
O que vence a perguiça inimiga,
Reconquista o Eden terreal.

Trabalhar, meus irmãos, etc.

Quem dá graças aos Ceus ao sol posto?
Quem lh'as dá vendo a aurora raiar?
E' o obreiro: o suor lhe enche o rosto;
Mas seus dias não turva o pezar.

Trabalhar, meus irmãos, etc.

O que vive na inercia aborrida,
Não sómente é d'irmãos roubador;
E' suicida; é mais vil que o suicida;
E' suicida a quem falta o valor.

Trabalhar, meus irmãos, que o trabalho,
E' riqueza, é trabalho, é vigor,
D'entre a orchestra da serra e do malho
Brotam vidas, cidades, amor.

Caia opprobrio no vil ocioso,
Que desherda o presente e o porvir!
Só á noite compete o repouso;
Só aos mortos o eterno dormir.

Trabalhar, meus irmãos, etc.

Mar e terra, Ar e Ceu, tudo lida:
Deus a todos poz luz e deu mãos:
Lei suprema o trabalho é na vida;
Trabalhar, trabalhar, meus irmãos!

Trabalhar, meus irmãos, etc.

JÁ NÃO QUERO SER CASADO

CANÇÃO

À Ex.^{ma} Sr.^a D. Arminda da Gloria Lima.

Allegretto

43 *f* De sol - tei - ro é mau es - ta - do, vi - ve um

ho - mem sem - pre só, sem nin - guem d'el - le ter

dó, sem na - da ter ar - ran - ja - do, Quem me

de - ra ser ca - sa - do. quem me de - ra ser ca - sa - do.

D. C.

Ter um botão despregado,
A camisa por coser,
E mil voltas p'ra fazer,
Sem nada ter arranjado;
Quem me dera ser casado.

Acordar sobresaltado
Ao chorar d'algum néné,
Perguntar quem está, quem è,
Julgando que está roubado...
Já não quero ser casado.

Ver-se um homem obrigado,
A recolher quando as gallinhas,
Ir p'ra casa, ouvir zanguinhas
Ser da esposa seringado;
Já não quero ser casado.

A sopeira e o creado,
Recostados na cosinha,
Ambos a comer gallinha,
E o patrão peixe salgado;
Quem me dera ser casado.

De manhã ser obrigado,
A largar algum dinheiro,
P'ra leiteira e p'ro padeiro,
Que não dão nada fiado;
Já não quero ser casado.

Já não quero ser casado,
Quem me dera dormir só,
Se filhos tiver um dia,
Dou a creal-os á avó.
Dou a creal-os á avó.

SOU MARINHEIRO

CHOREOGRAPHICA

À Ex^{ma} Snr.^a D. Maria Amelia Mollarinho Ramos.

Andantino

44

D'a - qui ao Por - to é lon - - ge, não che-gam lá meus sen -

ti - - dos; quan-do el - les lá che- ga - - rem, i - rão mais mor-tos que

vi - - vos. *p cres.* Sou ma - ri - nhei - ro, nas - ci no

mar; *p* quan - do as on - das me vem bei - jar, *cres.* di - go, al -

ti - vo, rin-do tam - bem : bei - jos das on-das são bei-jos de mãe.

D. C.

The musical score is written for piano and voice. It consists of five systems of music. Each system has a vocal line on a treble clef staff and a piano accompaniment on a grand staff (treble and bass clefs). The key signature is one sharp (F#) and the time signature is 6/8. The tempo is marked 'Andantino'. The score includes lyrics in Portuguese. The first system starts with the number '44'. The piano accompaniment features a steady eighth-note pattern in the right hand and a similar pattern in the left hand. The vocal line has a melodic contour that follows the rhythm of the piano accompaniment. The score ends with a 'D. C.' (Da Capo) marking.

Recolhida em Penacova por F. P. Nogueira, em 1889.

DANÇA.—Os primeiros oito compassos dançam-se de roda girando as damas sempre voltadas para os cavalheiros; os outros oito compassos dançam-se em passo de valsa, prefazendo dois giros cada par.

SOU MARINHEIRO

Escrevi teu lindo nome
Na branca areia do mar,
Vieram as tristes ondas
C'o teu nome navegar.

Sou marinheiro,
Nasci no mar;
Quando as ondas
Me vem beijar,
Digo altivo,
Rindo tambem:
—Beijos das ondas
São beijos de mãe.

Eu fui ao mar buscar lume,
Embarquei n'uma faisca;
Namorei-me dos teus olhos
Logo á primeira vista.

Os peixes viver não podem
Separados da agua fria;
Eu tambem viver não posso
Sem a tua companhia.

Oh castello não te rendas
Deita bandeira se queres;
No combate dos amores
Quem vence são as mulheres.

Atirei ao verde verde,
Atirei ao verde mar,
Atirei com meus sentidos
Onde puderam chegar.

Coitadinho de quem tem
Seu amor além do rio;
Quer-lhe fallar e não pôde,
Do coração faz navio.

Se eu soubera ler no mar,
Lêra no teu interior;
Via no teu coração
Se ainda me tens amor.

Sou marinheiro,
Olé que eu sou,
Que é da barquinha
Que se afundou?
Que se afundou,
Aonde andará?
Lá no mar alto
Se encontrará.

Oh menina tenha allento
Como as areias do mar;
Que estes rapazes de agora
De nada se vão gabar.

Já passei o mar a nado
Nas ondas do teu cabelo...
Agora posso dizer
Que passei o mar sem medo.

Pelo cantar da sereia
Se perdem os navegantes;
Perdem-se as mães pelos filhos,
As damas pelos amantes.

Já passei o mar a nado,
A nado como uma enguia;
Mais vale não ter amores,
Do que passar por agua fria.

Corri todo o mar á roda,
Co'uma vela branca accessa;
Em todo o mar achei fundo,
Só em ti pouca firmeza.

DÁ-ME OS TEUS BRAÇOS

CHOREOGRAPHICA

Ex.^{ma} Snr.^a D. Leopoldina d'Abreu Magalhães.

54 *Andante*
dolce

A - mei e fui in - fe - liz, ju - rei nun -

ca mais a - mar; os teus o - lhos me fi - ze - -

ram meu ju - ra - men-to que - brar. Es - sa tu -

a mão de ne - - - ve quan-do na mi - nha pe-gou,

de - vé - ras ti - nha fei - ti - - - ços, que lo - go

crés.

me en-fei - ti - çou. Dá-me os teus bra - ços, sem ser lou -

dim.

cu - - ra, oh que de - li - - rio, oh que ven - tu - ra.

Amei e fui infeliz,
Jurei nunca mais amar;
Os teus olhos me fizeram
Meu juramento quebrar.

Essa tua mão de neve,
Quando na minha pegou,
Devéras tinha feitiços,
Que logo me enfeitiçou.

Dá-me os teus braços,
Sem ser loucura;
Oh que delirio,
Oh que ventura.

Fechei na mão um sorriso
Da tua bocca formosa,
Quando fui a abrir a mão
Tinha-a toda côr de rosa.

O meu coração é um pobre,
Um pobresinho sem lar:
Dá-lhe tu que és rica e nobre,
A esmola do teu olhar.

Dá-me os teus braços, etc.

Aos olhos da minha fronte
Vinde os cantaros encher;
Não ha assim segunda fonte
Com duas bicas a correr.

Vou a encher a bilha e trago-a,
Vazia como a levei:
Mondego, que é da tua agua?
Qu'ê dos prantos que eu chorei?

Dá-me os teus braços,
Sem ser loucura;
Oh que delirio,
Oh que ventura.

Eu gosto de te encontrar,
E tremo quando te vejo;
Por não te poder fallar
Como era meu desejo.

Nos jardins de Salamanca,
Nas margens do rio Tormes,
Colhi uma rosa branca,
Eras tu, anjo que dormes.

Dá-me os teus braços, etc.

DANÇA. — Os pares passeiam em circulo durante dezeseis compassos sobre a direita e outros dezeseis sobre a esquerda. No estribilho, muda-se para passo de valsa e abraçam-se.
Recolhida em Villa Real por F. P. Nogueira.

A DESPEDIDA

CANÇÃO DAS FURNAS

À Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria Thereza Soares da Cunha.

Moderato
dolce

46

N'es - ta Cin - tra mi - chae - len - se, n'es - te bos - que

se - du - ctor, no ca - sal que me per - ten - ce pas - so a

vi - da com sa - bor. *f* A ven - tu - ra, que a - qui du - ra,

no al - ber - gue do pas - tor, tal mis - tu - ra de ver -

du - ra, diz es - p'ran - ça, diz a - mor. *D. C.*

The musical score is written for piano and voice. It consists of five systems of music. Each system has a vocal line on a treble clef staff and a piano accompaniment on a grand staff (treble and bass clefs). The key signature is one flat (B-flat) and the time signature is 3/4. The tempo is marked 'Moderato' and the mood is 'dolce'. The score includes lyrics in Portuguese. The first system starts with the number '46'. The second system has a dynamic marking 'f' (forte) under the word 'A'. The third system has a dynamic marking 'f' under the word 'A'. The fourth system has a dynamic marking 'f' under the word 'A'. The fifth system ends with the instruction 'D. C.' (Da Capo).

A DESPEDIDA

N'esta Cintra michaelense,
N'este bosque seductor,
No casal que me pertence
Passo a vida com sabor.

A ventura,
Que aqui dura
No albergue do pastor,
Co'a mistura
De verdura
Diz esperança, diz amor!

Mui brilhantes distracções
Tem a vida na cidade;
Mas aqui os corações
Batem com mais liberdade.

A ventura, etc.

Este val é minha terra,
E' minha terra natal;
E as bellezas que encerra
No mundo não tem rival.

A ventura, etc.

Adeus bosques innocentes,
Adeus tristes salgueirae,
Adeus aguas das correntes,
Talvez para nunca mais.

A ventura,
Que aqui dura
No albergue do pastor,
Co'a mistura
De verdura
Diz esperança, diz amor!

Sôa a hora da partida,
Hora cruel e fatal,
Tão desejada e temida
Como não ha outra igual.

A ventura, etc.

Adeus, Furnas, vou deixar-te,
Por lei do fado cruel;
Para sempre abandonar-te
Linda flor de S. Miguel.

A ventura, etc.

OH SENHOR LADRÃO

CHOREOGRAPHICA

À Ex.^{ma} Snr.^a D. Augusta Marianna da Silva Tamegão.

Moderato

47

A' en - tra - da d'El - vas 'stão du - as ca - dei - ras, á

en - tra - da d'El - vas 'stão du - as ca - dei ras, u - ma p'r'as ca - sa - das ou -

tra p'r'as sol - tei - ras, u - ma p'r'as ca - sa - das ou - tras p'r'as sol - tei - ras.

A' entrada d'Elvas
Estão duas cadeiras,
Uma p'r'as casadas
Outra p'r'as solteiras.

Outra p'r'as solteiras,
Oh verde limão,
Rapaz que é janota
Rouba que é ladrão.

Oh senhor ladrão,
Ande ligeirinho,
Não queira ficar
Na roda sósinho.

Na roda sosinho,
Não hei de ficar,
A's bellas madamas
Me hei de abraçar.

Este ladrão novo
Que agora entrou,
Deixal-o roubar,
Qu'inda não roubou.

Se fôres a Elvas,
Eu também lá vou,
Buscar uma rosa
Que me lá ficou.

A' entrada d'Elvas
Achei um dedal
Com letras que dizem,
Viva Portugal.

A' entrada d'Elvas
Eu achei achei,
Letrinhas que dizem,
Viva o nosso rei.

Oh Elvas, oh Elvas,
Badajoz á vista,
Ja não faz milagres
S. João Baptista.

Se fôres a Elvas,
Vae á Piedade,
Qu'è a melhor coisa
Que tem a cidade.

A' entrada d'Elvas
Achei um annel
Com letras que dizem,
Viva D. Miguel.

Se fôres a Elvas,
Segue direitinho,
Olha não tropeces,
Qu'è mau o caminho.

Recolhida em Almaça, concelho de Penacova, em 1882, por F. P. Nogueira. Esta musica data do principio d'este seculo e é muito vulgar em todo o paiz.

DANÇA. — Grande roda, todos os pares de mãos dadas, e um cavalheiro no meio, giram sobre a direita. durante a primeira quadra; ao findar a segunda quadra os pares soltam as mãos e o cavalheiro que estava só procura tomar uma dama; o que fica sem par faz o mesmo; e aquelle que fica sem dama vae para o meio.

HYMNO PATRIOTICO

DA

NAÇÃO PORTUGUEZA

COMPOSTO E OFFERECIDO POR MARCOS ANTONIO PORTUGAL

AO PRINCIPE REGENTE D. JOAO

À Ex.^{ma} Snr.^a D. Fernanda Catalã do Amaral Ozorio de Mesquita.

Andante imperioso

48

8ª

f

VOZ

p Eis, Prin - - - ci - - - pe ex - cel - - so. os vo - - - tos sa -

gra - - - dos, que os lu - - sos hon - ra - - dos vem

li - - vres vem li - - vres fa - zer, *f* vem

li - - - vres fa - zer; *ff* **CORO** *f* Por vós, pe - la

pa - tria, o san - - - gue da - - - re - mos; por



glo - . ria só te - - mos ven - - - cer ou mor-

This system contains the first line of the musical score. It features a vocal line in the upper staff and a piano accompaniment in the lower staff. The lyrics are "glo - . ria só te - - mos ven - - - cer ou mor-". The piano part consists of dense chordal textures.



rer, ven - cer ou mor- rer, ou mor-

This system contains the second line of the musical score. The lyrics are "rer, ven - cer ou mor- rer, ou mor-". The piano accompaniment continues with similar chordal patterns.



rer, ou mor- rer. *D. C.*

This system contains the third line of the musical score. The lyrics are "rer, ou mor- rer." followed by a double bar line and the instruction "*D. C.*". The piano part features a more active melodic line in the right hand.



This system contains the fourth line of the musical score, which is purely instrumental for the piano. It features a complex texture with multiple voices in both hands, including some sixteenth-note passages.



This system contains the fifth and final line of the musical score on this page. It continues the instrumental piano part, ending with a final chord in the right hand.

HYMNO PATRIOTICO DA NAÇÃO PORTUGUEZA

Eis, principe excelso,
Os votos sagrados,
Que os Lusos honrados,
Vem livres fazer.

Por vós, pela patria,
O sangue daremos,
Por gloria só temos:
Vencer ou morrer.

Cruel inimigo
Debalde se avança;
De Affonso a herança
Eterna ha-de ser.

Por vós, etc.

Da guerra os horrores,
As perdas, os damnos,
Fieis lusitanos
Não sabem temer.

Por vós, pela patria,
O sangue daremos,
Por gloria só temos:
Vencer ou morrer.

Aos mares vos déstes,
A bem dos vassallos,
Julgando livral-os
De impio poder.

Por vós, etc.

Mal grado o tyranno,
Em breve vireis,
Os Lusos fieis,
Vós mesmo reger.

Por vós, pela patria,
O sangue daremos,
Por gloria só temos:
Vencer ou morrer.

Um Deus vos escude,
Oh Principe Caro:
Deus é nosso amparo,
Não ha que temer.

Por vós, etc.

NOTA. — Marcos Antonio Portugal escreveu a musica d'este hymno, dedicado ao principe regente (D. João VI), quando este monarcha se retirou para o Brazil, por causa da invasão franceza.

O exemplar que possuímos têm só quatro estrophes; a 2.^a e 3.^a encontramol-as na *Muza das Revoluções* do snr. Alberto Pimentel.

Possuímos uma variante d'esta poesia, impressa em folheto, tendo um preambulo e sete estrophes, que em seguida trasladamos. Vê-se que este folheto fôra mandado imprimir por uma companhia dramatica, quando D. João já era rei.

HYMNO NACIONAL

«A poesia do HYMNO PATRIOTICO, cuja musica foi composta pelo insigne professor *Marcos Antonio Portugal*, era toda filha das circumstancias do tempo da sua organização; vindo por este motivo a formar simplesmente uma Canção particular e não generica e Nacional; no entanto agradou, e agrada pela expressão marcial, com que aquellas duas Artes, de mãos dadas, souberam grangear justiceiros applausos, estimulando ao mesmo passo os valorosos animos portuguezes, e convidando-os á continuação de heroicas acções: cumpriu por tanto, para ser favorecido este bem entendido gosto e para alongar a duração do HYMNO, approprial-o mais ao estado actual das coisas, e generalisal-o quanto fosse compativel; por cuja razão, aproveitando-se o essenciaal, se lhe fez (medeando o genio hostile) a alteração, que ao diante se segue, e que a Companhia Nacional, mandando imprimir, julgou a proposito ter a honra de offerecer aos sabios, e respeitaveis expectadores, cuja protecção generosa a ennobrece, e felicita.»

HYMNO

1.º

Eis, oh Rei Excelso,
Os votos sagrados,
Que os Lusos honrados
Vem livres fazer.

Por Ti, pela Patria,
O sangue daremos,
Por gloria só temos
Vencer ou morrer.

2.º

A Lysia salvando,
Aos mares te lanças,
Do Monstro as esperanças
Fazendo perder.

Por Ti, pela Patria,
O sangue daremos,
Por gloria só temos
Vencer, ou morrer.

3.º

Quanto as Nações Grandes
Obraram d'Espanto,
No lance outro tanto
Podeste fazer.

Por Ti, pela Patria,
O sangue daremos,
Por gloria só temos
Vencer, ou morrer.

4.º

Dous mundos unindo,
Um reino formaste,
Politica obraste,
Cresceu-te o poder.

Por Ti, pela Patria,
O sangue daremos,
Por gloria só temos
Vencer, ou morrer.

5.º

Quem tem como Tu
Imperio nas almas,
Sem custo vê palmas,
Vê louros crescer.

Por Ti, pela Patria, etc.

6.º

Será Portugal
Eterno, e ditoso,
Quem é virtuoso
Não lhe acaba o ser.

Por Ti, pela Patria, etc.

7.º

Um Deus te defende
Monarcha potente;
Ourique não mente,
Não ha que temer.

Por Ti, pela Patria, etc.

AO MENINO DEUS

LOAS PASTORIS

À Ex.^{ma} Snr.^a D. Izabel Maria de Carvalho.

Andante

49 *dolce*

En - trae, en - trae pas - to - ri - - - nhos, por es - - te

por - tal sa - gra - - - do; vin - de ver o Deus Me - ni - - -

D. C.

no, n'u - mas pa - lhi - nhas dei - ta - - - - do.

Entrae, entrae, pastorinhos,
Por este portal sagrado;
Vinde ver o Deus Menino,
N'umas palhinhas deitado.

As palhinhas deitam lírios;
Menino, sois meus allivios.
As palhinhas deitam cravos;
Menino, sois meus cuidados.

Vimos dar as boas-festas
A estes nobres senhores.
Que é nascido o Deus Menino,
Em Belem entre os pastores.

Já a redempção humana
Chegou ao praso marcado;
Em Belem nasceu, ha dias,
O Messias desejado.

—Oh meu menino Jesus,
Que é da vossa cabelleira?
—Deixei-a em Santa Clara,
No regaço d'uma freira!

—Oh meu menino Jesus,
Oh minha mimosa flôr:
Fizeste-vos tão pequenino,
Sendo tão grande Senhor!

—Oh meu menino Jesus,
Boquinha de marmellada,
Quem vol-a comêra toda,
Sem lhe deixar ficar nada!

—Oh meu menino Jesus
Que estaes sobre o altar,
Quando fôr missa acabada,
Quem irá sem vos beijar?

Já se ouve a gaita de fôlle,
Já nasceu o Deus Menino,
Gloria do ceu e da terra,
Seu thesouro peregrino.

CARINHOSA

CHOREOGRAPHICA

À Ex.^{ma} Snr.^a D. Candida Moreira.*Andantino*

50

O - lhos pre - tos co-mo os te - - us tão

lin - dos in-da os não vi, tão mei-gos, tão ex-pres-si - vos, que a ve-los qua-si mor-

ri. Só n'es - - te mun-do se pas - sam fa - di - - gas;

Só n'es - - te mun-do se pas - sam fa - di - - gas, Pa - re - ce que 'stás jo-

gan - do com-mi-go as es-con-di-das; pa - re - ce que 'stás jo-gan - - do com-

mi - go as es-con - di-das. Oh ca - ri - nho - sa mi - nha ca - ri - nho - sa, oh ca - ri - nho - sa mi - nha ca - ri -

nho - sa, com - ti - go m'hei de a-bra - çar, ó ca - ra de ne - ve, ó ca - ra de ro - sa.

Esta noite sonhei eu
Que dois negros me matavam;
Mas eram esses teus olhos
Que de noite me fitavam.

Só n'este mundo
Se passam fadigas...
Parece que estás jogando
Commigo as escondidas...

O' carinhosa, minha carinhosa;
Comtigo me hei de abraçar,
O' cara de neve,
O' cara de rosa.

Lindos olhos de matar,
Sobrancelhas de sorrir;
Tendes a côr demudada;
Isso é de não dormir.

Eu defronte e vós á vista,
Eu fallo, vós não fallaes:
Dae-me um aceno com os olhos,
Já que não póde ser mais.

Volve a mim teus lindos olhos,
Que olhar só não é defeito;
D'este modo vae nascendo
Terno amor dentro do peito.

Dois olhos que tens no rosto
Parecem-me dois ladrões;
Elles póstos n'uma estrada
Podem roubar corações.

Costumei tanto os meus olhos
A namorarem os teus,
Que de tanto confundil-os
Nem já sei quaes são os meus.

Olhos pretos vão á fonte
Não sei que lá vão buscar;
Não sei se vão buscar agua,
Se penas para nos dar.

Se os teus olhos são brilhantes
Que prendem meu coração,
Se os teus braços são cadeias
Amor, me entrego á prisão.

O teu peito é um altar,
Com vellas e castiçaes;
Os santos que lhe eu adoro
São teus olhos, nada mais.

No dia em que tu nasceste,
Nasceram todos os soes,
E na pia do baptismo
Cantaram os rouxinoes.

Recolhida em Penacova por F. P. Nogueira.

DANÇA: — Formam grande roda e dançam, girando sobre a direita, enquanto cantam a 1.ª quadra. Quando dizem a primeira vez: — *Só n'este mundo se passam fadigas*, voltam-se os cavalheiros para as suas damas fazendo gestos de lamentação; na segunda vez, voltam-se para as damas contrarias, repetindo o mesmo. Quando dizem (1.ª vez): — *Parece que estás jogando*, etc., etc., os cavalheiros voltam as costas para as damas e unidos de costas, fazem meiguices uns aos outros. Na segunda vez, repetem com as damas contrarias. Quando dizem: — *O' carinhosa, minha carinhosa*, 1.ª vez, dançam os cavalheiros com as suas damas, dando estalos com os dedos. Na repetição, fazem o mesmo com as damas contrarias. Os últimos compassos dançam em passo de polka.

NOITE DE NATAL

LENDA RELIGIOSA

Á Ex.^{ma} Snr.^a D. Adozinda Barboza.

Andante UMA VOZ

51 *mf.* Pe - la noi - te de o na - tal, noi - te de tan - ta a - - le -

CORO *f.* gri - - a, Pe - - la noi - - te de o na - tal, noi - - te

UMA VOZ *mf.* de tan - - ta a - - le - gri - - a Ca - - mi - nhan - do vae Jo -

CORO *f.* sé, ca - - mi - nhan - do vae Ma - ri - - a, Ca - - mi -

D. C. nhan - do vae Jo - sé, ca - mi - nhan - do vae Ma - ri - - a.

NOITE DE NATAL

Pela noite de natal,
Noite de tanta alegria,
Caminhando vae José,
Caminhando vae Maria.

Ambos os dois p'ra Belem,
Mais de noite que de dia,
E chegaram a Belem,
Já toda a gente dormia.

Porteiro, abri a porta,
Porteiro da portaria.
A porta não quiz abrir
A gente que não conhecia.

Dilatem-se ahi, senhores,
Até que rompa o dia.
Não encontrando pouzada,
Foram p'ra uma estrebaria.

S. José foi buscar lume,
Porque a noite estava fria;
E do ceu veio uma estrella
Que todo o mundo alumia.

Quando S. José voltou,
Já viu a Virgem Maria,
Com o Deus Menino nos braços
Que no seu veu envolvia.

E veio um Anjo do Ceu,
Cantando — Avé-Maria;
E Deus-Padre perguntou
Como ficára Maria.

A Maria ficou boa,
Lá em uma estrebaria,
Entre um boi e uma mula,
E S. José por companhia.

Gloria seja a Deus-Padre,
E a Jesus Christo tambem;
Gloria seja ao Espirito-Santo,
Para todo o sempre. Amen.

Com esta musica cantam-se tambem as Janeiras. E' nas noites de 31 de Dezembro e 1.º de Janeiro, costume antiquissimo o darem-se as boas-festas por meio de descantes, a gente do povo, e para isso reúne-se um grupo de homens e mulheres, (4, 5 ou 6 individuos, ás vezes mais) e vão á porta das pessoas das suas relações cantar as Janeiras. Depois das cantigas que tem relação com o nascimento de Jesus, seguem-se outras cantigas, a que chamam *Vivas* e são dirigidas ás pessoas da casa; a musica dos *Vivas* é quasi sempre a da chula local ou a da *Canna-verde*, porém n'um andamento muito lento, e com compassos de espera de verso a verso, talvez para se entender bem a letra, e para dar tempo ao cantor a improvisar o verso.

No fim o dono da casa manda dar uma esportula ou um beberete.

Os grupos phylarmonicos que improvisam estes descantes, compõe-se variavelmente da seguinte fórma, pela ordem indispensavel das vozes e instrumentos: uma ou duas sopranos, ou um tenor, para solos. Os córos são cantados por quasi todos os que tocam; o instrumental é formado por viola, ferrinhos, violão, rebeca, flauta, guitarra, bandolim e violoncello, e algumas vezes, pandeiro e castanholas.

JANEIRAS

VIVAS

À Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria da Gloria Vasconcellos.

Largo

52

Vi - - va

o se - - nhor An - - to - - nio (1) Deus lhe

de mui - ta a - - le - - gri - - a,

Vi - - va tam - - bem sua es - - po - - sa,

mais a bel - - la com - - pa - - nhi - - a.

(1) Por exemplo:

Principiam sempre pelo nome do chefe ou dona da casa e vão descendo pela ordem de parentesco ou da respeitabilidade dos comensaes.

AS JANEIRAS

As janeiras não se cantam
Nem aos reis, nem aos coroados;
Mas nós vimol-as cantar,
Por ser annos melhorados.

Gosae, sim, senhor, sempre,
Mil prazeres venturosos;
Que os bons annos principiem
A fazer-vos mais ditosos.

Os bons annos só se cantam
A quem contra o tempo rude,
Como vós, numera os passos,
Pelos passos da virtude.

Bons annos, felizes annos,
Aqui vos vimos cantar;
Se o ceu cumprir nossos votos,
Muitos haveis de contar.

Viva o senhor Antonio,
Deus lhe dê muita alegria;
Viva tambem sua esposa,
A senhora D. Maria.

Viva a menina mais velha,
A snr.^a D. Emilia,
Por ser a mais linda flôr
Que ha em toda a familia.

Assim proseguem as cantigas, improvisadas, ás principaes pessoas da casa.
Ha outra fórma de *vivas* mais pittorescos e são esses os que os rapazes adoptam :

Viva o snr. F.
Quando põe o seu chapêu,
No meio da sua sala,
Parece um anjo do ceu.

Viva o senhor F.
Raminho de salsa crua;
Quando está á sua janella,
Allumia toda a rua.

Viva o senhor F.
Raminho de perfeição;
Quando está á sua janella,
Parece um manjaricão.

Estas cantigas applicam-se sempre e improvisam-se outras, conforme as circumstancias o permittem.

Viva a senhora . . .
Vestidinha de cambraia;
Quando se põe á janella,
Allumia toda a praia.

Viva a senhora . . .
Os annos que ella deseja;
Depois d'elles acabados,
Na gloria do ceu se veja.

Viva o senhor . . .
A sua cara é um sol,
Cercado de diamantes,
Com aljofres ao redor.

Viva a senhora . . .
Raminho de rosmaninho;
No meio da sua casa,
Parece mesmo um anjinho.

Viva o senhor . . .
Quando veste o seu collete,
No meio da sua sala
Parece um ramalhete.

Tambem viva, p'ra que viva,
Viva a Senhora da Hora;
Vivam moços e creados,
Para não ficarem de fóra.

Viva a senhora . . .
Raminho de salsa branca;
O seu corpinho é nevê,
A sua alminha é santa.

Viva o senhor . . .
Os annos que elle deseja;
Viva tambem uma rosa
Que elle levou á igreja.

Tambem viva, p'ra que viva,
Viva a folha do codeço,
Vivam os outros senhores
Que por nome não conheço.

Viva a senhora . . .
Raminho de perfeição;
Se ha de pôr os pés na rua,
Ponha-os no meu coração.

Viva o senhor . . .
Os annos que elle quizer;
Viva tambem uma rosa
Que Deus lhe deu por mulher.

Tambem viva, p'ra que viva,
Os compadres e parentes;
Vivam todos os da casa
E mais os que estão auzentes.

Depois d'estas cantigas se a esportula se demora, cantam as seguintes com a musica da *Canna verde*, ou outra qualquer em movimento vivo:

Vimos dar as boas-festas,
Nós também alegres vimos,
Mandem-nos o que poderem,
Bem sabeis p'ra quem pedimos.

Esta casa é bem alta,
Forrada de papellão;
Os senhores que n'ella moram
Mandem-nos dar um capão.

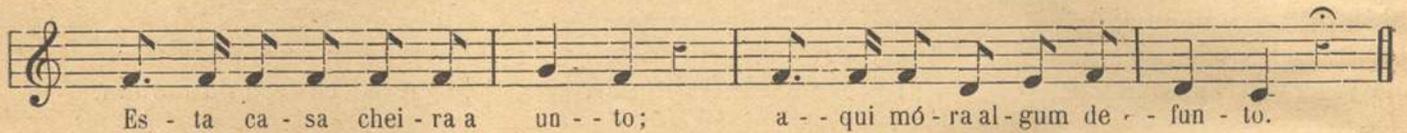
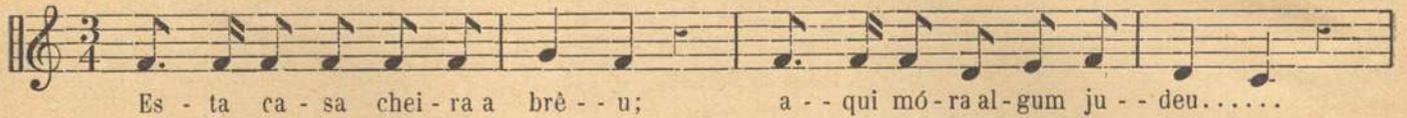
Ora venha, se ha-de vir,
Venha com desembaraço;
Aqui está á sua porta
O nosso moço do sacco.

Ora venha, se ha-de vir,
Não nos 'steja a delatar:
Que somos de muito longe,
Temos muito que andar.

Esta casa é bem alta,
Forrada de pau de pinho:
Os senhores que n'ella moram
Mandem-nos dar um quartinho.

Quer a deis, quer a não deis,
Sempre com Jesus fiqueis;
Quer a daes, quer a não daes,
Sempre com os Anjos ficaes.

Se os donos da casa não mandam dar alguma coisa então aquella gente entoa-lhe á porta a seguinte cantiga, em cantochão funebre:



Dizem que esta cantiga tem por origem a seguinte anedocta:

«Um aldeão velhaco e avaro fez, ás escondidas, uma boa ceia na noite de festa, mas um gracioso que lh'a presentiu pelo cheiro, introduziu-se-lhe, embrulhado em um lençol, pela chaminé e improvisou o canto que os bandos ou os esturdias applicam n'esta noite a quem lhe não dá nada. Conta-se que a surpresa fizera o effeito desejado, porque o avaro ao vêr a avantesma fugiu espavorido, deixando ficar a ceia que depois foi comida por uma sucia de trocistas».

Os rapazes menores, também formam grupos, para ir cantar as Janeiras com a mesma letra; a musica, porém, é variante conforme os limites das vozes infantis. O *instrumental* de que se servem é extravagante; compõe-se de ferrinhos ou qualquer objecto de ferro que imite o som do triangulo, castanholas ou conchas, campainhas e tambores feitos de pequenas barricas, ou panellas velhas tapadas com pelle de carneiro. Esta horrivel *phylarmonica* vae dar as boas-festas á porta das pessoas que conhece, para obter algum vintem ou uma mão cheia de figos. Se, porém, não lhe dão alguma coisa, em vez de cantarem os *vivas*, cantam a seguinte letra, com o rythmo dos tambores, em Allegro vivace



Depois tudo parte a fugir com receio d'alguma baldada d'agua ou d'outra qualquer judiaria.

A VIDA DO MARUJO

CANÇÃO

À Ex.^{ma} Snr.^a D. Alice d'Azevedo Motta.

53

Tris- te vi-da é a do ma- ru-jo, qual d'el- las a mais can- ça-da, que

pe - la tris- te sol - da - da pas- sa tor men - tos, pas- sa tor men tos. Don, don.

D. C.

Detailed description: The image shows a musical score for a song. It consists of two systems of music. The first system starts with a treble clef, a key signature of one flat (B-flat), and a time signature of 6/8. The melody is written on a single staff, and the accompaniment is on a grand staff (treble and bass clefs). The lyrics are written below the melody. The second system continues the melody and accompaniment, ending with a double bar line and the instruction 'D. C.' (Da Capo). The lyrics for the second system are also provided.

Andar á chuva e aos ventos,
Quer de verão, quer de inverno;
Parecem o proprio inferno
As tempestades!
Don, don.

Quando socegados estamos
No rancho a descansar,
Então é que ouço gritar:
Oh! leva arriba!
Don, don.

Quando parece cumprida
A noite p'ra descansar
Então é que ouço tocar
Certa matraca.
Don, don.

As nossas necessidades
Nos obriga a navegar,
A passar tempos no mar,
E aguaceiros.
Don, don.

O mestre logo se estriba,
Bradando d'esta maneira:
Moços, ferra a cevadeira
E o joanete.
Don, don.

O somno logo se atraca
Meu coração logo treme
Em cuidar que hei de ir ao leme
Estar duas horas.
Don, don.

Passam-se dias inteiros
Sem se poder cosinhar;
Nem tão pouco mal assar
Nossa comida.
Don, don.

Tambem dá o seu falsete
Não podendo mais gritar:
Cada qual ao seu logar
Até ver isto.
Don, don.

Lembram-me certas senhoras
Com quem eu tratei em terra,
Que me estão fazendo guerra
Ao meu dinheiro.
Don, don.

Arrengo de tal vida,
Que nos dá tanta canceira!
Sem a nossa bebedeira
Nós não passamos!
Don, don.

Mais me valera ser visto
A' porta d'um botequim,
Do que ver agora o fim
Da minha vida.
Don, don.

Foi um velho marinheiro
Que inventou esta cantiga,
Embarcado toda a vida
Sem ter dinheiro.
Don, don.

A VIDA DO FRADE

VARIANTE DA CANÇÃO DO MARUJO

À Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Magdalena de Jesus e Souza.

54

Tris te vi-da é a do fra - de, pe - or do que a da frei-ra, an -
 dar de noi-te á car - rei - ra em pe - ni - ten-cia, em pe - ni - ten-cia.

The musical score consists of two systems of music. The first system is numbered '54' and contains the lyrics 'Tris te vi-da é a do fra - de, pe - or do que a da frei-ra, an -'. The second system contains the lyrics 'dar de noi-te á car - rei - ra em pe - ni - ten-cia, em pe - ni - ten-cia.' Both systems are written in a grand staff with a treble and bass clef, a key signature of one flat (B-flat), and a time signature of 6/8. The music is a simple melody with a piano accompaniment.

Preciso ter paciencia
 P'ra o nosso noviciado,
 D'estar um anno encerrado
 Eu não sabia.

Logo disse não queria
 Ser frade n'este convento,
 Porque tão grande tormento
 Experimentei.

A' força eu professei
 Por meu pae assim querer;
 Sou defunto sem morrer
 Amortalhado.

Vivo n'um fogo abrasado
 Com este burel vestido,
 Quando me vejo despido
 Estou contente.

Quando me vejo doente,
 Mettido na enfermaria,
 E' quando tenho alegria
 Pelo descanço.

Se alguma licença alcanço
 Que a meus paes vou visitar,
 Se vão outros passear
 Eu tambem vou.

Logo que o canto voltou
 O meu bello companheiro
 Procura a rua primeiro
 De seus amores.

Se é doente, não tem dores
 Logo que solto se vê;
 Ainda que a gotta lhe dê
 Não é tão forte.

Cuido ir buscar a morte
 Quando subo esta ladeira,
 Quando desço é de carreira
 A toda a pressa.

De missas, uma remessa
 O guardeão sempre tem;
 Ganhar o frade um vintem
 Ora essa é boa.

Se morre alguma pessoa
 Que officio vamos resar,
 Todos juntos a cantar
 Eu quero velas.

De noite ás portas das cellas
 Certas matracas tocando,
 Vamo-nos alevantando
 Orar para o côro.

Eu com isso quasi morro;
 A's vezes somnanbulindo,
 Se estou resando ou dormindo,
 Tambem não sei.

Quando cuido dormirei
 Toca o sino d'agonia
 Vamos para a enfermaria
 Versos cantar.

O frade quasi a expirar,
 Sem acabar de morrer,
 Havemos de amanhecer:
 Ao côro vamos.

Toda a vida jejuamos,
 Sempre estando a jejuar,
 Passando sem almoçar,
 Sem ter dormido.

Ja morreu arrependido
 O nosso frade doente,
 Ponha-se tudo patente
 Que officio temos.

Graças a Deus, já resamos;
 Vamos para o refeitório
 Tomar um bom vomitorio
 De arroz cosido.

Se algum meu conhecido
 A frade se queira metter
 Digo logo: vá beber
 De arrosalgar.

Porque em vida tal
 Ninguém se venha metter,
 Antes se exponha a morrer
 Do que ser frade.

Do mesmo se queixa a madre
 Por acompanhar o frade,
 Por não ter a liberdade...
 E nada mais.

A VIDA DA FREIRA

CANTA-SE COM A MUSICA DA VIDA DO FRADE

Não sei para que nasci
De tão bello parecer;
Formosa, gentil mulher,
E tão bonita.

Metteram-me a capuchinha
Cá n'este pobre mosteiro,
Onde pago por inteiro,
Os meus peccados.

Nunca me faltam enfados
Em cuidar em tal clausura,
Pois se me faz noite escura
Ao meio dia.

Nunca terei alegria,
Nem no mundo a pôde haver,
Em cuidar que hei de comer
Em refeitorio.

Lá junto ao dormitorio
Onde dormem as mais madres,
Suspiram por seculares
Cá entre nós.

Em ver que dormimos sós
Me causa grande agonia,
Pois lá pela noite fria
Já me alevanto.

Agora faço o meu pranto,
Já me desvanço em choro,
Em cuidar que hei de ir ao côro
Rezar matinas.

Rezando as horas divinas,
Lá por esses corredores,
Me lembram os meus amores,
Por quem eu morro.

Toda a minha cella corro,
Indo-me ver ao espelho;
Meu rosto já vejo velho,
Sem que eu queira.

E a abbadessa ligeira,
Como malvada leôa,
Manda que tanjam a Nôa
E a disciplina.

Triste, coitada, mofina,
Que está mettida entre redes,
Entre tão fortes paredes,
Em casa escura.

A meu pae, eu torno a culpa,
E a meus irmãos tambem;
Podendo casar-me bem
Me desterraram.

A meu pae aconselharam
Que me não dêsse o meu dote;
Porque era melhor sorte
O ser eu freira.

Avisaram a porteira,
Tambem a madre abbadessa,
Que me mettesse em cabeça
Que casaria.

Eu como menina, cria,
Cuidando que era verdade,
Que qualquer freira ou frade
Casar podia.

Toda a gente me dizia
Que fosse sem arreceio,
Que havia aqui mais recreio,
Divertimento.

Agora que estou cá dentro,
Que ainda casar podia,
Eu vejo-me noite e dia
Aqui fechada.

Mais valêra ser casada,
De noite embalar meninos,
Do que andar a tocar sinos
No campanario.

Quando tudo é solitario
E estão todas a dormir,
Ainda estou a carpir
Magua tamanha.

Minha mãe, que Deus a tenha,
Deus lhe dê contentamento,
Deixou no seu testamento
Que me casassem.

E se bem não me espozassem,
Que me botem d'aqui fóra,
E da casa arrenegasse
Que não tem homem.

NOITE D'ENCANTO

CANÇÃO

À Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria Priscilla d'Almeida Brandão.

55 *Andantino*
dolce

Que noi - te d'en - can - to, que lu - ci - do man - to, que
 noi - te a - mo tan - to seu mu - do ful - gor. que noi - te a - mo
 tan - to seu mu - do ful gor. Oh vem, oh don - zel - la, não
 te - mas, oh bel - la, que á noi - te só ve - la quem so - nha d'a -
 mor... que á noi - te só ve - la quem so - nha d'a mor... *D. C.*

The musical score is written for piano and voice. It consists of five systems of music. Each system has a vocal line on a single staff and a piano accompaniment on two staves (treble and bass clef). The key signature is one flat (B-flat), and the time signature is 3/4. The tempo is marked 'Andantino' and the mood is 'dolce'. The lyrics are in Portuguese and describe a magical night. The score ends with a double bar line and the instruction 'D. C.' (Da Capo).

Esta canção, muito popularizada no Porto, data de 1854.

NOITE D'ENCANTO

Que noite d'encanto!
 Que lucido manto!
 Que noite! amo tanto
 Seu mudo fulgor!
 Oh! vem, oh donzella,
 Não temas, oh bella,
 Que á noite só vela
 Quem sonha d'amor.

A luz infinita
 Dos astros, crepita,
 Arqueja e palpita,
 Serena a brilhar:
 Assim o teu seio,
 De casto receio,
 D'amor e d'enleio,
 Costuma pulsar.

A lua, qual chamma,
 Que os seios inflama,
 Fanal de quem ama
 Desponta nos ceus;
 E a nitida fronte
 Retrata na fonte,
 E estende no monte
 Seus candidos veus.

E a fonte murmura
 Por entre a verdura,
 E ao longe d'altura
 Lá desce a gemer:
 Que sons, que folguedos!
 Parece aos rochedos
 Dizer mil segredos
 D'amor e prazer.

Silencio! o trinado
 Lá solta enlevado,
 Das noites o amado,
 Da selva o cantor;
 E o hymno que entôa
 No bosque resôa,
 E ao longe revôa
 Gemendo d'amor.

O facho da lua
 Co'a sombra fluctúa,
 Avança e recúa
 No chão do jardim;
 Nas azas da aragem,
 Que agita a folhagem,
 Recende a bafagem
 Da rosa e jasmin.

Que noite d'encanto!
 Que lucido manto!
 Que noite! amo tanto
 Seu mudo fulgor!
 Oh! vem, oh donzella;
 Não temas, oh bella,
 Que á noite só vela
 Quem sonha d'amor.



A RAPTADA

OU

O CARAVELLEIRO DO MONDEGO

À Ex.^{ma} Snr.^a D. Thomasia Miranda.

56 *Andantino*
mf.

Bar - ra fó - ra, bar - ra den - tro, so - bre a tol - da do na - vi - o, bar - ra

fó - ra, bar - ra den - tro, so - bre a tol - da do na - vi - o, ju - rei - te, se - rei só

teu, por - que sou ho - mem de bri - o, ju - rei - te, se - rei só teu, por - que

Recitativo *Declamando Recit.*

sou ho - mem de bri - o. *ad libitum* Oh ho - mem da ca - vel - la! Que é lá? vol - ta a - traz que vaes per -

Decl. *Recit.* *Decl.*

di - do! Porquê? Es - sa mu - lher que a - hi le - vas! Que tem?

(S) P. A. B.

Recit. *Decl.*

E' ca-sa-da, tem ma - ri - do! Irra . . . Vou mar fó - ra, vem com - mi - go; oh que

ri - ca vi - a - ja - da; vou mar fó - ra, vem co - mi - go, oh que ri - ca vi - a -

ja - da, que im - por - ta di - gam de ter - ra, es - sa mu - lher vae rou - ba - da, que im - por -

ta di - gam de ter - ra, es - sa mu - lher vae rou - ba - da.

Barra fóra, barra dentro,
Sobre a tolda do navio:
Jurei-te, serei só teu . . .
Porque sou homem de brio.

Oh homem da caravella! . . .
Que é lá?
Volta atraz que vaes perdido!
Porque?

Essa mulher que ahi levas,
Que tem?!
E' casada, tem marido!
Irra!!!

Vou mar fóra, vem comigo;
Oh que rica viajada! . . .
Que importa digam na terra
Essa mulher vae roubada.

SANTOS REIS

LENDA RELIGIOSA

À Ex.^{ma} S^{ra}. D. Rita Mourão.

57 *Allegretto*
f

São che - ga - dos os tres Re - is da par - te do O - ri

en - te, vi - si - tar o Rei da glo - ria nos - so Deus om - - ni - po -

ten - te. São che - ga - dos os tres Re - is da par - te do O - ri

en - te, vi - si - tar o Rei da glo - ria nos - so Deus om - ni - po - ten - te. D. C. ao §

SANTOS REIS

São chegados os tres Reis
Da parte do Oriente,
Visitar o Rei da gloria
Nosso Deus Omnipotente.

O caminho de um anno
Fizeram-no em treze dias,
Por favor muito soberano
Do Infante Rei Messias.

Guiados por uma estrella
Que a todo o mundo dá luz,
Buscar vão outra mais bella
Que é o Menino Jesus.

Herodes como malvado,
Como perverso e damninho,
Determinou ensinar-lhes
A's avessas o caminho.

Mas Deus que tudo sabe
Usou de tal maravilha;
Poz uma estrella no ceu
Para ser a sua guia.

A estrella se escondeu
Chegando a uma cabana,
Todos tres se ajoelharam
A Jesus neto de Anna.

A cabana era pequena
Não cabiam todos tres,
Adoraram a Jesus
Cada um por sua vez.

Offereceram-lhe ouro fino
Como Rei universal,
Incenso como divino
E myrrha como mortal.

Uma fragata divina
Nove mezes navegou,
Achando o mar em bonança
Em Belem descarregou.

Ella faz-se que vem pobre
Traz fazenda excellente;
Traz o Menino Jesus
Nosso Deus Omnipotente.

Patriarcha S. José
Accendeu o fogareiro;
Pois nos dizem que é nado
O bom Jesus verdadeiro.

Os anjos com alegria
Musica estão a cantar,
Porque o Rei dos altôs ceus
Para a terra vem reinar.

Cantam-se estas duas quadras com a
musica das Loas:

Entrae, pastores, entrae,
Por esse portal sagrado;
Vinde ver o Deus menino
N'umas palhinhas deitado.

Porta aberta, meza posta,
Cantemos com alegria,
Nado é o Rei da Gloria
Filho da Virgem Maria.

Cantam-se com a musica dos vivas das
Janciras:

Oh senhor dono da casa,
Raminho de bella aurora,
Deus vos dê muita saude
E a vossos filhos e senhora.

Oh senhor dono da casa
Já o sino está tocando,
Bem nos quereis perdoar,
São horas, vamos andando.

VARIANTE

Escutae, oh nobre gente,
Escutae e ouvireis,
Que da parte do Oriente
São chegados os tres Reis.

São chegados os tres Reis
Da parte do Oriente,
Visitar o Deus-Menino,
Alto Deus Omnipotente.

Foram a casa d'Herodes
Por ser o maior reinado,
Que lhes ensinasse o caminho
Onde Jesus era nado.

Herodes como malvado,
Como perverso maligno,
Aos Santos Reis ensinou
A's avessas o caminho.

Os tres Reis como eram santos
Uma estrella os guiou,
Em cima d'uma cabana
A estrella se pousou.

A cabana era pequena
Não cabiam todos tres:
Adoraram o Deus-Menino
Cada um por sua vez.

Todos tres lhe offereceram
Ouro, myrra e incenso,
Não lhe offereceram mais
Porque era o Deus immenso.

Ouro como summos reis,
Myrrha como mortaes,
Incenso como Divino,
Menino que quereis mais?

Os santos Reis adoraram
A Jesus recém-nascido,
Em memoria d'este dia
Todo o festejo é devido.

Santos Reis, santos coroados
Vinde ver quem vos corooou,
Foi o Menino Jesus
Que Deus ao mundo mandou.

Já a redempção humana
Chegou ao praso marcado,
Em Belem nasceu ha dias
O Messias desejado.

Gloria seja a Deus-Padre,
E a Jesus Christo tambem;
Gloria seja ao Espirito Santo,
Para todo o sempre. Amen.

OH SENHOR CADETE

CANTIGA

À Ex.^{ma} S^{ra}. D. Lucinda Aurora das Neves Carvalho.

58 *Andante*
mf Oh se-nhor ca-de - te não co-ma pão quen - - te,
 que é co-mi - da for - te, do ki - ri - ki - ki, faz ran-gel - o den - te, do ku - ru - ku -
 ku, de Ma - ri - tan - guei - ro, do ki - ri - ki - ki, o gal - lo can - tou.

The musical score is written for piano and voice. It consists of three systems of music. Each system has a vocal line on a treble clef staff and a piano accompaniment on a grand staff (treble and bass clefs). The key signature has one flat (B-flat) and the time signature is 2/4. The tempo is marked 'Andante' and the dynamics are 'mf'. The lyrics are written below the vocal line. The first system starts with a measure number '58'. The piano accompaniment features a steady eighth-note pattern in the right hand and a similar pattern in the left hand.

Quando esta musica se cantar a uma voz ou em unisono, deve ser com a notação inferior.
 Esta cantiga é muito antiga e está vulgarisada em todo o paiz, ilhas e Brazil.

Com esta mesma musica tambem se canta a seguinte letra :

Pelo mar abaixo
 Vae uma cabaça,
 Se ella leva vinho,
 Oh tre-lan-tan-tan,
 Tem a sua graça.
 Oh tre-lin-tin-tin,
 Oh tre-lan-tan-tan,
 Oh tre-lin-tin-tin,
 Oh do Mantangui!

Alli mais abaixo,
 Alli mais além,
 Se vende aguardente,
 Oh do rum-tum-tum,
 Copos a vintem.
 Oh laré cantando,
 Flandim, flandim,
 Oh laré dançando,
 Para o seu bem.

OH SENHOR CADETE

Oh senhor cadete
 Não coma pão quente,
 Que é comida forte
 Do ki-ri-ki-ki,
 Faz rangel-o dente.
 Do ku-ru-ku-ku,
 Do Maritangueiro,
 Do ki-ri-ki-ki,
 O gallo cantou.

Se o gallo cantou
 Deixal-o cantar,
 Minha rica prima,
 Do ki-ri-ki-ki,
 Vamos passear.
 Do ku-ru-ku-ku,
 Do Maritangueiro,
 Do ki-ri-ki-ki,
 O gallo cantou.

Oh senhor cadete
 Da gola amarella,
 Não namore a moça,
 Do ki-ri-ki-ki,
 Que ella é donzella.
 Do ku-ru-ku-ku,
 Do Maritangueiro,
 Do ki-ri-ki-ki,
 O gallo cantou.

Se o gallo canta,
 Canta a seu favor,
 Minha rica prima,
 Do ki-ri-ki-ki,
 E's o meu amor.
 Do ku-ru-ku-ku,
 Do Maritangueiro,
 Mo ki-ri-ki-ki,
 O gallo cantou.

Oh senhor cadete
 Da banda d'além,
 Não namore a moça
 Que ella é o meu bem.

Se o seu gallo canta,
 Canta como d'antes,
 Minha rica prima
 Eu vou para Abrantes.

Oh senhor cadete,
 Lá da Bandeirinha,
 Não namore a moça
 Que ella é já minha.

Se o seu gallo canta,
 Canta cantadinho,
 Minha rica prima
 Eu vou para o Minho.

Oh senhor cadete
 Que vem do Pará,
 Não namore a moça
 Que ella é minha já.

Se o seu gallo canta,
 Meia noite é dada;
 Minha rica prima
 Eu vou para Almada.

Oh senhor cadete
 Que vem da parada,
 Não namore a moça
 Que ella é casada.

Se o seu gallo canta,
 Canta no poleiro,
 Minha rica prima
 Eu vou para Aveiro.

Oh senhor cadete
 Não bula na tenda,
 Não namore a moça
 Que está de encommenda.

Se o seu gallo canta,
 Deixal-o cantar,
 Minha rica prima
 Vamo-nos deitar.

HYMNO DA COROAÇÃO

DE S. M. F. O SENHOR D JOÃO. VI

À Ex.^{ma} Snr.^a D. Olivia Corrêa Gonçalves.

Musica de A. S. Leite.

59 *Andante moderato*

voz
Deus sal - ve pro - pi - cio nos-
so au-gus - to Rei e il - le - sos con - ser - ve o thro - no e a grei.
CORO
Can - te - mos, oh lu - sos, com do - ce a - le - gri - a, a glo - ria, o tri -
um - pho de tão faus - to di - a, *p* *f* *p* *f* D. C. ao fine

Seu sceptro respeitem,
As nações da terra,
Na paz seja Numa,
Scipião na guerra.

Cantemos, oh Lusos, etc.

Piedade e justiça,
Lhe escoltem o lado,
Seja a idade d'ouro,
Seu feliz reinado.

Cantemos, oh Lusos, etc.

Seu nome eternise
O clarim da historia,
E subam seus feitos
Ao templo da gloria.

Cantemos, oh Lusos, etc.

Virtudes e graças
A esposa lhe adornem,
E os dons da ternura
Sobre ella se entornem.

Cantemos, oh Lusos, etc.

De prole de heroes
O ceo o enriqueça,
Por quem nossa gloria
Prosper e floreaça.

Cantemos, oh Lusos, etc.

Mil votos d'amor
Fieis e rendidos,
Tributem-lhe sempre
Os reinos unidos.

Cantemos, oh Lusos, etc.

NOTA.—Transcrição do «Hymno patriótico a grande orchestra, cantado no Real Theatro de S. João da cidade do Porto, no dia em que se festejou a Coroação de S. M. F. o Senhor D. João VI, Rey do Reino unido de Portugal, Brazil e Algarve. Offerecida á Magestade Augusta do mesmo Real Senhor e composto por seu humilde vassalo Antonio da Silva Leite, mestre de Capella da Cathedral da mesma Cidade (Anno 1820).» (Copia do frontespicio do hymno).

RAMALDEIRA

CHOREOGRAPHICA

À Ex.^{ma} Sr.^a D. Thereza de Jesus Malta Pauperio.

60

Allegro

Gracioso

Ma-no-el, o-lhos a-zues, Ma-no-

el o-lhos a-zues, a-i oh a-i, den tes de pe-ro-las fi-nas; não sei que tu me fi-

zes-te que tan-to me des-a-ti-nas. a-i oh a-i, den-tes de pe-ro-las

fi-nas, Ma-no-el o-lhos a-zu-es, que tan-to me des-a-ti-nas.

No momento da partida
Meu coração te entreguei,
Quando me vem á lembrança,
Como não morro, não sei:

Eu subi á amendoeira
Sem me lembrar do descer:
Desprezado dos teus olhos,
Quem me ha de agora querer?

Trago dentro do meu peito
Chegadas ao coração,
Duas letrinhas que dizem:
Morrer, sim; deixar-te, não.

Quando comecei a amar-te
Talvez não soube o que fiz;
Quem só a paixão consulta
Raras vezes é feliz.

Trago dentro do meu peito
Uma parede formada
De penas e de cuidados,
Aqui não disfarça nada.

Quem tem pinheiros tem pinhas,
Quem tem pinhas tem pinhões;
Quem tem amores tem zelos,
Quem tem zelos tem paixões.

Esta chula é do concelho de Bouças, da importante freguezia de Ramalde, d'onde deriva o nome. Já no principio d'este seculo era conhecida.

DANÇA.—Os cavalheiros de um lado e as damas do outro vão duas vezes ao centro, depois dão uma reviravolta de 4 em quatro compassos e trocam de lugar, repetindo o mesmo até que tornam a voltar ao seu lugar; segue-se a mesma evolução por outro par; e assim por diante até que por fim dança tudo simultaneamente.

A VIUVINHA

CHOREOGRAPHICA ALEMTEJANA

À Ex.^{ma} Snr.^a D. Senhorinha A. Vieira de Castro.

61 *Allegro vivo*

The piano introduction consists of two staves in 6/8 time with a key signature of one sharp (F#). The music begins with a forte (f) dynamic. The right hand features chords and triplets, while the left hand plays a rhythmic accompaniment of eighth notes.

Oh a - mor, a - ma a ri - que - za que ao in - t'res - se tu - do

The vocal line is written on a single staff in 6/8 time with a key signature of one sharp. It begins with a soprano clef and a fermata over the first note. The lyrics are: "Oh a - mor, a - ma a ri - que - za que ao in - t'res - se tu - do".

vae, oh a - mor, a - ma a ri - que - za que eo in - t'res - se tu - do

The vocal line continues on a single staff. The lyrics are: "vae, oh a - mor, a - ma a ri - que - za que eo in - t'res - se tu - do".

vae, des-pre-za a mi-nha po-bre - za, faz a von - ta-de a teu

The vocal line continues on a single staff. The lyrics are: "vae, des-pre-za a mi-nha po-bre - za, faz a von - ta-de a teu".

pae; des-pre-za a mi-nha po-bre - za, faz a von - ta-de a teu pac.

FIM.

The vocal line concludes on a single staff. The lyrics are: "pae; des-pre-za a mi-nha po-bre - za, faz a von - ta-de a teu pac." The word "FIM." is written at the end of the line.

ESTRIBILHO

f Eu sou u - ma tris-te vi - u - va, que ve-nho da ban-da d'a-lêm, que ro ca -

sar não a - cho com quem. Quer's - me tu, oh meu bem? Com - ti - go sim,

ACCEITAÇÃO

sim; com-ti - go não, não; a-mor da mi-nh'al-ma, do meu co - ra ção; com - ti - go sim,

sim; com-ti - go não, não; a mor da mi-nh'al-ma, do meu co - ra - ção. Quer's - me

tu? o - lé, pois não!

D. C. §

Recolhida em Villa Viçosa pelo Rev.^{mo} Prior Joaquim José da Rocha Espanca.

Quando é uma voz só que canta, deve cantar as notas superiores.

DANÇA.—No meio da roda, formada pelos pares, está a viuvinha que, no fim do estrilho, indica, por uma inclinação de cabeça, o seu escolhido; se este aceita, canta logo a *acceitação* e no fim deixa a roda e passa para o centro d'ella; se regeita canta a *repulsa*, isto é, volta então ao principio. (*Da capo*) com a quadra: (Toma lá este cabaço,) e a viuvinha tem de proclamar outro no fim do estrilho.

A VIUVINHA

Oh amor, ama a riqueza
Que ao int'resse tudo vae:
Despreza a minha pobreza,
Faz a vontade a teu pae.

Eu sou uma triste viuva,
Que venho da banda d'além.

Quero casar
Não acho com quem.
Queres-me tu,
Oh meu bem?

ACCEITAÇÃO:

Comtigo, sim, sim;
Comtigo, não, não;
Amor da minh'alma
Do meu coração.

REPULSA: (veja-se a explicação da dança).

Toma lá este cabaço
Leva-o lá de tiracol:
Se te não agrada este,
Levarás outro maior.

Desprezaste-me por outra,
Levas isso em brasão,
Acharás outra mais rica,
Mas, mais leal, isso não.

Oh meu amor de tão longe,
Chega-te cá para o perto;
Já me doe o coração
De te ver n'esse deserto.

Agora que eu me arranjei
Tiram-me o meu rapaz;
Em lugar de um vem dois,
Olha a falta que me faz!

Eu já fui a Olivença,
Subi a ladeira d'Alter,
Presumpção e agua benta
Cada qual toma a que quer.

Vou-te dar os parabens
D'este teu novo namoro;
Queira Deus que esse teu rir
Não te venha a dar em choro.

Mandei fazer uma torre
De pedra, cal e areia,
P'ra avistar os tristes campos
Onde o meu amor passeia.

A torre do Alandroal
Outra mais alta não vi;
Inda tu dizes, ingrato,
Que me não morro por ti.

A minha terra é Poiares
Por toda a ribeira arriba,
Oh! minha mãe, quem me dera
De lá uma rapariga.

Poz-se-me o sol ao baldio,
O ar de dia á Ribeira;
Já venho a tremer com frio,
A roupa está em Ferreira:

Não me falles á hespanhola
Que não entendo a tua falla,
Sem teres táto na bola
No *cante* quer's fazer gala.

Em se acabando o entrudo
Já se comem as filhozes,
Já não é tanto a miudo
Que se ouvem as tuas vozes.

Da palmeira nasce a palma,
A palma nasce do chão,
O querer bem nasce da alma,
Querer-te bem, do coração.

Rua grande, rua grande,
Comprida, que não tem fim,
Querem que eu perca a amizade
A quem não m'a perde a mim.

Ingrato reconhecido,
Que te custava dizer
Amor busca a tua alma,
De ti não quero saber?

O' falso, tres vezes falso,
O' falso, que me enganaste,
O' falso, que não cumpriste
O que commigo trataste.

Não sei se te diga adeus,
Se te diga vou-me embora,
O amor é uma saudade,
Quando abala sempre chora.

Ingrato, porque razão
Não fallas ao teu amor,
Tendo tu obrigação
De fallar seja a quem fôr?

Dão ao alecrim na tapada
A altura que elle queria;
Os olhos da minha amada
São pedras de cantaria.

Já ouvi cantar a c'ruja
Nas margens do Guadiana,
Quem tiver medo, que fuja;
Que eu sou maltez de cabana.

REU, REU, PUM!

CANTIGA DAS RUAS

A M.^{te} Léontine Brissac.

Allegretto

62 *f* U-ma ve - lha mui - to ve - lha, pum! mais ve - lha que o meu cha-
 peu, pum, ca - ta - pum, a - ga - ra a - go - ra, reu, reu, pum!
 fal-la - ram-lhe em ca - sa - men - to, pum! er-gueu as mãos pa - ra o
 ceu, pum, ca-ta - pum, a - go - ra a - go - ra, reu, reu, pum!

The musical score is written for piano and voice. It consists of four systems of music. Each system has a vocal line on a treble clef staff and a piano accompaniment on a grand staff (treble and bass clefs). The key signature is one sharp (F#) and the time signature is 2/4. The tempo is marked 'Allegretto' and the first system starts with a dynamic marking 'f'. The lyrics are written below the vocal line. The score ends with a double bar line and repeat dots.

Uma velha, muito velha,
 Pum!
 Mais velha que o meu chapéu,
 Pum, catapum,
 Agora, agora,
 Reu, reu, pum!
 Fallaram-lhe em casamento,
 Pum!
 Ergueu as mãos para o céu!
 Pum, catapum,
 Agora, agora,
 Reu, reu, pum!

Uma velha, muito velha,
 Pum!
 Mais velha que a saragoça
 Pum, catapum,
 Agora, agora,
 Reu, reu, pum!
 Fallaram-lhe em casamento.
 Pum!
 De velha tornou-se moça
 Pum, catapum,
 Agora, agora,
 Reu, reu, pum!

Esta cantiga já era conhecida no principio do presente seculo.

MANOEL TÃO LINDAS MOÇAS

CHOREOGRAPHICA

À Ex.^{ma} Sur.^a D. Germana Alexandrina Bastos.

63 *Andantino* $\frac{2}{4}$ *f* *mf.* $\$$

mar, Ma - no - el! Eu hei de te que - rer, que - rer; Ma - no - el! Eu hei

de te a - mar, a - mar, Ma - no - el! Sem teu pae

nem mãe sa - ber. *f* Ma - no - el, tão lin - das mo ças, Ma - no - el, tão lin - das

são, Ma - no - el, que - ro - te bem, Ma - no - el do co - ra - ção. D. C. $\$$

Muito antiga e muito em uso no districto do Porto.

DANÇA. — Os pares, dando o braço, marcham em grande roda, (16 compassos). Depois cada par roda sobre si mesmo (4 compassos para o lado esquerdo, e 4 para o lado direito), passando o cavalheiro, em seguida, o braço á dama do par immediato. E assim vae continuando até voltar á sua primeira dama.

MANOEL TÃO LINDAS MOÇAS

CANTIGA DO MINHO

Quando te eu peguei a amar,
Manoel!

Deitei sortes á ventura;
Manoel!

Quando me eu quiz retirar,
Manoel!

Já meu mal não tinha cura.
Manoel, tão lindas moças,
Manoel, tão lindas são:
Manoel, quero-te muito,
Manoel, do coração!

Manoel é um perdido,
Que perdeu a sua dama,
Olha, Manoel, não percas
O travesseiro da cama.

Manoel, vamos dançar,
Que nos importam fadigas,
Parece que estás brincando
Commigo, ás escondidas!

Trago dentro do meu peito
Um cravo roxo dourado,
Regado com aguas finas,
Que eu por ti tenho chorado.

Para que quero eu olhos,
Senhora Santa Luzia!
Se elles não vêem a Deus
A toda a hora do dia!

Já lá vae quem eu amava,
Já lá vae quem eu queria,
Já está debaixo do chão,
Já o come a terra fria.

Eu p'ra ti sempre a olhar,
E tu sem nunca me veres;
Olha, amor, vê a differença
Que ha entre os nossos querer.

Por mais que de ti me apartem,
Mais, amor, eu te hei de querer,
Que o meu coração é vara
Que ninguem pode torcer.

De encarnado veste a rosa,
De verde o mangericão,
De branco veste a açucena,
De luto o meu coração.

Se o meu amor te amofina
A culpa é do coração,
Se eu a ti nunca te vira
Nunca tivera paixão.

Papagaio, penna verde,
Empresta-me o teu vestido;
O teu vestido sao pennas,
Em penas ando mettido.

Triste sou, triste me vejo,
Sem a tua companhia,
Tão triste que nem me lembro
Se alegre fui algum dia.

Ai de mim que já não posso
Cantar como já cantei,
Bebi a grama ao tojo
Até a falla mudei.

Semei cravos na areia,
Diz, amor, se nascerão;
Dize-me se estão seguros,
Segredos na tua mão.

Eu defronte e vós á vista
Nem te vejo nem me vedes,
Oh mal haja os pedreiros
Que fizeram taes paredes.

Oh meus cuidados de noite!
Oh minha estada ao luar!
Minhas ovelhas perdidas
Onde vos irei achar?!!

Que tendes no pucarinho,
Menina, que tão bem cheira?
São as lagrimas do amor
Que se vae segunda-feira.

Fiz a cama na amoreira
Com tenção de madrugar,
Veio a noite embalou-me,
Eu dormi, deixei-me estar.

Estrellas do ceu baixai,
Fique o ceu sem esplendor,
Fiquem os campos sem luz,
Já que eu fiquei sem amor.

Não ha cousa n'este mundo
Como viver ao desdem,
Mostrar carinhos a todos
E não querer bem a ninguem.

Amar como eu, ninguem,
Mas sou mal afortunado,
Onde ponho o meu sentido
Acho o logar occupado.

Não ha machado que corte
A raiz ao pensamento,
Nem ha lettrado que diga
O que tenho no intento.

Tres dias antes que eu morra
Hei de ir passear ao adro;
Para ver a sepultura
Onde hei de ser enterrado.

Passarinho só tu podes
Com pennas andar cantando;
Pois eu cá não sou assim,
Com penas ando chorando.

Meu amor diz que me ama
Inda além da sepultura;
Tanto bem não é p'ra mim,
Não tenho tanta ventura.



O ATROADOR

MELODIA

À Ex.^{ma} Sr.^a D. Emilia Adelaide Alves Cerdeira.

64

Andante *gracioso*

Tres le - guas de ra-be - cãõ, le - gua a le-gua u-ma c'ra-
 ve - lha, um ar - co co - mo o da ve - lha, em ca - da ar-ca-da um tro-
 vão. U - ma vez vi, sal-vo se - ja; um ho - mem de lon-ga
 tes - ta, gi - gan - tes-co e de cõr mes - ta, n'u - ma or ches - tra d'e-
 gre - ja; qual-quer ou-tro que o ve - ja com si - go se ad-mi-raçõ - tão, pois

na fa-mo-sa ex-ten-são com que, de pé, mais as-so-ma, sub-ju-ga, a bar-ca e do-ma, tres le-guas de ra-be-cão.

FIM

Tres leguas de rabeção,
 Legua a legua uma caravelha,
 Um arco como o da velha,
 Em cada arcada um trovão.

Uma vez vi, salvo seja,
 Um homem de longa testa,
 Gigantesco e de côr mesta,
 N'uma orchestra de igreja.
 Qualquer outro que o veja
 Comsigo se admira então,
 Pois na famosa extensão
 Com que, de pé, mais assoma,
 Subjuga, abarca, e doma,
 Tres leguas de rabeção.

Confesso que um leve instante
 Fiquei absorto e mudo,
 Quando vi tão grande tudo,
 O instrumento e o gigante.
 Eis senão quando, na estante,
 Lhe vejo pôr solfa velha,
 No nariz oc'los; e a celha
 Pouco a pouco carregava,
 Quando com força puxava,
 Legua a legua, uma caravelha.

Eu, que tudo analysava,
 Com grande admiração,
 Vi que afinava co'a mão
 E que do arco não usava.
 Quando menos o pensava,
 A tomal-o se aparelha,
 E, posto de meia esguelha,
 Quando eu menos o suppunha,
 Baixa a mão, sem custo empunha
 Um arco como o da velha!

Então disse, de medroso:
 Se tudo fôr d'esta sorte,
 Que fará, roçando forte,
 No grosso bordão asqueroso?!
 Quiz sahir, mas já forçoso
 Esperar-me era então.
 Tudo guardava atenção!
 Eis que rompe a symphonia,
 E me agacho, quando ouvia
 Em cada arcada um trovão.

Esta cantiga, assim como quasi todas as suas congêneres, da nova musa popular dos fados, não tem letra propria. Applicam-lhe diversas poesias; nós dámos preferencia á presente, não só por estar mais em relação com o titulo e rythmo da musica, mas ainda por ser uma engraçada hyperbole, excellentemente glosada. E' vagamente conhecida, apesar de ser antiga.

O NOIVADO DO SEPULCHRO

BALLADA

À Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria Emilia Kendall.

Letra de Soares de Passos.

65

Largo
p *lento*

p Vae al - ta a lu - a, na man-ção da mor - te, já mei - a

nói - te com va-gar so - ou, que paz tran-quil - la dos vai - vens da

sor - te só tem des-can-ço quem a - li bai-xou. que paz tran-quil - la dos vai - vens da

D. C. § FINAL

sor - te, só tem des-can-ço quem a - li bai-xou.

O NOIVADO DO SEPULCHRO

Vae alta a lua! na mansão da morte
 Já meia noite, com vagar, soou:
 Que paz tranquilla! dos vaivens da sorte,
 Só tem descanso quem alli baixou.

Que paz tranquilla!... mas ao longe, ao longe,
 Funérea campá com fragor rangeu:
 Branco phantasma, semelhando um monge,
 D'entre os sepulchros a cabeça ergueu.

Ergueu-se, ergueu-se, na amplidão celeste
 Campeia a lua com sinistra luz:
 O vento geme no feral cypreste,
 O môcho pia na marmorea cruz.

Ergueu-se, ergueu-se, com sombrio espanto,
 Olhou em roda... não achou ninguem...
 Por entre as campas, arrastando o manto,
 Com lentos passos caminhou além.

Chegando perto d'uma cruz alçada,
 Que entre os cyprestes alvejava ao fim,
 Parou, sentou-se, e com voz maguada
 Os eccos tristes accordou assim:

«Mulher formosa, que adorei na vida,
 «E que na tumba não cessei d'amar;
 «Porque atraíções desleal, mentida,
 «O amor eterno que te ouvi jurar?

«Amor! engano, que na campá finda,
 «Que a morte despe d'illusão fallaz;
 «Quem d'entre os vivos se lembrara ainda
 «Do pobre morto que na terra jaz?

«Abandonado n'este chão repousa;
 «Ha já tres dias, e não vens aqui...
 «Ai! quão pesada me tem sido a lousa
 «Sobre este peito que bateu por ti!

«Ai! quão pesada me tem sido!» e em meio,
 A fronte exhausta lhe pendeu na mão,
 E entre soluços arrancou do seio
 Fundo suspiro de cruel paixão.

«Talvez que, rindo dos protestos nossos,
 «Gozes com outro d'infernal prazer;
 «E o olvido cobrirá meus ossos
 «Na fria terra, sem vingança ter!

— «Oh! nunca, nunca!» de saudade infinda
 Responde um ecco suspirando além...
 «Oh! nunca, nunca!» repetiu ainda
 Formosa virgem que em seus braços tem.

Cobrem-lhe as fôrmas divinaes, airosas,
 Longas roupagens de nevada côr;
 Singela c'róa de virgineas rosas,
 Lhe cerca a fronte d'um mortal pallôr.

«Não, não perdeste meu amor jurado:
 «Vês este peito? reina a morte aqui...
 «E já sem forças, ai de mim, gelado,
 «Mas ainda pulsa com amor por ti.

«Feliz que pude acompanhar-te ao fundo
 «Da sepultura, succumbindo á dor;
 «Deixei a vida... que importava o mundo,
 «O mundo em trevas sem a luz do amor?

«Saudoso ao longe vês no ceu a lua?
 — «Oh! vejo, sim... recordação fatal!
 — «Foi á luz d'ella que jurei ser tua,
 — «Durante a vida, e na mansão final.

«Oh! vem! se nunca te cingi ao peito,
 «Hoje o sepulchro nos reúne emfim...
 «Quero o repouso do teu frio leito.
 «Quero-te unido para sempre a mim!»

E ao som dos pios do cantor funereo,
 E á luz da lua de sinistro alvor,
 Junto ao cruzeiro, sepulchral mysterio,
 Foi celebrado, d'infeliz amor.

Quando risonho despontava o dia,
 Já d'esse drama nada havia então,
 Mais que uma tumba funeral, vasia,
 Quebrada a lousa por ignota mão.

Porém, mais tarde, quando foi volvido,
 Das sepulturas o gelado pó,
 Dous esqueletos um ou outro unido,
 Foram achados n'um sepulchro só.

PARODIA AO NOIVADO DO SEPULCHRO

Vae alta a noite na mansão do estudo,
Triste relogio duas horas dá!
Oh! que saudade do folgar das ferias
Soffre o que em livros sepultado está!

Oh! que saudades... mas não ha remedio
Que já do exame o cruel mez volveu:
Um pobre cabula esfregando os olhos
Por entre livros a cabeça ergueu!

Ergueu-se, ergueu-se, sobre a vasta meza
Onde um candieiro reflecte a luz;
Um leito fôfo que se ostenta proximo.
Ao meigo somno tentador seduz!

Ergueu-se, ergueu-se, com tristonho rosto
Olhou em roda, não abriu nenhum
D'entre esses livros que a vista tremula
Par'cia, a custo, procurar algum.

Vendo, porém, uma brochura verde
Que entre as outras assomava ao fim
Parou, sentou-se, bocejando muito,
Tristes palavras arrancou assim:

«Cruel compendio que não vi nas aulas,
Mas que estes dias não cessei de ler,
Porque me negas da sciencia o premio
Que do estudo prometteste ser?

«Sciencia!... engano que no exame finda,
E que nas ferias não tem uso algum;
Qual d'entre os lentes vae depois lembrar-se
De quem brilhou no acto final?... nenhum.

«Junto dos livros sem dormir, coitado,
Ha já tres noites, inda nada sei;
Ai, que pesado me tem sido o estudo
Desde que alfim de cabular deixei!

«Ai quão pesado me tem sido...» e em meio
Com o somno os olhos a final cerrou,
Entre bocejos á brochura verde
Com dois espirros assim lhe fallou:

Porém mais tarde quando ao quarto aos moveis
Veio a creada sacudir o pó,
Achou no chão aos pontapés a *Chimica*
De que restavam duas folhas só.

«Talvez que rindo d'este estudo insano
Asnos aproveem por empenhos só,
E um R, um R, me darão do exame
No amphitheatro sem de mim ter dô.

— «Oh nunca, nunca!...» lhe responde o livro
Com voz rouquenha que ninguem ouviu:
«Oh nunca, nunca!...» repetiu ainda
O tal compendio que o estudo abriu.

Cobrem-lhe as folhas de papel d'imprensa
A capa verde, amarrotada já,
O simples titulo de — *Lições de Chimica*
No frontespicio em lettra gorda está!

«Não! não perdeste o promettido premio!
Vês estas folhas? reina a sciencia aqui:
Durante as aulas foram pouco lidas,
Mas não esmoreças, tem confiança em mim.

«Feliz que pude escapulir-me um dia
Que me quizeste, maganão, rasgar!
Durante um anno só me abriste as folhas,
Sem nem aos lentes attenção prestar.

«Vês do candieiro esse clarão tão pallido?
— «Oh! vejo, sim, recordação fatal!»
— «Foi á luz d'elle que juraste a cabula
Sem te lembrar a approvação final.

«Mas muito embora, se jámais as paginas
Durante as aulas me quizestes ler,
Rouba commigo esta noite ao leito
E lá no exame approvação vaes ter!»

E ao som dos carros apanhando o lixo,
E á luz do azeite que esmorece alfim,
Perdeu a noite decorando o triste,
Folhas e folhas que não tinham fim.

Quando o relogio fez ouvir oito horas,
Já d'este quadro não restava mais
Que um estudante preparado a exame
Fazendo figas á *extracção dos saes!*

Ha trinta annos que possuímos, em um nosso album, esta parodia, que todas as gerações academicas, até á presente tem transmittido umas ás outras successivamente, conservando-se o seu author no anonymo.
O acolhimento que teve esta poesia tão despretenciosa e satyrica sobre um assumpto sympathico á mocidade estudiosa, despertou em muitos versejadores a mania de parodiar a mesma ballada em assumptos diversos, mas foram todas as parodias tão infelizes que apenas obtiveram uma existencia obscura e quasi ephemera.

OH SOLIDÃO!

CANTIGA DAS RUAS

A Ex.^{ma} Sr.^a D. Laura Alves.

66

Adagio dolce

p

Se fô-res ao ce-mi-te - ri-o, oh! so-li-dão, so-li-dão!

p

No di-a do meu en-ter - - ro, *rall.* ai, ai, ai, ai, ai, ai, *a tempo* ai!

Pe-de á ter-ra que não co - - ma, oh! so-li-dão, so-li-dão!

rall. ai, ai, ai, ai, ai, ai, *a tempo* ai!

D. C.

as tran-ças do meu ca-bel - - lo,

Se fôres ao cemiterio,
Oh! solidão, solidão!
No dia do meu enterro,
Ai, ai, ai, ai, ai, ai!
Pede á terra que não coma,
Oh! solidão, solidão!
As tranças do meu cabelo,
Ai, ai, ai, ai, ai, ai!

Escreve com tua mão
Sobre a minha sepultura:
—Aqui jaz quem sempre teve
Muito amor, pouca ventura.

Meus males, minhas desditas
Remedio não podem ter;
Só deixarei de ser triste
Quando deixar de viver.

Quando vou por meu caminho,
A chamar pela ventura;
Não acho melhor descanso
Do que a paz da sepultura.

Eu hei de morrer... morrer...
Não sei a hora nem quando;
Terra que me has de comer
Podes-te ir aparelhando.

O PADRE CURA

DIALOGO

À Ex.^{ma} S^{ra}. D. Eliça Penha Osorio.

67

Andante
mf
maestoso

Camponera
f
Mui - to bo - as tar - - des,

Se - nhor Pa - dre Cu - - ra, Vae dar seu pas - sei - - o, Deus lhe dê ven -

Padre Cura
p
tu - - ra. Não vou dar pas - sei - - o, Que faz mui - ta cal - - ma,

D. C. § *Final*
Vou ver um do - en - - te, P'ra cui - dar - lhe n'al - ma. pe - ço.

Esta musica tem mais de vinte annos. Devemos ao Rev.^{mo} Padre Sebastião de Vasconcellos a aquisição da melodia e versos, cujo author foi o celebre jesuita, padre Carlos Rademaker.

O PADRE CURA

DIALOGO ENTRE O PADRE CURA E A CAMPONEZA

—Muito boas tardes,
Senhor padre Cura;
Vae dar seu passeio?
Deus lhe dê ventura.

«Não vou dar passeio
Que faz muita calma:
Vou ver um doente
P'ra cuidar-lhe n'alma.

—Ha já tanto tempo
Que ninguem o via...
Diga, Senhor Cura,
Onde se mettia?

«Pois de casa eu saio
A cada momento,
Ora a um enterro,
Ora a um casamento.

—Senhor Padre Cura,
Tem muito dinheiro;
Não lhe cabe o trigo
Já no seu celleiro.

«Se tenho dinheiro,
O que me consola,
E' que Deus m'o deu
P'ra fazer esmola.

—Sei que no passal
Não lhe falta nada;
Mas vel-o commosco
Sempre nos agrada.

«No passal ha tudo
Para os pobresinhos;
Triste do mendigo
Que anda aos bocadinhos.

—Diga, Senhor Cura,
Quando é o dia
Da festa do Orago
Cá da freguezia?

«A festa do Orago
Já não tarda nada;
Tem o sachristão
Toda a Igreja armada.

—E' que tenho feito
Um vestido novo
Que ha de ser gabado
Pelo nosso povo.

«Quem á festa vae
Só para figurar,
Melhor era em casa
Deixar-se ficar.

—E' que, Senhor Cura,
Prometti tal dia
D'ir com outras moças
A uma Romaria.

«Vae antes á Igreja
Fazer oração
Que tem indulgencias
A nossa funcção.

—Perdão, Senhor Cura,
Porque não me explico;
Só ao fim da festa
Vou ao bailarico.

«Isso, minha tonta,
São os teus cuidados;
Logo ao fim da festa
Fazer mais peccados.

—Senhor Padre Cura,
Sempre é muito austero;
Não ralhe commigo
Isso é que eu não quero.

«Não ralho contigo,
Mas te dou o ensino,
Vós, moças, andaes
Sempre em desatino.

—Somos ignorantes,
Eu bem o conheço,
Mas pela Quaresma
Vamos ao confesso.

«E não calles nada
Do mal que tens feito,
Pois callar peccados
Isso não tem geito.

—Senhor Padre Cura,
Sempre vou com mêdo,
Mas entrego tudo,
Tudo ao seu segredo.

«Filha, fazes bem,
E assim é preciso
Se quizeres entrar
Lá no Paraiso.

—Senhor Padre Cura,
Vae com tanta pressa...
Queria dizer-lhe,
Ai que não me esqueça.

«O que dizer queres
Estou advinhando,
Pois mudas de rosto,
Vejo estás corando.

—Queria dizer-lhe,
Queira apregoar-me,
Porque decidido
Tenho já casar-me.

«Pois Deus te abençõe
E a quem te deseja;
Domingo teu nome
Eu direi na igreja.

—Uma boa benção
Quero n'esse dia,
Que ha de ser por certo
Todo d'alegria.

«Guarda-te, innocente,
E vae procural-a
Ao arco cruzeiro
Onde eu hei de dal-a.

—E se algum filhinho
Deus me tiver dado
Eu hei de leval-o
A ser baptisado.

«Assim Deus permitta,
E seja com ventura,
Que hei de baptisal-o,
Sou teu Padre Cura.

—Senhor Padre Cura,
Não se vá embora,
Sempre está com pressa,
Nunca se demora.

«E' porque vou ver
Uma doentinha,
Péde a Deus por ella,
Pobre coitadinha!...

—E quando eu morrer,
Senhor Padre Cura,
Tambem irá ver-me
Para eu ir segura?

«Irei, sim, filhinha
Do meu coração,
Para consolar-te
Com a Extrema Uncção.

—E depois de morta,
Senhor Padre Cura,
Irá então rezar-me
Sobre a sepultura?

«Irei, sim, de certo,
Digo-t'ó mui serio:
Rezando responsos
Té ao cemiterio.

—Senhor Padre Cura,
E' já tão velhinho,
Tudo n'este mundo
Leva seu caminho.

«Já vou caminhando,
Mas vou consolado,
Pois o bem de todos
Tenho procurado.

—Ah! se nos faltar,
Senhor Padre Cura,
Todos choraremos
Nossa desventura.

«Quando acabar,
Se vol-o mereço,
Pedi a Deus por mim,
Isso é o que eu vos peço.

A JUDIA

BARCAROLLA

A Ex.^{ma} Snr.^a D. Anna Adelaide Leite Bastos.

Poesia de Thomaz Ribeiro.

68

Largo

p

expressivo

Dor - - - - mes? eu ve - - - - lo, se - - - - du-cto-ra i-

ma - - - - gem, gra - - - - ta mi - ra - - - - gem

cres.

que no er - mo vi; dor-me, im-pos - si - vel, que en-con-trei na

vi - da! dor-me, que- ri - da, que eu des-can-to a - qui! dor-me im-pos-

si - vel, que en-con-trei na vi - da, dor-me, que- ri - da, que eu des-can-to a - qui! D. C.

— « Dormes? eu velo, seductora imagem,
Grata miragem que no ermo vi;
Dorme — Impossível — que encontrei na vida!
Dorme, querida, que eu descanto aqui!

Dorme! eu descanto a acalantar-te os sonhos,
Virgens, risonhos, que te vem dos ceus!
Dorme! e não vejas o martyrio, as maguas,
Que eu digo ás aguas e não conto a Deus!

Anjo sem patria, branca fada errante,
Perto ou distante que de mim tu vás,
Ha de seguir-te uma saudade infinda,
Hebrea linda, que dormindo estás!

Onde nasceste? onde brincaste, oh bella?
Rosa singela que não tens jardim?
Em Jafa? em Malta? em Nazareth? no Egypto?
Mundo infinito, e tu sem berço?! oh! sim.

Folha que o vento da fortuna impelle!
Victima imbelle que um tufão roubou!
Flor que n'um vaso se alimenta, cresce,
Ri, desaparece, e nunca mais voltou!

Filha d'um povo perseguido e nobre,
Que ao mundo encobre o seu martyrio, e crê!
Sempre Ashevero a percorrer a esphera!
Desgraça austera! inabalavel fé!

Porque ha de o lume de teus olhos bellos
Mostrar-me anhelos d'infinito ardor?
Porque esta chamma a consumir-me o seio?...
Deus de permeio nos maldiz o amor!...

Peito! meu peito, porque anceias tanto?
Pranto! meu pranto, basta já, não mais!
E' sina, é sina; remador, voltemos;
Não n'a acordemos... para quê, meus ais?...

Dorme, que eu velo, seductora imagem,
Grata miragem que no ermo vi;
Dorme — Impossível — que encontrei na vida!
Dorme, querida, que eu não volto aqui!

CIRANDA

CHOREOGRAPHICA

À Ex.^{ma} S^{ra}. D. Albertina da Fonseca e Souza.

69 *Allegretto*
mf Es-ta mo - da da Ci - ran - da é u - ma mo - da bem li - gei - ra; es-ta

mo - da da Ci - ran - da é u - ma mo - da bem li - gei - ra; faz an -

dar as ra - pa - ri - gas co - mo o tri - go na jo - ei - ra. faz andar as ra - pa -

ri - gas co - mo o tri - go na jo - ei - ra. *f* Oh Ci - ran - da, oh Ci - ran -

di - nha va - mos nós a ci - ran - dar, oh Ci - ran - da, oh Ci - ran - di - nha, va - mos

nós a ci-ran-dar, va-mos a dar mei-a vol-ta, mei-a vol-ta, va-mos

dar, va-mos a dar ou-tra mei-a, ou-tra mei-a e tro-ca o par.

Esta moda da Ciranda
E' uma moda bem ligeira;
Faz andar as raparigas
Como o trigo na joeira.

Oh Ciranda, oh Cirandinha,
Vamos nós a cirandar,
Vamos a dar meia volta,
Meia volta vamos dar;
Vamos a dar outra meia,
Outra meia e troca o par.

Gosto muito da Ciranda
Só pelo andar á roda:
Lá dará contas a Deus
Quem inventou esta moda.

Oh Ciranda, oh Cirandinha,
Eu hei de ir ao teu serão,
Fiar uma maçaroca
Do mais fino algodão.

A Ciranda por ter frio
Bebe por uma cabaça;
O diabo da Ciranda
Até no beber tem graça.

A Ciranda por castigo
Bebe por um assobio:
O diabo da Ciranda
Até no beber tem brio.

A Cirandinha me disse
Que eu havia de ir com ella:
Vae-te embora, Cirandinha,
Que eu vou para a minha terra.

Oh Ciranda, oh Cirandinha,
Vamos nós a cirandar,
Vamos a dar meia volta,
Meia volta vamos dar;
Vamos dar a volta inteira,
Quem 'stá bem deixa-se estar.

Quem está bem deixa-se estar;
Eu não posso estar melhor;
Estou ao pé do meu bemzinho,
Não ha regalo maior.

Não ha regalo maior,
Não o ha, nem pode haver,
Estou ao pé do meu bemzinho,
Estou ao pé do meu bem querer.

Esta moda, propria das eiras, vulgarissima em todo o paiz, e no Brazil, é talvez contemporanea da primitiva alfaiá agricola, a Ciranda, que serve para joeirar os cereaes; é d'ella que lhe provem o nome, e a ella são allusivas todas as cantigas e se referem os ditos, como beber por uma cabaça ou assobio, que é o receptor dos grãos.

DANÇA.—As proprias cantigas d'esta moda indicam a maneira de a dançar. Os pares de braço dado, marcham em grande roda durante a primeira cantiga (16 compassos). O estribillo é com a mesma musica: durante 8 compassos segue a mesma roda, depois o cavalheiro dá a mão direita á direita da dama, e dão meia volta sobre o lado direito, em seguida dando as mãos esquerdas dão meia volta sobre o lado esquerdo, e repetem as mesmas voltas, salvo quando é para acabar, que como se diz na cantiga, dão volta inteira, e fica cada um com o seu par, terminando por marcharem de braço dado, improvisando qualquer cantiga desgarrada.

REGADINHO

CHOREOGRAPHICA

À Ex.^{ma} S^{ra}. D. Maria Adelaide Soares.

70

Andante

f

col

p O era-vo de- pois de

sec - co si - gni - fi - ca a - mor per - di - do, an - tes que eu que - ra não pos - so, ti - rar

Estrilho

f de ti o sen - ti - do. A - gua le - va o re - ga - di - nho, vae re - gar o al - mei -

rão, vi - ra par e tro - ca par, vi - ra - te p' r' a - qui Jo - ão.

REGADINHO



O cravo depois de secco
Significa (1) amor perdido:
Antes que eu queira não posso
Tirar de ti o sentido.

Agua leva o regadinho,
Vae regar o alecrim;
Vira par e troca par.,
Vira-te p'ra aqui Joaquim.

Quando a rosa é mais bonita
Tantos mais espinhos tem:
Teus feitiços tem-me preso,
Só a ti eu quero bem.

Agua leva o regadinho;
Vae regar o almeirão;
Vira par e troca par,
Vira-te p'ra aqui João.

Nós já somos conhecidos
Como antigos namorados:
Tu és uma feiticeira,
Tu tens sido os meus peccados.

Agua leva o regadinho;
Vae regar o arcipreste;
Vira par e troca par,
Vira-te p'ra aqui Silvestre.

O nosso cura zangado,
Minha mãe já reprehendeu;
Isto não é vida assim,
Tir-te lá, arrenego-te eu. (2)

Agua leva o regadinho;
Vae regar o moscatel;
Vira par e troca par,
Vira-te p'ra aqui Manoel. (3)

(1) *Senifica* diz a gente do campo.

(2) *Tira-te*, etc.

(3) *Manel*, na fórma popular.

DANÇA.—Os cavalheiros dão o braço ás damas e marcham em grande roda enquanto a cantadeira entôa a cantiga, chegados ao estribilho as damas dão o braço direito ao cavalheiro, e viram, e em seguida passam o braço esquerdo ao cavalheiro do par immediato.

Cada dama e cada cavalheiro deve cantar uma cantiga.

Esta cantiga é de s. Mamede de Infesta, freguezia suburbana do Porto; é uma das mais caracteristicamente portuguezas. Canta-se tam' em com esta musica em outras freguezias, as cantigas desgarradas com o estribilho de—*Oh Belem, oh Belemzinho.*

HYMNO DO LAVRADOR

A Ex.^{ma} S^{ra}. D. Maria Christina Camara Reis.Poesia de A. X. R. Cordeiro.
Musica de José Maria Christiano.

71

Maestoso

f

f

Nos - sos bra - zões do fu - tu - ro não se al-

can - çam com a es - pa - da, ha de o tra - ba - lho ad - qui - ril - os, ha

de gra - val - os a en - xa - da, ha de o tra - ba - lho ad - qui - ril - os, ha

CORO

de gra - val - os a en - xa - da, A - bra lei - - - vas a char-

ru - - - a, vá na ter - ra des - co - brir es - sas

vei - as de ri - que - za que o pa - iz hão de re - mir. Es - sas

vei - as de ri - que - za que o pa - iz hão de re -

mir, re - - - mir, re - - - mir.

HYMNO DO LAVRADOR

Nossos braços do futuro
 Não se alcançam com a espada,
 Ha de o trabalho adquiril-os,
 Ha de graval-os a enxada.

CÔRO

Abra leivas a charrua,
 Vá na terra descobrir,
 Essas veias de riqueza
 Que o paiz hão de remir.

Chora o ebrio na cidade,
 Sente tristeza o vadio ;
 Canta alegre o lavrador
 Quando arrotêa o baldio.

Abra leivas a charrua, etc.

No campo vive a innocencia
 Com a riqueza abraçada,
 Mora no campo a alegria
 Com a cultura ganhada.

Abra leivas a charrua, etc.

A terra é fonte de gosos,
 E' encanto a agricultura ;
 O suor que o rosto alaga
 E' a mais certa ventura.

Abra leivas a charrua, etc.

Trabalhemos, que o trabalho
 E' a lei da Providencia,
 Imposta ao homem na terra
 Por preço da independencia.

Abra leivas a charrua, etc.

MARIA CACHUCHA

CANTIGA

À Ex.^{ma} Sr.^a D. Guilhermina Ehlers Murat.

72

Allegretto
grazioso

Ma-ri - a Ca - chu - cha quem te ca - chu - chou? Foi um fra-de

Lo - yo que a - qui pas - sou. Ma-ri - a Ca - chu - - - cha quem te ca-chu-

chou? Foi um fra-de Lo - yo que a - qui pas - sou. D. C.

The musical score is written for piano in 6/8 time with a key signature of three sharps (F#, C#, G#). It consists of three systems of staves. The first system includes the tempo marking 'Allegretto' and the dynamic marking 'grazioso'. The lyrics are: 'Ma-ri - a Ca - chu - cha quem te ca - chu - chou? Foi um fra-de'. The second system continues with 'Lo - yo que a - qui pas - sou. Ma-ri - a Ca - chu - - - cha quem te ca-chu-'. The third system concludes with 'chou? Foi um fra-de Lo - yo que a - qui pas - sou.' and ends with a double bar line and the marking 'D. C.' (Da Capo).

Maria Cachucha,
Quem te cachuchou?
—Foi um frade Loyo
Que aqui passou.

Maria Cachucha,
Que vida é a tua?
—Comer e beber,
Passear na rua.

Maria Cachucha,
Não vás ao Rocio;
Toma lá dinheiro,
Sustenta o teu brio.

Maria Cachucha,
Não vás ao quintal,
Em sáinha branca,
Que parece mal.

Maria Cachucha,
Com quem dormes tu?
—Eu durmo sósinha
Sem medo nenhum.

Maria Cachucha,
Se fôres passeiar,
Vae pelas beirinhas,
Pódes-te molhar.



Recollida em Lisboa. Cantam-se com esta musica muitos versos licenciosos que o decoro não nos permite publicar. Esta musica, vulgarissima em Portugal, é puramente hespanhola; pertence ao genero dos *fandangos*: é um thema como os das nossas chulas, sujeito ás infinitas variações que a phantasia dos tocadores lhe adiciona. Antigamente tambem se dançava como os *boleros*.

A VAREIRA

CANÇÃO

À Ex.^{ma} Snr.^a D. Francisca Agueda da Silva Martins (filha).Poesia de A. Pinheiro Caldas.
Musica de Anthero Pinto Nogueira.

73

Andante

f

p

Nas-ci-da en-tre as fi-nas a-rei-as dou-
ra-das, que as mar-gens guar-ne-cem das prai-as d'O-var. Nas-ci-da en-tre as
fi-nas a-rei-as dou-ra-das, que as mar-gens guar-ne-cem das prai-as d'O-
var, Va-gan-do nas ri-bas d'es-pu-ma ba-nha-das, ri-so-nha ven-

The musical score is written for piano and voice. It consists of five systems of music. The first system is an instrumental introduction in 3/4 time, marked 'Andante' and 'f'. The second system begins the vocal line with the lyrics 'Nas-ci-da en-tre as fi-nas a-rei-as dou-'. The third system continues the lyrics 'ra-das, que as mar-gens guar-ne-cem das prai-as d'O-var. Nas-ci-da en-tre as'. The fourth system continues 'fi-nas a-rei-as dou-ra-das, que as mar-gens guar-ne-cem das prai-as d'O-'. The fifth system concludes with 'var, Va-gan-do nas ri-bas d'es-pu-ma ba-nha-das, ri-so-nha ven-'. The piano accompaniment features a steady bass line with chords in the right hand.

tu - ra me vêm a - fa - gar. A - qui, n'es - tes er - mos, é do - ce vi -

ver; bem lon - ge do mun - do só go - so pra - zer.

Nascida entre as finas areias douradas,
Que as margens guarnecem das praias d'Ovar,
Vagando nas ribas, d'espuma banhadas,
Risonha ventura me vem afagar.

Aqui n'estes ermos,
E' doce viver;
Bem longe do mundo
Só goso prazer.

E quando serenas se agitam as vagas,
Qual peito de virgem que aneia d'amor,
E lá quando o vento descanta nas fragas
Um hymno sentido que envia o Senhor:

Então no meu barco,
Vou, leda, saltar,
E as velas desfraldo,
Voando no mar.

Voando, voando no dorso agitado
Da branca mareta bordada d'azul,
Qual vóa nos lagos o cysne nevado,
Por tardes calmosas, boiando taful.

E as fisgas e redes
Eu lanço no mar.
Que vida tão grata!
Que bello folgar!

A's vezes, de noite, por serras d'areia,
Caminho, sósinha, cantando ao luar;
Eu vou á cidade, que ao longe campeia,
Vender os productos das pescas do mar.

Com doces fadigas
Sustento meus paes;
Oh Ente Supremo,
Bemdito sejaes!

Nos imos do peito da humilde Vareira
Não calam os sonhos de negra ambição;
As ondas, as rochas, a brisa ligeira,
O limo das fragas, a areia do chão...

Os gosos são estes
Dos ermos d'aqui;
Com elles me quero,
Com elles nasci.

Nos dias de festa—que traço engraçado!
Eu visto um collete de fino carmim,
Um cinto verdinho, chapéu desabado,
—Que coisas tão lindas, tão gratas p'ra mim.

E saia curtinha,
Com fitas d'anil,
Descobre os contornos
Da perna gentil!

E quando os mancebos seus olhos fitando
Nos meus tão escuros, me fallam... d'amor...
Eu sinto nos labios o riso pairando,
Nas faces morenas eu sinto o rubor;

Mas ai! que depressa
Se gela meu rir,
Que eu temo, medrosa,
Me queiram trahir.

Ai! serras, fraguedos, ai! vastas areias,
Ai! terras da patria, quão gratas que são!
Ha laços mais fortes, mais doces cadeias?
P'r'a filha das praias, por certo que não.

Que eu vivo gostosa
Nas terras d'Ovar,
Vagando nos ermos
A' beira do mar.

BALLADA DOS ESTUDANTES

À Ex.^{ma} Sr.^a D. Elizabeth Fillippina Lorjô Tavares d'Oliveira.

Poesia do Dr. Alberto d'Oliveira.
Musica do Dr. João Antunes.

74

Andante

f

dolce

f

*vo*z

p

A - deus Co -

im - bra, ter-ra d'en-can - tos, flor do Mon - de - go, lá diz a tro - va... Flor tão bo -

ni - ta, que os pro-prios San-tos, Por teu a - ro - ma, fo - gem da co - va, e vem ás

noi - tes, com al - vos man - tos, co - mer com bei - jos a Lu - a no - va!

The musical score is written for piano and voice. It consists of five systems of music. The first system shows the piano introduction with a treble and bass clef, a key signature of one flat, and a 6/8 time signature. The tempo is marked 'Andante'. The first system includes a dynamic marking 'f' and a 'dolce' marking. The second system begins the vocal line, marked 'voz' and 'p'. The lyrics 'A - deus Co -' are written below the vocal line. The third system continues the vocal line with the lyrics 'im - bra, ter-ra d'en-can - tos, flor do Mon - de - go, lá diz a tro - va... Flor tão bo -'. The fourth system continues with 'ni - ta, que os pro-prios San-tos, Por teu a - ro - ma, fo - gem da co - va, e vem ás'. The fifth system concludes with 'noi - tes, com al - vos man - tos, co - mer com bei - jos a Lu - a no - va!'. The piano accompaniment consists of chords and simple melodic lines in the right hand, and a steady bass line in the left hand.

CORO

f

São nos - sos pran - tos, são nos - sos can - tos, co - mo per - pe - tu-as so-bre u-ma

co - - va. A - deus, Co - im - - bra, ter - ra d'en - can - - tos, Flor do Mon -

cres. de - - go, lá diz a tro - va... *voz* *p* A - deus pe - que - nas com quem dan -

ça - - mos pe - las fo - guei - ras do San Jo - ão; Quem sa - be a -

té se lá não dei - xa - mos, des - fei-to em cin - zas, o co - ra -

ção! Com vos - sos o - lhos fa - zei os ra - mos pa - ra co -

brir - des o men cai - xão! Ai que o - lhos ne - gros, jun - tos aos

pa - res, flo - rin - do as cin - zas do co - ra - ção... A - deus Co -

im - bra, to - da em can - ta - res, em des - gar - ra - das ao San Jo

1.^a vez FINAL
ão! i - zo, *ff*

BALLADA DOS ESTUDANTES

VOZ

Adeus Coimbra, terra de encantos,
Flôr do Mondego, lá diz a trova . . .
Flôr tão bonita, que os proprios Santos,
Por teu aroma, fogem da cova,
E veem ás noites, com alvos mantos
Comer com beijos a Lua nova!

CÔRO :

São nossos prantos, são nossos cantos,
Como perpetuas sobre uma cova ;
Adeus Coimbra, terra de encantos,
Flôr do Mondego, lá diz a trova . . .

VOZ :

Adeus pequenas com quem dançamos
Pelas fogueiras do San João :
Quem sabe até se lá não deixamos,
Desfeito em cinzas, o coração ?
Com vossos olhos, fazei os ramos
Para cobrirdes o meu caixão !

CÔRO :

Ai que olhos negros, juntos aos pares,
Florindo as cinzas do coração . . .
Adeus Coimbra, toda em cantares,
Em desgarradas ao San João !

VOZ :

Em sendo mortos, com negra sina
Já terminada no Mundo breve,
Lá das estrellas, nossa Alma deve
Ver no Passado (castello em ruina)
A negra capa mail-a batina,
Branças de neve, brancas de neve!

CÔRO :

E choraremos o tempo de antes,
Faremos côro com os Poetas :
Adeus Coimbra dos estudantes,
Das raparigas como violetas !

VOZ :

Ai tu não davas, com teus licores,
Para matar uma sêde de agua,
Rio Mondego falto de côres,
E tão sequinho que fazes magua . . .
E, emtanto, os olhos dos meus Amores
São como duas nascentes de agua!

CÔRO :

Dá de beber ao pobre do rio
Pelos teus olhos, como em Bethleem,
Duas fontinhas, correndo em fio
Aos lavadoiros da Virgem-Mãe !

VOZ :

Alvas de prata ! Poentes de oiro !
Choupos tecidos por mãos de fadas !
Aguas do rio correndo, em choro,
Dos olhos negros das Namoradas !
E as folhas seccas, cantando em côro,
Avè-Marias em sendo dadas . . .

CÔRO :

Teus Jardins são como campos santos,
Campas de freiras, quem sabe ? eu pizo . . .
Adeus Coimbra, terra de encantos,
Adeus até ao dia de Juizo !

Esta *Ballada* foi cantada em Coimbra, a primeira vez, em 1892, no theatro de D. Luiz, pelo curso do quinto anno juridico de 1891-92. Os versos foram escriptos pelo poeta Dr. Alberto d'Oliveira e a musica pelo Dr. João Antunes, ambos, ao tempo, quintanistas de Direito. Hoje acha-se bastante popularisada em varios pontos do paiz.

FOLIA DOS BISCOUTOS DA CALHETA

ILHA DE S. JORGE

À Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Ursula do Carvalho.

Andante

75

Oh Di - vi - no Es - p'ri - to San - to, Es - p'ri - to con - so - la

dor! Oh Di - vi - no 'sp'ri - to San - - - - to, Di - vi - no con - so - la - - -

dor! con - so - lae a mi - nha al - ma quan - de d'es - te mun - do for; con - so - lae a mi -

nh'al - - - - ma, quan - do d'es - te mun - do for. D. C.

d'es - te mun - do for.

Oh Divino Esp'rito Santo,
Esp'rito consolador;
Consolae vós a minh'alma
Quando d'este mundo fôr.

Pela manhã, ao darem a alvorada ao
mórdomo, isto é, ao que tem em sua casa
a corôa do Espirito Santo, cantam o se-
guinte:

Oh senhor Imperador,
A vossa festa é chegada;
Em louvor do Esp'rito Santo
Acceitae nossa alvorada.

O gallo bateu as azas,
Quando o Salvador nasceu,
Os anjos todos cantaram:
A gloria no ceu se deu.

Ao sahirem com a corôa para a igreja:

Sahi vós, Esp'rito Santo,
Sahi vós, mais quem vos leva,
Quando vós sahis a campo
Todo o mundo fica alegre.

Oh Divino Esp'rito Santo,
Vós sois o rei d'alegria,
Daes a todos de jantar,
Em pinos do meio dia.

Vamos ver a barca nova,
Que do ceu se deita ao mar;
Nossa Senhora vae n'ella,
Os anjinhos a remar.

Leva vinte e quatro remos,
Outros tantos remadores,
Jesus! que tambem lhe fica
Nossa Senhora das Dores!

Ao entrarem na igreja:

Oh Virgem Nossa Senhora,
Oh Fonte de graça cheia,
Soccorrei-nos a noss'alma,
Morremos na terra alheia.

Oh Virgem Nossa Senhora,
Vós onde estaes bem nos vêdes;
Cortae os mastros aos moiros
Que roubam os portuguezes.

Recolhei-vos, pomba branca,
Anda caçador em terra;
Atira com ballas d'oiro,
Aonde faz ponto não erra.

Ao sahirem da igreja:

Vamo-nos embora
Com o Esp'rito Santo,
Estão á espera
Por todo esse campo.

Quem me dera ser dos anjos,
P'ra com os anjos cantar,
Que do ceu vira sahir
Um estandarte real.

Deixae vós vir a bandeira
Pela rua das fomasas;
Que ella vem resplandecente,
E vem cheirando a rosas.

Oh Divino Esp'rito Santo,
Que daes a quem vos vem ver?
—Aos solteiros, boa sorte;
Aos casados, bom viver.

Oh Divino Esp'rito Santo
Esp'rito Santo Divino;
Do ceu caia sobre nós,
Excelso amor mais fino.

O Divino Esp'rito Santo
Elle aqui vae a correr,
Vae ajudar os mordomos
Que teem muito que fazer.

O Divino Esp'rito Santo
Elle aqui vae á *Relvinha* (1)
Vae ajudar os mordomos
A peneirar a farinha.

Ao distribuir as esmolal:

Lá está o ceu aberto,
As portas de par em par,
Para receber as esmolal
Que vós tendes para dar.

Dae vós as vossas esmolal,
Dae-as de bom coração,
Pois lá á meza da gloria
Achareis o galardão.

Dae vós as vossas esmolal,
Ali estão os pobres juntos,
No ceu são apresentadas
Por alma de vossos defuntos.

Em casa do mordomo ao jantar:

Entrae cavalleiros,
Meninos fidalgos,
Entrae cavalleiros
Pr'a o vosso logar,
P'ra ver os anjinhos
Que estão no altar.
Entrae cavalleiros,
Meninos mimosos,
Entrae cavalleiros
Para os vossos postos.

A' meza:

A—espiga—é segredo,
Traz o grão escondido,
Favorecei-me, senhor,
Que venho desfavorecido.

Que rica sôpa de vacca,
Manda o nosso imperador,
Assentae-vos, comei d'ella,
No prato tem bella côr.

A cada prato que vem para a meza os
foliões levantam-se e cantam uma quadra
alusoria. No final do jantar:

Deus vol-o pague, Senhor,
A mercê mais o favor;
O Senhor Esp'rito Santo
Ha de ser o pagador.

A quem nos a nós fez isto,
A quem nos a nós fez tanto,
Pague-lo Deus, Deus lo pague,
Pague-lo o Esp'rito Santo.

Agradecimento ao dono da casa e á
mudança da corôa para a casa do imperador
do domingo seguinte:

Nobre imperador,
Vos peço perdão.
Se vos não servimos
De bom galardão.

Em duas palavras,
Vos quero dizer:
Toda a fidalguia
Manda agradecer.

Manda agradecer,
Folhinha de cravo
Ao nobre mordomo
Ficamos obrigado.

Meu nobre senhor
A carta está lida,
Os nossos foliões
Dão-na despedida.

Vamos nós embora,
C'uma *baja* d'oiro;
Vae acompanhar-nos,
Cabeça de peloiro (2).

Toda a fidalguia
Que esteve ao jantar,
Façam-no favor
De nos acompanhar.

Vamo-nos embora
Com o Esp'rito Santo,
Estão á espera
Por todo esse campo.

A nobre mordoma
Tem a roupa armada,
Esperando uma prenda
Que é tão desejada.

A nobre familia
Brinca no terreiro,
Esperando uma prenda
Que é Deus verdadeiro.

Ao entrarem em casa da nova mordoma:

Senhora nobre mordoma
Já pôde estar descansada,
Que já tem na sua posse
A prenda bem desejada.

(1) Relvinha é um sitio d'esta freguezia.

(2) Cabeça de peloiro é o mordomo para a festa seguinte.

Recolhida pelo Rev.^{mo} padre Manuel d'Azevedo Cunha, que nos diz que esta musica é dos velhos *foliões* (dos quaes actualmente ainda existem tres).

Todos os versos de redondilha menor, são entoados com um rythmo adequado.

A festa do Espirito Santo, é, no archipelago açoriano, de todas a mais popular; a Fé e a Caridade, reúnem-se para tributar graças a Deus, ainda que com um misto de paganismo. O terror pelos terramotos excitou nos primeiros povoadores das ilhas a devoção pelo Divino Espirito Santo, e como consequencia organisaram confrarias ou devoções ao Paraclito com o nome de *Imperios*; e estes tinham por fim solemnizar o dia do padroeiro, dar bодо aos pobres e jantar aos membros da confraria.

Esta solemnidade, que tem logar desde o Pentecostes até ao dia de S. Pedro, foi sempre muito dispendiosa para os mordomos e especialmente para o *imperador* e *imperatriz*, que assim se denominam o juiz e a juiza da festa, e que são quasi sempre duas creanças de familias ricas.

Actualmente formam-se em differentes ruas *Imperios* (ou commissões de ruas) que tem por fim dar aos pobres pão, carne e vinho, etc. Os mordomos vao buscar a corça e o sceptro a casa do mordomo que a tem para coroar o novo *imperador* e entao vão á igreja e sao acompanhados pelo parochio. O *imperador* tem por seu turno de ir coroar a *imperatriz* a quem tem tambem de dar uma prenda. Depois da assistencia á missa segue-se a distribuiçao do bодо aos pobres e o jantar que o *imperador* dá a todo o *imperio*.

Os *foliões* sao uns cantadores que se acompanham com qualquer instrumento de corda ou de percussao (ou cantam a secco) e fazem parte do prestito, assistem aos jantares, cantando a pretexto de qualquer coisa as tradicionaes cantigas, e organisam bailados.

O Ex.^{mo} Snr. Dr. Theophilo Braga, no seu livro *O povo portuguez* resume o que se tem escripto sobre esta funcção que tambem se celebra ainda em algumas localidades do continente de Portugal e no Brazil.

HYMNO DO ESPIRITO SANTO

À Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria Magdalena Azeredo.

Letra e musica do Padre Delgado.

76 *Marcial* *f*

Al - va pom - ba que mei - ga ap - par' - ces - - te ao Mes - si - as no ri - o Jor -

dão, es - ten - dei vos - sas a - zas ce - les - tes so - bre os po - vos do or - be chris -

tão. *f* Vin-de, oh vin - de en-tre nu - vens de glo - - ri - a, en - tre os

an - jos e ben - çãos d'a - mor, en - tre can - tos de e - ter - na vi -

cto - ri - a, os ch'ru - bins vos e - le - vam, Se - nhor, os ch'ru -

bins vos e - le - vam, Se - nhor. *f*

bins vos e - le - vam, Se - nhor. *ff* *ff* D. C. §

Este hymno, cujo author é da Ilha de S. Miguel, foi escripto para ser cantado nas festas do Espirito Santo, n'esta ilha, mas vulgarisou-se rapidamente e hoje toda a gente o canta nos Açores.

HYMNO DO ESPIRITO SANTO

Alva pomba, que meiga appareceste
Ao Messias, no rio Jordão ;
Estendei vossas azas celestes
Sobre os povos do orbe christão.

CÔRO :

Vinde, oh ! vinde, entre nuvens de gloria,
Entre os anjos e benções d'amor,
Entre os cantos d'eterna victoria
Que os ch'rubins vos elevam, Senhor.

Quem aos pobres seus braços estende,
Quem lhes veste seus hombros tão nús,
Achará que tudo isso só tende
Para a gloria e honra da Cruz.

Vinde, oh ! vinde, etc.

Offertae as mais bellas offerendas,
Offertae-as em nome de Deus,
Colhereis, lá um dia, mil prendas
Quando entrardes no reino dos ceus.

Vinde, oh ! vinde, etc.

Semeando vosso oiro entre os pobres
A colheita no ceu a fareis !
O triumpho de esforços tão nobres
Só no seio de Deus achareis.

CÔRO :

Vinde, oh ! vinde, entre nuvens de gloria,
Entre os anjos e benções d'amor,
Entre os cantos de eterna victoria
Que os ch'rubins vos elevam, Senhor.

Vinde, irmãos, vinde todos constrictos,
Uma esmola d'amor offertar !
E' dever consolar os afflictos
E a fome do pobre matar !

Vinde, oh ! vinde, etc.

Traga rosas e ramos de loiro
Quem esmola melhor não tiver ;
Assim mesmo offerece um thesoiro !
Ganhará o brazão de esmoler !

Vinde, oh ! vinde, etc.

LOUVORES DO ESPIRITO SANTO

HYMNO RELIGIOSO

A Ex.^{ma} Sr.^a D. Mafalda Mathieu Driscoll.

77 *Allegretto*

Vin - de, San - to Es - pi - ri - to, dos ceus a - ju - dae - nos, e

da vos - sa luz um ra - - io man - dae - nos e

da vos - sa luz um ra - - io man - dae - nos.

Vinde, Santo Espirito
 Dos ceus ajudae-nos;
 E da vossa luz
 Um raio mandae-nos.

Vinde, pae dos pobres,
 Que os dons repartis;
 Luz dos corações,
 Que aos cegos luzis.

Sois consolador,
 Benigno excellente;
 Sois de nossas almas
 Hospede decente.

Doce refrigerio,
 Que abrandaes a calma;
 Com que o apetite
 Nos abraza a alma.

Oh Luz gloriosa,
 Que encher vos digneis
 Os intimos peitos
 Dos vossos fieis.

No trabalho sois
 Descanço seguro;
 Allivio no pranto,
 Ao coração puro.

Lavae o que está
 Sordido e manchado;
 Regae o que tem
 A culpa seccado.

Dobrae o que é rijo,
 Que o frio aquentaes,
 Para nosso desvio
 Vós bem nos guiaes.

Sem vosso poder
 Nada é innocente;
 Nada tem o homem
 Que é pobre e doente.

Os vossos fieis
 Em vós se esperancem;
 Dae-lhe os sete dons
 Que os ceus lhes alcancem.

Dae-lhes da virtude
 O merecimento,
 Dae-lhes de vos verem
 O contentamento.

Vinde, Santo Espirito
 Dos ceus ajadae-nos:
 E da vossa luz
 Um raio mandae-nos.

Cada estrophe é repetida em côro.

Recolhido nos Açores, pelo Rev.^{mo} padre M. d'Azevedo e Cunha.

A tradução d'este hymno da igreja é obra do padre Radmaker, já fallecido. Canta-se nas casas onde está a corôa do Espirito Santo, e em seguida ao Terço do Rosario, que é sempre cantado durante os oito dias da permanencia ahí da corôa. A epocha d'estas festas vae do domingo da Paschoa ao domingo da Trindade.

AS PENEIRAS

CANTIGA

À Ex.^{ma} S^{ra}. D. Ludovina Tenreiro.

78 *Allegretto*

The musical score is written for piano and voice. It consists of four systems of music. Each system has a vocal line on a treble clef staff and a piano accompaniment on a grand staff (treble and bass clefs). The key signature is one sharp (F#) and the time signature is 3/8. The tempo is marked 'Allegretto'. Dynamics include *f* (forte) and *p* (piano). The lyrics are written below the vocal line.

As pe-nei-ras nos o-lhos tem si-do
 sem-pre o-lha-das com ri-so e des-dem,
 pois dos ho-mens o mais en-ten-
 di-do tem pe-nei-ras nos o-lhos tam-bem.
 Ai quem me dá de
 pren-da um ri-so as-sim, Ai! que me ma-tas! que mor-res! não mor-ras por mim.

Esta musica já tem mais de quarenta annos. Foi então recolhida pelo fallecido professor de musica João A. Ribas, com as primeiras quatro quadras seguintes, e o estribilho que parece ser uma addição popular, procedente de Vizeu.

As peneiras nos olhos tem sido
 Sempre olhadas com riso e desdem,
 Pois dos homens o mais entendido
 Tem peneiras nos olhos tambem.

Ai! quem me dá de prenda
 Um riso assim!
 Ai! que me matas! que morres!
 Não morras por mim.

O amante mais terno e mavioso,
 Mil carinhos fazendo ao seu bem,
 Quando julga que é só o ditoso,
 E' peneiras nos olhos que tem.

Ai! quem me dá, etc.

O janota que em manta se abafa,
 A fingir que tem frio e não tem:
 E' patêta, e bem póde gabar-se
 Ter peneira nos olhos tambem.

Ai! quem me dá de prenda
 Um riso assim!
 Ai que me matas! que morres!
 Não morras por mim.

Se um velhote, por falta de tino,
 Aos oitenta casar ainda vem,
 Só depois de ser pãe de meninos
 Reconhece a peneira que tem.

Ai! quem me dá, etc.

AS PENEIRAS

O *borlista* que muita mesura
Faz aqui, faz ali, faz além,
Se não julga que o povo o censura,
Que peneiras nos olhos não tem!

E, quando entra na casa do nobre,
Se pergunta se está lá alguém,
Com receio de achar *outro pobre*,
Tem peneiras nos olhos também.

E, tornando-se humilde *capacho*,
Em serviços que não lhe convém,
Sem vergonha descendo tão baixo,
São peneiras nos olhos que tem!

E, soffrendo sem dar o cavaco
Os insultos que aos centos lhe vêem,
P'ra comer sem gastar um pataco,
Tem peneiras nos olhos também.

E, se á mesa não vê o creado
Quando já não lhe falta ninguém,
Ir servil-o, porém de mau grado,
Mil peneiras nos olhos só tem.

Quando a dama acompanha na rua,
Na distancia que ao moço convem,
Affagando o setim que flutua,
Tem peneiras nos olhos também.

E, seguindo a brutal cadeirinha,
Ao gallego a fallar com desdem,
Se vê n'este uma vida mesquinha
Nos seus olhos peneiras só tem.

Quando ao pé d'um barão repimpado,
Vae as ruas correndo n'um trem,
Se imagina ser mais respeitado,
Tem peneiras nos olhos também.

Se nos bailes do tom apparece,
Onde vae a pedido d'alguem,
Sem a todos julgar que aborrece,
Tem peneiras de certo, oh se tem!

E, se diz pertencer á nobreza,
Sem na bolsa tinir-lhe um vintem,
Quando falla na tia marquezia,
Tem peneiras nos olhos também.

Se dizendo em francez mil asneiras,
Affectando instrucção que não tem,
Cuida pôr-nos nos olhos peneiras,
Tem peneiras, e mais que ninguém!

Se na terra só tem pecegueiros,
Cujo fructo vender-se aqui vem,
Quando finge ter mundos inteiros,
Tem peneiras nos olhos também.

E, se a terra deixou das cavacas,
Cujas fórmas na cara já tem,
P'ra correr sempre ao som das matracas,
Tem peneiras, mas come, e faz bem.

Se filado n'um pobre assignante,
No theatro não gasta um vintem,
E as trombas não vê, cada instante,
Tem peneiras nos olhos também.

E, se ufano percorre a plateia,
Onde n'um intervallo só vem,
E p'ra ter um namoro se arreia,
E' peneira nos olhos que tem.

E o maluco, patau *fidalgote*
Que paciente o *borlista* mantem,
Se o não manda zurzir c'um chicote,
Tem peneiras nos olhos também.

CAMILLO CASTELLO BRANCO,



Esta poesia appareceu no semanario portuense *Bico de Gaç.* publicação ephemera que Camillo Castello Branco redigiu em 1854. E' uma satyra vibrada a um famigerado parasita, assiduo papa-jantares e implacavel *borlista* frequentador de theatros e de todas as reuniões, em casas nobres, onde se apresentava sempre, mesmo sem ser convidado. Era descendente d'uma familia d'Amarante que se dizia de antiga linhagem, e desempenhava um modesto emprego publico. De fato coçado, no ultimo fio, mas sempre escovado e correcto, mesureiro e prestando pequenos serviços, attencioso para com as damas, era infallivel em todas as diversões e espectaculos. Os seus expedientes *borlistas* eram infinitos; até conseguia viajar de graça nos vapores, demorando-se no lugar mais escuso, e fingindo-se muito contrariado, quando o vapor levantava ferro.

A carapuça, talhada por mão de mestre, pôde, porém encaixar-se em innumeradas cabeças.

Poesia e musica vulgarisaram-se em todo o paiz e no Brazil. Sobre o thema *São peneiras nos olhos que tem* composeram-se posteriormente outras poesias que foram cantadas nos theatros, como cançonetas.

HIJA DEL GUADALQUIVIR

FADO NOCTURNO

À Ex.^{ma} Snr.^a D. Idalina Barboza.

79 *Andante dolce*

Se eu po - des - se em noi-te es - cu - ra por ti ser a - ga - sa -

lha - do, no a - ça - fa - te da cos - tu - ra, dor - mi - a mes - mo en - ros -

ca - do. *p* Hi - ja del Gua - dal - qui - vir, oh for - mo - sa se - vi -

lha - na, des - cer - ra a tu - a ven - ta - na, vem mi - nhas tro - vas ou - vir, *f* Não

per - cas tem - po em dor - mir, que el Ma - no - lo te pro - cu - ra, por

con 8^a

mi ma - dre bue-na e pu - ra, Pe-pi - ta, quan - to te quie - ro, Yo
te qui - ta-ba, el sa - le - ro, se eu po - des - se, em noite-es - cu - ra.

MOTE

Se eu podesse em noite escura,
Por ti ser agasalhado,
No açafate da costura
Dormia, mesmo enroscado.

GLOSA

Hija del Guadalquivir!
Oh formosa sevilhana!
Descerra a tua *ventana*,
Vem minhas trovas ouvir;
Não percas tempo em dormir,
Que el Manolo te procura,
Por mi madre buena e pura,
Pepita, quanto te quiero!
Yo te quitaba el salero,
Se eu podesse, em noite escura.

El lunar que te vigia,
Caramba, por Dios, condeno!
Maldito seja o sereno
Que ronda a *calle* sombria.
Quando elle principia
A bradar: *el sol és nado,*
Eu corro, fujo assustado,
Por essas *callitas* fóra,
Podiendo en aquella hora
Por ti ser agasalhado.

Desde Sevilha a Granada,
Ninguem te vê que não peque;
Porque fere mais teu leque
Que o gume da fina espada:
Se tu me deras pousada
Em tua alcobita escura,
Verias com que ternura
Eu dormia enroscadinho,
Mais meigo que um gatinho,
No açafate da costura.

Salero como en ti, hija,
Não ha nas terras de Hespanha,
Desde as margens que o Tormes banha
Até á côrte de Madrid;
Tu alma mi alma pide,
Chiquita, por Dios louvado;
Se eu me pilhara deitado
No teu leitinho de alvura,
Com tua mantilha escura
Dormia mesmo enroscado.

Recolhida em Alcobaça, em 1885, por F. Pinto Nogueira.
Os *fados novos* tem actualmente a designação de *Nocturnos*.
Esta melodia tem a suavidade germanica. Parece que a musica teutonica inspirara o melodista, que não temos o gosto de saber quem é. Também não conhecemos o author da poesia que, sobre um antigo mote portuguez, glosou essê gracioso mixto das linguas hespanhola e portugueza, em doce união iberica.
Esta melodia está muito divulgada em todo o paiz porém com innumerables variantes.

CHULA DE PENAFIEL

À Ex.^{ma} Snr.^a D. Joaquina Santos Lima Arriaga e Nunes.

80

Andante

p

cres.

The musical score is written for piano in G major and 2/4 time. It consists of five systems of two staves each. The first system begins with a piano (*p*) dynamic and a tempo marking of *Andante*. The score features a steady accompaniment in the left hand and a more melodic line in the right hand. A crescendo (*cres.*) is indicated in the second measure of the first system. The piece concludes with a final cadence in the fifth system.

First system of musical notation, consisting of two staves (treble and bass clef) with a grand staff brace on the left. The music is in 2/4 time and features a melody in the treble staff and a bass line in the bass staff.

Second system of musical notation, consisting of two staves (treble and bass clef) with a grand staff brace on the left. The music continues from the first system.

Third system of musical notation, consisting of two staves (treble and bass clef) with a grand staff brace on the left. The music continues from the second system.

Fourth system of musical notation, consisting of two staves (treble and bass clef) with a grand staff brace on the left. The music continues from the third system.

Fifth system of musical notation, consisting of two staves (treble and bass clef) with a grand staff brace on the left. The music continues from the fourth system.

A-mo- res no - vos fal - lae - me, A-mo-
Fa-ço de con - ta que fo - ram, Fa-ço

res no - vos fal - lae - me, que os ve - lhos já me es-que - ce - ram ;
de con - ta que fo - ram fo - lhas de pa - pel que ar - de - ram.

O cantador descanta em falsete. Quando no rancho ha cantadeira, então improvisam-se cantigas ao desafio, alternando os dois: isto entremeadado de intermináveis variações.

O instrumental na aldeia compõe-se de rebecas, violas, violões, e outros instrumentos de corda, ferrinhos e um tambor, e algumas vezes flauta e clarinete.

CHULA DE PENAFIEL

Amores novos, fallae-me,
Que os velhos já me esqueceram;
Faço de conta que foram
Folhas de papel que arderam.

Semei o meu faval
Já tenho muitas favinhas;
Já tomei novos amores,
Os velhos que torçam linhas.

Eu amo a tres amores,
Dois de manhã, um de tarde:
Trago a dois enganados,
Só a um fallo verdade.

Já te quiz e bem, na vida,
Isso quiz, que eu não o nego;
Fizeste-me uma traição,
Agora nem ver-te quero.

Cala-te, meu coração,
Tu nada queiras dizer;
Quem se cala vence tudo,
Tambem tu has de vencer.

Eu amar *hei-te* amar,
Foi palavra que te dei;
Por fim *hei-te* deixar,
Como tu fazes tambem.

Hei de amar a pedra dura,
E ao teu coração não;
Que a pedra dura não queima,
E tu queimas sem razão.

Sois agua, não mataes sede,
Sois pimenta, não queimaes,
Sois uns e pintae-vos *oitros*
Quando commigo fallaes.

Domingo, se fôres á missa,
Bem sabes onde eu me ponho;
Dá-me um aceno c'os olhos,
Que eu co' isso me componho.

Dizes que me queres bem,
Eu por obra o quero ver;
O dizer quero-te bem.
Quem quer o póde dizer.

Se eu soubesse quem tu eras,
E qual é teu coração,
Uma falla que te dei
Ou t'a daria ou não.

Se eu soubesse quem tu eras,
Ou quem tu vinhas a ser;
Mandava vir da botica
Remedio para morrer.

O amor de homem casado
Quem me dera sequer um;
Para *couços* de panella,
Que ainda não tenho nenhum.

O amor de homem casado
Quem o quer? quem o cobiça?
E' como o cant'ro quebrado,
Com a rolha de cortiça.

O amor de homem casado
Quem o ha de pretender?
E' como o vinho botado,
Que se não póde beber.

Hei de escrever uma carta
Ao rigor d'esse teu corpo;
Juro que não chegará
Quanto papel tem o Porto.

Deste-me um ar do teu riso,
Quando por ti fui passando;
Empiscaste-me os teus olhos,
Eu logo me fui chegando.

Amores ao pé da porta,
Quem m'os dera a todo o risco;
Ainda que a bocca não falle,
Os olhos sempre lhe empisco.

Aos olhos do meu amor,
Hei-lhes atirar um tiro;
Já que elles por bem não querem
Deixar de fallar commigo.

Os olbos requerem olhos,
Os corações, corações;
Tambem as boas palavras
Requerem as boas acções.

Os olhos requerem olhos,
Tudo requer o que é seu;
Eu requeiro o meu amor,
E por justiça que é meu.

O amor quando se encontra
Causa pena e causa gosto;
Sobresalta o coração,
Faz subir a côr ao rosto.

Hei de subir ao teu peito
Por alta escada de vidro,
Com fechaduras de prata
Para me fechar commigo.

O sol quando quer nascer
A' minha porta vem dar,
Vem pedir obediencia
Dos raios que ha de deitar.

O sol para todos nasce,
Só para mim escurece;
Desgraçada rapariga
Que até o sol aborrece.

Eu fui a que disse ao sol
Que era escusado nascer;
A' vista d'esses teus olhos,
Que vem o sol cá fazer?

Oh meu cravinho vermelho,
Salpicado na botica,
Adeus que me vou embora,
Meu coração cá te fica.

Dizes que te vaes embora,
E já te estás preparando;
Quem me fôra livre minha,
Que te fôra acompanhando.

Agora é que vou morrer,
Vou passar o meu martyrio,
Vou morrer sem acabar.
Padecer sem ter allivio.

Já lá vae o sol abaixo,
Já não nasce onde nascia,
Já não dou as minhas fallas
A quem as dáva algum dia.

POESIA, AMOR

BALLADA

A Ex.^{ma} Srr.^a D. Maria Canedo.

81 *Allegretto*

f

f

p Que nu-vem mi-

mo - sa cor - re pres - su - ro - sa na es - tei - ra do ce - u que de a - zul sem

veu co - bre to - do o ceu chei - o de ma - gi - a, quan - do nas - ce o

sol dou - ran - do o len - çol que bran - queia a au - ro - ra, n' es - sa mei - ga

cres.

ho - ra, n'es-sa mei - ga ho - ra do rom-per do di - a. *p* Tu - do é po - e -

si - a, *p* po - e - si - a a - mor, tu - do são en -

cres.

can - tos pa - ra o tro - - va - dor tu - do é po - e -

si - a *p* po - e - si - a a - mor. tu - do são en -

can - tos pa - ra o tro - va - dor.

POESIA, AMOR

Que nuvem mimosa
Corre pressurosa
Na esteira do ceu,
Que de azul sem veu
Cobre todo o ceu
Cheio de magia;
Quando nasce o sol
Dourando o lençol
Que branqueia a aurora,
N'essa meiga hora,
N'essa meiga hora
Do romper do dia.

Tudo é poesia,
Poesia, amor;
Tudo são encantos
Para o trovador!

Oh! que linda moça,
Sae d'aquella choça,
Mimosa, engraçada:
Traz arregaçada
A saia encarnada
De chita grosseira;
Vae cantarolando,
Vae gentil guiando
Seu mimoso gado,
Seu enamorado,
Seu rebanho amado
Da cançada feira!

Tudo é poesia,
Poesia, amor;
Tudo são encantos
Para o trovador!

Desabrocham flores,
Das mais lindas cores,
Na verde campina,
Que mais se illumina
Co'a luz matutina
De bellezas mil.
Como esmaltado
Lá se ostenta o prado,
As cores mimosas,
Boninas e rosas
Qual das mais formosas
Das rivaes gentil.

Tudo é poesia,
Poesia, amor;
Tudo são encantos
Para o trovador!

Por detraz do monte
Lá se esconde a fonte
Dos montes rainha,
Corre, coitadinha,
Toda apressadinha.
Com que agonia,
A modesta lua,
Corre leda e nua!
Como vae correndo,
Empallidecendo,
De susto tremendo,
Ao nascer do dia!

Tudo é poesia,
Poesia, amor;
Tudo são encantos
Para o trovador!

FEIJOADA, AMOR

PARODIA

Oh! que feijoada,
Tão engordurada,
Tão cheia de brêdos,
Que me atóla os dedos
De limões azedos,
Pimentão ardente.
Oh! que bello vinho,
Que negro toucinho
Que na meza bole!
Para ficar molle
Só lhe falta o golle
Da bella aguardente.

Tudo é feijoada,
Feijoada, amor,
Para encher a pança
Ao bom trovador!

Que pretos tismados
Correm apressados
Aqui nos Brazis;
Que negras gentis,
Bonitas e feias,
Vestidas de tanga,
Vendendo pitanga,
Laranjas e manga,
No campo da feira,
Tudo é bebedeira,
Tudo é bandalheira
Que nos causa zanga.

Tudo é feijoada,
Feijoada, amor,
Para encher a pança
Ao bom trovador!

Quanta moça tola,
Que come cebola
Da Inglaterra,
Com medo da guerra
Que ha n'esta terra
De Napoleão.
Que porcos mimosos,
Carneiros cheirosos,
Cabras berradeiras,
Gallinhas pódeiras
A's segundas-feiras
Vão p'ra correição.

Tudo é feijoada,
Feijoada, amor,
Para encher a pança
Ao bom trovador!

Quanta moça feia,
De meiguice cheia,
Nas suas janellas;
Mas quantas mazellas,
Quantas erysipellas
Encobre o balcão!
Quantos impostores
Formados doutores,
Da rapaziada,
Andam á cabeçada!
Pela namorada,
Só a cachação!

Tudo é feijoada,
Feijoada, amor,
Para encher a pança
Ao bom trovador!

A PASTORINHA DA LAPA

XACARA

À Ex.^{ma} Snr.^a D. Alzira Candida Gomes Martins.

82

Andante

p

dolce

In-da a-go-ra vim da La - - pa, quem me de-ra lá tor-

nar. E o - ra va - lha - me De-us, va-lha-me a Vir-gem Sa - gra - da. A - men.

FIM

D. C.

Inda agora vim da Lapa,
Quem me dera lá tornar,

E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Sagrada.

Só por vêr a pastorinha
Que lá ficava assentada;

E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Sagrada.

Co'uma roquinha á cintura,
E uma cestinha á ilharga;

E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Sagrada.

Foram dizer ao marido
Que ella andava namorada;

E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Sagrada.

Co'um sacerdote de missa,
E elle missa não dizia;

E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Maria.

—Confessa-te, mulher minha,
Que hoje te tiro a vida;

E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Maria.

«Quer m'a tires, quer m'a deixes,
Essa tenção era minha;

E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Maria.

Peço-te, marido meu,
Que me enterres na ermida;

E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Maria.

Lá acima ao altar mór,
Aos pés de Santa Cath'rina.»

E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Maria.

Lá no fim de nove mezes
Um lindo *cante* se ouvia;

E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Maria.

Quer por dentro, quer por fóra,
A ermida retinia;

E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Maria.

Foram dizer ao marido,
Menina que era nascida;

E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Maria.

San José a baptisava,
Nossa Senhora era a madrinha;

E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Maria.

«Aqui tens, marido meu,
A vida em que eu andava;

Ai, Jesus, valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Sagrada.

Quem a Virgem serve bem
Sempre lhe dá boa paga;

Ai, Jesus, valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Sagrada.

Amen.

A VIVANDEIRA

CANÇÃO MARCIAL

À Ex.^{ma} S^{ra}. D. Angelica Maria Carneiro Martins.

83 *Allegretto*

p

The first system shows the piano introduction in 3/4 time, marked *Allegretto* and *p*. It consists of two staves with a treble and bass clef. The melody is in the right hand, and the accompaniment is in the left hand.

con 8^a

p Ai que vi - da que pas - sa na

The second system shows the vocal line and piano accompaniment for the first line of lyrics. The vocal line is in the treble clef, and the piano accompaniment is in the bass clef. The lyrics are "Ai que vi - da que pas - sa na".

con 8^a

ter - ra, quem não ou - ve ru - far o tam - bor; Ai que

The third system shows the vocal line and piano accompaniment for the second line of lyrics. The lyrics are "ter - ra, quem não ou - ve ru - far o tam - bor; Ai que".

con 8^a

vi - da que pas - sa na ter - ra, quem não ou - ve ru - far o tam -

The fourth system shows the vocal line and piano accompaniment for the third line of lyrics. The lyrics are "vi - da que pas - sa na ter - ra, quem não ou - ve ru - far o tam -".

con 8^a *a voz canta as notas inferiores*

bor; quem não can - ta na for - ça da guer - ra, ai a -

The fifth system shows the vocal line and piano accompaniment for the fourth line of lyrics. The lyrics are "bor; quem não can - ta na for - ça da guer - ra, ai a -". The instruction *a voz canta as notas inferiores* is written above the vocal line.



mor! ai a - mor! ai a - mor. Quem a vi - da qui - zer ver - de -



dei - ra, é fa - zer - se u - ma vez vi - van dei - ra.

Ai que vida que passa na terra
 Quem não ouve rufar o tambor;
 Quem não canta na força da guerra:
 Ai amor! ai amor! ai amor!

Quem a vida quizer verdadeira,
 E' fazer-se uma vez vivandeira.

Ai que vida esta vida que eu passo
 Com tão lindo, gentil mocetão:
 Se eu depois da batalha o abraço,
 Ai que vida p'r'o meu coração!

Que ternura cantando ao tambor:
 Ai amor! ai amor! ai amor!

Que harmonia não tem a metralha
 Derrubando fileiras sem fim;
 E depois, só depois da batalha,
 Vel-o salvo, cantando-me assim:

Em t'as marchas fazendo trigueira,
 Mais t'eu amo gentil vivandeira.

Ai que vida que passa na guerra,
 Quem pequena na guerra viveu:
 Quem sósinha passando na terra,
 Nem o pae, nem a mãe conheceu.

Quem a vida quizer verdadeira
 E' fazer-se uma vez vivandeira;

Não me assustam trabalhos da lida,
 Nem n'as balas me fazem chorar;
 Ai que vida, que vida, que vida,
 Esta vida passada a cantar.

Que eu lá sinto no campo o tambor
 A fallar-me meiguices d'amor.

Só na guerra se matam saudades,
 Só na guerra se sente o viver,
 Só na guerra se acabam vaidades,
 Só na guerra não custa o morrer.

Ai que vida, que vida, que vida,
 Ai que sorte tão bem escolhida!

Mas deixemos os cantos sentidos,
 Estes cantos do meu coração:
 Mas prestemos attentos ouvidos
 Ai taplão, rataplão, rataplão.

Ao taplão, rataplão, que o tambor
 Vae cadente fallando d'amor.

LUIZ AUGUSTO PALMEIRIM.

O RECRUTA

RATAPLÃO

À Ex.^{ma} S^{ra}. D. Izaura Mattos.*Allegretto*

84

Cá me fi - ze - ram sol - da - do, a - mor do meu co - ra - ção,

Não te es-que-ças de mim, não, por an - dar lon - ge, coi - ta - do!

Ai a mor! o tam - bor, ra - ta - plão, já lá ber - ra;

Ai a - de - - us mi - nha ter - - ra, ra - ta - plão, que eu vou pa - ra a guer ra.

O RECRUTA

Cá me fizeram soldado,
Amor do meu coração,
Não te esqueças de mim, não,
Por andar longe, coitado!

Ai! amor,
O tambor
Que já berra;
Rataplão,
Adeus, minha terra,
Rataplão,
Eu vou para a guerra.

Vou á guerra, e tu Maria,
Na aldeia o que farás?
Se esses olhos guardarás
Para m'os dares um dia?!

Ai! amor, etc.

Bem sabes como perdidos
São meus olhos pelos teus,
Que não sei quaes são os meus
Quando se olham confundidos.

Ai! amor, etc.

Pergunta, bem perguntado,
Se eu te quero bem ou não,
A's pedras do teu balcão,
A's telhas do teu telhado!

Ai! amor, etc.

Fui pobre folha cahida
Que na cheia amor levou
E n'um remanso deixou
A' tua porta detida.

Ai! amor, etc.

Ao sol dizia, no monte,
Que não tornasse a nascer,
Que vinha o sol cá fazer,
Se te tinha ali defronte?

Ai amor, etc.

A' noite, quando fiavas,
Dizia ao ver-te fiar:
Fosse eu linho! por te dar
Os beijos que tu lhe davas!

Ai! amor, etc.

Agora, ás costas a farda,
Agora á esquerda volver,
Agora, marchar e ter
Só por amante a espingarda!

Ai! amor, etc.

Agora, sangue e batalha,
Matar ou morrer por lá,
E o corpo á valla me irá
Sem ter ao menos mortalha.

Ai! amor, etc.

Mas se eu voltar que te veja
Logo de longe acenar,
Vae depois, vae-me esperar,
Com um padre, ao pé da igreja.

Ai! amor, etc.

E se na guerra, Maria,
Uma bala me dér fim,
Resa cá, resa por mim,
Resa uma vez cada dia.

Ai! amor, etc.

MALHÃO

CHOREORAPHICA

À Ex.^{ma} Sur.^a D. Maria Megre Restier.

85 *Andante* *f*

Oh Ma-lhão, tris - te Ma -

lhão, oh Ma - lhão, *f* tris - te Ma - lhão, tris - te

vi - da eu te hei de dar ; tris - te vi - da eu te hei de

dar ; não hei de ca - sar com - ti - - - go, não hei

de ca - - sar com ti - - - go, nem te hei de dei - xar ca -

sar, nem te hei de dei - xar ca - sar. D. C.

Oh Malhão, triste Malhão,
Oh Malhão, triste coitado!
Por tua causa, Malhão,
Ando roto, esfarrapado.

Oh Malhão, triste Malhão,
Triste vida eu te hei de dar:
Eão hei de casar contigo,
Nem te hei de deixar casar.

Oh Malhão, triste Malhão,
Oh Malhão endiabrado,
Por tua causa, Malhão,
Hei de morrer estafado.

Oh Malhão, triste Malhão,
Oh Malhão, sem ter rival,
E's da terra do bom vinho,
E's do Porto natural.

Oh Malhão, triste Malhão,
Triste ha de ser o teu fim;
Has de acabar os teus dias
A' porta d'um botequim.

Oh Malhão, triste Malhão,
O que foste e o que és!
Oh Malhão que estás virado
Co'a cabeça para os pés.

O Malhão é dança campestre do districto do Porto. O nome provém-lhe talvez de algum instrumento agrícola, anterior ao mangoal. A dança na aldeia é simples: as damas e os cavalheiros formam-se em fila, frente a frente; e, ora se approximam, ora se afastam, batendo com os pés o rythmo indicado na introdução d'esta musica. Por fim fecha a roda e todos dançam pulado.

Transportada para a cidade, esta dança tomou um character lubrico e foi adoptada nas orgias e bacchanaes do povo rude. Parece que foi esta musica que deu origem ao fado, pela semilhança da dança. Dois individuos frente a frente, afastam-se e approximam-se em requebros e tregeitos dando, ameudadas vezes, paçadas e sapateados em rythmo binario. Tal se dança na cidade.

As cantigas, na aldeia, são desgarradas; porém, na cidade, adicionaram-lhe muitas outras, das quaes, a maior parte são licenciosas.

A BARQUINHA

SERENATA

À Ex.^{ma} Sr.^a D. Lydia Leite Borges de Faria.

86 *Andante* *f*

Vem meu an-jo que eu não

pos - so vi - ver n'es te er-mo sem ti. Vem meu an jo, se não vo - as cui-

da-rei que te per - di. Que noi te se - re - na, que lin - do lu-

ar, que lin - da bar - qui - nha que ve - jo no mar.

Vem, vem oh meu an - jo, fu ja-mos d'a- qui, que a noi-te es-tá

bel-la, que a noi-te es-tá bel-la, o a-mor nos sor- ri. Fu-já-mos d'a - qui.

D. C.

Vem, meu anjo, que eu não posso
Viver n'este ermo sem ti! . . .
Vem, meu anjo, senão vòas,
Cuidarei que te perdi.

Que noite serena!
Que lindo luar!
Que linda barquinha
Que vejo no mar!
Vem, vem, oh meu anjo,
Fujamos d'aqui
Que a noite está bella
O amor nos sorri!

Tu já sabes quantas maguas
Uma saudade contém . . .
Ah! são muitas . . . sinto-as todas . . .
Vem, meu anjo, corre . . . vem!

Aqui, n'esta soledade,
Cada flôr é tua imagem,
Cada murmúrio um suspiro,
Cada gemido uma aragem!

Vejo em tudo a tua sombra . . .
Mas eu chamo-te, e não fallas!
Vem, meu anjo de ternura,
Que estas flores são tuas galas.

Vem, rainha d'estes prados,
Que o teu throno tens aqui!
Deixa as turbas d'esse mundo,
Que não é mundo p'ra ti . . .

Tens um ermo aonde a vida
E' tranquillá em singeleza,
Onde o Eterno ostenta as pompas
Da formosa natureza.

Tens no alvor da madrugada
As canções do rouxinol,
Que festeja os frouxos raios,
Que lhe dá benigno sol.

Tens, á tarde, os horisontes
Purpurinos, d'além-mar,
Que nos fazem sentir n'alma
Sensações d'um vago ahar.

Tens, á noite, este silencio
De saudade e de tristeza,
Quando a alma vela tanto,
E adormece a natureza.

Tens a cada instante, um ente,
Que te diz, em voz da terra,
Mil celestes pensamentos
Que no coração encerra.

Vem, meu anjo, que eu não posso
Viver n'este ermo sem ti!
Vem, meu anjo, se não vòas
Pensarei que te perdi . . .

A GEREZIANA

DANÇA DE RODA

À Ex.^{ma} Snr.^a D. Aurora d'Almeida.

87 *Andante*

f

p Te -

nho den - tro do meu pei - to du - as es - ca das de flo - res, Te - nho den - tro do meu

pei - to du - as es - ca das de flo - res, por u - ma des - cem sus - pi - ros, por ou - tra so - bem a -

ESTRIBILHO

mo - res, por u - ma des - cem sus - pi - ros por ou - tra so - bem a - mo - res. *f* Tan - ta

con 8^a

li - bra e eu tão li - vre d'el - las, a - mar el - las, são de ca - val - li - nho, são lin - das, são de - li -

con 8^a

ca - das, são le - aes ao seu bem - zi - nho. São le - aes ao seu bem - zi - nho, são

con 8^a

le - aes ao seu a - mor; Vá de ro - da, vá de ro - da, vá de ra - mi - nho em flôr.

Tenho dentro do meu peito,
Duas escadas de flôres,
Por uma descem suspiros,
Por outra sobem amores.

Tanta libra e eu tão livre d'ellas
Amar ellas, são de cavallinho,
São lindas, são delicadas,
São leaes ao seu bemzinho;
São leaes ao seu bemzinho,
São leaes ao seu amor,
Vá de roda, vá de roda,
Vá de raminho em flôr.

Viva quem aqui chegou,
Por ora não digo quem;
Chegaram aqui dois olhos
Aos quaes os meus querem bem.

Amar e saber amar
São pontinhos delicados;
Os que amam não tem conta,
Saber amar são contados.

Oh alta serra de neve
Tende de mim piedade!
Que me vejo sem amores
Na *felor* da minha idade.

Oh Senhora do Sameiro,
Eu queria ser vossa nora,
Se me dereis o menino
Que está no altar de fóra.

Semear e não colher,
E' o que atraza o lavrador;
Tambem eu estou atrazada
Em contas com o meu amor.

Limoeiro tem pé d'ouro
Tambem tem rama de prata;
Tomar amores não custa
Deixal-os é o que mata.

Auzentaste-te de mim
Sem teres razão de queixa,
Quem se auzenta sem ter causa
Nem leva penas nem deixa.

Quando eramos amigos
Eu andava no teu monte;
Agora que o não somos,
Vou beber a outra fonte.

Adeus, Caldas do Gerez,
Adeus, oh fonte da Bica,
Vim cá buscar a saude,
O meu dinheiro ahi fica.

Recolhida nas Caldas do Gerez em 1888 pelo Ex.^{mo} Snr. Dr. Ricardo Jorge, que a baptisou de *Gereziana*, por ser n'esta serra que pela primeira vez a ouviu.

Esta musica foi levada áquellas altitudes por um bando de raparigas que trabalhavam nas estradas, segundo refere o mesmo illustre clínico e nosso respeitavel amigo, n'um primoroso artigo que a este respeito foi publicado no *Jornal da Manhã*.

Investigando nós a procedencia d'esta musica, soubemos que ella é do districto de Coimbra, d'onde a haviam importado com algumas modificações, applicando-lhe uma poesia local.

DANÇA.—E' simplesmente de roda.

A CORADINHA

CHOREOGRAPHICA

À Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria Carmina d'Almeida Cunha.

88

Andantino § Da 2.^a vez com 8^a

The musical score is written for piano in G major and 6/8 time. It consists of three systems of music. The first system starts with a treble clef and a key signature of one sharp (F#). The tempo is marked 'Andantino'. The first system includes a section marked 'Da 2.^a vez com 8^a'. The lyrics are: 'O beiji-nho que me des-te sem teu pae nem mãe sa-ber, to-ma-o lá, tor-na a ac-cei-tal - o que já lh'o fo-ram di-zer. Co - ra - di - nha, fei - ti - cei - ra, en - can-to dos meus a - mo - res, os teus la - bios côr de ro - sa dão bei-ji - nhos ma - ta-do-res.' The second system continues the melody and accompaniment. The third system is marked 'con 8^a' and includes the lyrics: 'Co-ra - di-nha, o - lé, oh lin-da, Co - ra - di-nha, o - lé, meu bem.' The score ends with a double bar line and repeat dots.

O beijinho que me dêste
Sem meu pae nem mãe saber,
Toma-o lá, torna a acceital-o,
Que já lh'o foram dizer.

Coradinha, feiticeira,
Encanto dos meus amores,
Os teus labios côr de rosa
Dão beijinhos matadores.

Coradinha, olé, oh linda!
Coradinha, olé, meu bem.

Dá-me um beijo, dou-te dois,
A minha paga é dobrada;
Porque é brio dos amores
Pagar e não dever nada.

Coradinha, etc.

Oh meu amor, quem me dêra,
Quem me dêra sempre dar-te,
Beijinhos até morrer.
Abraços até matar-te.

Coradinha, etc.

Meu amor se te arrependes
D'algum bem que me fizeste,
Dá-me os beijos que eu te dei
Pelos que tu já me dêste.

Coradinha, etc.

Dá-me os beijos que te dei,
Que já lá tens mais de mil,
Dá-me os que te agora peço,
Os outros deixal-os ir,

Coradinha, etc.

Recolhida em S. Pedro d'Alva por F. P. Nogueira.

A repetição dos primeiros oito compassos é feita no fim de cada quadra com o estribilho: — *Coradinha, feiticeira*, etc.

Os pares formam grande roda e giram sobre a direita enquanto cantam a primeira quadra. No primeiro estribilho: *Coradinha, feiticeira*, largam as mãos e giram voltados para os seus pares, fazendo *balancê* e dando estalos com os dedos. Quando dizem: *Coradinha olé oh linda*, dançam de roda em passo de valsa.

HYMNO CONSTITUCIONAL DE 1820

CANÇÃO MARCIAL

A' Ex.^{ma} Snr.^a D. Amelia Eudoxia de Moraes Mattos e Sá.

Musica de C. Coccia.

89

Maestoso
ff

Ped. * Ped. * Ped. *

Ped. *

VOZ

p Che - gou em - fim o mo -

Ped. *

men - - - to da nos - sa e - man - ci - pa - ção; Che -

gou em - fim o mo - men - - - to da nos - sa e - man - ci - pa -

ção, vi - - va lu - sos va - lo - ro - sos, a nos -

sa cons - ti - tu - i - ção, vi - va lu - sos va - lo -

ro - sos a nos - - sa cons-ti-tu-i - ção, a nos - - sa cons-ti-tu-i -

ção, a nos - sa cons-ti-tu-i - ção. *f* Vi-va o nos-so so-be - ra - - no o a-ma-do, o sex-to Jo -

ã - - - o, vi-va o nos-so so - be - ra - no, o a - ma - do, o sex - to Jo -

ão, Que ha de sel-lar com seu no - - me a nos-sa cons-ti - tu - i -

ção. Que ha de sel-lar com seu no - me a nos - sa cons - ti - tu - i -

ção. Cons-ti-tu-i-ção. Cons-ti-tu-i-ção.

Chegou, enfim, o momento
Da nossa emancipação;
Viva, lusos valorosos,
A nossa Constituição.

Viva o nosso soberano,
O amado, o sexto João,
Que ha de sellar com seu nome
A nossa Constituição.

Reunam-se as lusas côrtes,
E com sacra inspiração
Façam que brilhe no mundo
A nossa Constituição.

Oh tu de um Deus emanada!
Oh santa religião!
Diffunde com tuas azas
A nossa Constituição.

Viva o nosso soberano,
O amado, o sexto João,
Que ha de sellar com seu nome
A nossa Constituição.

Já pouco tarda o momento
Da nossa consolação,
Em que ha de baixar dos ceus
A nossa Constituição.



ADORAÇÃO DA CRUZ

CANTICO

Letra de José Ignacio Roquete
 Conego que foi da Sé Patriarchal.
 Musica do Padre José Sebastião Netto
 Hoje Em.^{mo} Patriarcha de Lisboa.

A' Ex.^{ma} Snr.^a D. Quiteria Vieira Brandão.

Moderato

90 *f*

con 8^a

p Da bem-di - ta cruz Ao le-nho sa-gra - do, Em que o bom Je-

sus Foi por nós pre-ga - do; *con 8^a* *cres.* Chris - tãos can-te - mos

O piano 8^a

Em al-tas vo - zes: vi - - va Je - sus, vi - va a su - a

cruz. Vi - - va Je - sus, vi - va a su - a cruz.

Este cantico, recolhido pelo Rev.^{mo} Prior de San João d'Almancil, é muito vulgar no Algarve.

ADORAÇÃO DA CRUZ

Da bem dita Cruz
Ao lenho sagrado,
Em que o bom Jesus
Foi por nós pregado.

Christãos cantemos
Em altas vozes:
Viva Jesus,
Viva a sua Cruz.

Todos tributemos
Respeito profundo,
Porque n'elle temos
Redempção do mundo.

Christãos, etc.

E se em Portugal
Algum cego peito,
Por seu grande mal
Te nega respeito;

Christãos, etc.

Serve de terceira,
Oh crux adorada,
Para tal cegueira
Ser allumiada.

Christãos cantemos
Em altas vozes:
Viva Jesus,
Viva a sua Cruz.

Padre, Filho e Amor,
A vós seja dado,
Rendido louvor
Por todo o creado.

Christãos, etc.

E pois que na Cruz
Nos déstes victoria;
Dai-nos vêr Jesus
Na celeste gloria.

Christãos, etc.

O EXILIO

CANÇÃO

A' Ex.^{ma} S^{ra}. D. Virginia Moreira.

91

Andantino

f

f

p

Mi - nha ter - ra tem pal - mei - ras on - de can - - -

ta o sa - bi - á; Mi - nha ter - - ra tem pal - mei - ras on - de

can - - - ta o sa - bi - á; As a - ves que a - qui gor - gei - am,

não gor - gei - am co - - mo lá. Mi - nha ter - ra tem pal -

mei - ras on - de can - ta o sa - bi - á, as a - ves que a -

qui gor - gei - am não gor - gei - am co - - mo lá.

Esta canção é brasileira mas está muito vulgarisada em Portugal.

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorgem
Não gorgem como lá.

Nosso ceu tem mais estrellas,
As nossas varzeas mais flores,
Nossos bosques tem mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em scismar, sósinho, á noite
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá.

Não permitta Deus que eu morra
Sem que eu volte para lá:
Sem que disfructe os primores
Que não encontro por cá;
Sem que inda aviste as palmeiras
Onde canta o sabiá.

ANTONIO GONÇALVES DIAS.

A esta mimosa poesia do celebre poeta brasileiro, respondeu-lhe um portuguez com outra imitativa, não menos repassada de sentimento nostalgico. Eil-a:

Minha terra tem collinas,
Onde canta o rouxinol;
Minha terra é mais amena,
Mais saudoso o pôr do sol.

As flores tem mais perfumes
Nossos fructos mais sabores
Tem mais mimo a natureza,
Mais paixão nossos amores.

Mais prazer encontro eu lá
Em scismar ao pôr do sol;
Minha terra tem collinas
Onde canta o rouxinol.

E' mais linda a primavera
Mais jucundo o nosso estio;
Mais fertil o nosso outomno,
Mais saudoso o inverno frio:

E assim uma após outra,
Alternando as estações,
Ha mais viço nas idéias
Ha mais fogo nas paixões.

Não permitta Deus que eu morra
Sem que veja o seu pharol,
Suas tão bellas campinas,
Seu tão doce pôr do sol;
Sem que pise inda as collinas
Onde canta o rouxinol.

ESTEVÃO D'ARAÚJO V. PEREIRA E ALVIM.

(De Cabeceiras, mas residente no Rio de Janeiro).

A seguinte imitação é também muito conhecida:

Minha terra tem loureiros
Onde canta o rouxinol,
Canta triste, solitario,
De manhã e ao pôr do sol,

Quem me dera ouvir de novo,
N'essa terra que eu deixei,
O canto do rouxinol,
Se o seu canto tanto amei!

Minha terra tem campinas
Que tapizam lindas flores,
Trinam lá melhor as aves,
Sabem mais cantar amores.

Quem me dera ouvir de novo
O cantar do rouxinol,
N'essa terra que amo tanto,
Se eu amei tanto o seu sol.

Nem permitta Deus que eu morra
Dos annos no arrebol,
Sem que veja o sitio ameno
Onde canta o rouxinol.

Que o prazer que hoje me cerca
E' cruel — cruel bem sei,
Quero vêr esses loureiros
Que lá na patria deixei.

Além d'esta ha muitas outras imitações.

CANÇÃO DE UMA LOIRA

ROMANESCA

A' Ex.^{ma} Snr.^a D. Sancha de Jesus Ribeiro Lagôa.

Musica de Ch. Lecocq.

92 *Allegretto* *f*

Ha - bi - ta - va em u - ma al -

de - ia, Is - to só pe - lo de - mo - nio, Ra - pa - ri - ga cu - ja i - de - ia E - ra a

lei do ma - tri - mo - nio. O - ra o fi - no da pas - sa - gem te - ve o noi - vo de - se -

ja - do, Pois ja - mais de su - a i - ma - gem Pô - de ver um só boc - ca - do. Quan - do a -

noi - te des - li - sa - va so - bre a rel - va da col - li - na, Em se -

gre - do se dei - ta - va A - pa - gan - do a lam - pa - ri - na, lam -

pa - ri - - na. Mas que a - mor tão es - qui - si - - - to. Que mys -

te - rio tão ra - tão, Nin - guem sa - be, diz a can - - ção, Se o tal

noi - vo e - ra bo - ni - to; Que mys - te - rio tão ra - tão, Um ca - so as -

sim o - ri - gi - nal, Não i - am mal n'es - ta can-ção, não,

CORO
não, não i - am mal. *f* Que mys - te - rio tão ra - tão, um ca - so as-

sim o - ri - gi - nal, Não i - am mal n'es - ta can-ção, não, não, não i - am

mal. *ff*

mal. *ff*

É esta uma das canções estrangeiras que passou do theatre para o dominio publico, talvez pela jovialidade da composição poetica, porque o estylo d'esta musica franceza é improprio a enxertar-se no nosso sentimentalismo nacional.

CANÇÃO DE UMA LOIRA

Habitava em uma aldeia,
Isto só pelo demonio!
Rapariga, cuja ideia
Era a lei do matrimonio.

Ora o fino da passagem
Teve o noivo desejado,
Pois jámais de sua imagem,
Pôde vêr um só bocado.

Quando a noite deslisava
Sobre a relva da collina,
Em segredo se deitava
Apagando a lamparina.

Lam...
pa...
ri...
na!...

Mas que amor tão exquisito!...
Que mysterio tão ratão!
Ninguem sabe, diz a canção,
Se o tal noivo era bonito!...

Que mysterio tão ratão!...
Um caso assim, original...
Não iam mal n'esta canção...
Não, não, não iam mal!

Era bem feliz a esposa,
E o marido era perfeito,
Mas tambem, sendo curiosa,
Vêr quiz o marido a geito.

«Sou feliz,— dizia a bella;—
Com a vida sem desdoiro;
Mas não sei se meu marido
E' trigueiro, branco ou loiro!...

E a dôr que meu peito mina
Não doura do amor a chamma:
Eu quando o pilho na cama,
Vou dar luz á lamparina...»

Lam...
pa...
ri...
na!...

Mas que amor tão exquisito!...
Que mysterio tão ratão!...
Ninguem sabe, diz a canção,
Se o tal noivo era bonito!...

Que mysterio tão ratão!...
Um caso assim, original!...
Não iam mal n'esta canção...
Não, não, não iam mal!

E quando o pilhou roncando,
Emfim a luz accendeu,
Finalmente reparando
No noivo que Deus lhe deu.

Mas de golpe levantou-se
O marido singular,
E rosnuo: «Filha, acabou-se,
Jámais me verás voltar!»

E p'ra logo dando á perna,
Nem adeus disse ao seu bem,
E a pobre esposa terna
Ficou só, sem mais ninguem!

Sem...
mais...
nin...
guem!...

Mas que amor tão exquisito!...
Que mysterio tão ratão!...
Ninguem sabe, diz a canção...
Se o tal noivo era bonito!...

Que mysterio tão ratão!...
Um caso assim, original...
Não iam mal n'esta canção...
Não, não, não iam mal!

ANTONIO CRUZ.

GUALDINO DE CAMPOS.

A PADEIRINHA

DANÇA DE RODA

A' Ex.^{ma} Srr.^a D. Carlota Champalimaud.

93 *Allegretto*

Oh! que lin-dos o - lhos tem a pa-dei-ri - nha, é pe - na an-

da - - rem ao pó da fa - ri - nha. Ba - te pa - dei-ri - nha, No meu co - ra - ção,

con 8^a

ba-te o pé no chão, ago - ra, Ba - te no meu pei-to no meu co - ra - ção. pa-dei-ri - nha dá u - ma vol-ti-nha e va - mos em - bo - ra.

Oh que lindos olhos,
Tem a padeirinha,
São mal empregados,
Andar á farinha.

Bate padeirinha,
Bate o pé no chão,
Bate no meu peito,
No meu coração.

No meu coração,
Padeirinha agora,
Dá meia voltinha,
Vamos-nos embora.

Com esta mesma musica que é antiga
tambem se canta a seguinte letra :

Oh senhora mãe,
Deixe-me ir á festa,
Que não ha nenhuma
Mais linda do que esta.

Arcos, fogo e musica
Arraial tão lindo!...

E moços e moças
Conversando e rindo.

Ir lá tambem posso :
Já não sou pequena,
Sou da mesma idade
Da Rita Morena.

Já sei molinhar
Como um bom moleiro,
No moinho do milho
E mais no alveiro.

Quem fôr d'estas coisas
Já não é criança ;
Já póde ir ás festas,
Já canta e já dança.

Dê-me o chapéu fino
E a roupa aceiada
Que eu ir lá não devo
Toda enfarinhada.

Hei de ir de chinellas,
De meias de linha,
Camiza mui branca...
Mas não de farinha.

Não quero se ria
De mim todo o povo ;
Dê-me a saia verde
Mais o gibão novo.

Eu quero mostrar-me
No largo da igreja,
E mordam-se as outras,
Embora, de inveja.

E se perguntarem
Quem é a gaiteira,
Saibam que é a filha
Da Thereza moleira.

HENRIQUE AUGUSTO.

Recolhida em Lufrei em 1886, por F.
P. Nogueira.

D. JOÃO DA ARMADA

ROMANCE

A Ex.^{ma} S^{ra}. D. Maria da Cunha.

94

Andante

f

Sua al -

te - za a quem Deus guar - de, a - vi - so man - dou ao mar. Que se ap -

pa - re - lhas - se o con - de pa - ra de ma - nhã lar - gar. Dom Jo -

ão se ap - pa - re - lhou n' u - ma fra - ga - ta mui bel - - la Pa - ra em

pi - no do me - io di - a pe - gar a lar - gar á ve - - - la.

D. JOÃO DA ARMADA

Sua alteza, a quem Deus guarde,
Aviso mandou ao mar,
Que se aparelhasse o Conde
Para de manhã largar.
Dom João se aparelhou
N'uma fragata muito bella,
Para em pino do meio dia
Pegar a largar á vela.

Em pinos do meio dia
Deitou a peça de leva,
P'ra a companhia se ajuntar
Que queria dar á vela.
Uns a saltarem p'ra bordo,
Outros no caes a chorar,
Com as saudades da terra
Não ouzavam embarcar.

—Deixae-vos ficar em terra
Homens de maior idade,
Deixae ir a mancebia
Que vae para o mar brigar.—
A' partida da galera
Houve grandes clamores;
Capitão e commandantes
Todos se encheram de dores.

Entrando pelo mar dentro
Ouviram grandes terrores:
Eram mestres, contra-mestres
Amostrando os seus valores.
Indo mais pelo mar fóra
Ouviu-se apitos de prata:
Oh que rico commandante
Leva esta real fragata.

Indo mais pelo mar fóra
Onde terras se não via
Mandou acima gageiro
A vêr o que descobria.
O gageiro subiu logo
A vêr o que descobria
E lá do topo do mastro
Em altas vozes dizia:

—Gageiros da nossa nau
Apromptem a artilheria
Que aqui para a nossa armada
Vem uma combataria.
«Safa, safa, D. João,
Safa a tua artilheria,
Que são tantos os navios
Que o sol e a lua encobria.»

—Dize-me alferes da bitante:
Que navios traz Turquia?
«Se me perdoas a morte,
D. João, eu t'ó diria:
Nove centas e oitenta
Galeras que traz Turquia;
Fóra doze naus de linha
Que trazem a fidalguia.»

(Era este um renegado
Que na mesma armada ia;
Empenhando as suas barbas
D. João lh'o pagaria!)
D. João que tal ouvira
De tristeza se cobria;
Pega em Jesus nos seus braços
De pôpa á prôa corria:

—Sondes neto de Santa Anna
Filho da Virgem Maria;
Não permittaes vós, Senhor,
De eu acabar em Turquia!
Não permittaes que os mouros
Se encham de phantazia:
Não queiraes que os vossos filhos
Se encham de cobardia!

Chegou a armada uma a outro
Em pinos do meio dia;
As ballas que elles botavam
Tornam-se em mosqueteria
As que D. João atirava
Eram de grande valia
Mas a que mouro botava
Nem matava nem feria.

A fumaria era tanta,
Nem uns nem outros se via;
As cabeças pelos ares
A luz do sol encobria.
A sangreira era tanta
Que pelos embornaes corria,
Era tanta a gente morta
Que os navios empecia.

Pelas duas horas da tarde
Cessava a mosqueteria;
No mar o sangue era tanto
Que nenhuma agua se via.
—Acima, acima gageiro—
A vêr o que succedia,
O gageiro lá de cima
Em altas vozes dizia:

Alviçaras, senhor, alviçaras,
Alviçaras com alegria!
De novecentas e oitenta
Só uma galera via,
Com os seus mastros quebrados,
A pôpa rendido havia;
Leva a bandeira de rastos
P'ra desprezo da Turquia.

Leva novas ao rei turco,
Contar-lhe o que succedia,
Que da sua grande armada
Só ella escapado havia
Com suas velas rasgadas
O casco com avaria,
Mas da gente que trouxera
Nenhuma já existia.

O alferes da bitante,
Que a galera conduzia,
Ao chegar á sua terra
Ancorou em francaria,
O seu rei, que o ouvira,
Pergunta o que succedia,
Sabendo a triste nova
D'esta sorte respondia:

—«Não se me dá dos navios,
Eu outros melhores faria ;
Dá-se-me da minha gente,
Que era a flôr da Turquia.
Quem venceu esta batalha,
Que era de tanta valia ?
«Foi o D. João da Armada,
Que era o rei da valentia.

Ainda a nau mal aproara
Para a barra de Lisboa :
Já lá vem D. João da Armada,
Traz o sceptro e a corôa.
Capitão e commandantes
Vamo-nos para a Turquia
Vamos fazer um rei novo
D'esta nossa fidalguia.

Este romance anda dividido em muitas variantes, tanto no continente como nas ilhas; recolhendo os fragmentos que andam dispersos na tradição popular, podémos reconstituil-o, parece-nos que sem omissões.

Deu a origem a este romance um dos successos mais estrondosos do seculo xvi, a batalha de Lepanto, em que os christãos venceram a armada turca. O snr. dr. Theophilo Braga, narra o facto no seguinte resumo :

«No anno de 1571, D. João d'Austria, filho de Carlos v e irmão do terrível Filippe II, commandava as forças navaes de Hespanha, Veneza, Genova e do Papa D. João d'Austria não obedeceu ás instrucções secretas que recebera, e atacou no golpho de Lepanto a armada ottomana, inconsiderado, com o desejo irresistível da gloria. André Doria oppoz-se ao plano de ataque e conservou-se immovel na accção. O entusiasmo da liga christã deu-lhe a victoria; D. João d'Austria tornou-se o typo mais popular e admirado do tempo; isto lhe conquistou o rancor do Demonio do Meio Dia, que o Desterrou para os Paizes Baixos a pretexto de abafar varias conjurações. Não lhe dando soldados para a empreza de que o encarregava, submetteu-o a uma vigilancia de espiões, que o informavam de todos os seus movimentos.

Como se espalhou na tradição popular portugueza o successo da batalha de Lepanto ?..

Talvez D. João viesse a Lisboa contratar marinheiros e depois da batalha voltasse á nossa capital, e então a narrativa d'aquelles homens inspirasse algum poeta popular assim como succedeu com summidades poeticas de Portugal, Hespanha e Italia.

Com a mesma musica cantou-se a seguinte poesia, quando D. João VI voltou do Brasil :

DESPEDIDA DE D. JOÃO VI DO BRASIL

A despedida que deu
No Rio o nosso sob'rano :
Mandou avisar o povo
P'ra lhe dar o desengano.

— Sabei, filhos, eu vos digo,
Já não posso estar aqui,
A' força me hei de ir chegando
Ao paiz onde nasci.

Quero ir á minha patria
Para lhe dar providencia,
Accudir ao desarranjo
Que tem feito a minha auzencia.

Eu pouca falta vos faço,
Bem o sabeis na certeza,
Pois eu tambem sei que soís
Assistidos da riqueza.

— Sabei, ó alto soberano
Podeis viver na certeza,
Queremos Vossa Magestade,
Perca-se nossa riqueza.

— Aqui vos fica o meu filho,
Cá vos fica em meu logar ;
Se o amardes como a mim,
Elle vos ha de estimar.

Passar o mar bem me custa,
Isto são peccados meus ;
Sabei que assim me é preciso,
Adeus, meus filhos, adeus . . .

Logo chegando ao embarque
Muito depressa entraram,
Largaram velas ao vento,
Velozmente se safaram.

A alegria de Lisboa
Na entrada do seu rei,
Eu agora, em *tom suave*,
Eu tambem a cantarei :

Chorae, vós, ó brasileiros,
Usae da vossa prudencia,
Sabei que o monarcha é nosso,
Tende santa paciencia.

Meus amados habitantes
Lá do Rio de Janeiro,
A paixão que em vós existe
Já por cá passou primeiro.

E os mesmos passarinhos
No ar suspensos estão,
Só em ouvir os festejos
Do nosso rei D. João.

Entrae, senhor, entrae,
Com todo o contentamento
Gozar o reino que é vosso
Desde o vosso nascimento.

Recolhida pelo Rv.^{mo} Padre Manuel d'Azevedo da Cunha.



SALVÈ, RAINHA

CANTICO

À Ex.^{ma} Smr.^a D. Perfeita do Nascimento Pereira.

Musica do Dr. José Maria de Padua.

95

Moderato

The piano introduction consists of two staves. The right hand plays a melodic line with eighth and sixteenth notes, while the left hand provides a harmonic accompaniment with chords and single notes. The tempo is marked 'Moderato' and the dynamics start with a piano (*p*) marking.

VOZ *f*

p

Sal - vè, do - ce am - pa - - - ro, dos fra - - cos mor - taes,] Ra-

The vocal line is written on a single staff with a treble clef and a key signature of two sharps (F# and C#). It begins with a piano (*p*) dynamic and a fermata over the first measure. The lyrics are: "Sal - vè, do - ce am - pa - - - ro, dos fra - - cos mor - taes,] Ra-".

CORO

f

i - nha dos an - jos, Bem - di - ta se - jaes ; Bem-

The chorus line is written on a single staff with a treble clef and a key signature of two sharps. It begins with a forte (*f*) dynamic. The lyrics are: "i - nha dos an - jos, Bem - di - ta se - jaes ; Bem-".

di - - ta, bem - di - - ta, mil ve - - zes se - jaes. Mil

This block continues the chorus line from the previous system. The lyrics are: "di - - ta, bem - di - - ta, mil ve - - zes se - jaes. Mil".

ve - - zes Bem - di - - ta, Bem - di - - ta se - jaes.

This block concludes the chorus line. The lyrics are: "ve - - zes Bem - di - - ta, Bem - di - - ta se - jaes." The piece ends with a fermata over the final measure.

SALVÊ, RAINHA

VOZ

Salvê, doce amparo
Dos fracos mortaes ;
Rainha dos Anjos
Bem dita sejaes.

CÔRO

Bem dita, Bem dita,
Mil vezes sejaes ;
Mil vezes Bem dita,
Bem dita sejaes.

Dai-nos vossa benção,
Pois mãe vos chamaes
De Misericordia,
Bem dita sejaes.

Bem dita, Bem dita, etc.

Sois vida, doçura
Dos filhos que amaes ;
Esperança nossa,
Bem dita sejaes.

Bem dita, Bem dita, etc.

A esses de gloria,
Montes eternaes,
Chegue o nosso salvê :
Bem dita sejaes.

Bem dita, Bem dita, etc.

Nós a Vós bradamos,
Ouvi nossos ais :
Ah ! sim ouvi-os :
Bem dita sejaes.

Bem dita, Bem dita, etc.

Não, Senhora, não
Auxilio negaes
Aos filhos de Eva :
Bem dita sejaes.

Bem dita, Bem dita, etc.

A Deus, e a Vós,
Se bem desleaes,
Por Vós Suspiramos
Bem dita sejaes.

Bem dita, Bem dita, etc.

Andamos afflictos,
(Vós não o ignoraes)
Gemendo e chorando :
Bem dita sejaes.

Bem dita, Bem dita, etc.

N'este valle horrendo
De penas fataes,
Tristes vos cantamos
Bem dita sejaes.

Bem dita, Bem dita, etc.

Mas lá, onde as nossas
Lagrimas limpaes,
Alegres diremos :
Bem dita sejaes.

Bem dita, Bem dita, etc.

Cá, e lá benigna,
Vós nos consolaes,
Eia, pois, por isto
Bem dita sejaes.

Bem dita, Bem dita, etc.

Tanto é vosso amor,
Que ser vos dignaes
Advogada nossa,
Bem dita sejaes.

Bem dita, Bem dita, etc.

Esses vossos olhos,
Que não tem iguaes,
Em nós os ponde :
Bem dita sejaes.

Bem dita, Bem dita, etc.

Misericordiosos,
Como costumaes,
A nós os volvei :
Bem dita sejaes.

Bem dita, Bem dita, etc.

Ah quão favoraveis
Vós nol-os lançaes !
Agora e depois
Bem dita sejaes.

Bem dita, Bem dita, etc.

Vós d'este desterro
Nos alliviaes
Os duros trabalhos :
Bem dita sejaes.

Bem dita, Bem dita, etc.

Aos que d'aqui formos
Para onde estaes
Mostrae a Jesus :
Bem dita sejaes.

Bem dita, Bem dita, etc.

Mostrae-nos a esse,
A quem tanto amaes,
Vosso Bento Fructo ;
Bem dita sejaes.

Bem dita, Bem dita, etc.

Mostrae-nos os muitos
Que Vós nos guardaes,
Bens do Vosso Ventre :
Bem dita sejaes.

Bem dita, Bem dita, etc.

Que nós os percamos,
Jámais permittaes,
Oh Virgem Clemente,
Bem dita sejaes.

Bem dita, Bem dita, etc.

Oh Mãe pia, oh doce,
De Vós não queiraes
Que ausentes vivamos :
Bem dita sejaes.

Bem dita, Bem dita, etc.

Sempre, Virgem bella,
Applausos geraes
Vos dêem ceus e terra.
Bem dita sejaes.

Bem dita, Bem dita, etc.

Bem dita, Bem dita,
Mil vezes sejaes,
Oh Santa Maria,
Bem dita sejaes.

Bem dita, Bem dita, etc.

SAN PEDRO

CANTIGA DA BEIRA MAR

A' Ex.^{ma} S^{nr.}a D. Esther da Cruz Teixeira.

Andante

96

Nas prai-as da Ga - - li - -

lê - a an - da - va o nos - so San Pe - dro a lan-

çar a re - de ao mar, sem ter con - fu - - -

são nem me - - do ve - - de ve - de ra - pa - ri - - gas,

ve - de co - mo o san - - to lan - ça a re - de.

D. C.

SAN PEDRO

Nas praias da Galiléa
 Andava o nosso San Pedro
 A lançar a rede ao mar,
 Sem ter confusão nem medo.
 Vêde, raparigas, vêde
 Como o Santo lança a rede.

Andava o nosso San Pedro
 E os mais da companhia,
 Já meio descoroçoados
 Pela pouca pescaria.
 O peixe que a rede dava
 Nem só p'ra elles chegava.

Appareceu o Senhor
 A'quella sociedade,
 Mandou-lhes deitar a rede
 A' direita de Deus Padre.
 A' mão direita a lançaram
 E muito peixe caçaram.

Foram-se a alar as redes,
 E tanto peixe malhou,
 Que só metade da rede
 O barquinho carregou.
 Torce rede, eia, safar,
 E a terra descarregar.

San Pedro desde pequeno
 Foi marinheiro do mar,
 E agora já tem as chaves
 Do paraizo real.
 Torce rede, eia, safar,
 E a terra descarregar.

A quem daremos as chaves
 Da nossa embarcação?
 Dál-as-hemos a San Pedro
 Que nol-as traga na mão.
 Festejemos com alegria
 A San Pedro n'este dia.

A'S ESTRELLAS

NOCTURNO

A' Ex.^{ma} Snr.^a D. Constanca Barboza.

Andante

97 Lin-das mi - mo - sas sa-phi - ras que o ven da noi - te bor -

daes, Lin-das mi - mo - sas sa-phi - ras que o veu da noi - te bor -

da - es di - zei - me es-trel-las di - zei - me se aca - so tam-bem a -

maes di - zei - me es - trel-las di - zei - me se a - ca - so tam-bem a -

maes. Te-reis só - men-te por nor - te lu - zir, lu - zir e não

mais? Te-reis só-men-te por nor - te lu-zir, lu - zir e não

mais? não creio, es - trel - las, não creio, sois tão for - mo-sas, a-

maes, não creio, es-trel-las, não creio, sois tão for-mo-sas, a-maes.

D. C.

Lindas, mimosas saphyras
Que o veu da noite bordaes,
Dizei-me, estrelas, dizei-me,
Se acaso tambem amaes.

Tereis sómente por norte
Luzir, luzir e não mais?
Não creio, estrelas, não creio,
Sois tão formosas, amaes.

Canta-se tambem a seguinte lettra :

A'S ESTRELLAS

Vós, estrellas tão formosas,
Que a terra de luz banhaes,
Dizei-me, oh astros da noite,
Porque tão bellos brilhaes.
Suspensas lá n'esse espaço,
Creadas pelo Senhor,
Vós, estrellas, daes á noite
Melancholico fulgor.

O velho, que vê dispersas
Da infancia as saudosas flores,
Ao vêr-vos inda se lembra
Do tempo dos seus amores.
A virgem sorri mimosa
A' vossa luz que estremece,
E o atheu um Deus eterno
Ao fitar-vos reconhece.

Estrellas, vós sois um livro
Que aos mortaes abrem os ceus,
Sois a pagina brilhante
Onde leio amor e Deus.

J. M. B. CARNEIRO.

DA'-ME UM BEIJO

DANÇA DE RODA

A Ex.^{ma} Snr.^a D. Albertina Candida d'Almeida Cunha.

Allegretto

98

p

Se mil co-ra-ções ti-ve - - - ra com el - les eu te a - ma -

ri - - - a; Mil vi - das que Deus me dés - - - se

em ti as em-pre - ga - ri - - - a. *con 8^a* Dá - me um bei - jo, oh bel - la! eu

con 8^a a - mo - te oh queri - da, com lou - co a - mor. Nas tu - - as

con 8^a fa - ces mi - mo - sas eu da - va - te um bei - jo, mi - nha lin - da flor.

DÁ-ME UM BEIJO

Se mil corações tivera,
Com elles eu te amaria;
Mil vidas que Deus me desse,
Em ti as empregaria.

Dá-me um beijo, oh bella,
Eu amo-te, oh querida,
Com louco amor!
Nas tuas faces mimosas,
Eu dava-te um beijo,
Minha linda flôr.

Quando Deus creou a rosa,
E fez a luz do luar,
Entre as coisas mais formosas,
Fez a luz do teu olhar.

Nas ondas do teu cabello,
Vou-me deitar a afogar,
Eu quero que o mundo saiba,
Que ha ondas sem ser no mar.

Os teus olhos não são olhos,
São sanefas de velludo;
Oh quem me dera lograr,
Olhos, sanefas e tudo.

Pergunta a quem sabe amar,
Qual dos males é mais nocivo,
Se auzencia com remedio,
Se o ciume com motivo.

Se te fores, heide armar
Laços á tua partida,
Que eu quero mais aos teus olhos,
Do que á minha propria vida.

Quem me dera em teu peito,
Minha face recostar,
P'ra podermos dizer todos,
A lei de Deus manda amar.

Meu amor se vires cahir
Folhas verdes na varanda,
Olha que são saudades
Que o meu coração te manda.

Juro que ainda não tive
Um amor firme a ninguem;
Para ti jogo se abriram
As portas do querer bem.

Quero ter-te sobre o peito
Onde bate o coração;
Mas não digas a ninguem
Os suspiros porque são.

Quem me dera ser retroz,
Ou linha de toda a côr,
Para andar junto a teu peito,
Servindo de atacador.

Quando digo que te adoro,
Menina, dizes que minto;
As magoas que por ti soffro
Deus as sabe e eu as sinto.

Se eu te não quero bem
Deus do céu me não escute;
As estrellas me não vejam,
A terra me não sepulte.

Ter amor é muito bom,
Quando ha correspondencia;
Mas amar sem ser amado
Faz perder a paciencia.

Oh, meu amor, não descubras
Tuas penas a ninguem;
Se o dizes a uma amiga,
Essa amiga outra tem.

Tenho dentro do meu peito,
Bem chegado ao coração,
Duas lettrinhas que dizem:
Morrer sim, deixar-te não.

Quando meus olhos te viram
Meu coração te adorou;
Na cadeia de teus braços
Minha alma presa ficou.

Quem me dera já lograr
D'esses teus olhos as luzes;
Mais de quatro ficariam
Na bocca fazendo cruces.

Se te não amo falleço,
E se amo ha quem me mate;
De todas as sortes morro,
Quero morrer a adorar-te.

Quebrem-me estas cadeias,
Tirem-me d'esta prisão:
Que eu não vivo muito tempo
Na tua separação.

CAVACO DO RIO

CHOREOGRAPHICA

A' Ex.^{ma} Snr.^a D, Carolina Campos.con 8^a

99 *Andante*

Ai, eu sou ca-va-co do ri-o, ai, vei-o a chei-a le-vou-me; Ai, eu

sou ca-va-co do ri-o, ai, vei-o a chei-a le-vou-me. A-qui mais a-bai-xo a-qui mais a-

lem, fu-giu-me o meu par vou ver s'el-le vem; já cá está, já cá es-ta, já cá es-tá meu bem.

D. C.

Ai, eu sou cavaco do rio,
Ai, veio a cheia levou-me,
Ai, á tua porta menina
Fez um remanso e deixou-me.

Aqui mais abaixo,
Aqui mais além,
Fugiu-me o meu par,
Vou vê se elle vem.

Ceguei á borda do rio,
Aos olhos dei liberdade,
Bem tolinho estava eu
Quando te fiz a vontade.

Ai, este rio lindo é
E d'umas aguas bem puras,
Ai, assim fossem as lagrimas
Do amor que tu me juras.

Fui despedir-me do rio,
Das pedrinhas de lavar,
Só de ti, meu querido bem,
Eu me não posso apartar.

Muitas voltas dá o rio
Ao redor do amieiro;
Mais voltas dá o amor,
Sendo leal, verdadeiro.

Recolhida em Coimbra em 1882.

Dança:—Os primeiros oito compassos em roda; os outros quatro trocam-se os pares; e nos ultimos dois, meia volta cada um com o seu par.

OH MENINAS BRINQUEM, BRINQUEM

CHOREOGRAPHICA

À Ex.^{ma} S^{ra}. D. Albertina Neves d'Almeida.

100

Allegretto

ff

f O co-ra - - -

p Não se

ção não se ven - de, é pren - da d'al-to va - lor ;

ven - - - de nem se dá, tro - ca - se só por a - mor.

The musical score is written for piano and voice. It consists of three systems of music. The first system is marked 'Allegretto' and 'ff' (fortissimo). The second system is marked 'f' (forte) and 'p' (piano). The third system is marked 'p' (piano). The score includes a piano accompaniment and a vocal line with lyrics in Portuguese. The lyrics are: 'O coração não se vende, é prenda d'alto valor; Não se vende nem se dá, troca-se só por amor.' The score also includes a tempo marking 'Allegretto' and a dynamic marking '100'.

O coração não se vende,
E' prenda d'alto valor;
Nem se vende, nem se dá,
Troca-se só por amor.

O seguinte estribilho canta-se com a mesma musica:

Oh meninas, brinquem, brinquem,
Oh meninas, brinquem bem,
Oh amor troca o teu par,
Já cá está, meu doce bem.

Em qualquer pocinha d'agua
Bebe a cobra e nada o peixe;
Por mil enredos que hajam,
Não receies que te deixe.

Largos dias tem cem annos,
Meu amor deixa-te estar (andar)
Ainda te has de arrepender,
Sem te valer o chorar.

Minha mãe me chamou Rosa,
Minha sina é desgraçada;
Pois não ha nenhuma rosa
Que não morra desfolhada.

Todo o logar é jardim
Onde os suspiros se dão;
Quer seja no povoado,
Quer seja na solidão.

Recolhida em Coimbra, em 1885, por F. P. Nogueira.

DANÇA — Formam grande roda e seguem sobre a direita de mãos dadas, durante a primeira quadra. Quando cantam os dois primeiros versos do estribilho, seguem sobre a esquerda, batendo palmas. Em chegando ao terceiro verso abraçam-se, dando uma volta e no ultimo verso trocam-se as damas.

MEU ANJO, ESCUTA

CANÇÃO

À Ex.^{ma} S^{ra}. D. Corina d'Oliveira Figueiredo.

101

Moderato
dolce

Meu an-jo es- cu - ta; quan-do jun-to á noi - te

per - pas-sa a bri - sa pe - lo ros-to te - u, co-mo sus- pi - ro que um me-ni-no ex-

ha - la, na voz da bri - sa quem mur-mu-ra e fal - la bran-do quei-xu - me

que tão tris-te ca - la no pei-to te - u, no pei - to teu? ah! sou e - -

u sou e - - - u ah! sim, meu bem, meu bem sou eu.

The musical score is written for piano and voice. It consists of five systems of music. Each system has a vocal line on a treble clef staff and a piano accompaniment on a grand staff (treble and bass clefs). The key signature has one sharp (F#) and the time signature is 3/4. The tempo is marked 'Moderato' and the mood is 'dolce'. The lyrics are in Portuguese and describe a person's feelings of longing and melancholy, comparing themselves to a breeze that whispers in the ear of a sleeping child.

Esta canção é brasileira, mas está muito vulgarizada em Portugal.

MEU ANJO ESCUTA

Meu anjo, escuta: quando junto á noite
 Perpassa a brisa pelo rosto teu,
 Como suspiro que um menino exhala;
 Na voz da brisa quem murmura e falla
 Brando queixume, que tão triste cala
 No peito teu?
 Sou eu, sou eu, sou eu!

Quando tu sentes luctuosa imagem
 D'afflicto pranto com sombrio veu,
 Rasgado o peito por ácerbas dôres;
 Quem murcha as flores
 Do brando sonho? — Quem te pinta amores
 D'um puro ceu?
 Sou eu, sou eu, sou eu!

Se alguém te accorda do celeste arroubo,
 Na serenidade do silencio teu,
 Quando tua alma n'outros mundos erra,
 Se alguém descerra,
 Ao lado teu
 Fraco suspiro que no peito encerra;
 Sou eu, sou eu, sou eu!

Se alguém se afflige de te vêr chorosa,
 Se alguém se alegra co'um sorriso teu,
 Se alguém suspira de te vêr formosa
 O mar e a terra a enamorar e o ceu;
 Se alguém definha
 Por amor teu,
 Sou eu, sou eu, sou eu!



CÚPIDO TRAIDOR

DANÇA DE RODA

À Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Augusta Ferrão Castello Branco.

102

Andantino
f

Can-tan-do can-ti - gas, an-dan-do a bai-

lar, can-tan-do can-ti - gas, an-dan-do a bai-lar, des-co-brem-se as

li - gas á luz do lu-ar; des-co-brem-se as li - gas á luz do lu-

ar.

O piano 8^a
mf. Cu - pi-do trai-dor que es-te jo - go in-ven-tou, Cu - pi-do trai-

Ó piano 8^a

dor, que es-te jo-go in-ven-tou, ter-nos co-ra-ções de ve-ne-no tres-pas-

Ó piano 8^a

sou, ter-nos co-ra-ções de ve-ne-no tres pas-sou. *f* u-já-mos das

set-tas d'es-se tal su-jei-to. fa-zen-do bar-rei-ras de pei-to a pei-to.

Cantando cantigas,
Andando a bailar,
Descobrem-se as ligas,
A' luz do luar.

Cupido traidor,
Que este jogo inventou;
Ternos corações
De veneno trespassou.

Fujamos das settas,
D'esse tal sujeito,
Fazendo barreiras
De peito a peito.

Se eu quizera amores
Tinha mais d'um cento,
Raparigas novas,
Cabeças de vento.

Amores, amores,
Como eu tenho tido!
Agora já não,
Que me tem morrido.

Se eu quizera amores
Tinha mais de mil,
Rapazinhos novos,
Que vem do Brazil.

A' DO VALENTIM

DANÇA DE RODA

A Ex.^{ma} Sr.^a D. Anna da Encarnação Mattos e Sá.

103

Andante

f Le-van-tei-me um di - a ce - do, P'ra ou-

vir lin - do can - tar *f* A do Va - len - tim, eu hei de ir, hei de ir, hei

de ir, A' do Va-len - tim, mas não hei de lá ca - hir. Eu pen-

sa - - va que e - ram an - jos, e - ra a se - - re - ia no

mar. *f* A' do Va-len - tim, eu hei de ir, hei de ir, hei de ir, A' do Va-len-

The musical score is written for piano and voice. It consists of five systems of music. Each system has a piano accompaniment on the left and a vocal line on the right. The piano part is in a 2/4 time signature with a key signature of two flats (B-flat and E-flat). The tempo is marked 'Andante'. The score includes dynamic markings such as 'f' (forte) and 'p' (piano). The lyrics are in Portuguese and describe a dance of a ring. The piece ends with a repeat sign.

tim, mas não hei de lá ca-hir. *ff* Pas-sa, já pas-sou. Oh lin-da
flor, Me-ia vol-ta ao par a-qui 'stá o teu a-mor.

Levantei-me um dia cedo,
P'ra ouvir doce cantar
A' do Valentim,
Eu hei de ir, hei de ir, hei de ir!
A' do Valentim,
Mas não hei de lá cahir!
Eu pensava que eram anjos,
Era a sereia no mar.
A' do Valentim, etc.

Lá no mar anda a sereia,
Correndo como a perdiz:
Não te gabes de deixar-me,
Pois fui eu que te não quiz.

A sereia anda no mar,
Anda à roda, torce, torce:
Ainda está para nascer
Quem de mim tomará posse.

Meu amor não vivas triste,
Alegra teu coração;
Que algum dia será teu
O que agora te não dão.

Oh meu amor dá-me fitas,
Dá-m'as brancas, se puderes,
A' do Valentim, etc.
Que a mentira está nos homens
E a verdade nas mulheres
A' do Valentim, etc.
Passa, já passou, oh linda flôr,
Meia volta ao par, aqui está o teu amor!

Oh coração, oh pombinha,
Oh coração primavera,
Quem me dera advinhar
Teu coração de quem era.

Não ha no mundo dois mundos,
Nem no ceu ha dois senhores;
Tambem não póde existir
N'um coração dois amores.

Da minha janella á tua
E' o salto d'uma cobra;
Tu já podes ir chamando
A' minha mãe tua sogra.

DEVE, DEVE

RECITATIVO E CORO

À Ex.^{ma} Snr.^a D. Claudina Augusta da Conceição Pimenta.

104

Andante

p

SOLO

To-da a noi-va de-ve, de - ve,

CORO

pp

ir mais bran-ca do que a ne - ve. De-ve, de - ve, ir mais bran-ca do que a

SOLO VOZ E CORO SOLO CORO

p

ne - ve Mas que a boc-ca se-ja, se - ja Tal e qual u-ma ce-re - ja, *pp* se-ja,

pp

se - ja tal e qual u-ma ce-re - ja.

SOLO

DEVE, DEVE

Toda a noiva deve, deve...
 ir mais branca do que a neve.
 Deve, deve
 ir mais branca
 do que a neve.

Mas que a bôcca seja, seja
 tal e qual uma cereja.
 Seja, seja
 tal e qual
 uma cereja.

As palpebras deve tel-as
 como nuvens sobre estrellas.
 Deve, deve
 como nuvens
 côr de neve.

E os olhos sempre no meio
 do valle, que tem no seio.
 Deve, deve
 seio, seio
 côr de neve.

A cama deve compôl-a
 como o ninho d'uma rôla.
 Deve, deve
 de uma rôla
 côr de neve.

Que nem um raio da lua
 vá lá dentro vêl-a nua.
 Deve, deve
 nua, nua,
 côr de neve.

FERNANDO CALDEIRA.

MARIQUINHAS, MEU AMOR

DESCANTE

À Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Antonia Monteiro Guimarães.

105

Andantino ♩

f

p
Por cau - sa de ca - sa -

men-tos mui-tos ho-mens se des - gra-çam; por cau - sa de ca - sa - men-tos mui-tos

ho-mens se des-gra-çam; de pa-gar tri - bu-to á mo-da não fo - gem por mais que fa-çam de pa-

gar tri-bu-to á mo-da não fo - gem por mais que fa-çam. Anda a-go-ra u-ma mo-di-nha de pe-

dir a fi-lha ao pae En-trar pe - la por - ta den-tro: se-nhor so-gro el-la cá vae. *f* Ma-ri -

qui-nhas, meu a - mor, bem fe - liz po-de-ras ser se com- mi-go p'ra ci - da-de tu qui-

zes-ses vir vi - ver. *p* Ma - ri- qui-nhas meu a- mor vem ser mi-nha? Não se- nhor.

Por causa de casamentos
 Muitos homens se desgraçam;
 De pagar tributo á moda
 Não fogem por mais que façam.
 Anda agora uma modinha
 De pedir a filha ao pae:
 Entrar pela porta dentro,
 — Senhor sogro ella cá vae.
 Mariquinhas, meu amor,
 Bem feliz poderas ser.
 Se, commigo, p'ra cidade
 Tu quizeses ir viver.
 Mariquinhas, meu amor,
 Queres ser minha?
 Não senhor.

Tenho visto tanta cousa
 Que me faz arripiar,
 De ficar defeituoso,
 Se cahir em me casar.
 Mesmo que verdade seja,
 Não me devo acabrunhar;
 Por um barco se ir ao fundo
 Ninguem deixa de embarcar.
 Mariquinhas meu amor,
 Bem feliz poderas ser,
 Se, commigo, p'ra cidade
 Tu quizeses ir viver.
 Mariquinhas, meu amor,
 Queres ser minha?
 Não senhor.

Se tu és rainha aqui,
 Rainha da formusura,
 Vem sê-lo lá na cidade,
 Verdade é como escriptura.
 Em lugar d'essas roupinhas,
 De setim terás vestidos,
 Luvas, leques e sombrinhas,
 Ricos chailes bem tecidos.
 Mariquinhas etc.

CANÇÃO DA NOITE

SERENATA

Á Ex.^{ma} Snr.^a D. Miquelina Guimarães.Musica de Reynaldo Varella.
Letra de Bráulio Caldas.

106

Andante

f *p*

Mur- mu - ra ri - o mur- mu - - ra, é

do - ce o teu mur-mu- rar, mur- mu - ra ri - o mur- mu - - ra, é

do-ce o teu mur-mu- rar, que tris - te-za que ter- nu - ra tu tens no teu so-lu-

çar ; Que tris - te-za que ter- nu - ra tu tens no teu so-lu- çar.

Murmura, rio, murmura,
E' doce o teu murmurar ;
Que tristeza, que ternura,
Tu tens no teu soluçar !

Pela calada da noite,
Em quanto não surge a aurora,
Qu'esta minh'alma se affoite,
Suspira, guitarra, chora !

Voga, barco, mansamente,
Pelas aguas prateadas,
Leva este canto dolente,
Aos peitos das namoradas !

Cada nota tão sentida,
Que a minha guitarra envia,
E' uma canção dolorida,
D'amor e melancholia.

E estas canções eu trago-as
Prezas nas azas da briza,
Para espálhar sobre as aguas,
Em quanto o barco desliza! . . .

Esta serenata é vulgarmente conhecida pela denominação de *Fado das tres horas*, nome com que seu auctor primeiro a baptisara por ser aquella hora da noite que elle a improvisou. E' a musica, d'este genero, de mais actualidade.

AVÊ MARIA

RELIGIOSA

À Ex.^{ma} Srr.^a D. Maria José Tenreiro Festas.

107 *Andante*

f A - ve Ma - ri - - a, che - ia sois de gra - ça,

o Se-nhor é com - vos - co, Bem - di-ta sois vós en - tre as mu-lhe-res; Bem-

di - - to é o fru - cto do vos-so ven - tre, Je - sus. San - ta Ma-

ri - - a, sois Mãe de De - us ro - - gae por nós Mãe dos pec - ca - do - res

a - go-ra e na ho - ra da nos - sa mor-te a - men Je - sus, Ma - ri - a, Jo - sé.

Recolhida em Oliveira de Cunhede. O povo cantava esta Avê Maria na igreja, durante os exercicios espirituaes. E' um especimen do estylo moderno popular nas festas religiosas.

NOITE DE PRIMAVERA

CANÇÃO

A Ex.^{ma} Snr.^a D. Theodora de Jesus Lima.Musica de Frederico de Sillos.
Letra de Ernesto Rebello.

108

Moderato

f

con 8^a

Ac- cor-da, des- per-ta, não

con 8^a

ou-ves tre- men-tes as on-das so- no-ras nas prai-as do mar? Oh fi- lha dos

D. C.

an-jos vem dar-me ri- den-tes teus la- bios ar- den-tes na luz do lu- ar.

The musical score is written for piano and voice. It consists of three systems of music. The first system starts with a piano introduction marked 'Moderato' and 'f' (forte). The second system begins with the vocal line, marked 'con 8^a' (with an octave sign), and includes the lyrics 'Ac- cor-da, des- per-ta, não'. The third system continues the vocal line with 'ou-ves tre- men-tes as on-das so- no-ras nas prai-as do mar? Oh fi- lha dos' and ends with a piano accompaniment marked 'D. C.' (Da Capo).

Accorda, desperta, não ouves trementes
As ondas sonoras nas praias do mar?
Oh filha dos anjos vem dar-me ridentes
Teus labios ardentes na luz do luar.

Eu sigo cançado no vasto deserto,
Sem ver madrugada d'encantos surgir,
Ai! não me abandones nas trevas incerto,
Eu quero bem perto um novo porvir.

A vida é tão breve, não deixes, querida,
Sumir-se qual sombra, sem trovas d'amor,
A rola que geme no peito ferida,
Quer doce guarida, oh palida flôr.

Se tudo definha, se tudo fenece,
Na triste voragem de turbidos veus,
Vem tu ser estrella que ao mundo apparece,
Ensina-me a prece que dizes a Deus.

Tão nova e tão triste, sorrisos d'esp'rança
Porque tu não logras na terra fruir?
Acaso deixaste, qual meiga creança,
Alguma lembrança nos ceus ao partir?

Vem leda contar-me, n'um fêrvido laço,
Teus sonhos ligeiros, oh pallida flôr!
Não temas da noite viver no regaço,
Vem dar-me um abraço em troca d'amor!

A QUINTA DO RAMALHÃO

CANTIGA POLITICA

À Ex.^{ma} Sur.^a D. Isolina Teixeira Braga.

109

Allegretto §

Os Mi-gueis que-rem as-sal - to á quin -ta do Ra - ma-lhão, on-de es-

tá pre-za a ra-i - nha co - mo fal - sa á na-ção.

Os Migueis querem assalto
A' quinta do Ramalhão:
Onde está preza a rainha
Como falsa á nação.

Eia, avança caçadores,
Eia, avança batalhão,
Vamos salvar a rainha
A' quinta do Ramalhão.

Para a frente caçadores,
A' quinta do Ramalhão:
Aos caipiras insolentes
E' preciso dar lição.

A quinta do Ramalhão
Ditosa se ha de chamar:
Escondeu-se dentro d'ella
Uma pessoa real.

A nossa rainha mãe
Fugiu para o Ramalhão
Por não querer assignar
A nossa constituição.

— Os deputados não fallam,
Só de vós é que eu me queixo,
Assignaste o decreto,
Por isso é que eu vos deixo.

— Dizes bem esposa minha
Eu chorando o assignei.
Sei o que tenho passado
Não sei o que passarei.

No meio d'estes malvados
Não sei o que soffrerei,
Aqui faço o que me mandam,
Sou João, não sou rei.

— Eu assignar não assigno,
Inda que torne ao degredo:
Que eu tenho meu irmão rei,
Tenho meu filho D. Pedro.

Grande magua vae commigo,
Entre suspiros e ais,
Vou cumprir o meu degredo,
Vós no degredo ficaes.



Recolhida em Vizeu, por A. José Ferreira da Silva.

Quando as cortes de 1820 apresentaram á sanção da familia real a constituição do paiz, a rainha D. Carlota Joaquina, esposa de D. Joao VI, oppóz-se e não quiz assignar, e de accordo com seu filho D. Miguel chegaram a tentar coagir o timido monarcha a que não accettesse a constituição decretada pelas cortes. O governo, em vista d'isto ordenou que a rainha fosse encerrada na quinta do Ramalhão por ser contraria á vontade do paiz. Foi então que D. Miguel, tambem avesso á constituição, ou por indole propria ou por suggestão materna, organisou um pequeno exercito, para combater as tropas do governo de seu pae, que proclamavam a nova forma politica; foi este successo que deu origem á formação do partido Miguelista.

O facto da prisão da rainha deu lugar ás presentes cantigas. Na segunda columna está representado um dialogo entre a rainha e o rei.

HYMNO CONSTITUCIONAL DE 1826

À Ex.^{ma} Snr.^a D. Catharina Lopes Martins.

Letra de J. Nogueira Gandra.
Musica de A. Joaquim Nunes.

110

Marcial

The musical score is written for piano in a grand staff (treble and bass clefs) with a key signature of one sharp (F#) and a common time signature (C). It consists of five systems of music. The first system is marked with a dynamic of *ff* (fortissimo) and includes the tempo marking *Marcial*. The second system starts with *ff*, changes to *p* (piano) in the second measure, and then to *mf* (mezzo-forte) in the fourth measure. The third and fourth systems continue the melodic and harmonic development. The fifth system concludes with a dynamic of *f* (forte). The score features various musical notations including slurs, accents, and dynamic markings.

Os lu - - - sos no mun - - - do re - - no - - - me tem

já, mas es - - - te re - - no - - - me se

au - - - gmen - ta - - rá, se au - - - gmen - ta -

rá, se au - - - gmen - ta - - rá. A -

mor e res - pei - - to á Car - ta e ao Rei: El -

le é nos - so Pae, nos - sa Mãe a

Lei; El - le é nos - so Pae, nos - - sa

Mãe a Lei, nos - sa Mãe a

Lei, nos - sa Mãe a Lei, nos - sa

Mãe a Lei, nos - sa Mãe, nos - sa Mãe a Lei. *p*

First system of musical notation. The right hand features a melodic line with triplets and a crescendo leading to a forte (f) dynamic. The left hand provides a steady accompaniment of eighth notes.

Second system of musical notation. The right hand begins with a piano (p) dynamic, followed by a crescendo to forte (f). The left hand continues with eighth-note accompaniment.

Third system of musical notation, featuring a first ending (1.^a vez) and a second ending (2.^a vez). The first ending includes triplets and a crescendo. The second ending is marked forte (f) and includes a fermata.

Fourth system of musical notation. The right hand has a melodic line with a fermata. The left hand features a complex accompaniment with a fermata and a dynamic marking of *ff*.

Fifth system of musical notation. The right hand has a melodic line with a fermata. The left hand features a complex accompaniment with a dynamic marking of *ff*.

HYMNO CONSTITUCIONAL DE 1826

Os lusos no mundo
Renome tem já,
Mas este renome
Se augmentará.

Amor e respeito
A' Carta e ao Rei:
Elle é nosso Pae,
Nossa Mãe a Lei,

A gloria de Lisia
Não mais morrerá,
O nome de Pedro
Eterno será.

Amor e respeito, etc.

A patria d'Affonso
Se engrandecerá:
Maria Segunda
Ditosa a fará.

Amor e respeito, etc.

Do throno em defeza
A nação está:
A Constituição
Escudo lhe dá.

Amor e respeito
A' Carta e ao Rei:
Elle é nosso Pae,
Nossa Mãe a Lei.

Concordia, amizade,
Em nós haverá:
A nossa ventura
Assombro dará.

Amor e respeito, etc.

Prevendo as vantagens
Que o tempo trará;
Em vivas de gosto
Quem não romperá?

Amor e respeito, etc.

Este hymno foi cantado pela primeira vez no Real Theatro de S. João, no Porto, em 14 de Julho de 1826. A letra é de Joaquim Nogueira Gandra e a musica de Antonio Joaquim Nunes.
Com esta mesma musica e algumas variantes, foi dedicado ao Marechal Saldanha com a seguinte poesia:

Da patria, das leis,
Leal defensor
Foi sempre Salanha
Dos lusos amor.

Da patria, Saldanha
E' firme campeão,
E' livre por elle
A lusa nação.

Saldanha o teu brado
Salvou Portugal,
Da patria adorada
Serás Marechal!

Só sabe Saldanha,
Invicto sem par,
Dos lusos heroes
A gloria imitar.

FADO CHORADINHO

CANÇÃO DA DESGRAÇADA

À Ex.^{ma} Snr.^a D. Amelia d'Aguilar Almeida Pinto.

Andante Da 2.^a vez com 8^a

111 *p sentimental*

Fui en - con - trar a des - gra - ça on - de as mais a - cham pra - zer ;

a - mor que dá vi - da a tan - tos só a mim me faz mor - rer.

Oh ci - dra, con - si - d'ra, oh ci - dra, oh ci - dra, con - si - d'ra bem ; de -

pois da ci - dra par - ti - da, ci - dra, que re - me - dio tem ?

Fui encontrar a desgraça
Onde os mais acham prazer
Amor que dá vida a tantos,
Só a mim me faz morrer.

Oh Cidra, consid'ra oh cidra,
Oh Cidra, consid'ra (1) bem :
Depois da cidra partida,
Cidra, que remedio tem? . . .

Eu fui a mais desgraçada
Das filhas de minha mãe,
Todas tem a quem se cheguem,
Só eu não tenho ninguém.

Não sei que quer a desgraça,
Que atrás de mim corre tanto ?
Hei de parar e mostrar-lhe
Que de vê-la não me espanto.

Eu quero bem á desgraça,
Que sempre me acompanhou,
Não posso amar a ventura
Que bem cedo me deixou.

Quem tiver filhas no mundo
Não falle das malfadadas ;
Porque as filhas da desgraça
Tambem nasceram honradas.

Das filhas da desventura
Devemos ter compaixão,
São mulheres como as mais
Filhas de Eva e de Adão.

Debaixo do frio chão
Onde o sol não tem entrada
Abre-se uma sepultura
Finda o fado á desgraçada.

E Deus, que tudo perdoa,
E a Virgem Nossa Senhora
Hão de ouvir a alma que implora
Salvação á peccadora.

(1) *Conid'ra* por *considera*.

Recolhido em Lisboa, em 1850. Este é um dos fados propriamente ditos, e dos mais antigos, por onde se moldaram outros muitos que posteriormente apareceram.

SERICOTÉ

CHOREOGRAPHICA

A' Ex.^{ma} Sm.^a D. *Amelia dos Santos Barreto.*

112

Allegretto *f* *grande roda* *p* *con 8^a*

Es-tou rou-ca, es-tou rou-

qui-nha, não é ca-thar-ro nem tos-se; è o la-drão do a - mor que de mim quer to - mar

bailando *mf*

pos-se. Tum, tum, ar - rai - al, tum, tum, ca - ra - col: tum, tum, pin - ta-

grand chaine *f*

sil - go, tum, tum, rou - xi - nol. E - - ram qua-tro pre - ti-nhos, to-dos qua - tro da Gui-

né, e dei-ta-ram a fu-gir dan-çan-do o se-ri-co-té. E - ram qua-tro pre-ti-nhos, to-dos

Polka

qua-tro da Gui-né, e dei-ta-ram a fu-gir dan-çan-do o se-ri-co-té, se-ri-co-té, se-ri-co-

té; vi-e-ram de San Tho-mé. Se-ri-co-té, se-ri-co-té, vi-e-ram de San Tho-mé.

Estou rouca, estou rouquinha,
 Não é catharro nem tosse:
 E' o ladrão do amor.
 Que de mim quer tomar posse.

Tum, tum, arraiäl,
 Tum, tum, caracol,
 Tum, tum, pintasilgo,
 Tum, tum, rouxinol.

Eram quatro pretinhos,
 Todos quatro da Guiné,
 E deitaram a fugir,
 Dançando sericoté.
 Sericoté, sericoté,
 Vieram de San Thomé.

O melro canta na faya,
 Escutae o que elle diz:
 Quem fez o mal que o pague,
 Menos eu que o não fiz.

Não me atires com pedrinhas
 Que podes quebrar a louça;
 Atira-me ao coração,
 Devagar, que ninguem ouça.

Oh minha menina bella,
 Ponha o seu amor só n'um;
 Não traga tantos á trella,
 Póde ficar sem nenhum.

Atirei ao verde verde,
 Atirei ao verde mar,
 Atirei com meus sentidos
 Onde pudera chegar.

Atirei e não matei,
 Oh mal empregado tiro!
 Oh mal empregado tempo
 Que eu andei n'amores comtigo.

Recolhida na Torreira, pelo Ex.^{mo} Snr. Dr. Manuel Maria de Castro Corte Real.

DANÇA.—E' esta uma dança de sala muito em voga na provincia. Os pares dão a mão, formando roda, e andam assim para um lado, enquanto se canta a quadra, (8 compassos) e repetem andando para o outro lado; em seguida enquanto se canta o estribilho *tum, tum, arraiäl*, pára a roda, e dança cada individuo para um e para outro lado, dando estallos com os dedos, voltando-se cada cavalheiro ora para o seu par ora para a dama que lhe fica ao lado; e o mesmo fazem as damas. No estribilho immediato faz-se *grand chaine*, que se repete ao contrario, os ultimos compassos (*sericoté*) são dançados em passo de polka.

DON SOLIDON

DANÇA DE RODA

A' Ex.^{ma} Snr.^a D. Marianna Soares Dias.

113

Allegretto

Grazioso

Ai a me- ni-na, don so-li- don, co-mo vae ai- ro - sa ;

Ai a me- ni - na, don so-li- don, co-mo vae ai- ro - sa, po-nha a mão na tran-ça, don so-li-

don não lhe cáia a ro - sa, po-nha a mão na tran-ça don so-li- don não lhe cáia, a ro - sa.

Ai a menina,
 Don solidon
 Como vae airosa!
 Ponha a mão na trança,
 Don solidon
 Não lhe cáia a rosa.

Ai a menina,
 Don solidon
 Como vae contente!
 Ponha a mão na trança,
 Don solidon
 Não lhe cáia o pente.

Ai a menina,
 Don solidon
 Como vae bonita!
 Ponha a mão na trança,
 Don solidon
 Não lhe cáia a fita.

Ai a menina,
 Don solidon
 Bem a vi estar,
 A' borda do rio,
 Don solidon
 A ensaboar.

SERENATA

CANÇÃO AÇORIANA

Letra de Anthero de Quental.
Musica de João Maria Sequeira
e de João Bernardo Rodrigues.

114

Andante

p

legato

p

a voz canta sempre a nota superior

Ca - hiu do ceu u - ma es - trel - la, Ai que eu bem a vi tom - bar!

E - ra a noi - te pu - ra e bel - - la Mur - mu - ra - va ao lon - ge o

cresc.

mar, ao lon - ge o mar, ao lon - ge o mar, *f* ao lon - ge o mar.

p
E - ra tu - do ex - ta - sie cal - - ma, Per - fu - meen - - can - to e ful - gor...

Só no fun - do da mi - nha al - ma, Que des - con - for - to e que dor! que des-con-

Piú animato
for - to e que dor! ah! Dor - me e so - nha, mi - nha bel - - la,

Em - bal - la - da ao som do mar... Ca - hui do ceu u - ma es-

ten
trel - - la, Tris - te do que a viu tom - bar! Ca - hui do ceu u - - ma es-

ad libitum

trel - la, Triste do que a viu tom - bar.

legato

Cahiu do ceu uma estrella,
 Ai que eu bem a vi tombar!
 Era a noite pura e bella,
 Murmurava ao longe o mar;
 Era tudo extasi e calma,
 Perfume, encanto e fulgor...
 Só no fundo da minha alma,
 Que desconforto e que dôr!
 Dorme e sonha, minha bella,
 Emballada ao som do mar...
 Cahiu do ceu uma estrella,
 Triste do que a viu tombar!

Era uma estrella cahida,
 Uma entre tantas, não mais!
 Era uma illusão perdida,
 Um só ai entre mil ais!
 E has de viver torturado
 Louco, incerto coração,
 Só por um astro apagado,
 Por uma morta illusão?
 Dorme e sonha, minha bella,
 Como chora ao longe o mar!
 Cahiu do ceu uma estrella,
 Ai de mim que a vi tombar!

ANTHERO DE QUENTAL.

Ao nosso presado amigo, distincto poeta e nosso consul em Genova, o ex.^{mo} snr. Joaguim de Araujo, devemos o ter adquirido esta maviosa composição, cuja historia Anthero de Quental resumiu em uma eloquente carta ao ex.^{mo} snr. dr. Wilhelm Storck, impressa primeiramente nas *Cadencias Vagas*, d'onde passou para os *Raios de extincta luz*.



LEMBRANÇAS DO NOSSO AMOR

CANÇÃO

A' Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria da Gloria Pinto Soares de Miranda.

115

Andante

f

Qual que - bra a va - ga do mar

car - co - men - doas du - ras fra - gas, as - sim da

sau - da deas va - - - gas o meu pei - to vem que - brar :

O meu des - ti - no é pen - sar, in - gra - ta,

no teu ri - gor; vê que con - tras - te d'hor - ror :

The musical score is written for piano and voice. It consists of five systems of music. Each system has a vocal line on a single staff and a piano accompaniment on a grand staff (treble and bass clefs). The time signature is 3/4. The first system starts with a dynamic marking of *f* and a tempo marking of *Andante*. The lyrics are: 'Qual que - bra a va - ga do mar'. The second system continues with 'car - co - men - doas du - ras fra - gas, as - sim da'. The third system continues with 'sau - da deas va - - - gas o meu pei - to vem que - brar :'. The fourth system continues with 'O meu des - ti - no é pen - sar, in - gra - ta,'. The fifth system continues with 'no teu ri - gor; vê que con - tras - te d'hor - ror :'. The piano accompaniment features a steady eighth-note bass line and chords in the right hand.

Tu na mi-nh'al-ma gra-va - - - da, da tu - - a men-tea - pa-

ga - - - da Lem-bran-ças do nos-so a-mor.

Qual quebra a vaga do mar,
Carcomendo as duras fragas,
Assim da saudade as vagas
O meu peito vem quebrar.
O meu destino é pensar,
Ingrata, no teu rigor.
Vê que contraste de horror :
Tu, na minh'alma gravada,
Da tua mente apagada
Lembranças do nosso amor.

Se o sol desponta, eu lamento;
Se o sol se despede, eu choro;
Se a briza passa, eu imploro
Compaixão p'r'o meu tormento.
Como não gozo um momento
Do somno o dôce favor,
Alta noite, com fervor,
Em ti minh'alma se inspira.
Canto ao som da minha lyra
Lembranças do nosso amor.

Mulher, a lei do meu fado
E' o destino em que vivo,
Depois de ficar captivo
D'um gesto, d'um teu agrado.
Sinto meu corpo vergado
Ao peso do dissabor;
Vai-me fugindo o calor. . .

Ai que me matam, querida,
Saudades da nossa vida,
Lembranças do nosso amor.

O anjo da morte pousa
Na minha frente já fria;
Vai passear algum dia
Onde o meu corpo repousa :
Da sepultura—na lousa
Que ha de abafar minha dôr—
Por piedade, por favor,
Planta um goivo, uma saudade,
Signal da nossa amizade,
Lembranças do nosso amor.

RESPOSTA

Se os sentimentos de outr'ora
Inda existem no teu peito,
D'esse passado desfeito
Não posso lembrar-me agora :
Meu coração outro adora,
Hoje não tenho-te amor ;
Se é fraqueza, ou se é rigor,
Perdão imploro clemente,
Não posso guardar na mente
Lembranças do nosso amor.

Este peito não é meu,
Já o dei a outro amante ;
Porque buscas, inconstante,

O que não póde ser teu ?
Jurei-lhe á face do ceu
Amal-o com firme ardor.
Vê o contraste de horror :
De minha mente exclui,
E nem me restam de ti
Lembranças do nosso amor.

O tempo desfaz a magua,
Dêstroe humana grandza,
Da vida, gloria e riqueza
Até a esperança se apaga ;
Talvez que o tempo te traga
Remedio p'ra a tua dôr ;
Só eu mereço um favor,
Se inda me tens amizade,
Não conservés, por piedade,
Lembranças do nosso amor.

Não suspires e não chores,
Não me magões est'alma,
Vai amar outra—e acalma
Teu soffrer n'estes amores ;
Quando cadaver já fôres,
Não me pedes, trovador,
Que vá plantar uma flor? . . .
Pois ella deve morrer,
E nunca mais ha de ter
Lembranças do nosso amor.

MARILIA DE DIRCEU

ARIA

A' Ex.^{ma} Snr.^a Condessa de Vinhaes.Poesia de Thomaz Antonio Gonzaga.
Lyrica IV. Parte II.

116 *Adagio mavioso*

Suc - ce - de, Ma - ri - - lia bel - - - la, à me -

do - nha noi - te o di - - - a: a es - ta - ção chu - vo - sa e

fri - - a à quen - te, sec - ca, es - - ta - ção; a es - ta -

ção chu - vo - - - - sa e fri - - - - a à quen -

Allegretto

te. sec - ca, es - - ta - - ção. Mu - da - se a sor - te dos

tem - - - pos, só a mi - nha sor - te não ?

Mu - da-se a sor - te dos tem - - - pos só a mi - nha sor - te

não ? só a mi - nha sor - te não ? só a

mi - nha sor - te não ? *dolce* não. não,

não, não, não, não ! ...

Esta musica foi muito cantada nos concertos em familia, e popularisou-se em Portugal e no Brasil.

MARILIA DE DIRCEU

Succede, Marilia bella,
 A' medonha noite o dia:
 A estação medonha e fria
 A' quente, secca, estação.
 Muda-se a sorte dos tempos;
 Só a minha sorte não?

Os troncos nas primaveras
 Brotam em flores viçosos;
 Nos invernos escabrosos
 Largam as folhas no chão.
 Muda-se a sorte dos troncos
 Só a minha sorte não?

Aos brutos, Marilia, cortam
 Armadas redes os passos;
 Rompem depois os seus laços,
 Fogem da dura prisão.
 Muda-se a sorte dos brutos;
 Só a minha sorte não?

Nenhum dos homens conserva
 Alegre sempre o seu rosto;
 Depois das penas vem gosto,
 Depois do gosto afflicção.
 Muda-se a sorte dos homens;
 Só a minha sorte não?

Aos altos deuses moveram
 Soberbos gigantes guerra;
 No mais tempo ceu e terra
 Lhes tributa adoração.
 Muda-se a sorte dos deuses;
 Só a minha sorte não?

Ha de, Marilia, mudar-se
 Do destino a inclemencia;
 Tenho por mim a innocencia,
 Tenho por mim a razão.
 Muda-se a sorte de tudo;
 Só a minha sorte não?

O tempo, oh bella, que gasta
 Os troncos, pedras, e o cobre,
 O veu rompe com que encobre
 A' verdade a vil traição.
 Muda-se a sorte de tudo;
 Só a minha sorte não?

Qual eu sou. verá o mundo;
 Mais me dará do que eu tinha,
 Tornarei a ver-te minha,
 Que feliz consolação!
 Não ha de tudo mudar-se,
 Só a minha sorte não.

CANTATA A D. MIGUEL I

E' Miguel anjo de paz
Que Deus tem por general;
E' Miguel, no throno luso,
Novo Rei de Portugal.

Viva El-Rei Miguel primeiro,
Viva Carlota immortal;
Viva o Deus d'Affonso Henriques,
E a tropa firme e leal.

Se Miguel nos vastos ceus
Anjos maus fez confundir;
E' Miguel, no throno luso,
Que os *mações* (1) vem destruir.

Viva El-Rei Miguel primeiro,
Viva Carlota immortal;
Viva o Deus d'Affonso Henriques,
E a tropa firme e leal.

D. Miguel fôra mandado sahir de Portugal, por conveniencia politica, em 1824; porém foi chamado por seu irmão D. Pedro em 1826 para vir occupar a regencia do throno portuguez, constitucionalmente, com o contracto de casar com a rainha D. Maria da Gloria, sua sobrinha, logo que ella chegasse á maior idade. D. Miguel que estava em Vienna d'Austria acceitou a proposta. Logo que isto se soube em Lisboa, explodiu tudo em enthusiasmo; a camara, o senado, o clero, a nobreza e todas as classes da sociedade rejubilaram, preparando festejos, por toda a parte, ergueram-se arcos triumphaes; no Terreiro do Paço levantou-se um pavilhão do municipio para a cerimonia da entrega das chaves; e grande numero de cavalheiros e damas de distincção constituiram uma sociedade coral para cantarem a presente cantata no mesmo local.

As damas tinham, geralmente, pelo principe uma sympathia louca; elle tambem era conquistador: Tinha magnifica plastica, e montava bem; sympathico de feições, boa presença, affavel para com todos e com especialidade de uma delicadeza extrema para com as senhoras, ensinuava-se amavelmente no coração de todos, e eis porque a todos fanatisava. Decorreram quasi dous annos sem que o Rei tão querido e desejado apparecesse; porém a 22 de fevereiro de 1828 aproou á barra a fragata *Perola*, como diz a trova, e desembarcou na praia de Belem. Fôí uma decepção geral, pois tudo estava preparado para o receber no Terreiro do Paço. Intrigas politicas a que D. Carlota não era estranha motivaram esta sensaboria.

A cantata não teve logar, e, passando para o dominio publico, transformou-se na canção das ruas.

O REI CHEGOU

D. Miguel chegou á barra,
Sua mãe lhe deu a mão;
Anda cá, meu querido filho,
Não queiras constituição.

Rei chegou!
Rei chegou!
Em Belem
Desembarcou.

Pedro quarto, não podendo
Mandar o seu coração,
Mandou joia de igual preço,
D. Miguel seu querido irmão.

Rei chegou, etc.

Entre Pedro e Miguel
Ninguem metta o seu nariz,
Pois se D. Miguel é Rei,
Foi D. Pedro que o quiz.

Rei chegou, etc.

E' certo, e mais que certo,
D. Miguel ser nosso Rei;
E' certo, e mais que certo,
Que assim é que manda a lei,

Rei chegou, etc.

D. Miguel chegou á barra,
Já o seu signal içou;
E' certo e mais que certo,
Que já D. Miguel chegou.

Rei chegou, etc.

(1) Os partidarios do absolutismo apodavam de *maçonicos* e *pedreiros-livres* os constitucionaes; tambem lhe chamavam *malhados*.

CANTATA A D. MIGUEL I

A' Ex.^{ma} Snr.^a D. Içabel Maria Guimarães Allegro.

117

Maestoso
f

f

§ voz
E' Mi - guel an - jo de

paz Que Deus tem por ge - ne - ral; E' Mi - guel, no thro - no lu - so, no - vo

Rei de Por - tu - gal.

CORO
f
Vi - va El - Rei Mi - guel pri -

mei - ro. Vi - va Car - - lo-taim - - mor - tal, Vi - va o

Deus d' Af - fon - so Hen - ri - ques, A tro - pa fir - me e le - al *ff* Vi - - va! Vi - - -

mf. va! Vi - va El - Rei Mi - guel pri - - *ff* meiro Vi - - va! Vi - - *mf.* va! Vi - va

Car - - lo - ta im - mor - tal. *ff* §

Foi d'esta cantata que sahiu a celebre canção das ruas que deu origem a muita cacetada entre constitucionaes e realistas

O REI CHEGOU

D. Mi - guel che - gou á bar - ra, Su - a mãe lhe deu a mão: An - da

cá, meu q'ri - do fi - lho, Não quei - ras cons - ti - tui - ção. Rei che - gou! Rei che - gou! Em Be -

lem des - em - bar - cou. Rei che - gou! Rei che - gou! Em Be - lem des - em - bar - cou.

D. Miguel é nosso Rei,
Elle é rei d'esta nação;
Defensor e general
Da santa religião.

Rei chegou, etc.

D. Miguel é delgadinho,
Bonitinho e bem feito;
Prometteu aos realistas,
A sua effigie p'ra o peito.

Rei chegou, etc.

A nau fragata *Perola*
E a marinha fiel,
Trouxe a porto e salvamento,
El-Rei senhor D. Miguel.

Rei chegou, etc.

Os *malhados* não queriam
D. Miguel p'ra general,
Mas agora ahí o tendes,
Para Rei de Portugal.

Rei chegou, etc.

Os *mações* o desterraram,
Enganando o augusto pae;
Ora vêde, reparae
Como elles se enganaram.

Rei chegou!
Rei chegou!
E o papel
Não assignou.

Os miguelistas, entusiasmados com a presença do seu Rei, cresciam cada vez mais em doestos e ameaças aos adversarios, como se vê nas seguintes quadras:

Venha cá, oh sôr malhado,
Sente-se n'esta cadeira,
Diga: Viva D. Miguel,
Senão parto-lhe a caveira,

Venha cá, oh sôr malhado,
Tire já esse barrete,
Diga: Viva D. Miguel,
Senão leva com um cacete.

Venha cá, oh sôr malhado,
Metta a mão n'esta gaveta,
Diga: Viva D. Miguel,
Senão vae para a calceta.

Os constitucionaes respondiam atrevidamente, com insultos, obscenidades e allusões de toda a especie. Aberto o campo da descompostura, serviu de vehiculo de toda a casta de insulto, de parte a parte, a musica do Rei chegou.

Para espalhar a fome
Uma moda se inventou.
Quanto mais a fome aperta
Mais se canta o rei chegou.

Fóra patife,
Fóra malhado,
Fóra caipira (1)
Desavergonhado.

O fanatismo politico e pessoal por D. Miguel tocou as raias do delirio. Na igreja de Santo Antonio, da cidade do Porto, os frades collocavam, nos dias de festa, no meio do throno, onde estava exposto o Sacramento, o retrato de D. Miguel com o seguinte distico:

Viva D. Miguel primeiro
D'este convento o padroeiro.

O mesmo succedia em Santo Antonio dos Congregados. Nas missas de festa era de rigor que o numero da *Gloria*: *Quoniam tu solus sanctus, tu solus Dominus, iu solus altissimus*, etc. fosse cantado com a musica do Rei chegou.

Esta musica teve o prestigio de poder ser interprete de sentimentos tão oppostos e de paixões politicas tão encarniçadamente inimigas, sendo apenas a differença na fórma expressiva: o respeito e entusiasmo d'uns, e a expressão ridicula d'outros.

(1) *Caipira*, palavra brazileira que significa raça desprezível. Os dois partidos dirigiam-se mutuamente a mesma injuria.

ESTÁ NA EDADE DE CASAR

CHOREOGRAPHICA

A' Ex.^{ma} Snr.^a D. Izabel Maria Peres do Rego Barreto.

118

Moderato

f

A me - ni - na Fu - la - ni - nha 'stá na e - da - de 'stá na e - da - de de ca -
 sar 'stá na e - da - de 'stá na e - da - de de ca - sar. Por is - so a - qui na
 ro - da esco - lha paresco - lha par que lhe a - gra - dar esco - lha par esco - lha par que lhe a - gra - dar.

The musical score is written for piano and voice. It consists of three systems of music. The first system starts with a treble clef, a key signature of three sharps (F#, C#, G#), and a common time signature (C). The tempo is marked 'Moderato' and the dynamics are 'f'. The lyrics are: 'A me - ni - na Fu - la - ni - nha 'stá na e - da - de 'stá na e - da - de de ca -'. The second system continues the melody and lyrics: 'sar 'stá na e - da - de 'stá na e - da - de de ca - sar. Por is - so a - qui na'. The third system concludes the piece with the lyrics: 'ro - da esco - lha paresco - lha par que lhe a - gra - dar esco - lha par esco - lha par que lhe a - gra - dar.' The piano accompaniment features a steady rhythmic pattern in the left hand and a more melodic line in the right hand.

Vae-te embora amor ingrato.
 Já não quero nada teu,
 Porque foste dar a outro
 Coração que já foi meu.

ESTRIBILHO

A menina (Francisquinha),
 Está na idade,
 Está na idade de casar,
 Por isso aqui na roda
 Escolha par,
 Escolha par que lhe agradar.

RESPOSTA

Não te quero... Não me serves...
 Não é a ti,
 Não é a ti que eu hei de amar.

Não te quero... Não me serves...
 Só a ti,
 Só a ti é que hei de amar.

Do mel puro dos teus labios
 Dá-me a esmola d'uma gotta;
 Tenho febre, tenho séde,
 Tenho amarga a minha bocca.

O meu peito solitario
 E' um ninho de cantigas;
 Ali dormem, ali vivem,
 Esperando as raparigas.

Ao passar por este sitio
 Não te ponhas tão córada:
 Este sitio não tem lingua,
 A ninguem contará nada.

O diabo leve os homens,
 Menos tres que eu conheço,
 E' meu pae e meu padrinho,
 E o amor por quem padeço.

Se eu lavasse uma camisa,
 Cá de certas raparigas,
 Iria pol-a a córar
 Sobre a rama das ortigas.

Recolhida no Marco de Canavezes por F. P. Nogueira.

Dança.—Forma-se a roda e no meio fica uma pessoa. A roda gira cantando-se uma quadra desgarrada. No estribilho soltam-se as mãos e viram-se todos para a pessoa que está no meio, dizendo-lhe o nome, por exemplo: A menina Izabelinha (se é senhora) ou o snr. Adriano Mendes (se é homem) *está na idade, está na idade de casar*, etc. Depois a pessoa que está no meio, canta a *resposta*, percorrendo a roda, e repellindo, por accionado, um e outro par, á maneira que vae dizendo *Não te quero... Não me serves*, etc. até que diz *Só a ti é que hei de amar*; então abraça essa pessoa e dança em passo de valsa; e todos os pares fazem o mesmo. O par da pessoa abraçada, como fica só, é que vae para o meio, e repete-se a mesma dança. A pessoa que já esteve no meio não deve tornar a ser escolhida; por isso este jogo deve ser dançado tantas vezes quantas sejam as pessoas que formem a roda.

D. SILVANA

ROMANCE

A' Ex.^{ma} Sr.^a D. Eugenia do Souto Alves.

119

Andante
dolce

In - do Do - na Sil - va - - - - na

pe - lo cor - redor a - ci - - - - ma, To - can - do n'u - ma gui - -

tar - - - ra que gran - de es - tron - - do fa - zi - - a.

Indo Dona Silvana
Pelo corredor acima,
Tocando n'uma guitarra
Que grande estrondo fazia,
Acordou seu pae da cama,
Do somno em que elle dormia.
—Que tens tu, D. Silvana,
Que tens tu, ó filha minha?
—Tres manas que nós eramos,
São casadas, teem familia;
E eu, por ser a mais formosa,
Para o canto ficaria.
—Só se fôr com Conde Alberto:
E' casado, tem familia...
—Mande-o, meu pae, chamar,
Da sua parte e da minha.

Palavras não eram ditas,
Já Conde á porta batia.

—Que quer Vossa Magestade?
Que quer Vossa Senhoria?
—Quero que mates Condessa
P'ra casar com minha filha.
—Eu Condessa não a mato,
Que ella a morte não mer'cia.
—Mata, Conde, mata Conde;
Senão... eu tiro-te a vida.
E mandarás a cabeça
N'esta doirada bacía.

Foi Conde para palacio,
Pensando no que faria;
Mandou fechar seu palacio,
Coisa que nunca fazia;
Mandou vestir seus creados
De lucto, á maravilha;
Mandou pôr a sua mesa,
Para fingir que comia!
As lagrimas eram tantas,
Que pela mesa corriam!
Deitou-se na sua cama,
Para fingir que dormia:
Os suspiros eram tantos,
Que até palacio tremia.

—Tu que tens, ó Conde Alberto?
Tu que tens, ó vida minha?
Conta-me a tua tristeza,
Que eu conto minha alegria.
—Mandou o Rei que te mate
P'ra casar com sua filha.
—Escuta, Conde, escuta, Conde,
Que isso remedio teria:
Metterás-me n'um convento,
Serei freira recolhida;
Me darás o pão por onça,
E a agua por medida,
Darás sardinha salgada,
Que me acabes com a vida.
—Quer que te mande a cabeça

N'essa maldita bacía.
—Deixa-me dar um passeio,
Da sala para a cozinha:
«Mamma, mamma, meu menino,
«D'este leite de paixão,
«A'manhã por estas horas
«Está tua mãe no caixão;
«Mamma, mamma, meu menino,
«D'este leite de pezar,
«A'manhã por estas horas
«Está tua mãe a enterrar;
«Mamma, mamma, meu menino,
«D'este leite de amargura,
«A'manhã por estas horas
«Está tua mãe na sepultura;
«Mamma, mamma, meu menino,
«D'este leite derramado,
«Que amanhã por estas horas
«Está meu corpo sepultado.»

Estando o menino ao peito
(Inda nem um mez teria!)
Tocam sinos em palacio:
—Minha mãe, quem morreria?
—Morreu a filha d'El-Rei
Pela traição que fazia:
Apartar os bem casados,
Coisa que Deus não queria.
Venham condes e marquezes,
Para o jardim de alegria!

Recolhida no Porto. Antigamente, nas escolas de instrucção primaria do sexo feminino, as creanças, nas horas de recreio, cantavam romances e xacaras antigas. A D. Silvana era um d'esses cantos. Tambem se divertiam com as danças de roda nacionaes; hoje poucas *mestras* conservam este costume.

AO SS. CORAÇÃO DE JESUS

MARCHA E CANTICO PROCESSIONAL

ca Miss Louise Carolina Martins.

Musica de Francisco Manuel de Mattos.

120

Maestoso

f

con 8^a

con 8^a

The image displays a musical score for a march and canticle. It consists of five systems of music, each with a grand staff (treble and bass clefs). The first system is marked '120' and 'Maestoso' with a dynamic marking 'f'. The second system continues the piece. The third system also continues. The fourth system is marked 'con 8^a' and features a dashed line above the treble clef staff. The fifth system is also marked 'con 8^a' and features a dashed line above the treble clef staff. The music is in a key with one flat (B-flat) and a common time signature (C). The notation includes various rhythmic values, including eighth and sixteenth notes, and rests. The overall style is characteristic of early 20th-century religious music.

VOZ

p Fon - te da vi - da ce - les - te, prin - ci - pio de to - da a

luz For - mo - su - raim - com - pa - ra - vel Co - ra - ção do meu Je -

sus. For - mo - su - raim - com - pa - ra - vel, Co - ra - ção do meu Je -

CORO

f sus. Sois dos tris - tes o con - so - lo, Sois dos fa - - min - tos o

pão, Dos en - fer - mos o re - me - dio, dos con - tri - - ctos o per -

dão! o per - -dão, o per - -dão, o per - -



dão! *ff*



con 8^a
mf.

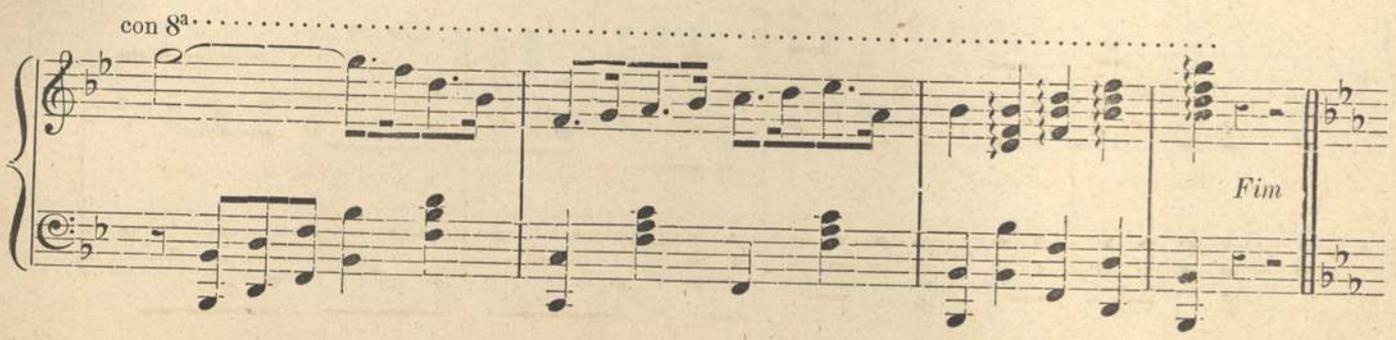


con 8^a



con 8^a

Fim



TRIO

Co - - - ra - ção san - - - to Tu rei - na -

rás, Tu nos - so en - can - - - to

Sem - - pre se - rás, Co - - mo sol - -

da - - - do ve - - - la o seu re - - - i,

as - - sim meu san - gue, as - - sim meu san - gue por ti da - rei. D.C.

Em quasi todas as nossas provincias é costume, nas procissões, o povo cantar os hymnos religiosos acompanhado de bandas marciaes. A presente marcha é de Bragança, (1888) onde se solemnisa pomposamente o SS. Coração de Jesus, devoção antiquissima espalhada por todo o paiz.

Devemos á dedicação do nosso estimavel amigo o distincto official do exercito o ex.^{mo} snr. F. P. da Silveira a aquisição da partitura d'onde transcrevemos esta marcha.

AO SS. CORAÇÃO DE JESUS

Fonte da vida celeste,
Principio de toda a luz,
Formosura incomparavel,
Coração do meu Jesus.

CORO

Sois dos tristes o consolo,
Sois dos famintos o pão,
Dos enfermos o remedio,
Dos constrictos o perdão!

Sois dos justos o enlevo,
Sois dos anjos a alegria,
Dos seraphins o encanto
Dos coros a melodia!

Sois dos martyres a corôa,
Coragem dos confessores,
Sois das virgens a candura,
Esperança dos peccadores!

Sois dos tristes o consolo,
Sois dos famintos o pão,
Dos enfermos o remedio,
Dos constrictos o perdão!

A Vós, pois, nós recorremos,
N'estes dias d'afflicção,
Com certeza na victoria,
Oh Divino Coração!

Coração Santo
Tu reinarás;
Tu nosso encanto
Sempre serás.

Como soldado
Vela a seu rei,
Assim meu sangue
Por Ti darei.

Se o mundo iniquo
Me combater,
Sempre a Teu lado
Hei de vencer.

Anjos, Archanjos,
Santos do ceu,
Comnosco velam
Ao Throno Teu.

No mundo a Igreja
Soffre por Ti;
Na guerra ajuda-me
Tambem a mim.

Dá-me o triumpho
Na salvação,
P'ra louvar sempre
Teu Coração.

ZAZ-TRAZ QUE TE PILHO

CHOREOGRAPHICA

À Ex.^{ma} Snr.^a D. Virginia Neves d'Almeida.

121

Grave
f

Sol -

da - dos in - gle-zes não u - sam cha - peu, u - sam bar - re - ti - - nas que

che - gam ao ceu, u - sam bar - re - ti - - nas que che - gam ao ceu. Záz -

traz que te pi - lho, que já te pi - lhei. O - ra vem a meus bra - - ços

meu a - mor, meu bem. O - ra vem a meus bra - - ços meu a - mor, meu bem.

The musical score is written for piano in G major and 2/4 time. It consists of five systems of music. The first system is an instrumental introduction marked 'Grave' and 'f', starting with a treble clef and a key signature of one sharp (F#). The second system begins the vocal melody with the lyrics 'da - dos in - gle-zes não u - sam cha - peu, u - sam bar - re - ti - - nas que'. The third system continues the melody with 'che - gam ao ceu, u - sam bar - re - ti - - nas que che - gam ao ceu. Záz -'. The fourth system continues with 'traz que te pi - lho, que já te pi - lhei. O - ra vem a meus bra - - ços'. The fifth system concludes with 'meu a - mor, meu bem. O - ra vem a meus bra - - ços meu a - mor, meu bem.' The score includes piano accompaniment in the bass clef and a vocal line in the treble clef. There are repeat signs at the end of the first and fifth systems.

ZAZ-TRAZ QUE TE PILHO

C Soldados inglezes
 Não usam chapéu;
 D Usam barretinas
 Que chegam ao ceu.

C Záz-traz que te pilho,
 D E eu já te pilhei,
 C e D Ora vem a mens braços,
 Meu amor, meu bem.

C Soldados inglezes
 Trajam d'algodão;
 D Eu trajo de linho,
 Que é fresco p'ra o v'ráo.

Záz-traz, etc.

C Soldados inglezes
 Trajam de encarnado
 D Eu trajo d'azul,
 Que é mais engraçado.

Záz-traz, etc.

Dança.—Formam-se os pares em duas filas: as damas de um lado e os cavalheiros do outro. Avançam todos e recuam duas vezes, depois atravessam e tornam aos seus logares, enquanto se canta a quadra. No estribilho, a fila dos cavalheiros marcha até ao meio, accionando caracteristicamente ás damas, cantando *Zás-traz que te pilho*, e dando meia volta á direita, voltam-lhe as costas e tornam ao seu lugar; no entanto as damas marcham em seguida até tocar com a mão no hombro do cavalheiro, cantando *Eu já te pilhei*; e voltando-lhes as costas tornam ao seu logar, mas os cavalheiros que já se teem voltado, seguem as damas cantando *Ora vem a meus braços*, etc. e as damas ao chegarem ao seu logar, voltam-se, abraçam o cavalheiro repetindo os versos *Ora vem*, etc. dando uma volta e tornam aos seus logares.

A musica deve ser cantada alternadamente, por damas e por cavalheiros como vae indicado com as iniciaes C (cavalheiros) D (damas).

A musica d'esta dança, bem como a propria dança, é inglezada, e parece datar do principio seculo XIX.

DESPEDIDA DE COIMBRA

BARCAROLA

À Ex.^{ma} Sr.^a D. Marianna d'Oliveira Peniche.

122

Andantino
f

Já não ou -- ço de Co -
im - bra os a - le - gres, do - ces can - tos é si - len - cio

tu - do a - go - ra, dei - xo ri - - so, ve - - jo pran - tos *mf.* Dei - xa,
dei - - xa, oh bar - quei - ro, ir o bar - - co len - - ta -
men - te ; Dei - xa, pá - ra, que a sau - da - de ir mais

ESTRIBILHO

rall.



lon - - ge não con- sen - te, ir mais lon - - ge não con - - - -

rall. molto



sen - te ir mais lon - - ge não con - - - sen - te.

Já não ouço de Coimbra
Os alegres, doces cantos:
E' silencio tudo agora,
Deixo riso, vejo prantos.

Deixa, deixa, oh barqueiro,
Ir o barco lentamente,
Deixa, pára, que a saudade,
Ir mais longe não consente.

Já se avista ao longe a lua
Que de brilho nos cercou.
Vem com ella mais lembrança
D'esse tempo que passou,

Deixa, deixa, oh barqueiro, etc.

Já não vejo altas colinas,
Que do fronte alli gosei:
Nem dos prados as boninas
Que ditoso contemplei!

Deixa, deixa, oh barqueiro, etc.

Já não vejo os meus amores
Lá n'essas serras d'alem;
Só me restam as saudades
Do tempo que já não vem.

Deixa, deixa, oh barqueiro, etc.

Já não vejo a tricana
Pelos montes a correr;
Já não ouço os seus cantares
Tenho magua por prazer.

Deixa, deixa, oh barqueiro, etc.

CONSELHO MATERNO

CANÇÃO

A' Ex.^{ma} Snr.^a D. Zelia Ayres.

Andante expressivo

123

The musical score is written for voice and piano. It consists of three systems of music. The first system has a treble clef with a common time signature (C) and a piano (p) dynamic marking. The lyrics are: "Mi - nha mãe tão po - bre - si - nha, coi - ta - di - nha! Não tem na - da p'ra me". The second system continues the melody and accompaniment with lyrics: "dar; não tem na - da p'ra me dar; Ca - da ho - ra dá-me um". The third system is marked "rall." and contains the lyrics: "bei - - jo, e de - po - is fi - ca a cho - rar; e de - pois fi - ca a cho - rar." The piano accompaniment consists of chords in the left hand and a simple melodic line in the right hand.

Minha mãe tão pobresinha,
Coitadinha!
Não tem nada p'ra me dar;
Cada hora dá-me um beijo,
E depois fica a chorar.

Minha mãe deu-me um thesouro,
Não é d'ouro,
Que ella é pobre e nada tem;
Mas um conselho materno,
E' um thesouro tambem.

Escuta, filha querida,
Minha vida!
Cada dia ella me diz;
Ouve a lição que te ensino,
Que não serás infeliz:

Da mulher toda a riqueza
E' a pureza!
Oh filha, confia em Deus!
Sê casta e boa que os anjos
Hão-de coroar-te nos ceus.

Tua mãe tão pobresinha,
Coitadinha!
Não tem nada p'ra te dar;
Dá-te a lição da virtude,
Que te repete a chorar.

ESTA CALÇADINHA

DANÇA DE RODA

Op. Ex.^{ma} Sr.^a D. Elisa Ernestina Guimarães Allegro.

124

Andantino

f Mui-to cus-ta u ma au zen - cia a quem a sa-be sen - tir. mais

Estrilho

mf cus-ta u-na pre - sen-ça de ver e não pos-su - ir. Es - ta cal-ça - di-nha vae pa-ra o Ra mal, vae fa-zer as

pazes com quem an-da mal. Com quem an - dou mal an-da a-go-ra bem, es ta cal-ça - dinha vae ter a Be - lem.

Recolhida em Coimbra em 1870.

Muito custa uma ausencia
A quem a sabe sentir;
Mais custa uma presença
De vêr, e não possuir.

Esta calçadinha
Vae para o Ramal,
Vae fazer as pazes
Com quem anda mal.
Com quem andou mal
Anda agora bem;
Esta calçadinha
Vae ter a Belem.

Triste sou, triste me vejo,
Sem a tua companhia;

Triste sou, que nem me lembra
Se alegre fui algum dia.

Anda cá, meu amor morto,
Dize la quem te matou:
Se te matou minha ausencia,
Resuscita, eu aqui estou

Ausente de um bem que adoro,
Meu amor não faz mudança:
Quanto mais ausente vivo
Mais o trago na lembrança.

Ausente do bem que adoro,
Nada me pode agradar;
Eu não vivo para o mundo
Vivo só para o amar.

Eu dei um ai sobre os montes,
Accudiram-me as montanhas;
Ai de mim que já não posso
Soffrer ausencias tamanhas.

Não ha coisa que mais cheire
Do que a laranjeira em flor:
Não ha coisa que mais custe
Do que a ausencia do amor.

Esta calçadinha
Vae ter á deveza,
Vae tomar amores
Co'uma camponeza.
Co'uma camponeza,
Oh que lindo amor:
Esta calçadinha
Vae p'ra Villa Flor.



Este estribilho pode ter sempre rythmas e alluções diversas, improvisadas na occasião da dança.

A ESCRAVA

CANÇÃO

Op. Ex.^{ma} Smr.^a D. Rita Adelaide de Castro Almeida.

125

Andante

f

3 3 3 8^a 3 3 3 8^a 3 3 3

p

Es-cra - va, sin - to sau - da - - - de do pa -

Ped. * **Ped.** * **Ped.** * **Ped.** *

iz em que nas - - - ci, E

Ped. * **Ped.** *

pa - - - ra co-brar a li - ber - da - - de

rall. *a tempo*

cho - - - roe can - to a - go - ra a - qui. Quem me de - ra o - lhos não

ter, Quan - do a es - - te a es - te mun - do

vim, Quem me de - - ra o - lhos não

ter quando a es - - te a es - - te mun - - do

vim, Não qui - ze - - - ra, não qui - ze - ra ver - me as-

sim, já que es - cra - - va, já que es - cra - - va vim a

ser dei-xae - - - me ir p'ra mi-nha

ter - - - - ra dei-xae - - me ir lá mor-rer dei-

xae - - - me ir p'ra mi-nha ter - - - ra dei - - -

xae - me ir lá, ir lá mor-rer.

Escrava sinto a saudade
Do paiz em que nasci;
E, para cobrar a liberdade,
Choro e canto agora aqui.

Quem me dera olhos não ter
Quando a este mundo vim.
Não quizera vêr-me assim
Já que escrava vim a ser.
Deixae-me ir p'ra minha terra,
Deixae-me ir lá morrer.

HYMNO DA AMELIA

(VULGO, DE D. PEDRO IV)

ca' Ex.^{ma} Snr.^a D. Belmira Rosa da Silva Guimarães

Letra e musica de D. Pedro IV.

126

The first system of music consists of two staves. The upper staff is in treble clef and the lower in bass clef. The key signature has one sharp (F#) and the time signature is common time (C). A forte (*f*) dynamic marking is present in the first measure. The music begins with a series of eighth and sixteenth notes in the treble, supported by chords in the bass.

The second system continues the piano accompaniment with similar rhythmic patterns and chordal structures. The treble staff features more melodic movement with eighth notes, while the bass staff provides harmonic support with chords and moving lines.

The third system continues the piano accompaniment. The treble staff has some rests, focusing more on the bass line and chordal accompaniment. The overall texture remains consistent with the previous systems.

The fourth system introduces the vocal line. The treble staff has a melodic line with lyrics: "Da Ra - i - nha e da Car - ta o pen -". A forte (*f*) dynamic marking is placed above the first measure of the vocal line. The piano accompaniment continues in the bass staff.

The fifth system continues the vocal line with lyrics: "dão Já nos ma - res se vê a tre - mu - lar, No-brees -". The piano accompaniment in the bass staff provides a steady harmonic background for the vocal melody.

for - ço que a hon - ra di - ri - ge, vae de Ly - sia des - gra - ça a - ca -

bar ; No-brees - for - ço que a hon - ra di - ri - ge vae de Ly - sia des - gra - ça a - ca -

bar, a - - ca - bar, a - - ca - bar

ff Fo - ge, fo - ge, Ou - ty ran - no, e não

ten-tes fer - reo sce - ptro mais tem - po sus - ter, fer - - reo

sce - pto mais tem - po sus - ter, Que nas a - - ras da Pa - tria ju -

ra - - - - mos vi - ver li - vres ou li - vres mor - rer; Que nas

a - ras da Pa - tria ju - ra - mos vi - - ver li - vres ou li - vres mor -

rer. Que nas a - ras da Pa - tria ju - ra - mos vi - ver li - vres ou li - vres mor -

rer; mor - - rer; mor - - rer.

HYMNO DA AMELIA

Da Rainha e da Carta o pendão
Já nos mares se vê a tremular,
Nobre esforço que a honra dirige,
Vae de Lysia a desgraça acabar.

Foge, foge, ó tyranno, e não tentes
Ferreo sceptro mais tempo suster
Que nas aras da Patria juramos
Viver livres, ou livres morrer.

Forte esquadra que os lusos transporta,
Já com sôpro galerno marêa,
Porque arvóre o tropheo bicolor
Sobre os muros da afflicta Ulissêa.

Foge, foge, etc.

Nota.—*Hymno da Amelia*; foi assim que o author, D. Pedro IV, o denominou por o ter composto a bordo da corveta *Amelia* na sua viagem para Portugal, para animar e enthusiasmar os 7.500 expedicionarios que o acompanhavam.

Na primitiva o hymno só tinha as quatro quadras e coro que acima transcrevemos e que se julga serem tambem da lavra de D. Pedro, porém depois foram lhe addiccionadas outras, cujo author desconhecemos, e que collocaram a seguir á primeira. São as seguintes:

Contra o Tejo se a fida cohorte
Voga affouta com animo hostile,
Não, não é porque as aguas lhe turve
Rubra mancha da guerra civil.

Foge, foge, o tyranno, e não tentes
Ferreo sceptro mais tempo suster;
Deixa a Patria que escrava tornaste
Livre agora teu nome esquecer.

Nosso brio é de um throno usurpado
Esmagar a prejura oppressão,
Restaurar de Maria os direitos,
Libertar a trahida nação.

Foge, foge, etc.

Quem da gloria aos altares saudosos
Nos conduz denodado e prudente,
Chefe augusto que a purpura ornara,
E' o pae da rainha innocente.

Foge, foge, etc.

Cara Lysia em gemido implora
Que as algemas lhe vamos quebrar;
Já nas praias as mães lacrimosas
Pelos filhos se escutam bradar.

Foge, foge, ó tyranno, e não tentes
Ferreo sceptro mais tempo suster;
Que nas aras da Patria juramos
Viver livres, ou livres morrer.

Nossos votos são Carta e Rainha;
Nosso guia quem ambas nos deu;
Defendemos a causa do mundo;
E' por nós a justiça do ceu.

Foge, foge, etc.

D'entre a noite do carcere horrendo,
Resurgidos ao dia fatal,
Inda vertem heroes portuguezes
No patibulo o sangue leal.

Foge, foge, ó tyranno, e não tentes
Ferreo sceptro mais tempo suster;
Deixa a Patria que escrava tornaste
Livre agora teu nome esquecer.

Nas entranhas de escura masmorra,
Onde reina da morte o terror,
Outros mil inda esperam constantes
Igual sorte com o mesmo valor.

Foge, foge, etc.

Mas eis regio santelmo apparece!
Lá descóra o cobarde furor,
Cae a c'róa da fronte á perfidia,
Treme o ferro nas mãos do traidor.

Foge, foge, etc.

Este hymno é actualmente denominado de D. Pedro IV, e tocam-o as bandas marciaes em todas as solemidades festivas ou funebres, que tenham relação com aquelle monarcha.

MARILIA DE DIRCEU

ARIA II

Ex.^{ma} Sr.^a D. Julia de Souza Magalhães Figueiredo.

Poesia de Thomaz Antonio Gonzaga.
Lyrica v. Parte II.

127

Andante moderato

Já, já, me vae, Ma - ri - lia, bran-que - jan-do lou-
ro ca-bel-lo que cir-cu-la a tes-ta, es-te mes-moque al-ve - já vae ca-hin-do, e
pou - - co já me res - - - - - ta.

Já, já me vae, Marilia, branquejando
Louro cabello que circula a testa;
Este mesmo, que alveja, vae cahindo,
E pouco já me resta.

As faces vão perdendo as vivas côres,
E vão-se sobre os ossos enrugando;
Vae fugindo a viveza dos meus olhos;
Tudo se vae mudando.

Se quero levantar-me, as costas vergam;
As forças dos meus hombros já se gastam;
Vou dar pela casa uns curtos passos,
Pesam-me os pés, e arrastam.

Se algum dia me vires d'esta sorte,
Vê que assim me não pôz a mão dos annos;
Os trabalhos, Marilia, os sentimentos,
Fazem os mesmos damnos.

Mal te vir, me dará em poucos dias
A minha mocidade o doce gosto;
Verás burnir-se a pelle, o corpo encher-se;
Voltar a côr ao rosto.

No calmoso verão as plantas seccam;
Na primavera que aos mortaes encanta,
Apenas cae do céu o fresco orvalho,
Verdeja logo a planta.

A doença deforma a quem padece;
Mas logo que a doença fez seu termo,
Torna, Marilia, a ser quem era d'antes,
O definhado enfermo.

Suppõe-me qual doente, ou qual planta,
No meio da desgraça, que me altera;
Eu tambem te supponho qual saude,
Ou qual primavera.

Se dão esses teus meigos, vivos olhos
Aos mesmos astros luz, e vida ás flores,
Que effeitos não farão, em quem por elles
Sempre morreu de amores?

O ENGEITADO

FADO

Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria das Dores Celorico Cordeiro e Costa.

Letra de J. F. de Serpa Pimentel

Andante
128 *dolce*

Po-bre nas-ci, po-bre vi-vo, tris-te, não te-nho nin-guem; nem
de pae o bra-ço al-ti-vo, nem do-ces mi-mos de mãe; Sou o
mes-qui-nho en-gei-la-do, Pe-lo ho-mem des-pre-za-do, da
mu-her a-ban-do-na-do, dos mi-ser-ri-mos a-lem.

D.C.

O ENGEITADO

Pobre nasci, pobre vivo,
 Triste, não tenho ninguém,
 Nem de pae o braço altivo,
 Nem doces mimos de mãe;
 Sou o mesquinho engeitado,
 Pelo homem despresado,
 Da mulher abandonado,
 Dos miserrimos além.

A nudez, o frio, a fome
 Meu pobre berço embalaram;
 Ao fraco infante sem nome
 Que dôres crucificaram!
 Nunca uma lagrima, um pranto,
 Nunca da meiguice o encanto
 No infeliz que soffre tanto,
 Duros mortaes derramaram.

Nunca provei as ternuras
 D'um osculo maternal;
 Nem imaginei doçuras
 Da amisade fraternal;
 Não concebe a minha mente
 As idéas de—parente,
 —De familia—de ascendente,
 —De berço ou terra natal.

Mas cresci, medrei; no mundo
 Vela eterna a Providencia;
 O seu instincto profundo
 Falla em minha consciencia.
 Quem dá vida á flôr do prado?
 Movimento ao mar salgado?
 Sustento ao pobre engeitado?
 E' de Deus a omnipotencia.

Que por mim passem altivos,
 Ricos de sua vaidade,
 Esses, que olhando-me esquivos
 Riem da minha orphandade.
 Que importa a minha pobreza,
 Compensou-me a natureza,
 Dando-lhe a elles—riqueza.
 Dando-me a mim—liberdade.

Eu sou livre; não me prendem
 Laços alguns, cá na terra;
 Eu sou livre; se me offendem,
 Ninguém meu furor encerra.
 Eu sou livre como o vento,
 Livre como o entendimento,
 Mais livre que o pensamento,
 Mais que a coragem na guerra.

Eu sou livre;—só no mundo
 Póde prender-me um condão:
 Só o amor póde bem fundo
 Afferrar minha isempção.
 Toda a passada tristura,
 Da vida toda a negrura,
 Torna-se então em doçura
 N'este virgem coração.

Porque é livre o meu amor,
 Por isso têmos não tem;
 Apoz vida de amargor,
 Quanto não vale este bem!
 Oh! eu amo e sou amado,
 Que importa ser engeitado!
 Sou livre, e sou adorado;
 Oh! não me chore ninguém.

MEIA VOLTA AO AR

DANÇA DE RODA

A' Ex.^{ma} Snr.^a D. Izabel Megre Restier.

129

Andante ♩

p Oh ra - paz a - ga - - ro - ta - do, quem te deu a ra - - pa -

ri - ga? *f* Mei - a vol - ta ao ar, se a tu sa - bes dar? a ti. meu bem -

zi - nho, não te hei de eu dei - xar. *p* Rou - bei - a hon - tem á noi - te, ar - ris - quei a mi - nha

f vi - da. Mei - a volta ao ar, se a tu sa - bes dar? a ti meu bem - zinho não te hei de eu dei - xar.

Oh rapaz agarotado,
 Quem te deu a rapariga?
 Meia volta ao ar,
 Se a tu sabes dar?
 A ti, meu bemzinho,
 Não te hei de eu deixar.
 Roubei-a hontem á noite,
 Arrisquei a minha vida.
 Meia volta ao ar, etc.

Oh ladrão que me enganaste,
 Sendo eu tão rapariga;
 O inferno tens-l'o certo,
 Cadeia p'ra toda a vida.

Aqui venho por te ver
 Por te ver aqui cheguei:
 Para que saibas, amor,
 Prometti-te e não faltei.

Façamos, meu bem, as pazes,
 Como foi da outra vez:
 Quem quer bem sempre perdôa,
 Uma, duas, até tres.

Não quero fazer as pazes,
 Como foi da outra vez:
 Quem quer bem nunca offende,
 Nem uma quanto mais tres.

Recolhida em Faião, concelho de Chaves, pelo Ex.^{mo} Snr. P. Ribeiro.

Dança. — E' de roda, de mãos dadas. No estrilho os cavalheiros voltam-se para as damas, e fazendo estallar os dedos, dão meia volta á esquerda e meia volta á direita, pulando.

BERNAL FRANCEZ

ROMANCE

A' Ex.^{ma} Snr.^a D. Luíza Julia A. Russel Novaes.

130

Andante

Fran - cis - qui - - nha, Fran - cis - qui - nha, d'es - se

cor - po tão gen - til! A - bri - me lá es - sa por - ta quem'a cus - tumaes a - brir.

—Francisquinha, Francisquinha,
D'esse corpo tão gentil!
Abri-me lá essa porta,
Que m'a costumaes abrir.
« Não abro a minha porta,
Que são horas de dormir.
—Abri ao homem de França,
Que lh'a costumaes abrir.
«Se é outro no seu lugar,
Digo que não quero ir;
Se elle é Bernal Françoilo,
Descalça lhe vou abrir;
Lhe pegarei pela mão,
O levarei ao jardim.
Lavei-lhe pernas e braços
Com água de alecrim,
Tornei-lhe a pegar na mão,
O deitei a par de mim.
Era meia noite em ponto,
Outra meia por venir,
E vós, Bernal Françoilo
Sem vos virares para mim?
Ou tendes dama em França
A quem queiraes mais que a mim?
—Não tenho dama em França
A quem queira mais que a ti...
«Não te temas de meu pae,
Que é velho, não vem aqui,
Não temas de meus irmãos
Que inda agora vão d'aqui,
Não temas de meu marido,
Longas terras está d'aqui:

Oh maus mouros o captivem,
Novas me venham a mim.
—Eu não temo o teu pae,
Homem que nunca temi,
Eu não temo a teus irmãos
Que são homens com'a mim:
Teme-te de teu marido
Que o tens a par de ti!
«Se tu és o meu marido
Que é que me trazes a mim?
—Trago-te saia de grana,
E *baju* de carmezim;
Gargantilha de cutello,
Pois a mereces-te assim.
«Oh lua que vás tão alta,
Que não quer amanhecer,
Para esta triste coitada
Acabar de padecer.
—Nem com essas, nem com outras,
Pois tu me has de vencer;
Antes de manhã ser fóra
Pertendo de tu morreres.
—Onde te vaes, cavalleiro,
Vaes tão furioso em ti?
—Vou a vêr a minha dama
Que ha muito que a não vi.
—Tua dama já é morta,
E' morta, eu bem a vi;
Sete frades a levaram
N'uma tumba de marfim;
Sete cirios accedderam;

Todos sete accendi:
—Volta, volta, meu cavallo,
Vamos vêr se isto é assim!

Chegando ao pé d'uma ermida
Lá um vulto preto vira:
«Não te temas, cavalleiro,
Não te temas tu de mim,
Que eu já fui a tua dama,
Por amores teus morri.
Olhos com que te mirava,
Já não tem vistas em si.
Bocca com que te beijava
Já não tem sabor em si;
Braços com que te abraçava
Já não tem forças em si.
A' mulher com quem casares
Não lhe queiras mais que a mim;
Filha que d'ella tiveres
Põe-lhe o nome de mim:
Quando por ella chamares
Que te alembres de mim;
Filho que d'ella tiveres
Seja lindo como ti.
Que se perca o mundo por elle
Como me eu perdi por ti;
E a esmola que fizeres
Fal a por ti mais por mim.
—Abri-me lá essa campa
Quero-me enterrar aqui
«Vive, vive, cavalleiro,
Vive tu que eu já morri.

A musica d'este romance antiquissimo foi recolhida nos Arcos, (Braga), pelo Ex.^{mo} Snr. A. Novaes com a seguinte lettra.

Onde vaes, oh D. Francisco,
A estas horas por aqui?
Eu vou vêr a minha Anninhas,
Que ha muito que a não vi.
A tua Anninhas é morta,
E' morta, que eu bem a vi,
Os signaes que ella levava
Eu t'os contarei aqui:
Levava saia de grana
E gibão de carmezim,
Gargantilha de cutello,

Tu o causaste assim,
Se a queres ver enterrada
Na campa de S. Chrispim.
Corre, corre, meu cavallo,
Vamos vêr se isto é assim.
Por dentro d'aquella igreja
A' campa de S. Chrispim.
—Abre-te campa do rosas,
Anna, vem tu para mim,
Quero-te dar uma falla,

Quero espedir-me de ti.
—Vive tu, oh D. Francisco,
Vive tu que eu já morri,
Os olhos com que te via
Já de terra os cobri
A bocca com que te beijava
Já de terra a enchi;
Os braços que te abraçavam
Já não tem forças em mim.
Tres filhos que lá ficaram
Entre ti e entre mim,

Vá um d'elles p'ra o mosteiro
Que diga missas por mim,
E o outro lá na ermida
Que peça ao Senhor por ti.
E mais um a cavalleiro,
D. Francisco como a ti.
Se tornares a casar
Com Anninhas como a mim,
Quando fores chamar por Anna
Lembrem-se sempre de mim.



HYMNO DOS EMIGRADOS PORTUGUEZES

EM PLYMOUTH

À Ex.^{ma} S^{ra}. D. Etelvina Carneiro Peixoto.
Andante

Musica do emigrado J. P. Sant-Iago.

131

First system of musical notation, piano accompaniment. It consists of two staves: a treble clef staff and a bass clef staff. The key signature is one sharp (F#) and the time signature is common time (C). The first measure starts with a dynamic marking of *f*. The second measure has a dynamic marking of *ff*. The music features chords and moving lines in both hands.

Second system of musical notation, piano accompaniment. It consists of two staves. The key signature remains one sharp (F#) and the time signature is common time (C). The second measure has a dynamic marking of *ff*. The right hand features triplet markings (3) over several notes.

Third system of musical notation, including vocal line and piano accompaniment. The top staff is the vocal line, starting with the word "Em-". The bottom two staves are the piano accompaniment. The key signature is one sharp (F#) and the time signature is common time (C). There are triplet markings (3) in the piano part. The vocal line has a dynamic marking of *ff* and the word "Em-".

Fourth system of musical notation, including vocal line and piano accompaniment. The top staff is the vocal line with the lyrics "cri - pto, Um só res - pi - rar, Não ha de o ty -". The bottom two staves are the piano accompaniment. The key signature is one sharp (F#) and the time signature is common time (C).

Fifth system of musical notation, including vocal line and piano accompaniment. The top staff is the vocal line with the lyrics "ran - - no, Se - gu - - - ro rei - - nar." and a dynamic marking of *ff*. The bottom two staves are the piano accompaniment. The key signature is one sharp (F#) and the time signature is common time (C). The system is divided into two parts, labeled 1.^a and 2.^a.

CORO

A's Ar - - - mas, ó lu - - - zos, o fer-ro em-pu - -nhe - - mos,

Ma-ri - - - a se-gun - da ao thro - no e - le - -ve - mos; Ma -

ri - - - a se-gun - da ao thro - no e - - le - -ve-mos, A's

ar - - - mas, A's ar - - mas, A's ar - - - -mas.

Ped. * **Ped.** * **Ped.** * **Ped.** *

Emquanto um proscripto,
Um só respirar,
Não ha de o tyranno
Seguro reinar.

A's armas, oh luzos!
O ferro empunhemos!
MARIA Segunda
Ao throno elevemos!

A Filha de Pedro
Rainha ha de ser:
Por ella juremos
Vencer ou morrer.
A' armas, etc.

Nas mãos da Rainha,
Vingando a seu Pae,
Punir o tyranno,
Oh luzos, jurae!
A's armas, etc.

Se para o teu solio
Fôr de sangue a estrada,
Morte, sangue espalhe
Dos luzos a espada.

A's armas, oh luzos!
O ferro empunhemos!
MARIA Segunda
Ao throno elevemos!

Este hymno foi publicado em Plymouth, pelos emigrados portuguezes, em setembro de 1828, e offerecido a S. M. a Senhora D. Maria II, Rainha de Portugal; tornou-se popularissimo e foi um dos cantos de guerra mais favorito nas luctas constitucionaes. O auctor d'esta poesia é anonymo.

AO MENINO JESUS

CANÇÃO DAS RUAS E DA LAREIRA

A' Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria do Carmo Pereira Fernandes.

Andante

132 *f*

p

Voz

Hei de dar, hei de dar ao Me - ni - no, u - ma fi - ta p'rao cha -

peu; Tam-bem elle, tam-bem el - le meha de dar um lo -

CoRo

gar - zi - nho no ceu. *f* Co-mo es - taes, co - mo es-taes, tão ga - lan -

ti - nho Ver-bo en - car - na - do Di - - - vi - no.

Canta-se em Elvas com acompanhamento de *ronca*: instrumento feito de um alcatruz de nora, ou panella de barro a cujo bocal se adapta uma membrana, ou pelle de bexiga, atravessada por um pau encerado, pelo qual se corre a mão, com força, e produz um som rouco e aspero.

AO MENINO JESUS

Hei de dar ao Menino
Uma fita p'ra o chapéu;
Tambem elle me ha de dar
Um logarzinho no ceu.

Como estaes tão galantinho
Verbo encarnado, Divino!

Hei de dar ao Menino
Uma fita p'ra cintura;
Tambem elle me ha de dar,
No seu peito, sepultura.

Como estaes tão galantinho
Verbo encarnado, Divino!

Hei de dar ao Menino
Um vestido côr de amora;
Tambem elle me ha de dar,
Um logarzinho na gloria.

Como estaes tão galantinho
Verbo encarnado, Divino!

Hei de dar ao Menino,
Para a noite de Natal,
Camisinha de cambraia,
Botõesinhos de crystal.

Como estaes tão galantinho
Verbo encarnado, Divino!

O Menino chora, chora,
Chora pelos sapatinhos,
Haja quem lhe dê as solas,
Que eu lhe farei os saltinhos.

Como estaes tão galantinho
Verbo encarnado, Divino!

Cantae anjos ao Menino
Que ahi vem S. José,
Que lhe traz uns sapatinhos
Da feira de Santo André.

Como estaes tão galantinho
Verbo encarnado, Divino!

O' meu Menino Jesus,
Meu Menino da minh'alma,
Vieste nascer p'lo frio,
Podendo nascer p'la calma.

Como estaes tão galantinho
Verbo encarnado, Divino!

O' meu Menino Jesus,
Minha ginja garrafal,
Sereis o meu confessor,
Farei confissão geral.

Como estaes tão galantinho
Verbo encarnado, Divino!

O Menino está dormindo
No presepio de Belem,
Os anjos lhe estão cantando
Nosso Amor e nosso Bem.

Como estaes tão galantinho
Verbo encarnado, Divino!

O Menino está dormindo
Um somno muito profundo,
Os anjos lhe estão cantando
Gloria ao Salvador do mundo.

Como estaes tão galantinho
Verbo encarnado, Divino!

O Menino está nascido
Sobre palha asp'ra e fria,
Os anjos lhe estão cantando
Gloria á Virgem Maria.

Como estaes tão galantinho
Verbo encarnado, Divino!

'Stá na lapa de Belem
O Deus Menino deitado
Filho da Virgem Maria
Pelos tres reis adorado.

Como estaes tão galantinho
Verbo encarnado, Divino!

Adorando a Deus Menino,
Estão os pastorinhos,
Com a fé no coração
E nas mãos os cordeirinhos.

Como estaes tão galantinho
Verbo encarnado, Divino!

O' meu amado Menino,
Boquinha de sangue e leite,
Vossa mãe é uma rosa,
Vosso pae um ramallete.

Como estaes tão galantinho
Verbo encarnado, Divino!

Tres palavras disse a Virgem,
Quando nasceu o Menino:
Vinde cá, meu bago d'ouro,
Meu Sacramento divino.

Como estaes tão galantinho
Verbo encarnado, Divino!

VOU FUGIR-TE

CANÇÃO

A Ex.^{ma} S^{ra}. D. Maria de Jesus Loureiro Gaspar.

Poesia de José Caldas.

133 *Andante*

p Vou fu - gir - te, não pos - so na ter - ra ver teus

o - lhos, sem ver - me fi - nar... Vou fu - gir - te, não pos - so na

ter - ra ver teus o - lhos sem ver - me fi - nar... Sem sen -

cres.

tir nas en - tra - nhas a *f* guer - ra *p* d'um a - mor que me quer do - mi -

nar, d'um a - mor que me quer do - mi - nar. *D.C.*

VOU FUGIR-TE

Vou fugir-te! não posso na terra
Ver teus olhos, sem ver-me finir!
Sem sentir nas entranhas a guerra
D'um amor que me quer dominar!

Vou fugir-te! que sinto no seio
A paixão que me tenta vencer.
Vou fugir-te! — que temo e receio
De, por ti, Deus e patria esquecer!

Vou fugir-te! que um ser malfadado
Não perturbe teu limpido amor...
Irei longe... tão longe onde o brado
Do teu nome, nem tenha rumor...

Só no fundo das selvas mais feias,
Só no immenso deserto do mar,
Ouvirei o quebrar das cadeias,
D'este amor que me quer desgraçar!

D'este amor, que me faz com que esqueça
As bellezas sem fim d'este ceu,
D'um sentir que me ordena que peça
Um deserto em que viva só eu.

E tu fica!... tu fica no mundo,
Que eu irei, isolado, irei só,
Implorar o remanso profundo
D'uma campa, dos vermes no pó.

E se um dia, nos eccos da aragem,
Um suspiro sentires de dôr.
Lembra o triste que teve a coragem
De morrer, sem dizer-te este amor.

OLHA O QUE EU TENHO PASSADO

CHOREOGRAPHICA

A' Ex.^{ma} Srr.^a D. Barbara Candida da Gama.

134

Andante

f

Lou-rei-ro, ver-de lou-rei-ro, lou-rei-ro ver-de lou-rei-ro a ba-ga é o teu fru-cto a ba-ga é o teu fru-cto, fos-teo meu a-mor pri-meiro fos-teo meu a-mor pri-meiro dei-xar-te cus-ta-me mui-to, dei-xar-te cus-ta-me mui-to Te-nho ge-mi-do, te-nho cho-ra-do, te-nho sof-fri-do e sus-pi-ra-do, n'es-tas tro-cas e bal-dro-cas o-lhaoque eu te-nho pas-sa-do, o-lhaoque eu te-nho pas-sa-do.

D.C.

Esta musica é muito antiga.

OLHA O QUE EU TENHO PASSADO

De casa sahi á noite,
No meu capote embuçado;
Veio a ronda e prendeu-me:
Olha o que eu tenho passado.

Tenho gemido,
Tenho chorado,
Tenho soffrido
E suspirado.
N'estas trocas e baldrocas,
Olha o que eu tenho passado!

De casa sahi um dia
Todo secio, aperaltado;
Um cão rasgou-me os calções,
Olha o que eu tenho passado!

Ao saltar d'uma barquinha,
Fiquei no lôdo atolado;
Por tua causa, meu bem,
Olha o que eu tenho passado!

Ora me attrhes com carinhos,
Ora mostras desagrado;
N'esta inconstancia d'amor
Olha o que eu tenho passado.

Disse-me um padre capucho
Que eu estava excommungado;
Par causa do teu amor,
Olha o que eu tenho passado.

Tenho gemido,
Tenho chorado,
Tenho soffrido
E suspirado.
N'estas trocas e baldrocas,
Olha o que eu tenho passado!

Loureiro, verde loureiro,
A baga é o teu *fructo*:
Foste o meu amor primeiro
Deixar-te custa-me muito.

Por mais que o loureiro cresça,
Ao ceu não ha de chegar:
Duzentos amores que eu tenha,
A ti não hei de deixar.

Loureiro, verde loureiro,
Quem te poz n'este caminho?
Quantos passam e repassam
Todos tiram seu raminho.

Dança:—De roda, durante a quadra. No estribilho todas as phrases tem o seu accionado expressivo, ora voltando-se para um lado ora para o outro: *Tenho soffrido*, leva a mão direita ao coração. *Tenho chorado*, leva a mão esquerda aos olhos. *Tenho gemido e suspirado*, cruza os braços sobre o peito. *N'estas trocas e baldrocas*, vira-se para o meio da roda, sarilhando com as mãos. *Olha o que eu tenho passado*, abraça o seu par e vae passando a abraçar os outros, em forma de *gran-chaine*, repetindo sempre o mesmo verso.

O LISBONENSE

FADO

A' Ex.^{ma} Sr.^a D. Anna Augusta Monteiro Guimarães.*Andante*

135

f U - ma tra-vês - sa bre-jei-ra, d'es - tas d'o-lhos d'estas d'o-lhos d'en-can -

tar, Pra me fa - zer qui - zi - lar deu-me um bei - jo sur - ra -

tei-ra : Não gos - tei, não gos - tei da brin - ca - dei - - ra, por ser da-do, por ser da-do à fal - sa

fé : Quan - to mais lin - - do não é sa - ber que, sa - ber que se vae pro -

var, Quan - to mais lin - do não é sa - ber que se vae pro - var um bei -

ji-nho d'es-tal-lar, de mor-rer, de mor-rer al-li ao pé, um bei-

ji-nho d'es-tal-lar, de mor-rer, de mor-rer al-li ao pé.

Uma travêssa brejeira,
 D'estas d'olhos d'encantar,
 P'ra me fazer quizar
 Deu-me um beijo surrateira;
 Não gostei da brincadeira
 Por ser dado á falsa fé:
 Quanto mais lindo não ê
 Saber que se vae provar
Um beijinho d'estallar,
De morrer . . . alli ao pé !

Vêr uns labios nacarados
 Como um botão quasi a abrir,
 Vêl-os p'ra a gente a sorrir,
 E' de ficarmos babados!
 Eu, por mal dos meus peccados,
 Não posso ter mão em mim;
 Que ao ver uns labios assim,
 Nem um santo resistia
 A fazer uma *arrelia*
 Nos labios d'um seraphim!

Um beijo dado no rosto,
 Sendo bem repenicado.
 Equivale a ouvir no fado
 Uma cantiga de gosto:
 Mas, se o beijo é dado ou posto
 N'uma boquinha rosada;
 Não ha assucar, não ha nada
 Que tenha tanta doçura;
 Quem quizer gosar ventura
 Beije uma bocca encarnada.

Ha beijos de varias sortes,
 Como as boccas que os praticam;
 Ha beijos que fortificam,
 E ha beijos que causam mortes;
 Ha beijos brandos e fortes,
 Beijos que causam calor,
 Outros que espalham rubor
 Nas faces de quem os dá;
 Mas cá p'ra mim nada ha
 Como são beijos . . . *d'amor!*

JOSEZITO

CHOREOGRAPHICA

A' Ex.^{ma} S^{ra}. D. Maria José Gouveia Souza.

136

Andantino

p

Oh Jo-sé, pi-nhei-ro al-to, som-bri-nha de to-do o v'rão To-do o a-mor se me

ESTRIBILHO

ren-de só o teu, oh Jo-sé, não. *f* Jo-sé-zi-to já te te-nho di-to que não é bo-ni-to andars'me a en-ga-

nar. Cho-ra a-go-ra Jo-sé-zi-to cho-ra que eu vou me em-bo-ra pa-ra não vol-tar.

Oh José, pinheiro alto,
Sombrinha de todo o v'rão :
Todo o amor se me rende
Só o teu, oh José, não !

Josézito,
Já te tenho dito
Que não é bonito,
Andar's-me a enganar.
Chora agora,
Josézito, chora
Que eu vou-me embora
Para não voltar !

José quero, José amo,
José trago no sentido ;
Por amor de ti, José,
Trago o meu somno perdido.

Oh José, oh Josézinho,
Cara de mau pagador,
Eganastes a menina
Com palavrinhas d'amor !

Oh José, oh Josézinho,
Retroz verde de coser ;
Nascemos um para o outro,
Que lhe havemos de fazer.

Oh José, lindo José
Nunca tens namoro certo
Só tu és o melhor cravo
Que o craveiro tem aberto.

O meu amor é José,
Ninguém me diga mal d'elle ;
Elle é do meu coração,
Eu sou do coração d'elle.

Oh José, nome de joia,
O teu nome joia é ;
Quando me fallam em joia,
Lembra-me logo José.

Recolhida em Almaça por F. P. Nogueira, em 1885.

Dança.—Grande roda durante a quadra. No estribilho, largam as mãos e forma cadeia; ao dizer *chora agora* abraçam-se os pares.

RETRETA DA BANDEIRA

CANÇÃO DOS VOLUNTARIOS DA RAINHA

À Ex.^{ma} Sr.^a D. Anna Castilho Falcão de Mendonça.

Allegro marcial

137 *f* Ma - ri - a se - gun - da bor - dou a ban dei - ra, a

ma - tiz e ou - ro, na I - lha Ter - cei - ra. Aos seus vo - lun - ta - rios do -

ou a ban - dei - ra, Re - al, Re - al, Re - al, Do - na Ma - ria em Por - tu - gal.

Maria segunda
Bordou a bandeira,
A matiz e ouro,
Na Ilha Terceira.

Aos seus voluntarios
Doou a bandeira,
Real, Real, Real,
D. Maria em Portugal.

Maria Segunda,
Com uma bandeira,
Nos fez voluntarios
Na Ilha Terceira.

Aos seus voluntarios, etc.

Maria segunda,
Ao dar a bandeira,
Animou as tropas
Na Ilha Terceira.

Aos seus voluntarios, etc.



Esta marcha, composta com toques marciais, era cantada com orgulho pelas forças do batalhão dos Voluntarios da Rainha, em 1832, por ter sido brindado com uma bandeira bordada pela propria mão da sympathica soberana. A bandeira conserva-se actualmente exposta em uma vitrine na sala dos retratos da Camara Municipal de Porto Alegre.

OS CAIPIRAS

CANTIGA DAS RUAS

À Ex.^{ma} Snr.^a D. Margarida Pinto Ferreira Borges de Castro.

138 *Marcial* *f* Vae-te ral -

lan-do, mi-nha car-cun-di - nha, vae-te ra - lan-do com es - ta mo - di - nha; vae-te ra -

lan-do, mi-nha car cun di - nha, vae-te ra - lan do com es - ta mo - di - nha. Os cai -

pi - ras são to-dos bu - fões, a - gar - ra-dos a mal-ta e cor-del, Vão ser -

vir co - mo bur-ros de car - ga nas fi - lei-ras do Rei D. Mi - guel.

The musical score is written for piano and voice. It consists of five systems of music. Each system has a piano accompaniment on the left and a vocal line on the right. The piano part is in G major and 2/4 time, marked 'Marcial' and 'f'. The vocal line is in the same key and time, with lyrics in Portuguese. The lyrics are: 'Vae-te ral - lan-do, mi-nha car-cun-di - nha, vae-te ra - lan-do com es - ta mo - di - nha; vae-te ra - lan-do, mi-nha car cun di - nha, vae-te ra - lan do com es - ta mo - di - nha. Os cai - pi - ras são to-dos bu - fões, a - gar - ra-dos a mal-ta e cor-del, Vão ser - vir co - mo bur-ros de car - ga nas fi - lei-ras do Rei D. Mi - guel.'

Esta cantiga é de 1832, foi recolhida em Vizeu pelo Ex.^{mo} Snr. J. A. Ferreira da Silva em 1872.

OS CAIPIRAS

Vae-te ralando,
Minha carcundinha,
Vae-te ralando
Com esta modinha.

Os caipiras são todos bufões,
Agarrados a malta e cordel,
Vão servir como burros de carga,
Nas fileiras do Rei D. Miguel.

Vae-te ralando, etc.

Os caipiras, á patria traidores,
Com os frades que trajam burel,
Como brutos de carga, só puxam
A' carroça do Rei D. Miguel.

Vae-te ralando, etc.

Os caipiras, da patria vergonha,
Representam um triste papel;
Como burros, em tudo eguaes,
Cavalgados do Rei D. Miguel.

Vae-te ralando, etc.

O GUERRILHEIRO

BALLADA

À Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria das Dores Monteiro.

Letra de L. A. Palmeirim.

139 *Grave*

f Ei-lo er-gui - do no to - po da ser - ra, en-cos-
 ta - do no seu ar - ca - buz, De pe - que - no cre - a - do na gues - ra, não co-
 nhe - ce não vê ou - tra luz. Viu a ter - ra da pa - tria a - gre - di - da, er - gueu al - to seu al - to pen-
 sar: pu - la o san - gue re - fer - ve - lhe a vi - da; vin - de ou - vir o seu ru - de can-
 tar, pu - la o san - gue, re - fer - ve - lhe a vi - da; vin - de ou - vir o seu ru - de can - tar.

Esta ballada appareceu em 1852 e tornou-se popularissima.

O GUERRILHEIRO

I

Eil-o erguido no topo da serra,
Recostado no seu arcabuz:
De pequeno creado na guerra,
Não conhece—não vê outra luz.
Viu a terra da patria aggredida,
Ergueu alto seu alto pensar:
— Pula o sangue, referve-lhe a vida;
Vinde ouvir-lhe seu rude cantar!

Era noite, sem lua, sem nada,
E debaixo do negro docel,
Reluzia-lhe a fronte crestada,
Relinchava-lhe o negro corcel.
Fôra noite talhada á sortida:
— Fôra d'horas quem ha de velar?
— Pula o sangue, referve-lhe a vida;
Vinde ouvir-lhe seu rude cantar!

Eia, sus, ó meus bons camaradas,
D'esse somno por fim despertae;
Além tendes as vossas espadas,
Eia, sus, bem depressa afiae.
Vae a terra da patria vencida,
Quem da lucta se pôde escusar?
— Pula o sangue, referve-lhe a vida;
Vinde ouvir-lhe seu rude cantar!

«Que me siga quem tem a vaidade
«De ouvir balas sem nunca tremer;
«Que me siga quem quer liberdade,
«Quem não teme na lucta morrer.
A estranhos a patria vendida
Pede braços que a vão libertar.
— Pula o sangue, referve-lhe a vida;
Vinde ouvir-lhe seu rude cantar!

Já povoam os eccos da serra
Os sons rudes do altivo clarim;
E d'envolta com os gritos da guerra
Vão em roda cantando-lhe assim:
«Eia, ávante, que a patria aggredida
«Quer seus filhos na lucta encontrar.»
— Pula o sangue, referve-lhe a vida;
Vinde ouvir-lhe seu rude cantar!

Sopra o vento, desfralda a bandeira,
A que os livres á guerra chamou;
A que nunca na guerra estrangeira,
De vendida ninguém alcunhou:
Por um santo varão foi benzida,
Não na podem estranhos prostrar;
— Pula o sangue, referve-lhe a vida;
Vinde ouvir-lhe seu rude cantar!

Era noite; mas noite calada,
Sem estrellas no ceu a luzir;
Fôra noite dos santos fadada
Para a terra da patria remir.
«Se esta lucta por nós fôr vencida,
«Pôde a terra da patria folgar.»
— Pula o sangue, referve-lhe a vida;
Vinde ouvir-lhe seu rude cantar!

«Adeus serra, calada gigante,
«Erma filha do meu Portugal;
«Adeus terra que inspiras distante,
«Este canto sentido e leal!
«A estranhos a patria vendida,
«Pede braços que a vão libertar.»
— Pula o sangue, referve-lhe a vida;
Vinde ouvir-lhe seu rude cantar!

II

Não faltava ninguém no combate,
Não faltava na lucta ninguém;
Só depois—já depois do embate,
Rareava nas filas alguém.
Foi acção por acção decidida;
Vinde os mortos no campo contar!
— Pula o sangue, referve-me a vida;
Vinde ouvir-me meu triste cantar!

Era dia: nas armas luzentes
Vinha em chapa batendo-lhe o sol;
Mas nem todos dos lá combatentes,
Viram brilho do immenso pharol.
Pela terra de sangue tingida,
Mais de um bravo se via rojar.
— Pula o sangue, referve-me a vida;
Vinde ouvir-me meu triste cantar!

Vencedoras as Quinas ficaram,
Vencedoras ainda uma vez;
Mas de pranto depois as regaram,
Quem lhes dera valor portuguez.
Lá ficara uma espada esquecida,
Sem que o dono a pudesse zelar.
— Pula o sangue, referve-me a vida;
Vinde ouvir-me meu triste cantar!

Desabando do topo da serra,
Lá deixara o fiel arcabuz:
De pequeno creado na guerra,
Viu na guerra extinguir se-lhe a luz.
Vira a terra da patria aggredida,
Ergueu alto seu alto pensar:
— Pula o sangue, desaba-lhe a vida;
Já não lhe ouço seu rude cantar!

ROXO BOTÃO

MODINHA

À Ex^{ma} Sr.^a D. Ermelinda Moreira.

140

Andante

f

The piano introduction consists of two staves in 3/4 time, marked 'Andante' and 'f'. The right hand plays a series of chords and single notes, while the left hand provides a steady bass line with eighth notes.

dolce

Ro - xo bo - tão, lin - - da i - ma - gem,

The first line of the song features a vocal melody in the right hand and piano accompaniment in the left hand. The tempo is marked 'dolce'. The lyrics are 'Ro - xo bo - tão, lin - - da i - ma - gem,'.

d'a - quel - le an - - jo de can - du - ra, Só i - ma - gem

The second line of the song continues the vocal melody and piano accompaniment. The lyrics are 'd'a - quel - le an - - jo de can - du - ra, Só i - ma - gem'.

na fres - - cu - - ra, só na fra - gran - - eia e pu - dor.

The third line of the song features triplets in the vocal melody. The lyrics are 'na fres - - cu - - ra, só na fra - gran - - eia e pu - dor.'.

Vem sen - tir so - - bre o meu pei - to o fo - go

The fourth line of the song features triplets in the piano accompaniment. The lyrics are 'Vem sen - tir so - - bre o meu pei - to o fo - go'.

que me de - vo - ra, e o se - gre - do que a - qui
mo - ra sa - be - rás, bo - - tão d'a - mor.

Roxo botão, linda imagem,
D'aquelle anjo de candura,
Só imagem na frescura,
Só na fragancia e pudor.

Vem sentir sobre o meu peito
O fogo que me devora,
E o segredo que aqui mora
Saberás, botão d'amor.

Antes de vir ao meu peito,
N'outro mais frio brilhaste;
E de certo não murchaste
N'um peito da tua côr.

Mas no meu perderás logo
Todo o teu bello atractivo;
Que este peito é fogo vivo,
E' peito onde habita amor.

Exhala aqui teu aroma,
Que esse aroma é tambem d'ella;
Pois que no seio da bella,
Redobraste o grato odor.

Mas, como vaes definhando!
Oh prenda da minha amada!
Ah! não sejas mais em nada
Imagem d'aquelle amor.

QUITOLLIS

CANÇÃO BACCHICA

À Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria José d'Araujo Lima.

141 *Allegretto*
f

Ta-

ber - nei - ra dei - ta vi - - nho, dei - ta vi - nho com far - tu - - ra, que o

di - nhei-ro do es-tu-dan - - te, tar - de vem e pou - co du - - ra. Ai a -

mor's, ai a-mor's, as a - mo-res, ai a - mo-res do meu co - ra - ção, Qui-

tol-lis, qui-tol-lis, qui-tol-lis, pe - ca-ta mun-di mi - se-re-re no-bis. ai a -

mor's, ai a-mor's, ai a - mo-res, ai a - mo-res do meu co-ra - ção. Car-

to - las, car - to - las, car to - las, pi-pas can-gi - rões, mi - se - ria dos no-bres.

Taberneira deita vinho,
Deita vinho com fartura,
Que o dinheiro do estudante,
Tarde vem e pouco dura.

Ai amor's, ai amor's, ai amores,
Ai amores do meu coração! . . .
Quitollis, quitollis, quitollis,
Peccata mundis, miserere nobis.
Ai amor's, ai amor's, ai amores,
Ai amores do meu coração! . . .
Cartollas, cartollas, cartollas,
Pipas, cangirões, miserias dos nobres.

O amor do estudante
E' enquanto está presente;
Tira o chapéu, vae-se embora,
Fiaes-vos lá n'essa gente.

Ai amor's, etc.

O amor do estudante
Não dura mais que uma hora;
Toca o sino, vae p'ras aulas,
Vem as ferias, vae-se embora.

Ai amor's, etc.

NÓS ATRAZ DAS MOÇAS

CHOREOGRAPHICA

À Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria Adelaide Ferrão Castello Branco.

142

Allegretto

f

Dan-çae, ra - pa - ri - gas, dan-çae, oh for - mo - sas, dan-çae, ra - pa -

ri-gas, dan-çae oh for - mo-sas, oh que lin-da é es-ta ro-da de bo-tões de ro-sas, oh que lin-da é es-ta

ro - da de bo - tões de ro - sas. Nós a-traz das mo - ças, el - las aos sal -

ti-nhos, nós a-traz das mo-ças, el-las aos sal-ti-nhos: ai Je-sus qu'eu já não pos-so com tan-tos ca -

ri-nhos. Com tan-tos ca-ri-nhos, is-so sim, mais não, Com tan-tos ca-ri-nhos, is-so sim, mais

não, ac-cei-te, oh mi-nha me-ni-na, o meu co-ra-ção.

Dança, raparigas,
Dança, oh formosas,
Oh que linda é esta roda
De botões de rosas.

No calor da festa,
Lindas raparigas,
Olhae lá tomae cautella
Não percaes as ligas.

Se tu desses fé
Do meu suspirar,
O coração te diria
Quem te sabe amar.

Nós atraz das moças,
Ellas aos saltinhos;
Ai Jesus que eu já não posso
Com tantos carinhos.
Com tantos carinhos,
Isso sim, mais não,
Acceite, oh minha menina,
O meu coração!

Nós atraz das moças,
Ellas a correr,
Ai Jesus que eu já não posso
Com tanto bem qu'rer.
Com tanto bem qu'rer,
Isso sim, mais não,
Acceite, oh minha menina,
O meu coração.

Nós atraz das moças,
Ellas a saltar,
Ai Jesus que eu já não posso
Com tanto amar.
Com tanto amar,
Isso sim, mais não,
Acceite, oh minha menina,
O meu coração.

Ao passar a ponte,
Tomae bem cautella,
Que o amor está pescando
Por debaixo d'ella.

Meus ais, meus suspiros,
Confiam ao vento
Os segredos do meu peito,
O meu pensamento.

Dança, raparigas,
Dança, meus amores,
Este mundo é um jardim
E vós sois as flores.

Nós atraz das moças,
Ellas a saltar;
Ai Jesus que eu já não posso
Com tanto amar,
Com tanto amar,
Isso sim, mais não,
Acceite, oh minha menina,
O meu coração.

Nós atraz das moças,
Ellas com desdem,
Ai Jesus que eu já não posso
Qu'rer mais ao meu bem.
Qu'rer mais ao meu bem,
Isso sim, mais não,
Acceite, oh minha menina,
O meu coração.

Nós atraz das moças,
Ellas aos saltinhos,
Ai Jesus que eu já não posso
Com tantos carinhos.
Com tantos carinhos,
Isso sim, mais não,
Toma lá minha menina,
O meu coração.

Recollida em Oliveira de Cunhedeo, em 1890, por Joaquim d'Almeida Cunha.

DANÇA. — Durante a primeira quadra grande roda girando sobre a direita e esquerda. No estribilho, quando dizem *Nós atraz das moças, ellas aos saltinhos*, seguem em linha, uns atraz dos outros, em roda, batendo palmas; e quando dizem: *Ai Jesus que eu já não posso com tantos carinhos*, o cavalheiro abraça a dama pela cinta e faz um *tour*. Quando dizem: *Com tantos carinhos, isso sim, mais não*, os pares fazem *balancé*, dando estallos com os dedos e depois um *tour de main*.

FADO SERENATA

À Ex.^{ma} Snr.^a D. Isaura Araujo Pimenta da Fonseca.

Musica de Augusto Hilario.

143 *Andante* *p* *o piano 8^a alta*

nha - - da, re-ti- ra - te lá do ceu; Que o o - lhar da mi-nha ama - da tem mais
 bri - lho do que o teu, Tem *dolce* o bri-lho das es- trel-las, E o ful-gor dos ar - re-
 bo - es; Quem me de-ra com dois bei - jos a - pa - gar tão lin-dos so - es.

Foge, lua envergonhada,
Retira-te lá do ceu;
Que o olhar da minha amada
Tem mais brilho do que o teu.

Tem o brilho das estrelas,
O fulgor dos arreboes;
Quem me dera com dois beijos
Apagar tão lindos soes.

Não ha saphiras mais bellas
Na grande concha dos ceus;
Pois se Deus quiz ter estrelas,
Roubou-as dos olhos teus.

Ave Marias são beijos,
Padre-Nossos são abraços;
Rosario dos meus desejos,
A cruz é abrires-me os braços.

Eu queria ser como a hera
Pela parede a subir,
Para chegar á janella
Do teu quarto de dormir.

Tuas mãos são branca neve,
Teus dedos são lindas flôres;
Teus braços cadeias d'ouro,
Laços de prender amores.

Anda o luar prateando
Os ribeiros palradores;
O ar é quente, a seara
E' como um ninho d'amores.

Olhos verdes côr d'esp'rança,
Inconstantes, côr do mar;
Quem tem amor é creança,
Sou creança por te amar.

Um canto ao vento flutua,
Começa a aurora a cantar:
Oh noite, vae-te deitar,
Rasga o pandeiro da lua.

O MEU VELHO

SAPATEADO

A' Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria Freitas Aguiar Vieira.

Allegro vivo

144

O - lha o ve - lho o - lha o ve - lho o lha o

ve - lho, di - go, di - go, O - lha o di - a - cho do ve - lho que qu'ri - a ca - sar com -

mi - go o - lha o di - a - cho do ve - lho que qu'ri - a ca - sar com - mi - go.

D.C.

Olha o velho, olha o velho,
Olha o velho digo, digo:
Olha o demonio do velho
Que queria casar commigo.

Se eu casar contigo, oh velho,
Ha de ser co'a condição:
Eu hei de dormir na cama
E tu no meio do chão.

Olha velho, olha velho,
Olha meu velho matreiro:
Se tu quer's casar commigo
Bem has de morrer solteiro.

Se eu casar contigo, oh velho,
Ha de ser com tal partido:
Ou tu has de morrer cedo,
Ou te hei de enterrar vivo.

Se eu casar contigo, oh velho,
Ha de ser com tal contrato:
Eu dormir em boa cama
E tu no sôlho co'o gato.

Viva o velho, viva o velho,
O velho das Fontainhas:
O velho quando casar
Faz a boda de sardinhas.

Ah seu velho, ah seu velho,
Ah seu velho, velharrão,
Você tem as barbas sujas
De andar ao pó do carvão.

Ah seu velho, ah seu velho,
Ah seu velho machacaz:
Você tem as barbas sujas
Retire-se lá p'ra traz!

Novidades do meu velho
Tenho para lhe contar:
Deixou-me real e meio
Para vestir e calçar;

O resto que me crescesse
Que lh'o tornasse a mandar:
Para comprar carne e vinho,
E no domingo jantar.

Levantei-me muito cedo,
Fui-me pôr a cosinhar:
Vou dar co'o meu velho morto
Entre as pedras do lagar;

Fui chamar as carpideiras
Que o viessem chorar:
Bem chorado, mal chorado,
Vae o velho a enterrar.

Senhor mestre sapateiro,
Mande cá o seu mocinho,
Para ir tocar o sino,
Já morreu o meu velhinho.

Enterrae o meu velhinho
Sete varas de medir:
Que elle era amigo da pinga
E das moças de servir.

Enterrae o meu velhinho,
Desviae-o dos quintaes:
Que elle era amigo d'ameixas,
E de peras cabaças.

Recolhida em Arouca em 1870.

Dança.—Forma-se uma roda de cavalheiros voltados para o centro e outra roda de damas interna voltada para os cavalheiros: damas e cavalheiros afastam-se e recuam durante quatro compassos, (sapateando dois passos em cada compasso) depois as damas passam a fazer o mesmo com o par da direita (4 compassos) e voltam outra vez ao seu par (4 compassos) e dando uma volta sobre si passam ao par da esquerda com quem repetam a mesma dança, e assim vão indo successivamente até voltar ao primitivo par.



HYMNO NACIONAL BRASILEIRO

A' Ex.^{ma} Sr.^a D. Emilia Chaim Zenha.

Musica de Francisco M. da Silva.

145

The musical score consists of five systems of piano accompaniment. Each system has a treble and bass clef staff. The key signature is one flat (F major), and the time signature is common time (C). The score includes various musical notations such as trills (tr), ornaments (str), and dynamic markings (f, mf, dim., cres., cen., do). The first system starts with a forte (f) dynamic and includes trills and ornaments. The second system continues with similar ornamentation and a forte (f) dynamic. The third system features a decrescendo (dim.) and a crescendo (cres.) marking. The fourth system includes a crescendo (cres.) and a decrescendo (cen.) marking, with the word 'do' written below the bass staff. The fifth system ends with a forte (f) dynamic and a final chord marked with an 'A'.

ma - nhe - ceu fi - nal - men - - - te a li - - ber - - da - de ao Bra-

sil. Não, não vae á se - pul - - tu - - - - ra O

di - - a se - - te d'A - - bril. Não, não vae á se - pul -

tu - ra o di - - a se - - te d'A - - bril. Não, não

vae á se - pul - tu - ra O di - a se - te d'A - bril.

Da pa - tri - a o

gri - - - to eis se de - - - sa - ta Do A - - - ma - - -

zo - - nas a - té ao Pra - ta, Da pa - - - tri - a o

gri - - - to eis se de - - - sa - - - ta, Da pa - - - tri - a o

gri - to eis se de - sa - ta do A - ma - zo - nas a - té ao

risoluto

Pra - ta. do A - ma - zo - nas a - té ao Pra - - - ta.

f *cres.* *f*

Amanheceu finalmente
A liberdade ao Brasil,
Não, não vae á sepultura
O dia sete d'abril.

Da patria o grito
Eis se desata
Do Amazonas
Até ao Prata.

Sete de Abril sempre ufano
Dos dias seja o primeiro
Chame-se Rio d'Abril
O que é Rio de Jançiro.

Da patria, etc.

Uma regencia prudente,
Um monarcha brasileiro,
Nos promettem venturoso
O porvir mais lisongeiro.

Da patria, etc.

N'este solo não vieeja
A planta da escravidão ;
A quarta parte do mundo
Deu ás tres melhor lição.

Da patria o grito
Eis se desata
Do Amazonas
Até ao Prata.

Lançados por mãos d'escravos
Não tememos ferros vis,
Ferve amor da liberdade
Até nas damas gentis.

Da patria, etc.

Novas gerações sustentem
Da Patria o vivo esplendor.
Seja sempre a nossa gloria
O dia libertador.

Da patria, etc,

AO TOQUE DA MUSICA

CHOREOGRAPHICA

A Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria Piedade d'Almeida.

146

A-dor-me - ci ao to-que da mu - si-ca ao to-que da

mu - si-co eu a - dor-me - ci; a - dor-me - ci ao to-que da mu - si-ca ao to-que da

mu - si - ca eu a - dor - me - - ci: des - ci a - - bai - xo á - quel - la ro -

sei - ra, co - lher u - ma ro - sa p'ra t'a dar a ti; des - ci a -

bai - xo á - quel - la ro - sei - ra co - lher u - ma ro - sa p'ra t'a dar a ti.

AO TOQUE DA MUSICA

Adormeci ao toque da musica,
 Ao toque da musica,
 Eu adormeci.
 Desci *abaixo* áquella roseira,
 Colher uma rosa
 P'ra te dar a ti.

Sonhei ouvir angelica musica,
 Angelica musica
 Eu sonhei ouvir.
 E tu cantavas os nossos amores,
 Na doce esperança,
 D'um grato porvir.

Adormeci, etc.

Em harpa celeste senti dedilhar,
 Senti dedilhar,
 Em harpa celeste.
 E tu meu anjo em candido enlevo
 N'um terno suspiro,
 Um beijo me déste.

Adormeci, etc.

Meu lindo amor, suspiro, suspiro,
 Suspiro, suspiro,
 Oh meu lindo amor!
 Tu me revelas em calmo murmurio,
 No intimo d'alma,
 Segredos d'amor.

E ao despertar ao toque da musica,
 Ao toque da musica,
 Eu ao despertar,
 Senti saudades de não ter ficado,
 N'um somno eterno,
 D'eterno sonhar.

Recolhida em Coimbra em 1886 por F. P. Nogueira.

Dança.— Durante a primeira estrophe, fazem grande roda, girando sobre a direita. No estribilho quando dizem *adormeci ao toque da musica* fazem *grand chaine*. Quando dizem *desce abaixo aquella roseira* dançam em passo de polka.

SAUDADES DA ALDEIA

DESCANTE

A' Ex.^{ma} Sr.^a D. Margarida das Graças de Mattos e Sá.

147

Allegro vivo con 8^a

p

con 8^a

Tempo de fado

Que sau - da - des d'es - ta

ter-ra, pois en - cer-ra bel - le - zas no - vas, ex - tra - nhas! Que

sau - da - des d'es - ta ter-ra, pois en - cer-ra bel - le - zas no - vas, ex -

tra - nhas! Que sau - da - des do - lo - ri - das, tão sen - ti - das, eu

le - vo d'es-tas mon - ta - nhas! Que sau - da - des do - lo - -

ri-das, tão sen-ti-das, eu le - vo d'es-tas mon - ta - nhas.

Que saudades d'esta terra,
 Pois encerra
 Bellezas novas, extranhas!
 Que saudades doloridas,
 Tão sentidas,
 Eu levo d'estas montanhas!

Adeus montanha tristonha,
 Bem que sonha,
 Toda a alma apaixonada;
 Adeus, adeus, meiga aurora,
 Vou-me embora,
 Deixo esta aldeia adorada.

Adeus bom sol que illuminas
 As campinas,
 Com tua luz multicolor;
 Adeus formosas estrellas,
 São mais bellas
 Que o olhar do meu amor.

Adeus tristes olivaeas,
 Nunca mais
 Eu nunca mais vos verei;
 Adeus longas penedias,
 Bellos dias,
 Que eu junto de vós passei!

Bella aldeia encantadora,
 Pois a aurora,
 Não me verá junto a ti
 Bella aldeia encantadora,
 Vou-me embora,
 Mas fica minh'alma aqui.

Recolh da em Alijó por F. P. Nogueira, em 1894.

Este descante pode ser classificado na ordem dos fados modernos, tanto pelo seu estylo musical, como pela ideia poetica.

TROVADOR

ROMANCE

À Ex.^{ma} Snr.^a D. Laura Candida da Silva.*Andante*

149

dolce

The piano introduction consists of two staves in 3/4 time, key of B-flat major. The right hand features a series of chords and single notes, while the left hand plays a simple bass line. The tempo is marked 'Andante' and the mood is 'dolce'.

Tro - va - dor, o que tens? o que so - - - ffres? Por - que cho - ras com

The first vocal line begins with a treble clef and a key signature of one flat. The melody is simple and expressive, with lyrics written below the notes. The piano accompaniment continues with chords in the left hand.

tan - ta a - fli - cção. O teu pran - to as - saz me com - pun - - -

The second vocal line continues the melody, with lyrics indicating a state of affliction and a complaint about the narrator's behavior. The piano accompaniment provides harmonic support.

ge, Tro - va - dor, ah não cho - res mais não! Se a - - ca - so a mu -

The third vocal line shows the narrator's realization and plea. The melody is more varied, with some longer notes. The piano accompaniment remains consistent.

lher que tu a - mas te tra - tou com a - cer - bo ri - gor:

The final vocal line on this page concludes with a strong statement of betrayal. The melody is more active, and the piano accompaniment features some chordal movement.

stent.

Tro - va - dor, ah! por is - so não cho - - res, Ah! não crei - as por

stent.

Deus em a - - mor..... Tro - va - dor, ah! por is - so não cho - - res

Ah não crei - as por Deus em a - - mór.

Trovador, o que tens? o que soffres?
Porque choras com tanta afflicção?...
O teu pranto assaz me compunge,
Trovador, ah! não chores mais, não!

Que se acaso a mulher que tu amas
Te tratou com acerbo rigor,
Trovador, ah! por isso não chores,
Ah! não creias, por Deus, em amor.

O amor da mulher é qual nuvem
Quando o vento a sacode no ar;
O amor da mulher é voluvel,
E' tão vario qual onda no mar.

O amor da mulher é qual fragil,
Pequenino, adoudado batel,
Que vagueia sem norte—sem rumo,
Té quebrar-se u'um fraco parcel.

O amor da mulher é qual facho
N'uma noite de inverno a luzir;
E' estrella do céu, entre as nuvens,
Quando a espaços se vê transluzir.

A mulher tem o dom da belleza,
Tem maneiras de mais p'ra enlevar;
Mas, no meio de seus attractivos,
A mulher tem o dom de enganar.

Um exemplo tu tens em Helena
Que os muros de Troya ubateu,
Que—infida—deixando o consorte
Para os braços do amante correu.

A mulher tem feitiço nos olhos
E nos labios veneno lethal;
A mulher nos illude chorando
E—sorrindo—nos crava o punhal.

O amor da mulher é qual rosa,
Desabrochá, mas logo fenece,
O que hoje a mulher idolátra
A'manhã menospreza, aborrece.

Trovador, ah! esquece essa ingrata,
Não mendigues a sua affeição;
Ah! não queiras a quem te maltrata.
Trovador, ah! não chores mais, não!

(1.^a RESPOSTA)

Trovador, eu lastimo contigo
D'essa ingrata o insano rigor;
E do pranto que vertes—tão triste—
Eu bem vejo o cruel dissabor.

Eu detesto a mulher que no peito
Te cravára o espinho da dôr;
Ah! esquece a prejura que adoras,
Mas, por Deus! acredita em amor!

O amor da mulher é sublime,
E' do céu qual lampejo divino;
E' estrella brilhante e serena,
Que precede ao clarão matutino.

O amor da mulher é qual brisa,
Quando á tarde suspira saudosa;
E' a fonte que, dôce, murmura
N'uma praia deserta—arenosa.

A mulher é um ente infeliz,
O seu fado é soffrer e amar;
Quando os homeus as tornam escravas,
Inda os ferros vão meigas beijar.

A coitada, illudida, sincera,
Quiz no homem firmeza encontrar;
Não prevê que quando elle jura,
A' mulher só procura enganar.

A mulher é ludibrio da sorte,
Quando é firme, constante e fiel;
Mas os homeus o culto lhe rendem,
Quando é falsa, prejura e cruel.

Para exemplo tu tens essa Helena,
Que o consorte, trahindo, deixou;
Pois por ella ser falsa e prejura,
Foi que Páris tão cego ficou.

O amor da mulher é perfume
Que se exhala de niveo jasmim;
O amor da mulher é constante,
Não conhece limites nem fim.

E porque uma quebra os seus votos,
Todas ellas prejuras não são;
No amor da mulher acredita...
Trovador, ah! não chores mais, não!

(2.^a RESPOSTA)

Trovador, o que tens? tu não soffres,
Bem fingida é a tua afflicção;
N'esse pranto que as faces te orvalha
Eu só vejo um signal de traição.

Se a mulher, a quem dizes que amavas,
Te tractou com acerbo rigor,
Foi por ter conhecido que amava
Um infame, um cruel seductor.

Se o amor da mulher é uma nuvem,
Qual o vento que a faz agitar?...
Não será o amor d'um ingrato
Que esta nuvem procura arrastar?

Se o amor da mulher é luzerna
Para o homem que a não sabe amar,
O amor da mulher é estrella
Porque firme ha de sempre brilhar.

O amor da mulher não é fragil,
Pequenino, adoudado batel;
O amor da mulher é constante,
Mesmo achando um amante infiel.

O amor da mulher é qual rosa
Que insensatos procuram colher;
Vis insectos que trazem veneno
Para a pobre da flôr fenecer.

A mulher que promette, não falta;
Se ella jura, ha de a jura cumprir;
A mulher é fiel, é sincera,
A mulher não precisa mentir.

Um exemhlo só não, porém muitos,
Eu aqui poderia mostrar,
De que só a mulher sente amor,
De que só a mulher sabe amar.

Quando meiga se mostra a mulher
Com agrados, com ternos carinhos,
Um futuro lhe mostram de flôres
D'essas flôres que occultam espinhos.

O amor da mulher é tão firme
Quanto é firme o rochedo gigante;
O amor da mulher não se vende:
Ella, só, é quem ama constante.

AFASTA, JANOTA, AFASTA

CANTIGA DAS RUAS

À Ex.^{ma} S^{ra}. D. Honorina Candida d'Azevedo.

Allegretto

149

Que lin-da fi-ta da mo-da eu te-nho na mi-nha sai-a; Que

lin-da fit-a da mo-da eu te-nho na mi-nha sai-a. A-fas-ta, ja-no-t'a-fas-ta, Que o

ba-lão é de cam-braia A-fas ta, ja - no-t'a-fas-ta, Que o ba-lão é de cam-bra-ia.

Que linda fita da moda
Eu tenho na minha saia:
Afasta, janota, afasta,
Que o balão é de cambraia.

Manuel, a moça é linda,
Ella é linda como o sol,
E canta melhor ainda
Do que canta o rouxinol.

Manuel, a moça é linda,
Olha se casa contigo:
Pois canta melhor ainda
Do que canta o pintasilgo.

Manuel, a moça é linda,
Olha se casas com ella,
Pois canta melhor ainda
Do que canta a philomela.

Que linda vae a menina
Com a saia de fustão
Afasta, janota, afasta,
Deixae passar o balão.

O PÉSINHO

CHOREOGRAPHICA

À Ex.^{ma} Snr.^a D. Sara Nunes de Mattos.

Vivo

150 *ff*

Menos vivo

p
Po-nh'a-qui, po-nh'a-qui o seu pé - si - nho, po-nh'a-qui, po-nh'a-

qui ao pé do me - - u ao ti - rar ao ti - rar do seu pé -

si - - nho um a - bra - ço um a - bra - ço e don eu

animado

f

'stou con-ten-te, 'stou con-ten-te, 'stou con-ten-te do meu par; foi con-

dã-o, foi con-dã-o, foi con-dão de Deus m'o dar.

Ordinariamente dança-se com damas e cavalheiros, em numero impar, fazendo roda e dando as mãos. Adiantando o pé direito e tocando com o bico d'este no chão repetidas vezes, a compasso, cantando a seguinte trova :

Ponha aqui,
 Ponha aqui
 O seu pesinho,
 Ponha aqui,
 Ponha aqui,
 Ao pé do meu.
 Ao tirar,
 Ao tirar,
 O seu pésinho,

(N'isto os pés vão retirando)

| | | |
|-------------|----|----------------|
| Um abraço, | ou | Ai Jesus |
| Um abraço | | Ai Jesus |
| Lhe dou eu. | | Que lá vou eu. |

E soltando todos as mãos de repente, abraçam-se aos pares, dando uma volta e cantando :

Estou contente do meu par;
 Foi condão de Deus m'o dar.

A pessoa que ficar só, diz-se viuva para o jogo seguinte.

Esta dança, ou *joguinho*, como vulgarmente lhe chamam, parece ser do principio d'este seculo, ou pouco mais antiga.

POMBINHA

DANÇA DE RODA

À Ex.^{ma} Snr.^a D. Utelinda Barbosa.

151

Andante

f

p
D'es-

ta au-zen-cia tão pe - no - za, diz - me a-mor qu'heide fa - zer: o

se-guir-te é im - pos - si - vel, dei - xar-te não po - de ser. *f* Pom -

bi-nha, oh la ré, pom - bi - nha, Pom - bi-nha oh la-ré, zás traz! já

não te que-rem as mo - ças, oh des-gra - ça-do ra - paz Oh

des-gra - ça-do ra - paz, pom - bi-nha oh la-ré meu bem; já

não te que-rem as mo - ças, já não te quer mais nin - guem.

Pobre de mim que me queixo
D'um amor que me enganou,
Como quem dá pela pedra...
Mas quando ja troçou.

Vou, só por te comprazer,
Outra cantiga cantar;
Porém... não te chegues tanto,
Que posso desafinar.

Os teus labios os teus olhos
Me illudem fallando assim;
Teus labios... dizem que não,
Teus olhos... dizem que sim.

Hoje encontrei-a na rua,
Tocou seu hombro no meu...
Quasi que a não conheci,
Nem ella me conheceu.

Andei cego muito tempo,
Sem perceber a illusão;
Que em ti sómente adorava
O meu proprio coração.

Entre os teus muitos enganos
Encobrir sabes, com geito,
Pelo brilho dos teus olhos
A escuridão do teu peito.

O teu amor inconstante
E' como as ondas do mar;
Avança, demora um pouco,
Para logo retirar.

Não poderias usar
De tanto rigor commigo.
Se ao meu travesseiro ouvisses
Contar o que a sós lhe digo.

Quando a tua imagem fria
No meu peito entrou de leve,
Nunca mais acreditei
Que o fogo derreta a neve.

E' por me dares um beijo
Que tua mãe tanto falla!
Toma o teu beijo outra vez,
Veremos se assim se cala!

Para um dia te esquecer,
Era preciso que houvesse
Outra lua e outro sol...
E outro Deus que assim quizesse.

Se desejas ver-te boa
Dos teus males e cuidados,
Vae aos pés d'um confessor
E confessa os teus peccados.



AI, AI, AI, LÁ VAE O COVELLO!...

CANTIGA DAS RUAS

À Ex.^{ma} Snr.^a D. Leonarda Malcher.*Allegretto*

152 *f*

Ai, Je - sus, lá vae o Co - vel - lo

pon - to tão lin - do é pe - na per - del - o, Ai, ai, ai, a -

deus cor-cun - di - nhas, D. Mi - guel per - deu, que - bra - ram-se as li-nhas.

Esta musica é extrahida do toque da alvorada do exercito.

Ai, Jesus,
Lá vae o Covello,
Ponto tão lindo
E' pena perdel-o.
Ai, ai, ai,
Adeus corcundinhas,
Perdestes a acção,
Quebraram-se as linhas.

Em quanto no Porto se cantavam estes versos, pela derrota que as forças realistas soffreram no Covello, em Lisboa cantavam-se os seguintes:

« Paulo Cordeiro
Tambem fugiu,
Esse maldito
Ninguem o viu.
Ai, ai, ai,
Eu vi no Rocio,
Becas tremendo,
Sem haver frio.

Se elle cá fica
Tão boa peça,
De todo o povo
Tinha a remessa.
Ai, ai, ai,
Eu vi no Rocio
O duque a tremer
Sem haver frio.

Lá vae primeiro
O duque fraco
Que por temor
Fez-se macaco.
Ai, ai, ai,
Eu vi no Rocio,
O duque a tremer
Sem haver frio.

Este levou
N'esta função
Quantos algozes
Tinha a nação.
Ai, ai, ai,
Eu vi no Rocio
O duque a tremer
Sem haver frio.

Segue depois
Toda a *corcundada*
Trocando as pernas,
Toda assustada.
Ai, ai, ai,
Eu vi no Rocio
O duque a tremer
Sem haver frio.

Esta letra foi recolhida pelo distincto escriptor Alberto Pimentel, que lhe addicionou a seguinte nota:

« O duque a que se refere a cantiga era o duque de Cadaval que ficou commandando as forças militares em Lisboa, quando D. Miguel d'aqui sahiu em outubro de 1832 para Braga. Em a noite de 23 para 24 de julho de 1833 sahiu o duque de Lisboa, com todas as forças Miguelistas para o Campo Grande, e em seguida na direcção de Coimbra, onde se foi reunir com as forças que D. Miguel, com Bourmont, trouxe do Porto; e de Coimbra marcharam contra Lisboa.

« La vae primeiro o duque *fraco* » é pois a accusação de cobardia ao duque de Cadaval, por elle se aterrar com a morte de Telles Jordão e a derrota do exercito miguelista, abandonando Lisboa, sem ter opposto resistencia.

Paulo Cordeiro, famoso miguelista, era um dos contratadores do tabaco, que deu a D. Miguel a grande peça de artilheria, que de Lisboa foi conduzida até á margem esquerda do Douro, e com a qual os miguelistas contavam arrasar o Porto.

Foi no Rocio, a que se allude. onde na mencionada noite de 23 para 24 de julho de 1833 se reuniram tumultuariamente *becas*, empregados de todas as cathogorias, e os individuos mais comprometidos, que tratavam de fugir de Lisboa. »

Covello, eminencia em um dos arrabaldes, ao norte do Porto, ponto fortificado estrategico, de grande importancia e que os constitucionaes tomaram, no cerco da mesma cidade.

OH BRAGA FIEL

CANTIGA DAS RUAS

À Ex.^{ma} S^{ra}. D. Maria Adelaide Gonçalves.

153

Andante

Se eu fô - ra sol - da - do fô - ra gra - na - dei - ro pa
ra de - fen - der Dom Mi - guel pri - mei - ro. Oh Bra - ga fi - el, oh
Por - to la - drão, que sem - pre qui - zes - te a cons - ti - tui - ção.

Se eu fôra soldado
Fora granadeiro,
Para defender
D. Miguel primeiro.

Se fores a Braga
Traz-me uma fita,
Que seja vermelha
Que eu sou realista.

Se eu fôra soldado
Fora da marinha
Para defender
A nossa rainha

Se eu fora soldado,
Fora voluntario,
Para defender
D. Miguel coroad.

Se eu fora soldado
Ia p'ra tambor
Viva D. Miguel
El-rei nosso senhor.

Se eu fôra soldado
Fora d'Amarante
Para defender
O nosso infante.

Oh Braga fiel,
Oh Porto ladrão,
Que sempre quizes
A constituição.

Oh Braga fiel
Oh Porto ladrão
Que sempre quizes
A constituição.

D. Pedro quarto
Que vem cá buscar
D. Miguel primeiro
Ha-de reinar.

Oh Porto ladrão,
Oh Braga fiel,
Que sempre quizes
O rei D. Miguel.

Eu sou realista
Eu sou da nação
Meu, pae, minha mãe
Corcundinhas são

Oh Braga fiel
Segue o teu destino
Tens por defensor
O braço divino.

Se a lucta política de 1832 animava a musa dos vencedores, não abandonava tambem a dos seus vencidos que no meio dos desastres que os perseguiam entoavam firmes protestos de fidelidade ao seu rei e á sua causa. Esta cantiga era exclusiva das damas nas salas, antes de ter respirado ao ar livre.

AS SETE EXCELENCIAS

RELIGIOSA

Offerecida á Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria da Gloria Silva Rocha.

Andante

Estes compassos eliminam-se na poesia a Caridade.

154

f São se - te in - se - len - cias que deu o se - nhor á se -

nho - ra da Gra - ça, Oh A - ve, Ma - ri - a, oh che - ia de

Gra - ça. Oh che - ia de Gra - ça, oh de Gra - ça che - ia quan -

do o mar a - - bran - da o sol a - lu - me - ia.

Esta musica popularissima, deve ser muito antiga e d'ella deriva a toadilha infantil do

Carro carrinho que vae pela rua
Fazendo mesuras á porta da rua.

Com esta musica cantou-se no Palacio de Crystal, em 1866, em um concerto de coros infantis a seguinte letra:

A CARIDADE

A noite era escura,
o vento gemia,
eu só na choupana
de medo tremia.

Na córte o rafeiro
ouvia latir;
já era tão tarde,
mas eu sem dormir.

E vae se não quando
escuto bater;
e voz lastimosa
assim a dizer :

« Tende caridade,
presta-me um abrigo,
venho tão cansado
nem posso commigo;

« perdi-me na serra,
não sei onde paro,
o lobo damnhinho
vem dar-me no faro.

« Abri sem receio . . .
sou ainda pequeno;
dae-me p'ra descanso
um molho de feno! . . .

« P'ra matar a fome
de pão um nadinho;
chegando a aurora
ponho-me a caminho. »

Já o pranto a face
me vinha banhar,
de ouvir, tão sentido,
aquelle fallar.

— Pobre pequeno! . . .
terás um abrigo;
terás do meu pão,
dormirás commigo.

Oh Virgem Maria! . . .
dae-me protecção,
não seja um malvado
que venha á traição . . .

Ao lar, — da candeia
accendi a luz; —
rezando e fazendo
o signal da cruz.

Ao abrir a porta,
que vejo . . . meu Deus! . . .
um moço formoso,
qual anjo dos ceus.

Sorriu-se bondoso,
eu tambem sorri,
quiz saudar . . . não pude;
As fallas perdi.

« Bem hajas — me disse
a linda visão —
davas-me agasalho,
davas-me o teu pão . . .

« Quem tem caridade,
tem tudo dos ceus;
a benção te deixo,
sê feliz — adeus. »

Cahi-me a candeia
da mão que tremia,
accordei chorando . . .
— despontava o dia.

RICARDO CLAMOUSE BROWNE.

HYMNO DO SAMEIRO

(MARCHA DOS PEREGRINOS)

À Ex.^{ma} S^{ra}. D. Isabel Maria da Gloria Basto.

155 *ff*

Voz *f*

Do gran Pio o in-la-li - vel o - ra - - c'lo de - fi-

niu ser dou-tri - na do ceu, Que do Ver-bo ao fe-liz ta ber-na - c'lo, não man-

chou do pe-cca - do o la-beu Não man-chou do pe cca - do o la-beu. *sforz.*

CORO *con 8^a*

ff Glo-ria á Vir - gem que sem-pre pu - ris - si - ma es - ma - gou a ca-be - ça ao dra-

gão; em me-mo-ria a na ção fi-de-lis si-ma, lhe de-

di-ca es-te sa-cro pa-drão. Em me-mo-ria a Na ção Fi-de-

lis si-ma lhe de-di-ca es-te sa-cro pa-drão *fff* glo-ria á

Vir-gem glo-ria á glo-ri-a glo-ria á Vir-gem glo-ri-

a. *f* *cres.*

Do gran Pio, o infallivel oraculo
Definiu ser doutrina do ceu,
Que do Verbo ao feliz Tabernaculo
Não manchou do peccado o labeu.

Gloria á Virgem que, sempre purissima,
Esmagou a cabeça ao dragão;
Em memoria a nação fidelissima
Lhe dedica este sacro padrão.

Todo o mundo exultou d'alegria,
Quando a voz do Pastor escutou,
Definindo que Deus a Maria
Da desgraça commum preservou.

Gloria á Virgem, etc.

Entre as claras de Lysia cidades,
Lusa Roma, da Hespanha a Primaz,
Repetir ás vindouras edades
O triumpho da Virgem se apraz.

Gloria á Virgem, etc.

Do Sameiro, nas bellas alturas,
Magestoso elevado padrão
Annuncia ás edades futuras
De Maria a feliz Conceição.

Gloria á Virgem, etc.

Salvé, monte, mil vezes famoso,
Entre os montes do bom Portugal!
Em teu cimo já brilha vistoso
Da Ventura e da paz o signal.

Gloria á Virgem que, sempre purissima,
Esmagou a cabeça ao dragão;
Em memoria a nação fidelissima
Lhe dedica este sacro padrão.

Celeste Iris d'alegre bonança!
Oh Maria! o tributo d'amor
Do teu povo recebe, e lhe alcança
As delicias da paz do Senhor.

Gloria á Virgem, etc.

Da montanha hoje a ti consagrada
Abençoa este povo fiel;
Livra-o sempre, oh clemente advogada,
Do infernal inimigo cruel.

Gloria á Virgem, etc.

Abençôa o Universo Catholico,
Abençôa o Pontifice Rei,
Que proclama do solio Apostolico
Sãos verdades da Fé e da Lei.

Gloria á Virgem etc.

Este hymno appareceu pouco depois da edificação da capella do Sameiro; é este o mais popular dos muitos que servem de marchas nas peregrinações solemnes á Senhora do Monte Sameiro. Não conhecemos os seus authores nem podemos obter noticia quem elles são.

INDICE

As melodias portuguezas.—Prologo pelo
Ex.^{mo} Snr. Dr. Theophilo Braga. V

MUSICAS

| | | Pag. | | | Pag. |
|----|--|------|-----|---|------|
| 1 | O Lavrador da Arada.—Lenda religiosa, antiquissima | 9 | 29 | Tia Annica de Loulé.—Cantiga do Algarve | 53 |
| 2 | Canção do Figueiral.—Canção trobadoresca do principio da monarchia | 10 | 30 | Virgem Pura.—Hymno religioso | 54 |
| 3 | Canna Verde.—Choreographica, Chula de S. Martinho de Dume districto de Braga | 12 | 31 | Ru-chu-chu.—Cantiga das ruas | 57 |
| 4 | Então és o meu Amor.—Descante | 14 | 32 | Melodia popular de Anadia.—Fado | 58 |
| 5 | Oh que Salero.—Choreographica | 16 | 33 | Chula de Amarante.—Choreographica | 61 |
| 6 | San João.—Descante, antigo | 18 | 34 | Mané Chiné.—Cantiga das ruas | 64 |
| 7 | San João.—Descante da Foz do Douro | 20 | 35 | Carrasquinha.—Choreographica | 65 |
| 8 | San João de Villa do Conde | 21 | 36 | Canção Villanovense.—Patriotica | 66 |
| 9 | San João, toma lá dá cá.—Descante | 22 | 37 | Deixa-me fallar baixinho.—Ballada | 69 |
| 10 | San João.—Descante de Extremoz | 24 | 38 | San Martinho.—Canção | 70 |
| 11 | San João, com variações | 25 | 39 | Trolha d'Affife.—Choreographica | 74 |
| 12 | Tyranna.—Choreographica de Ponte do Lima | 26 | 40 | Pera Verde.—Choreographica | 76 |
| 13 | Tyrolando.—Choreographica | 28 | 41 | Pirolito.—Canção das ruas | 77 |
| 14 | A manhã vae rindo.—Descante | 29 | 42 | Hymno do Trabalho.—Canto escolar | 78 |
| 15 | Fado das salas.—Modinha | 30 | 43 | Já não quero ser casado.—Canção | 81 |
| 16 | As Carvoeiras.—Choreographica | 32 | 44 | Sou marinheiro.—Choreographica | 82 |
| 17 | Queres a flor?—Canção | 34 | 45 | Da-me os teus braços.—Choreographica | 84 |
| 18 | Oh do réo, tréo, préo!—Cantiga das ruas | 36 | 46 | A Despedida.—Canção das Furnas | 86 |
| 19 | Estes moços de agora.—Lundum de Porto Alegre, Brazil | 38 | 47 | Oh senhor Ladrão.—Choreographica | 88 |
| 20 | Oh preto, oh preta.—Cantiga das ruas | 40 | 48 | Hymno Patriotico da nação Portugueza | 89 |
| 21 | Só ha papel em Portugal.—Cantiga das ruas | 40 | 49 | Ao Menino Deus, loas pastoris | 93 |
| 22 | Duzentos gallegos.—Amphiguri | 41 | 50 | Carinhosa.—Choreographica | 94 |
| 23 | Hymno nacional e de D. Carlos I | 42 | 51 | Noite de Natal.—Lenda religiosa | 96 |
| 24 | Maria Paula.—Descante | 45 | 52 | Janeiras.—Vivas | 98 |
| 25 | Alvorada.—Canção | 46 | 53 | A vida do marujo.—Canção | 101 |
| 26 | Póde o fogo congelar-se.—Choreographica | 48 | 54 | A vida do frade.—Idem | 102 |
| 27 | Chora lindo amor.—Choreographica | 50 | 55 | A vida da freira.—Idem | 103 |
| 28 | Adelaidinha.—Cantiga das ruas | 52 | 56 | Noite d'encanto.—Canção | 105 |
| | | | 57 | A Raptada ou o caravelleiro do Mondego | 106 |
| | | | 57* | Santos Reis.—Lenda religiosa | 108 |
| | | | 58 | Oh senhor Cadete.—Cantiga | 110 |
| | | | 59 | Hymno da Coroação de D. João VI | 112 |
| | | | 60 | Ramaldeira.—Chula de Ramalde | 113 |
| | | | 61 | A Viuvinha.—Choreographica Alemtejana | 114 |
| | | | 62 | Reu, reu, pum!—Cantiga das ruas | 117 |
| | | | 63 | Manuel tão lindas moças.—Choreographica | 118 |
| | | | 64 | O Atroador.—Fado | 120 |
| | | | 65 | O Noivado do sepulchro.—Ballada | 122 |
| | | | | Parodia ao noivado do sepulchro | 124 |
| | | | | Solidão!—Cantiga das ruas | 125 |

| | Pag. |
|-----|---|
| 67 | Padre Cura. — Dialogo 126 |
| 68 | A Judia. — Barcarola 128 |
| 69 | Ciranda. — Choreographica 130 |
| 70 | Regadinho. — Choreographica 132 |
| 71 | Hymno do Lavrador. — Patriótico 134 |
| 72 | Maria Cachucha. — Fandango 137 |
| 73 | A Vareira. — Canção 138 |
| 74 | Ballada dos Estudantes. 140 |
| 75 | Folia dos biscutantes da Calheta; Ilha de S. Jorge 144 |
| 76 | Hymno do Espirito Santo. — Idem 146 |
| 77 | Louvores ao Espirito Santo. — Idem 149 |
| 78 | As Peneiras. — Cantiga 150 |
| 79 | Hija del Guadalquivir. — Fado 152 |
| 80 | Chula de Penafiel. 154 |
| 81 | Poesia Amor. — Ballada 158 |
| 81* | Feijoada Amor. — Parodia 160 |
| 82 | A Pastorinha da Lapa. — Xacara 161 |
| 83 | A Vivandeira. — Canção marcial 162 |
| 84 | O Recruta. — Rátaplan. 164 |
| 85 | Malhão. — Choreographica 166 |
| 86 | A Barquinha. — Nocturno 168 |
| 87 | A Gereziana. — Dança de roda 170 |
| 88 | A Coradinha. — Choreographica. 172 |
| 89 | Hymno Constitucional de 1820 173 |
| 90 | Adoração da Cruz. — Cantico religioso 176 |
| 91 | O Exilio. — Canção 178 |
| 92 | Canção de uma Loira. — Romanesca. 180 |
| 93 | A Padeirinha. — Dança de roda 184 |
| 94 | D. João da Armada. — Romance 185 |
| 94* | Despedida de D. João VI do Brazil 187 |
| 95 | Salvé Rainha. — Cantico religioso 188 |
| 96 | San Pedro. — Cantiga da beira-mar. 190 |
| 97 | A's Estrellas. — Fado. 1.º por Hilario 192 |
| 98 | Dá me um beijo. — Dança de roda 194 |
| 99 | Cavaco do Rio. — Choreographica 196 |
| 100 | Oh Meninas, brinquem, brinquem. — Choreographica. 197 |
| 101 | Meu Anjo, escuta. — Canção 198 |
| 102 | Cupido Traidor. — Dança de roda 200 |
| 103 | Ah do Valentim. — Dança de roda 202 |
| 104 | Deve, deve. — Recitativo e coro 204 |
| 105 | Mariquinhas, meu amor. — Descante. 206 |
| 106 | Canção da noite. — Serenata, vulgo: Fado das tres horas 208 |
| 107 | Avé Maria. — Canto religioso 209 |
| 108 | Noite de primavera. — Canção 210 |
| 109 | A Quinta do Ramalhão. — Cantiga politica 211 |
| 110 | Hymno Constitucional de 1826 212 |
| 111 | Fado choradinho. — Canção da desgraçada 217 |
| 112 | Sericoté. — Choreographica 218 |
| 113 | Don Solidon. — Dança de roda 220 |

| | Pag. |
|------|---|
| 114 | Serenata. — Canção Açoriana 221 |
| 115 | Lembranças do nosso amor. — Canção 224 |
| 116 | Marilia de Dirceu. — Aria I 226 |
| 117 | Canta a D. Miguel 1.º 230 |
| 117* | O Rei chegou 231 |
| 118 | Está na idade de casar. — Choreographica 233 |
| 119 | D. Silvana. — Romance 234 |
| 120 | Ao SS. Coração de Jesus. — Marcha e cantico procissional 235 |
| 121 | Zás-traz que te pilho. — Choreographica 240 |
| 122 | Despedida de Coimbra. — Barcarola. 242 |
| 123 | Conselho materno. — Canção 244 |
| 124 | Esta Calçadinha. — Dança de roda 245 |
| 125 | A Escrava. — Canção 246 |
| 126 | Hymno da Amelia, (vulgo de D. Pedro IV) 249 |
| 127 | Marilia de Dirceu. — Aria II 253 |
| 128 | O Engeitado. — Fado 254 |
| 129 | Meia volta ao ar. — Dança de roda 256 |
| 130 | Bernal Francez. — Romance 257 |
| 131 | Hymno dos Emigrados Portuguezes. — Adoptado por D. Maria II 258 |
| 132 | Ao menino Jesus. — Cantigas 260 |
| 133 | Vou fugir-te. — Canção 262 |
| 134 | Olha o que eu tenho passado. — Choreographica 264 |
| 135 | O Lisbonense. — Fado. 266 |
| 136 | Josézito. — Choreographica 268 |
| 137 | Retreta da Bandeira. — Canção dos Voluntarios da Rainha 269 |
| 138 | Os Caipiras. — Cantiga das ruas 270 |
| 139 | O Guerrilheiro. — Ballada 272 |
| 140 | Roxo botão. — Modinha 274 |
| 141 | Quitollis. — Canção bachica 276 |
| 142 | Nós atraz das moças. — Choreographica 278 |
| 143 | Fado Serenata, (por Hilario.) 280 |
| 144 | O meu velho. — Sapateado 281 |
| 145 | Hymno nacional Brasileiro 282 |
| 146 | Ao toque da musica. — Choreographica 287 |
| 147 | Saudades da aldeia. — Descante 288 |
| 148 | Trovador. — Romance. 290 |
| 149 | Afasta, janota. — Cantiga das ruas 293 |
| 150 | O Pésinho. — Choreographica 294 |
| 151 | Pombinha. — Choreographica 296 |
| 152 | La vae o Covello. — Canção politica marcial 298 |
| 153 | Oh Braga fiel. — Canção politica. 299 |
| 154 | Sete Excellencias. — Canção religiosa. 300 |
| 155 | Hymno do Sameiro. — Marcha religiosa procissional 302 |

ERROS MAIS IMPORTANTES QUE ESCAPARAM NA MUSICA, EM ALGUNS EXEMPLARES

| | | | | | |
|------------|------|----------|------------------------|----------------------------|--|
| Musica n.º | 7— | Pag. 20— | 3. ^a pauta; | 2.º compasso, mão direita, | deve ser— <i>re, si.</i> |
| » » | 7— | » 20— | 3. ^a » | 5.º » | » » a segunda nota deve ser — <i>la.</i> |
| » » | 10— | » 24— | 1. ^a » | 1.º » | » esquerda, a ultima nota deve ser— <i>mi.</i> |
| » » | 15— | » 30— | 2. ^a » | 2.º » | » » deve ser igual ao compasso antecedente. |
| » » | 18— | » 36— | 3. ^a » | 3.º » | » direita, a ultima nota deve ser— <i>sol</i> natural. |
| » » | 42— | » 78— | 1. ^a » | 1.º » | » » no 3.º tempo deve ser— <i>re e si.</i> |
| » » | 57— | » 106— | 2. ^a » | 4.º » | » esquerda, no 2.º tempo deve ser— <i>si e re.</i> |
| » » | 57— | » 106— | 5. ^a » | 2.º » | » direita, no 2.º tempo deve ser— <i>mi</i> ; e na mão esquerda— <i>la do# mi la.</i> |
| » » | 65— | » 122— | 3. ^a » | 3.º » | » » os <i>mis</i> devem ser <i>bemoes.</i> |
| » » | 65— | » 122— | 4. ^a » | 3.º » | » » os <i>mis</i> devem ser <i>bemoes.</i> |
| » » | 67— | » 126— | 5. ^a » | 2.º » | » esquerda, os <i>dós</i> devem ser <i>sustenidos.</i> |
| » » | 74— | » 141— | 1. ^a » | 3.º » | » direita, os <i>fás</i> devem ser <i>sustenidos.</i> |
| » » | 74— | » 142— | 2. ^a » | 4.º » | » esquerda, os <i>mis</i> devem ser naturaes. |
| » » | 78— | » 150— | 2. ^a » | 1.º » | » » junto á clave, e nas pautas seguintes devem ser <i>sustenidos.</i> |
| » » | 100— | » 211— | 1. ^a » | 3.º » | » » a ultima nota deve ser— <i>fa.</i> |
| » » | 115— | » 224— | 3. ^a » | 6.º » | » direita, deve ser— <i>mi.</i> |
| » » | 120— | » 238— | 3. ^a » | 1.º » | em ambas as mãos os <i>lãs</i> são naturaes. |
| » » | 120— | » 238— | 5. ^a » | 4.º » | mão direita, a 1. ^a nota deve ser— <i>mi.</i> |
| » » | 125— | » 248— | 4. ^a » | 1.º » | » esquerda, a nota mais grave do accorde deve ser— <i>do</i> e não <i>re.</i> |
| » » | 128— | » 254— | 1. ^a » | 2.º » | » direita, a ultima nota deve ser — <i>la.</i> |
| » » | 130— | » 257— | 1. ^a » | 4.º » | » esquerda, o <i>re</i> deve ser <i>sustenido.</i> |
| » » | 131— | » 258— | 2. ^a » | 4.º » | » direita, no 3.º tempo deve ser <i>do sustenido</i> e não <i>si.</i> |
| » » | 143— | » 280— | 1. ^a » | 4.º » | » » o 4.º <i>fa</i> deve ser <i>mi</i> |
| » » | 143— | » 180— | 2. ^a » | 4.º » | » » o 4.º <i>fa</i> deve ser <i>mi</i> |
| » » | 143— | » 280— | 3. ^a » | 3.º » | » » este compasso e os cinco seguintes até a fermata devem harmonisar com 3. ^{as} inferiores. |

ERRATAS DIVERSAS

Pag. 42—Na dedicatoria deve ler-se: Adoptado por S. M. o Senhor D. Carlos I.

Pag. 169—Diz-se em a nota que a musica da barquinha é attribuida a José Doria; soubemos posteriormente que não é aquelle Sr. o author da musica, mas sim seu sobrinho o Ex.^m Sr. Antonio Joaquim de Souza Doria che do quadro dos pharmaceuticos em Loanda, e filho do dr. João Doria.

Pag. 258—Deve ter por subtítulo:—Adoptado por S. M. a Senhora D. Maria II.

Pag. 162—A Vivandeira, a musica foi escripta pelo professor Miró para ser cantada no theatro do Gymnasio em Lisboa.

113

30
31
2

Reservados todos os direitos de reprodução